



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

VINICIUS SILVA SANTOS

**ETNOCENOLOGIA VIRTUAL DAS APRENDIZAGENS JUVENIS NA
CONTEMPORANEIDADE: cenários, performances, experiências e mediações com os
dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas”**

**São Cristóvão
2021**

VINICIUS SILVA SANTOS

ETNOCENOLOGIA VIRTUAL DAS APRENDIZAGENS JUVENIS NA
CONTEMPORANEIDADE: cenários, performances, experiências e mediações com os
dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas”

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em
Educação da Universidade Federal de Sergipe. Área de
Concentração: Educação, Comunicação e Diversidade, da
linha Educação e Comunicação. Como requisito parcial
para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Nou Schneider

São Cristóvão
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



VINICIUS SILVA SANTOS

"ETNOCENOLOGIA VIRTUAL DA APRENDIZAGEM JUVENIL
CONTEMPORÂNEA: CENÁRIOS, PERFORMANCES, EXPERIÊNCIAS E
MEDIações COM OS DISPOSITIVOS DAS CULTURAS DIGITAIS"

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 12.11.2021

Prof. Dr. Henrique Nova Schneider (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS



Documento assinado digitalmente
Selo de Segurança Federal
Data: 20/11/2021 21:12:54 -0300
Verifique em <https://verificacao.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Simone de Lucena Ferreira
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Paulo Roberto Boa Sorte Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares
Universidade Tiradentes/ UNIT

Prof. Dr. Rita de Cássia Santana de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia/ UFS

“Eu...sou rede, ator e dor,
Performance e inconstância,
Cicatriz, voz e resistência,
Sou laço e desejo que se reúne, amplia e cria...
Sou pedaço de um corpo coletivo que transborda
em potência,
E alumia, alumia, uma luz no fim do túnel”.
Vinicius Santos (2020)¹.

¹ Poema-improvisado, criado e recitado durante a participação no episódio da rádio ruído, com os/as jovens do Coletivo EXP.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por toda força, sabedoria e proteção durante os caminhos e experiências que conduziram a jornada de formação acadêmica, durante os três anos e nove meses de intensa entrega e dedicação. O ânimo e o desejo só foram possíveis com a intersecção de uma crença maior e muita fé!

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS por todo apoio e ajuda, especialmente aos professores e professoras que compartilharam seus saberes e certamente ajudaram nesse tempo-formação, apontando caminhos e sugestões à investigação.

À Universidade do Estado da Bahia- UNEB, mais precisamente ao Departamento de Educação – Campus VIII, pelo incentivo profissional e acolhimento da proposta de doutoramento com a concessão do afastamento das atividades acadêmicas durante o percurso formativo.

Aos amigos de caminhada, durante esse percurso formativo, em especial aos colegas de turma, Eanes, Ramon, Gicele, Sandra por terem dividido os sonhos, os desejos e experiências, tornando o cotidiano das aulas e espaços de convivência mais leves e prazerosos. Aos amigos de jornada na vida, Bruna Santana, Jeferson Augusto e Geovânia Carvalho, um carinho especial e gratidão pelo incentivo, acolhimento e ajuda.

Aos meus pais, Nivaldo de Araújo e Alayde Pereira, pelo exemplo de vida e por mostrar que as coisas mais importantes são as mais simples, por serem cúmplices dessa jornada de aprendizados, por acolher e saber entender cada passo almejado, festejando sempre a cada novo projeto. Todo amor e carinho!

Aos jovens da pesquisa, vocês são um exemplo de força mobilizadora capaz de transformar a vida, agradeço por permitirem o diálogo, por todo o cuidado, respeito e partilha, acima de tudo, obrigado pelo espírito inquieto, criativo, transgressor, inventivo, afetuoso e interventor que me inspira! Eu sou muito grato!

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação – GEPIED/UFS/CNPq, pelos momentos de partilha, reflexão e convívio, esse coletivo contribuiu de maneira singular com a consolidação desse projeto de vida-formação.

Aos membros da banca, Prof. Paulo Boa Sorte, Prof^a. Simone Lucena, Prof. Ronaldo Linhares, Prof^a. Rita de Cássia, por se debruçarem nos escritos, apontando caminhos viáveis

para a sua concretização, por serem exemplo como professores engajados e implicados com a pesquisa e a educação.

Ao meu orientador, Prof. Henrique Schneider, por conduzir todo o processo de investigação com zelo, respeito e altivez, apoiando cada decisão, por se permitir aprender com o outro, colocando-se sempre na condição de parceiro que caminha junto, apara as arestas e vibra a cada descoberta. Sua crença na educação e no potencial de seus alunos faz toda a diferença!

Ao meu amor, Jacques Fernandes, obrigado pela verdade, carinho e cumplicidade durante o “nosso projeto doutoral”, um caminho de muitas descobertas, aprendizagens, partilha e cultivo de sonhos. Nos encaixes, vivências e intensidades, poetizamos esta jornada com descobertas, parcerias e muitas conquistas. Foi lindo! Te amo!

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como as narrativas juvenis em redes (on-line e presenciais) mediadas com os dispositivos digitais fazem surgir performances etnocenológicas, de comunicação, partilha, convívio, engajamento e solidariedade, de modo a compreender os processos de aprendizagens etnocenológicas dos/das jovens com os dispositivos digitais nos coletivos comunitários (em redes virtuais e presenciais) e como estes redesenham o entendimento sobre o fenômeno das aprendizagens e, por conseguinte, a educação na contemporaneidade. Esta investigação é qualitativa, inspirando-se na multirreferencialidade de Macedo (2012, 2015) e Ardoino (1998) priorizando “outro rigor” investigativo. Fundamentouse, ainda, na Sociologia do Cotidiano de Michel Maffesoli (2005a, 2005b, 2007) e nos estudos da Etnocenologia de Bião (1998, 2007), no campo das artes cênicas. Os participantes desta pesquisa são dez jovens com faixa-etária entre 18 e 29 anos que atuam em coletivos juvenis (net-ativistas), situados no estado de Sergipe. Os principais dispositivos de produção dos dados são: diário de itinerância, memorial narrativo, entrevistas livres ou não-estruturadas e narrativas digitais. A interpretação dos achados da pesquisa e análise dos dados priorizou a ideia de bricolagem artesanal, com intuito de descrever as principais noções subcunçoras emergentes destacam o uso dos dispositivos digitais para interagir, criar e compartilhar narrativas e performances estéticas, corporais e lúdicas, buscando dar visibilidade às ações organizadas pelos coletivos de juvenis “nas redes e nas ruas”, nas quais é possível destacar o cultivo de ações intervencionistas, experimentais, culturais, ritualistas, performáticas e comunicacionais. Nesse sentido, as experiências mediadas pelos/pelas jovens com os dispositivos digitais nos coletivos comunitários (em redes virtuais e presenciais) propõem a estilização das experiências educativas, reconduzindo os nossos olhares quanto aos saberes produzidos, os espaços-tempos e modos de pensar o fazer pedagógico que demonstram, como caminho e possibilidade, o cultivo de uma educação pautada na colaboração, criatividade, solidariedade, na formação política e cidadã, mais que nunca, engajada com a transformação da realidade social. Com base nestas compreensões, emergiram as seguintes noções subcunçoras: a) Performances net-ativistas implicacionais; b) Mediações-lives e aprendizagens etnocenológicas nas redes; c) Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas ruas; e d) Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas redes. Por fim, é possível afirmar que as performances virtuais de interação, engajamento e sensibilidades vividas pelos/pelas jovens com os dispositivos das culturas digitais alteram as experiências de partilha, interação e cognição, o que torna possível a tese apresentada sobre a emergência da Etnocenologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade”.

Palavras-chave: Coletivos Juvenis; Etnocenologia; Culturas Digitais; Dispositivos digitais; Cibercultura; Aprendizagens; Educação.

ABSTRACT

This research aims to analyze how youth narratives in networks (on-line and face-to-face) which are mediated by digital devices give rise to ethnocenological, communicative, sharing, conviviality, engagement and solidarity performances, in order to comprehend how ethnocenological learning processes of young people occur through the use of digital devices in community groups (in virtual and face-to-face networks) and how they redesign the understanding of the learning phenomenon and education in the contemporaneity. This is a qualitative investigation inspired by the multi-referentiality of Macedo (2012, 2015) and Ardoino (1998) as a way of prioritizing “another investigative rigor”. It is also based on Michel Maffesoli’s *Sociology of Daily Life* (2005a, 2005b, 2007), and on Bião’s studies of Ethnocenology (1998, 2007) in the field of scenic arts. The participants of this research were ten young people whose ages varies from 18 to 29 years old, and they work in youth groups (net-activists), which are located in the State of Sergipe. The main data production devices are: itinerary diary, narrative memorial, free or unstructured interviews and digital narratives. The interpretation of the research findings and data analysis focused on the idea of artisanal bricolage, which aimed at describing the main subsuming notions that emerged from the investigative experience. The research results highlighted the use of digital devices to interact, create and share narratives as well as aesthetic, bodily and playful performances, what seeks to give visibility to the actions organized by youth collectives "on networks and on streets", in which it is possible to highlight the cultivation of interventionist, experimental, cultural, ritualistic, performance and communicative actions. In this regard, the experiences mediated by young people owning digital devices in community groups (in virtual and face-to-face networks) proposed the stylization of educational experiences, which redirected our perspectives on the knowledge produced, the spaces-and-times and the ways of reflecting upon the pedagogical practice that illustrates the cultivation of education based on collaboration, creativity, solidarity, political and citizen education as path and possibility , more than ever, engaged with the transformation of social reality. Based on those concerns, the following subsuming notions emerged: a) net-activist implicational performances; b) Live mediations and ethnocenological learning in networks; c) Interventionist ethnocenological learning on streets; d) Interventionist ethnocenological learning in networks. Finally, it is possible to assert that the virtual performances of interaction, engagement and sensibilities experienced by young people owning devices of digital cultures change sharing, interactive and cognitive experiences, which makes an emergency occurrence of the “Virtual Ethnocenology of Contemporary Youth Learnings”.

Keywords: Youth Collective(s); Ethnocenology; Digital Devices; Digital Cultures; Cyberculture; Learning(s); Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASVM	Aprendizagem Social Virtual Mediada
(CGI.br)	Comitê Gestor da Internet no Brasil
CAA	Coletivo Caatingas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	Comissão para América Latina e Caribe
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DIVER	Coletivo de Diversidade
ECULT	Grupo de Pesquisas em Educação e Culturas Digitais
FORPEC	Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e Contemporaneidade
FUNCAJU	Fundação Cultural Cidade de Aracaju
FUNCAPE	Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe
GEPIED	Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFS	Instituto Federal de Sergipe
LEG	Coletivo Lèguà
MEI	Microempreendedor individual
MULH	Coletivo de Mulheres
MUPIS	Displays Urbanos Digitais
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Sergipe
ONG	Organização Não Governamental
OPB	Organização de Preservação Biológica
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPG	Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação
STF	Enquanto o Superior Tribunal Federal
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação
TRI	Terceira Revolução Industrial
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIT	Universidade Tiradentes

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Personagens da Série Sense8	16
Imagem 2 - Perfil da jovem Camaleoa	47
Imagem 3 - Perfil do jovem Criativo	49
Imagem 4 - Perfil da jovem Juno	51
Imagem 5 - Perfil do jovem Estanciano	53
Imagem 6 - Perfil da jovem Empoderada	55
Imagem 7 - Perfil do jovem Lagartense	57
Imagem 8 - Perfil da jovem Combativa	59
Imagem 9 - Perfil do jovem Conciliador	61
Imagem 10 - Perfil da jovem Artista	62
Imagem 11 - Perfil do jovem Politizado	64
Imagens 12 e 13 – Ações comunicativas com uso do corpo e teatro	163
Imagem 14 – Projeto Cinerukerê, criado pelo coletivo Caatingas	164
Imagens 15 a 18 – Postagens destacando pautas sobre as mulheres	177
Imagens 19 e 20 – Postagens com conotação política	179
Imagens 21 e 22 – Postagens na campanha sobre adiamento do ENEM	182
Imagens 23 e 24 – Postagens na campanha sobre adiamento do ENEM	181
Imagens 25 a 28 – Postagens com posicionamento a favor da diversidade	183
Imagens 29 a 34 – Postagens sobre o dia das mães com narrativas ativistas	184
Imagens 35 e 36 – Intervenções do Coletivo Camaleão envolvendo o meio ambiente	186
Imagens 37 e 38 – Postagens sobre hábitos alimentares (veganismo)	187
Imagens 39 a 42 – Postagens durante campanha em solidariedade à greve dos entregadores de <i>fast-food</i>	188
Imagens 43 a 46 – Ações comunicativas com a pauta política nas redes	192
Imagens 47 e 48 – Participação política dos/das jovens a cargos representativos	194
Imagem 49 - Temas mais abordados pelos/pelas nos coletivos	195
Imagem 50 - Desenho de Criativo explicando a organização dos coletivos	200
Imagens 51 e 52 - Estratégias de Financiamento (<i>crowdfunding</i>) criadas pelos/pelas jovens	205
Imagem 53 - Palavras mais usadas pelos/pelas para falar sobre participação nos coletivos	210

Imagem 54 - Perfil do Coletivo Camaleão no <i>Instagram</i>	216
Imagem 55 - Perfil do Coletivo Caatingas no <i>Instagram</i>	217
Imagem 56 - Perfil do Coletivo Lèguà no <i>Instagram</i>	219
Imagem 57 - Perfil do Coletivo <i>Woman Techmakers</i> no <i>Instagram</i>	220
Imagem 58 - Perfil do Coletivo Quilombo Sergipe no <i>Instagram</i>	223
Imagem 59 - Perfil do Levante Sergipe no <i>Instagram</i>	226
Imagem 60 - Perfil do Papajaca no <i>Instagram</i>	228
Imagem 61 - Perfil do Coletivo EXP no <i>Instagram</i>	230
Imagem 62 - Perfil do Coletivo de Mulheres de Aracaju no <i>Instagram</i>	233
Imagens 63 a 67 – Lives protagonizadas pelos/pelas jovens no <i>Instagram</i>	255
Imagens 68 a 71 – Postagens sobre a experiência no Cine Negro	273
Imagens 72 e 73 – Ação Intervencionista Águas de Março, promovida pelos/pelas do Coletivo Caatingas	275
Imagens 74 a 77 – Experiências vividas pelos/pelas no Galpão da EXP	276
Imagem 78 – Evento político idealizado pelo Papajaca em Lagarto - Sergipe	278
Imagem 79 – Evento com as jovens do Coletivo de Mulheres de Sergipe	279
Imagens 80 a 83 – Evento de Lançamento da Revista no App <i>Spetial Chat</i>	283
Imagens 84 a 87 – Experiências com programas de rádio on-line, cultivadas pelo Coletivo EXP	286
Imagens 88 e 89 – Criações artísticas do jovem Criativo	289
Imagens 90 a 92 – Performances artísticas das jovens na EXP	290
Imagens 93 e 94 – <i>Design</i> “net-artevismo” de Criativo	292
Imagens 95 e 96 – Artes de Criativo na ONU	293
Imagens 97 e 98 – Cores e projeção das artes de Criativo nas redes	295
Imagens 99 a 102 – Ações solidárias nas redes durante o isolamento	296
Imagens 103 e 104 – Campanha de arrecadação de alimentos em São Cristóvão-Sergipe.	297
Imagens 105 e 106 – Informativos do Coletivo Cameleão sobre o coronavírus	298
Imagens 107 e 108 – Informativos diários do Papajaca sobre a pandemia em Lagarto-Sergipe	299
Imagens 109 e 110 – Ativismo negro e implicação política nas redes	300
Imagens 111 e 112 – Publicações na campanha <i>Black Lives Matter</i>	301
Imagens 113 e 114 – Campanha “Julho das Pretas”	302

LISTA DE TABELAS E QUADRO

Tabela 1 – Jovens participantes da pesquisa	46
Tabela 2 – Notas criadas para analisar as narrativas imagéticas criadas no <i>Instagram</i>	67
Tabela 3 – Cronograma de realização das entrevistas com os participantes	72
Tabela 4 - Tempo de imersão na rede social <i>Instagram</i>	117
Tabela 5 - Média de postagens na rede social <i>Instagram</i>	118
Quadro 1: Elementos das performances juvenis nas redes sociais digitais	166
Tabela 6 - Principais temas que envolvem as práticas net-ativistas dos/das jovens nas redes	191
Tabela 7 – Coletivos existentes (ativos) no Estado de Sergipe	214
Tabela 8 - <i>Lives</i> protagonizadas pelos/pelas jovens da pesquisa, durante a pandemia, (Até julho de 2020)	257
Tabela 9 – Principais ações descritas pelos/pelas jovens, realizadas nos coletivos	269

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Eixos de discussão das entrevistas com os jovens	71
Figura 2 - Narrativas digitais: performances, ações comunicativas e mediações	73
Figura 3 - Noções subconçoras e unidades de significação	75
Figura 4 – Noções de pertencimento e implicação dos/das jovens nos coletivos	212
Figura 5 - Nuances das práticas de aprendizagens etnocenológicas virtuais	235
Figura 6 - Inspirações conceituais que ancoram a etnocenologia virtual das aprendizagens juvenis na contemporaneidade	240
Figura 7 - Características para pensar as experiências das aprendizagens	246
Figura 8 – Fluxograma de atitudes para pensar as aprendizagens	249
Figura 9 –Tipos de desenvolvimento segundo Vygotsky	261
Figura 10 – Performances arte-expressão dos/das jovens	294
Figura 11 – Características para pensar as experiências das aprendizagens	303

SUMÁRIO

CENÁRIO I: INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Problemática da pesquisa.....	16
1.2 Caminhos, andanças e experiências com o objeto de estudo.....	28
1.3 Questões norteadoras e objetivos da pesquisa.....	31
1.4 Tese da pesquisa.....	32
1.5 Metodologia.....	33
1.6 Organização da tese.....	34
CENÁRIO II: ORGANIZANDO AS LENTES E O ROTEIRO METODOLÓGICO.....	38
2.1 Delimitação dos/das participantes da pesquisa: ajustando o foco.....	44
2.2 O elenco: atores/atrizes do estudo.....	47
2.3 O set da pesquisa.....	66
2.4 Captando imagens: os dispositivos de produção dos dados.....	66
2.5 A edição dos achados da investigação.....	74
CENÁRIO III: CULTURAS JUVENIS NA CIBERCULTURA: ECOS, IMBRICAMENTOS E APROXIMAÇÕES COM O DIGITAL.....	77
3.1 As culturas juvenis enquanto fenômeno sociocultural.....	79
3.2 Expressões juvenis com o digital na contemporaneidade.....	88
3.2 Nas trilhas da cibercultura: pistas, polissemias e ecos conceituais sobre o digital..	93
CENÁRIO IV: CULTURAS JUVENIS, AMBIÊNCIAS COM OS DISPOSITIVOS DE SOCIALIDADE.....	112
4.1 A produção cultural dos/das jovens com dispositivos digitais: novas ambiências e sensibilidades.....	113
4.3 Corpos juvenis, estilos de vida e socialidade: reflexões sobre o tribalismo contemporâneo.....	130
CENÁRIO V: PERFORMANCES, AÇÕES COMUNICATIVAS RETICULARES E EXPRESSÕES JUVENIS EM REDE.....	149
5.1 Performances juvenis nas redes digitais: formas de vida-arte-atração.....	151
5.2 Expressões performáticas juvenis em redes e coletivos: indícios da etnocenologia do virtual.....	167
5.2.1 Net-ativismos em rede: formas de sensibilidades e engajamentos juvenis.....	167
5.2.2 Coletivos Juvenis Comunitários: formas de resistência, enfrentamento e aprendizagens (híbridas em rede).....	197
5.3 Os coletivos juvenis no Estado de Sergipe: a emergência da ação comunicativa e mobilização implicada.....	212

CENÁRIO VI ETNOCENOLOGIA VIRTUAL DAS APRENDIZAGENS JUVENIS NA CONTEMPORANEIDADE.....	237
6.1 Aprendizagens etnocenológicas nas redes: experiências para repensar tempos, espaços e ações educativas nas redes (virtuais e presenciais).....	241
6.2 Mediações nas redes de aprendizagens juvenis: educação em coletivos virtuais?...	252
6.3 Aprendizagens etnocenológicas com os dispositivos digitais: tecendo saberes criativos que mobilizam o cotidiano nos coletivos juvenis.....	260
6.3.1 Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas ruas.....	268
6.3.2 Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas redes.....	280
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....	310
REFERÊNCIAS.....	319
APÊNDICES	

CENÁRIO I: INTRODUÇÃO

1.1 Problemática da pesquisa

Oito jovens, conectados por uma ligação sensitiva, partilhando emoções, desejos, e linguagens...quatro homens, quatro mulheres e isso não basta para definir quem são eles. Longe dos rótulos e binarismos convencionalmente criados, eles vivem, teatralizam e protagonizam performances variadas, papéis que se confundem numa simbiose de encurtamento das distâncias, quando estão se comunicando, numa aventura de descobrir-se e ao “outro”, seus pensamentos, suas vontades, inclusive por experiências corporais.

Esse é o cenário-enredo retratado na série Sense8², mas poderia facilmente retratar o cotidiano dos/das jovens³ contemporâneas, que usam os diferentes dispositivos das culturas digitais para criar relações, estabelecer comunicação, formar coletivos de pares, onde planejam, cultivam e realizam intervenções. Entre os pontos confluentes dos personagens da série e dos/das atores/atrizes da vida cotidiana, se destaca o uso das tecnologias digitais, o olhar crítico para as dinâmicas da vida social, especialmente para as desigualdades sociais vividas por suas comunidades de origem.

Imagem 3 - Personagens da Série Sense8



Fonte: <https://www.facebook.com/Sense8NoBrasil/>

² Série norte-americana de ficção científica, dirigida e escrita pela autora Lilly Wachowski (1965-****) e Lana Wachowski (1967-****), em parceria com Joseph. Michael Straczynski (1954-****), lançada no ano de 2015 e disponibilizada pelo serviço de *streaming* da *Netflix*.

³ Quando me refiro aos jovens no plural, busco destacar a multiplicidade de atores/atrizes juvenis, homens, mulheres em suas mais variadas identificações. Na escrita, em várias passagens utilizo os termos: dos/das, atores/atrizes, os/as, etc, para melhor precisar essa escolha, de natureza política.

Na série, são utilizadas oito histórias de vida de jovens situados em geolocalizações completamente diferentes pelo mundo, como também são diferentes as suas realidades sociais, culturais, econômicas, suas crenças e valores pessoais. Essa ligação sensitiva dos/das jovens, na série, reflete muito a capacidade que temos hoje de estar conectados com pessoas por meio do ciberespaço. Isto não ocorre somente pela partilha da amizade, mas, sobretudo, pela filia entre pares, envolvendo temas, assuntos e problemáticas da atualidade, unindo, agregando e aglutinando, em conexões e ambiências de interação virtual, convivialidade, possíveis com as Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação - TDIC.

Essa realidade vem sendo implementada nos últimos vinte anos e demarca uma mudança qualitativa nos modos de organização da vida humana, sobretudo, em relação aos processos de interação e comunicação que passaram a ser cada vez mais mediados por elementos das TDIC. Não obstante, entre os/as jovens, a utilização desses dispositivos passou a ser parte dos principais processos de organização do cotidiano, como sendo uma forma de prolongamento da vida social, por meio de espaços e experiências virtuais. Nesse contexto, pode-se afirmar que as culturas digitais foram sendo incorporadas, de tal maneira que os elementos culturais juvenis na contemporaneidade não podem ser vistos dissociados dessa relação.

Em nível de amostra, os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em convênio com Ministério das Comunicações sobre os dados de uso de Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC⁴ (sic), coletados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD contínua do ano de 2019⁵ destacam que a população brasileira com acesso à internet chegou a 143,5 milhões de pessoas. Os resultados da PNAD, realizada pelo IBGE (2019), apontam que o uso da internet já ultrapassou 82,7% dos domicílios.

Nesse mesmo espectro, a pesquisa TIC-Domicílios realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), no ano de 2019, apresenta dados importantes para entender o acesso e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC no Brasil. Nesse ano, os resultados apontavam que o número oficial de usuários da internet chegou a 134 milhões, o que equivale a 74% da população acima dos dez anos. Apontam ainda que 99% dos brasileiros se conectaram

⁴ Refere-se às TDIC, pois instituições de pesquisa como IBGE e CGI.br ainda usam a terminologia TIC para se referir às tecnologias digitais da informação e da comunicação

⁵ São utilizados os dados do último ano da pesquisa realizada pelo IBGE, levando em conta que não houve realização das PNAD nos anos seguintes.

à rede pelo telefone celular como sendo uma tônica dos últimos anos e endossa as discussões de mobilidade, conectividade e imersão com os dispositivos convergentes de comunicação. A pesquisa apontou ainda, que a maioria de crianças e jovens, cerca de 20 milhões, têm perfis em redes sociais e que o *WhatsApp* foi a plataforma que mais cresceu entre esses usuários. Em todo o caso, se nota a partir dos resultados do estudo que os/as jovens são aqueles que mais utilizam a rede para se comunicar, produzir conteúdos e estabelecer comunicação usando aplicativos de videochamadas.

Os dados da pesquisa destacam ainda que os usuários brasileiros, dentre eles os/as jovens, utilizam a internet principalmente para se comunicar através de aplicativos de mensagens, 92%, e 76% para usar as redes sociais e 73% conversaram por chamada de voz ou vídeo, mas também aparece um número expressivo de pessoas que usam essas ambiências para acessar atividades culturais, tais como assistir a vídeos e filmes ou ouvir música, sendo um total de 74%. Por tudo isso, se pode presumir que o fenômeno das relações, formas de socialidade e partilha de informações e saberes juvenis na contemporaneidade encontra ressonância com a utilização de dispositivos digitais no contexto das TDIC.

Não obstante, os/as jovens, na série, descobrem que estão ligados por uma capacidade sensitiva, resultado da evolução da espécie sapiens. Os jovens, na história, são objeto de estudo da Organização de Preservação Biológica – OPB, responsável por pesquisas e experimentos genéticos que buscam entender essa “nova” espécie de humanos, estudar suas possibilidades e potencialidades para sobrevivência na terra, pois segundo a narrativa, eles serão o futuro da humanidade. Em paralelo a essa representação ficcional, é pautado hoje, em várias áreas do conhecimento, que os experimentos tecnocientíficos e as mediações com os dispositivos com o digital, produziram dobras, camadas e devires nos corpos humanos, mais que nunca, visto como sendo resultado de uma revolução biotecnológica, conforme mencionam autores como Lévy (1996, 1998), Sibilía (2008, 2015, 2018), Santaella (2016, 2019), Lyotard (1997), Baudrillard (2006, 2008) e outros.

Esses experimentos deram origem aos corpos humanos pós-orgânicos do humano, resultado da descoberta das porções mínimas das moléculas e da simulação de suas partes com ressonâncias para vida cotidiana, com destaque para o uso e disseminação entre os/as jovens. Santaella (2019) destaca esse contexto como parte das experiências socioculturais do tempo presente, nessas configurações do ciberespaço que se multiplicam através de janelas

voláteis e evanescentes⁶, baseadas nas tecnologias digitais, ubíquas, síncronas e convergentes que imprimiram aos corpos humanos novas possibilidades comunicacionais ou como destaca a autora, fizeram surgir cenários de hibridismos culturais, originados na cibercultura, com ressonâncias em todos os campos da produção cultural humana.

Para a autora, esses processos de comunicação pautados nas redes de colaboração, instantaneidade, participação e visibilidade põe em evidência outro olhar sobre o sujeito social, sendo este demarcado pela instabilidade e múltiplas identificações, afinal a linguagem é a principal forma dos atores/atrizes sociais⁷ interpelarem os objetos e mediatizarem as relações, nunca saturadas, mas sempre abertas e múltiplas. Logo, podemos mencionar que, independente da condição financeira, classe social ou localização, faz parte dos desejos e do cotidiano juvenil, ter posse, acesso e uso dos dispositivos digitais. Na série *Sense*⁸, utilizada para ilustrar o fenômeno investigado nessa pesquisa, são apresentados diferentes perfis de jovens, cada qual, com uma trajetória de vida singular que se conecta aos outros por meio de uma conexão neural, representada aqui, por meio da capacidade de conexão com o uso dos dispositivos digitais, em escala global.

Dessa maneira, um dos jovens da série, Capheus (Aml Ameen e Toby Onwumere⁸), reside em Nairóbi, na África. Sua mãe possui o vírus da AIDS e ele dirige um ônibus para sobreviver, se envolvendo em várias confusões no bairro periférico onde reside. Ele usa a narrativa imagética dos filmes de Vandame, por quem nutre respeito e admiração, para driblar a violência, miséria e descaso político. Gradualmente vai se tornando uma referência e exemplo de vida, por sua postura sempre correta, honesta e preocupação com os mais necessitados, desponta como líder político de sua comunidade. Suas habilidades como motoristas e perspicácia são partilhadas nas experiências com os outros jovens sensitivos.

Outra personagem, a jovem Kala Dandekar (Tina Desai), reside na Índia com seus pais. É uma cientista em um país que deixa bem definido o lugar, as obrigações domésticas e religiosas das mulheres. Encontra-se prometida em casamento a seu noivo, filho de importante

6 Termo utilizado por Santaella (2003, 2017, 2019) para se referir as linguagens digitais.

7 Conceito cunhado por Harold Garfinkel (1984) no campo da Sociologia do Cotidiano que recomece a capacidade reflexiva e interpretativa dos autores sociais, que negociam, criam etnométodos e produzem sentidos para suas ações em contato com objetos socioculturais. No trabalho, será demarcado para mencionar os/as jovens em função das suas performances.

8 O ator Aml Ameen foi substituído por Toby Onwumere durante as gravações da segunda temporada, segundo a produção, em decorrência de “divergências criativas” com uma das criadoras da série. Especula-se que o seu afastamento possuiu relação com questões relacionadas a sua orientação sexual.

político que, expressa ideias liberais e desacredita na religião da jovem. Ela vive um conflito especial no tocante à sua escolha profissional numa estrutura sociocultural adversa aos seus pensamentos e ideias. Possui uma clareza e intimidade religiosa com Ganesha⁹. Para ela, não existe conflito pessoal entre a religião e ciência, estas são complementares, é notório o uso de performances ritualísticas e performáticas que fazem parte do seu cotidiano. No decorrer da história suas habilidades químicas e fé, além de jeito carinhoso e compreensivo são partilhados nas experiências com o coletivo de jovens sensitivos.

Já Wolfgagn (Max Riemelt), é um jovem russo que recebe esse nome por seu tio, um chefe da máfia Russa. Por sinal, essa é a sua principal atividade, manter-se em confusões, crimes e brigas. Além de fazer sucesso com as pessoas, carrega um ar misterioso e revolta com o mundo, explicados nos *flashes* de memória da sua infância, demarcada pela morte da mãe e do abusos e violência causados pelo seu pai. A narrativa dele apresenta com clareza a sua trajetória, mas também um nebuloso conflito interno que, quase não vem à tona, o desejo de viver outra vida, de afastar-se de tudo o que viveu. Para isso, a troca de experiências sensitivas e diálogos com ou outros personagens lhe permite avaliar a extensão de suas ações, sendo ele uma referência no tocante a força, sagacidade e coragem.

Outra jovem, Riley Blue (Tuppence Middleton), de origem islandesa, estilo transado, cabelos curtos, pintados, filha de um músico é uma DJ famosa em festas raves e músicas *Techno*¹⁰. Sua composição tem forte relação com o universo das tecnologias digitais. As luzes, os sons e o mergulho no "submundo" das drogas é um caminho trilhado inicialmente pela personagem que também possui um ar de mistério. Saindo de uma pacata cidade no interior da Suécia se mudou para Moscou fugindo do passado de suas memórias, entre as quais se apresenta a morte do marido num acidente automobilístico e de sua filha, após o nascimento nesse fatídico acontecimento. O traço psicológico da personagem é conflitivo e abrange um misto de liberdade e rebeldia. Sua característica sensitiva mais exaltada é a sensibilidade.

Interessante notar como essa personagem representa tão bem os elementos que comportam as culturas digitais, a música pop, tecno, todas elas como sendo a origem das simulações e experimentos que deram origem as linguagens com o digital, nas palavras de Costa (2003) como sendo um conjunto de interfaces que permite criar inter-relações a partir de comunidades afins capazes de aumentar os repertórios de informações, sendo demarcadas

⁹ Deus antropomórfico, cultuado pela sabedoria, intelecto e fortuna na religião hinduísta e hainvetica.

¹⁰ Estilo de música renderizada por bits e mesclas de sons.

principalmente pela ideia de interatividade. Todos esses elementos fazem parte das produções culturais das juventudes na atualidade.

Continuando a explorar os perfis das jovens da série, Will Gorski (Brian J. Smith), nasceu nos Estados Unidos da América, mais precisamente em Chicago. Ele se torna policial e vive assombrado por um assassinato não solucionado que presenciou durante a infância. Seu pai é um alcoólatra, mas isso não é de longe o fato que mais intriga a sua realidade, mas sim as sensações e ligações sensitivas com os outros e um segredo que explicaria essa ligação, alvo de sua busca e investigação. Os traços marcantes de sua personalidade são: coragem, ousadia e estratégia, refletindo o modo como muitos jovens encaram a formação de coletivos digitais.

Por sua vez, a jovem Sun Bak, (Dona Bae) é uma economista e filha de um poderoso empresário em Seul na Coreia do Sul. Como outros componentes do grupo, ela perde sua mãe ainda criança e cresce num ambiente hostil de negócios, onde culturalmente a mulher é colocada à margem. Ela é presa para salvar a empresa do pai e leva a culpa no lugar de seu irmão, por ser mulher. Tem habilidades de luta e é muito perseverante. Suas habilidades são exploradas pelos/pelas, principalmente quando qualquer um deles encontra-se em apuros. Ademais, ela é destemida e demonstra muita força, e conecta-se constantemente com o jovem Capheus, ambos têm como afinidade o gosto por artes marciais. Essa personagem reflete a luta de muitas jovens nos coletivos juvenis, sobretudo, quando criam narrativas que tencionam o lugar das mulheres, o machismo estrutural e a necessidade de ocupar os espaços e instâncias sociais.

Um dos personagens mais emblemáticos da série, é a jovem Nomi Marks (Jamie Clayton), uma mulher transexual que não é aceita pela família, sendo alvo de internação para intervir neurologicamente em seu corpo. Ela se apaixona por outra jovem, uma net-ativista, a favor dos direitos LGBT e vive em São Francisco na Califórnia; Ademais, ela é uma (*hacker/craker*)¹¹, usando seus dispositivos digitais consegue driblar, manipular e alterar informações na estrutura da rede. Vive usando camadas da *deep web*¹² para resolver e enfrentar os principais desafios do grupo que faz parte, principalmente aqueles relacionados ao intervir nas operações da OPB. (Organização que estuda e caça os/as jovens sensitivos). Ela é doce, espirituosa e meiga e, ao mesmo tempo, demonstra empatia e coragem.

¹¹ Os hackers são usuários implementam os sistemas de informação, ajudando no desenvolvimento de softwares e hardwares, enquanto os crackers são conhecidos como cibercriminosos, pois utilizam seus conhecimentos para quebrar sistemas de segurança, criando um prejuízo a terceiro ou coletivo.

¹² Parte não indexada na web, mais conhecida como *Web* profunda, onde são manipuladas informações e dados de maneira anônima.

O perfil da personagem muito se assemelha aos jovens usuários das redes sociais digitais, principalmente no tocante ao fenômeno do (net-ativismo). Assim sendo, é salutar entender como os/as jovens intercambiam seus processos de engajamento e experiências de aprendizagens utilizando diferentes ambiências virtuais de interação que ultrapassam às lógicas da presença ou aquilo que se convencionou chamar de educação formal. Uma fala de Nomi Marks em conversa com Lito, no episódio 9 da primeira temporada, em que relembra uma experiência de violência cometida por outros jovens dentro do vestuário da natação por sua orientação sexual, diz: “A violência deles era insignificante, ignorantes, mas era a essência deles, a violência verdadeira, a violência que eu percebi que era imperdoável e a que fazemos contra nos mesmos, quando temos medo de ser quem somos”.

A frase expressa pela personagem, coloca em destaque um caráter de mobilização da ação humana frente aos desafios que são enfrentados por diferentes jovens na sociedade, especialmente no Brasil, um país que não consegue executar políticas públicas para seus/suas jovens, a exemplo do acesso à educação, saúde, emprego, cultura, etc. Parte desse vazio, o desejo de os/as jovens se organizarem em coletivos “nas ruas e nas redes”, como forma de driblar, resistir a todo tipo de violência social.

Esse cenário de inquietação, implicação política e cidadã, aliada ao uso dos dispositivos digitais em redes coletivas, faz emergir o fenômeno do net-ativismo, estudado por Di Felice (2017), onde se nota a presença e implicação dos/das jovens contemporâneos, por intervenções artísticas, nas comunidades, bairros, cidades e nas redes de interconexão e interatividade, são também meios de explorar ações comunicativas reticulares, criadores e divulgadores de imagens contestação-criação de uma atmosfera social preocupada com a vida presente e futura.

Fechando as apresentações dos protagonistas da série, temos o jovem, Lito Rodriguez (Miguel Ángel Silvestre), que realiza inúmeras performances, fruto de seu trabalho como ator de novelas mexicanas, para encarar e viver os principais desafios no cotidiano. Ele é gay, vive um romance com Hernando e se vê em um drama pessoal que envolve a escolha pela fama e prestígio dos fãs e sua vida pessoal que se torna pública. Ele possui uma veia dramática, é alegre e sua vida tem estrita relação com as artes cênicas. Em um diálogo dele com Hernando nota-se a implicação de ambos com a arte e como suas vidas (a relação) perpassar suas dimensões. No episódio 9 da primeira temporada, “O amor não tem limite” Hernando reflete: “O amor não é uma coisa que podemos dar corda, que configuramos ou controlamos, o amor é que nem a arte, é uma força que entra na nossa vida, sem regras,

expectativa, sem limites. O amor é como a arte...ele tem que ser livre sempre!” É interessante perceber como o universo da arte e arte-performance envolve as narrativas, as ações e experiências dos/das jovens na contemporaneidade.

Nesse tocante, as performances cênicas fazem parte do cotidiano das relações humanas, uma vez que a performance ocupa um campo central nos papéis e ações que teatralizamos cotidianamente. Para Goffman (2007) uma performance pode ser entendida como qualquer atividade em que determinado participante atua como influenciador dos demais. Isso implica dizer que a performance se relaciona com uma ação prática que passa a ser observada por outras pessoas.

Desse modo, a performance funciona como uma estrutura de comportamento executada por uma pessoa em determinado papel, fazendo surgir dessa ação uma relação social. Enquanto performance do tempo-presente, se pode destacar a imersão, interação e o convívio dos/das jovens com dispositivos digitais, fazendo alterar dimensões de convivência grupal, a exemplo da agregação por interesses afins, de ordem afetiva, pulsional e imagética formuladas no contexto de uma interação com elementos da cultura digital, com implicações subjetivas e objetivas. A escolha da série Sense8, como pano de fundo desse fenômeno, em especial os perfis dos/das jovens e seus personagens permite entender a dimensão do corpo como parte importante das relações de partilha e comunicação criadas no cotidiano. Elas são resultado de um refinamento das potencialidades comunicativas e demarcam uma sensibilidade levada ao extremo com o uso dos dispositivos digitais.

De igual modo, os estudos etnográficos ajudam a entender o “corpo juvenil” como sendo resultado de um conjunto de ações, sejam elas: econômicas, sociais, históricas e culturais, dentro de uma complexidade de relações. Conforme salienta Geertz (1989), a cultura possui relação com as ações, ideias e artefatos que os indivíduos intercambiam por uma tradição no campo da construção histórica, relacionados à formulação de comportamentos e costumes, funcionando como explicação para os elementos significantes que representam uma unidade de sentido e ajudam a explicar as necessidades e satisfações do homem no tempo.

Em todo o caso, se faz mister entender tais experiências, observando-as através de outros referenciais analíticos. Em relação ao conceito de culturas juvenis isso consiste em demarcar sua natureza polissêmica, deixando de lado uma análise de cunho racional e universalista. Tendo em vista essa questão, autores como Groppo (2000), Pais (2012), Mafessoli (2006) Carrano (2003) fazem menção à utilização dos termos “jovens”, “juventudes” e “culturas

juvenis”, destacando o emprego do plural, como sendo uma possibilidade de abranger um repertório maior de objetos e fenômenos ligados a essa fase de vida, demarcada pela diversidade, heterogeneidade e multiplicidade. Tanto na série, como na vida, se observa a diversidade como sendo parte originária dos comportamentos juvenis, sendo esse um elemento visceral que conclama o diálogo, o respeito, a tolerância e o convívio. Os elementos que compõem os cenários e o enredo da série nos convida a refletir sobre a diversidade da vida e como podemos criar formas existenciais de solidariedade, respeito e coletividade. Os/as jovens, e suas vidas, seus dramas, dúvidas, preconceitos e os desafios são temas que provocam reflexões.

Para entendê-los, se faz necessário deixar de lado a prescrição das sociabilidades, aproximando-se da compreensão esboçada por Deleuze e Guattari (2004) em “Mil Platôs” quando descrevem sobre o espaço liso, em oposição ao espaço estriado, este último carregado de normatividade social, rigidez e racionalidade que projeta um estado de ser juvenil. Do contrário, no espaço liso nascem outros sentidos e imprevisibilidades, como o caos, o nomadismo, o devir performativo, as novas sensibilidades, aqui vista através da interação com os dispositivos digitais como sendo um caminho oportuno para pensar a questão das aprendizagens juvenis que, dentre outras coisas, apresentam outras dimensões e formas de entender as experiências educativas com a utilização dos dispositivos digitais.

Tomando como análise os eventos da contemporaneidade, Maffesoli (2005a) descreve a criação de ambiências sociais, incluídas aqui, os espaços de interação virtual, formados por outras lógicas de negociação que se distanciam das ideias clássicas de unidade, identidade e racionalidade. Segundo o autor, essas são ideias fundamentais no campo das ciências sociais que demarcam as relações humanas forjadas através de conceitos como socialização ou sociabilidade. Por sua vez, Maffesoli (2005b; 2007) propõe o uso do termo socialidade para se reportar ao uso de ambiências sentimentais que rompem a racionalização instituída na modernidade. Se funda na compreensão da epistemologia do cotidiano, tendo como análise as formas de agregação social de interação e comunicação estabelecidas pelos atores/atrizes sociais no contexto de suas experiências, nas quais são negociadas relações de aproximação, distanciamento, identificação e pertencimento.

Esses espaços-fluxos de relações são utilizados de diferentes formas, quer seja para manter comunicação com outras pessoas, para exposição e divulgação de conteúdos e ideias, para ter acesso a grupos e pautas, como forma de organização de uma política de sentido

subjetiva, que ganha materialidade na composição coletiva dos atores/atrizes sociais organizados por afinidade, tomadas aqui, como caminho para compreender as mediações juvenis numa **etnocenologia virtual das aprendizagens contemporâneas**.

O termo etnocenologia foi utilizado pela primeira vez em 1787, se inscrevendo no campo das etnociências, tendo como objeto os comportamentos humanos espetaculares. Seu lançamento enquanto campo de ciência ocorreu em 1995 durante o Colóquio de Fundação do Centro Interacional de Etnocenologia na Universidade de Paris 9, sob forma de Manifesto que, dentre outras questões, propunha um novo paradigma capaz de apreender os objetos das ciências antropossociais. Segundo Bião (2007) trata-se de uma nova epistemologia que emerge dos estudos sobre o teatro, teatralidade, espetacularidade e o cotidiano, estando ancorado nos Estudos de Performance¹³, na Antropologia Teatral¹⁴, na Abordagem Dramatúrgica da Vida¹⁵ e na Sociologia do Cotidiano¹⁶, dentre outras áreas.

Segundo Bião (1999) a etnocenologia tem como origem os estudos da etnografia e etnologia, se constituído como um paradigma que reflete à cultura contemporânea e a variação do comportamento humano no espaço e tempo, especialmente relacionando “estudo dos comportamentos humanos espetacularmente organizados” (PRADIER, 1999). Interessa entender aqui, a dimensão espetacular dos agenciamentos individuais e coletivos formulados pelos/pelas nas ambiências de interações virtuais que fazem emergir cenários espetaculares, dando origem às distintas práticas de interação, inclusive nos cenários ligados à educação.

Nesse sentido, no arcabouço da produção sobre a etnocenologia, Armindo Bião (1950-2013) se destaca, por fazer menção às possibilidades de analisar objetos que reflitam às práticas culturais e performáticas humanas mediadas pelas tecnologias telemáticas¹⁷. No contexto das produções, ele é o único e importante autor que faz reflexões (ainda embrionárias) envolvendo as tecnologias telemáticas, assim chamada por ele, em referências ao momento histórico de sua época.

Durante a conferência de abertura do **IV Colóquio Internacional de Etnocenologia**, realizado em 02 de agosto de 2009, no conservatório da Universidade Federal de Minas Gerais

¹³ Ver Abordagem de Schechner (2002) sobre os conceitos de performance e performatividade e Victor Turner (1988) sobre a antropologia da performance.

¹⁴ Ver Barba (2012).

¹⁵ Criada por Goffman (2011) na obra “A representação do Eu na Vida Cotidiana” para descrever as atividades de expressão e comunicação do comportamento dos indivíduos no cotidiano.

¹⁶ Também conhecida por Sociologia Compreensiva do Cotidiano, criada por Michel Mafessoli (2007).

¹⁷ O termo telemática envolve a junção da telecomunicação com a informática.

– UFMG, ele faz algumas reflexões sobre os sentidos dessas performances e sua relação com as tecnologias, “eu passaria a relacionar nossas culturas telemáticas contemporâneas, que combinam oralidades, o uso cotidiano de ícones (o computador é uma delas) e, também, as escritas fonéticas, com uma espécie de retorno ao arcaico e à multissensorialidade” (BIÃO, 2009).

Todavia, com o seu falecimento em 2013 não houve continuidade nas discussões sobre a etnocenologia, relacionando-a às tecnologias da cibercultura ou tecnologias digitais. A maior parte dos trabalhos dessa área estão circunscritos nas áreas de teatro, dança e são poucos os trabalhos transversais, por exemplo, na área de educação. Certamente, o professor Armindo Bião, como sendo um visionário e apaixonado pelas artes, performances e linguagens, perseguiria esse tenso caminho, político e até mesmo controverso de situar a etnocenologia também nos estudos da comunicação, dos corpos digitais, seus usos, experiências e mediações com as TDIC.

Em levantamento no Banco de Teses de Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, no dia 6 de Novembro de 2019, abrangendo os últimos dez anos da produção e buscando pela palavra-chave “Etnocenologia”, foram encontrados 47 trabalhos, (mestrado e doutorado). Foi utilizado inicialmente esse termo por ser uma ciência/disciplina relativamente “nova” no contexto do Brasil, de modo que, em função da quantidade de trabalhos encontrados optei por dispensar o emprego de termos associativos. De igual modo, foi priorizado a leitura do resumo de cada obra e sua filiação nas áreas de depósito na plataforma da CAPES. Após realizar a busca foram encontrados 34 trabalhos, dos quais 30 são do campo das artes cênicas.

Nesses estudos se utilizam o conceito (epistemologia) da etnocenologia para ancorar os distintos objetos de estudo; 03 trabalhos são de áreas interdisciplinares, a exemplo da área de história. Foi levantado 01 trabalho na área de educação, mas após leitura, observei que nada consta em relação às discussões do campo da Comunicação, Educação e TDIC. Essas informações podem ser vistas no levantamento (disponível nos apêndices). Em nível de doutorado, foram encontrados 13 trabalhos, todos eles no campo das artes cênicas ou em áreas correlatas, não constando nenhum trabalho nos últimos dez anos sobre educação, tampouco tratando sobre Comunicação, Educação e TDIC.

Por isso mesmo, é provocante e desafiador caracterizar as performances juvenis com dispositivos digitais de interação, situando-as como sendo um fenômeno de natureza

extraordinária e espetacular, estando ligado à multiplicação de ações comunicativas, possíveis com o desenvolvimento das tecnologias digitais ao longo das últimas duas décadas do século XXI (disponível para manuseio dos usuários), observando suas implicações no cotidiano da produção cultural humana, especialmente aqui, nos comportamentos e narrativas dos/das jovens contemporâneos.

Desse ponto de vista, a categoria juventude passa a ser compreendida como resultado de um processo cultural em constante processo de alteração, sendo na contemporaneidade imbricada com os fenômenos da interação, conectividade, instantaneidade, mobilidade, ubiquidade e colaboração, características essas que demarcam a emergência de uma **etnocologia do virtual**, própria do tempo presente. Interessa-me entender a produção cultural juvenil, tomando como ponto de partida à espetacularidade dos corpos, suas performances cotidianas e os processos de identificação, criação, partilha e negação com dispositivos ligados às redes sociais digitais de filiação, engajamento e convivência coletiva.

Comparando às ambiências virtuais de interação em rede, nosso “sensorium coletivo”, tal como se apresenta na série Sense8, pode-se acompanhar variadas expressões juvenis com uso dos dispositivos digitais, o surgimento de agrupamentos de convivência, coletivos de atração e desejo, que também tocam em assuntos e dilemas desse momento histórico, por exemplo, assuntos como: intolerância religiosa, discriminação por raça, orientação sexual, disseminação da pobreza, desemprego e descaso com os recursos naturais finitos. A criação dos coletivos juvenis, onde estão abrigadas essas pautas inter-relacionais fazem parte desse “sensorium” cultivado nas (redes virtuais e presenciais) de pertença e engajamento.

Dessa maneira, pode-se destacar que as relações estabelecidas entre os/as jovens com os dispositivos digitais nessas redes de conexão dão conta de uma aprendizagem baseada numa sociogênese, na qual as relações de partilha são sempre criativas e criadoras de sensibilidades adaptativas. Fonseca (2007) apresenta um panorama de experiências de interação mediatizadas desenvolvidas através de acontecimentos ambientais no contato com pessoas e objetos.

Portanto, se apresentam como instigantes os elementos constitutivos das culturas juvenis contemporâneas, especialmente aqui, os processos decorridos da utilização de dispositivos digitais que demarcam o cenário das experiências sociais como lugar privilegiado para entender as mediações com objetos socioculturais ligados às TDIC. Desse ponto de vista, o ato de mediar, como salienta Thadei (2018) requer envolvimento das partes, o exercício de um “estar entre”

envolvendo demandas extremas, distintas vozes e uma colaboração que ajuda a formar um todo significativo. Somado a isso, são promissores os estudos envolvendo a mediação com as tecnologias digitais no campo educacional, como destaca o autor (...) “as constantes renovações na tecnologia que ocorre na sociedade, impõem a necessidade de transformação dos modelos cristalizados de escola e das formas tradicionais de ensinar, lançando novos desafios ao professor e à mediação realizada por ele” (THADEI, 2018. p.104).

Assim como os/as personagens da série Sense8, os/as jovens contemporâneos criam narrativas net-ativistas nas redes sociais digitais, criando um fenômeno cultural juvenil voltado à implicação com a vida cotidiana e seus principais dilemas. O uso das narrativas da série é uma forma de acessar o modo como esses atores/atrizes sociais estão pensando, vivendo e performando nas redes e nas ruas, cada qual com uma característica peculiar, mas envolvido com uma dinâmica coletiva, formativa e educativa. Não é pretensão deste trabalho desenvolver uma narrativa aprofundada da série, mas sim, usar essa linguagem para aproximar e convidar os/as leitores (as), desses modos de criar a vida e perfomar virtualidades.

Logo, falar em educação na atual conjuntura requer entender os espaços das vivências sociais, ampliando sua dimensão para os diferentes lugares de interconexão, convívio, a exemplo de ambiências virtuais que dão outros sentidos às experiências de aprendizagens. Ouvir esses/essas jovens e entender o que pensam e fazem é condição necessária para se aproximar das ações comunicativas e significados que são partilhados nas suas redes colaboração, engajamento e sensibilidade. No contexto desse fenômeno, as mediações como os dispositivos e as narrativas criadas pelos/pelas, são um chamariz para investigar as performances etnocenológicas de aprendizagens e como estas criam cenários e caminhos para a educação na atualidade.

1.2 Caminhos, andanças e experiências com o objeto de estudo

O desejo de pesquisar sobre a Etnocenologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade: cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas”, surgiu de um conjunto de experiências acadêmico-científicas e itinerâncias pessoais e profissionais minhas e sua relação com a trajetória com a pesquisa-formação nos últimos dez anos.

Nesse percurso, o desejo de pesquisa sobre o campo das tecnologias, associando uma discussão de caráter filosófico, sociológico e antropológico já se destacaram como opções latentes, especialmente, por meio da participação em grupos de estudos e pesquisas, me aproximei conceitualmente de autores como: Pierre Lévy, Roberto Sidnei Macedo, Giles Deleuze e Felix Guattari, Jean François Lyotard, Jean Boudillard, Manuel Castells, dentre muitos outros.

Durante o curso de mestrado na Universidade Federal de Sergipe – UFS, em 2008, a aproximação com área de comunicação e o aprofundamento paralelo com as questões relacionadas às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC¹⁸, desencadeou a emergência de questionamentos formativos que aguçaram ainda mais o comprometimento com o campo da pesquisa, surgida das experiências e contatos com os/as jovens estudantes universitários do curso de bacharelado em ciência da computação, enquanto professor da disciplina Informática, Sociedade e Ética, durante o tirocínio docente. Além de propor pesquisas e trabalhos em grupo, surgiu dessa experiência com os alunos matriculados na disciplina de cursos de Pedagogia, Letras, Sistemas de Informação e Ciência da Computação o caminho de concretizar o universo da pesquisa de mestrado intitulada: Jogos Eletrônicos, Cultura Juvenil e Socialidade: a aprendizagem social virtual mediada e suas influências para a educação.

A experiência de pesquisa com os/as jovens durante o processo de coleta de dados, por quatro meses, fazendo uso de um método misto de caráter etnográfico me apresentou um universo analítico e compreensivo a partir das falas, gestualidades e informações que foram descortinadas por eles. Desse itinerário-formativo que se concluiu no ano de 2011 surgiu de maneira exploratória, a formulação do conceito de Aprendizagem Social Virtual Mediada – ASVM, procurando entender as relações dos/das jovens em relação às aprendizagens em outros arcabouços que não sejam da ordem normativa e/ou prescritiva, a exemplo da superação do conceito de sociabilidade. De igual modo se vislumbra o conceito de aprendizagem, alterado decisivamente pelo uso e apropriação das TDIC.

Somado a isso, nesse itinerário de vida-formação, foram sendo produzidas pesquisa, ensaios, palestras e produções acadêmicas que versaram sobre o universo dos/das jovens,

¹⁸ Sigla utilizada para demarcar a natureza digital das tecnologias da informação e da comunicação, tomando como contexto explicativo a noção de convergência, interatividade e interconexão, comuns, somente, aos dispositivos da atualidade.

podendo ser destacadas algumas: a) Estética Juvenil, Cultura Tecnológica e Estilos de Vida (2011), b) Juventudes, Mídia e Consumo no Limiar Contemporâneo (2013), c) Rizoma-Aprendizagens e Ecologias Cognitivas (2014), d) Jogos eletrônicos, cultura juvenil e socialidade: a aprendizagem social virtual mediada e suas influências para a educação (2015), e) TDIC e Currículo Digital: reflexões sobre a aprendizagem na cultura juvenil contemporânea (2018), f) Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC e Currículo Escolar: reflexões sobre a aprendizagem na cultura juvenil contemporânea (2018), g) Cultura Juvenil, dependência digital e contingência (2019), h) Educação e cibercultura: múltiplos olhares (2019) entre outros, nas quais, estão sempre presentes marcadores e desdobramentos sobre o digital e suas relações com as culturas juvenis.

Tais reflexões e questionamentos foram sendo sistematizados como forma de provocações antes, durante e após a finalização do curso de mestrado, com maior concretude nas experiências enquanto professor substituto da Universidade Federal de Sergipe – UFS, (2012 e 2014) e com ingresso na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII – Paulo Afonso, (2013 aos dias de hoje), na condição de professor efetivo, quando pude colocar em prática, pesquisas, debates e provocações junto aos alunos e pares da academia que me levaram a ampliar ainda mais alcances analíticos envolvendo as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação.

Dentre essas experiências, destaco o projeto de pesquisa intitulado: Educação e Inclusão de Jovens nas culturas digitais: uma análise sobre as experiências desenvolvidas no espaço Estação Juventude, localizado no município de Paulo Afonso-BA, (2015-2017). Nesses fazeres-docência e aprender com os jovens, ainda no projeto, durante as oficinas e atividades tinha em mim, o desejo de continuar pensando, problematizando e produzindo saberes e conhecimentos. Tudo isso ganha uma dimensão ainda maior, pois em paralelo, estava na condição de coordenador do Curso de Pedagogia, vivendo e aprendendo com atores/atrizes universitários, cada vez mais jovens, com os quais pude somar esforços na construção de espaços, eventos, viagens, livros, debates, e tantas outras coisas vividas de um modo tão intenso e visceral nos últimos setes anos da minha vida pessoal-profissional.

Nesse sentido, em 2015 propus na UNEB, especificamente à Pró-reitora de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPG, a criação do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e Contemporaneidade – FORPEC- UNEB/CNPq, atuando como pesquisador e responsável pela linha de pesquisa: TDIC, Aprendizagem e Cognição. Faz parte dessa linha o

projeto: Interação e Aprendizagem de Crianças e Jovens com narrativas e conteúdos digitais e sua relação com questões antropossociais, cognitivas que repercutem no desenvolvimento, nas relações socioculturais, sobremaneira nos processos de ensino e aprendizagem.

Ademais, como professor das disciplinas: TDIC, Educação e Comunicação e Estágio Supervisionado II e III (Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental) foram propostas atividades e ações que evidenciaram a centralidade do conceito de aprendizagem para além da ideia simplificadora de educação formal, mais que isso, enquanto fenômeno de uma pedagogia cultural, espalhada por ambiências e dispositivos híbridos, utilizando metodologias de gamificação para a aprendizagem colaborativa, dando novo escopo às práticas educacionais em ato.

Foram nesses (des) encontros e descobertas formativas que pude me reaproximar das experiências dos/das jovens universitários ou pré-universitários, suas linguagens, desejos e narrativas com uso de dispositivos móveis, fazendo reascender a vontade de pesquisar sobre as aprendizagens juvenis com dispositivos das culturas digitais, especialmente a me aproximar novamente do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação – GEPIED/UFS-CNPq, espaço de bases para os caminhos, e discussões profícuas sobre os dilemas do digital, as mediações dos atores/atrizes sociais com as TDIC e também pude novamente viver, por intermédio de uma filia humana, o fazer pesquisa e descobrir em grupo.



Esse mesmo processo repercute nas disciplinas, atividades e experiências vividas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, diante de uma linha de pesquisa, hoje já consolidada: comunicação e educação, nesta é possível observar uma abertura e possibilidades de falas, encontros e experiências com pares acadêmicos. Destaco nesse ínterim, as discussões implicadas e vividas em momentos de convívio com os integrantes do Grupo de Pesquisas em Educação e Culturas Digitais - ECult/UFS-CNPq, como sendo momentos prazerosos de trocas e construções colaborativas com o “outro”.

Nesses cenários de reencontros, procuro compreender como as mediações juvenis com os dispositivos das culturas digitais em redes de partilha, convívio, engajamento e solidariedade (net-ativistas) fazem surgir performances virtuais de aprendizagens etnocenológicas, potencializando as experiências de aprendizagens socioculturais de natureza híbrida (presenciais e virtuais), capaz de criar e ressignificar cenários, caminhos e experiências para a educação na atualidade. Desse modo, o objeto a ser investigado nesse estudo é: Etnocenologia

Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade: cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas”.

1.3 Questões norteadoras e objetivos da pesquisa

Desse modo, tomando como inspiração o delineamento da pesquisa e sua natureza multirreferencial, optei pelo estabelecimento de um “epoché fenomenológico”¹⁹, organizado através de questões norteadoras e a delimitação dos objetivos de pesquisa que serviram de caminho e orientação desse estudo:

Perguntas norteadoras		Objetivos da pesquisa
<p>1) De que modo as mediações juvenis em rede com os dispositivos digitais fazem surgir performances e experiências etnocenológicas virtuais das aprendizagens na contemporaneidade?</p> <p>2) De que forma os/as jovens mediam saberes e narrativas em redes (virtuais e presenciais) nos coletivos de atração, convívio e engajamento net-ativistas no interstício da etnocenologia virtual das aprendizagens?</p>		<p>Analisar como as narrativas juvenis em redes (on-line e presenciais) mediadas com os dispositivos digitais fazem surgir performances etnocenológicas, de comunicação, partilha, convívio, engajamento e solidariedade, situadas numa etnocenologia virtual das aprendizagens juvenis na atualidade.</p>
<p>3) Quais são os dispositivos (humanos e não humanos²⁰) utilizados pelos/pelas para estabelecer mediações no âmbito da etnocenologia virtual das aprendizagens juvenis?</p> <p>4) Quais são as dimensões constitutivas da etnocenologia virtual das aprendizagens juvenis, presentes nas narrativas (on-line e presenciais) dos/das jovens com os dispositivos das culturas digitais?</p>		<p>Compreender como ocorrem os processos de aprendizagens etnocenológicas dos/das jovens com os dispositivos digitais nos coletivos comunitários (em redes virtuais e presenciais) de engajamento, ação comunicativa e solidariedade net-ativistas, e, como estes redesenham o</p>

¹⁹ Segundo Macedo (2009) compreende uma suspensão de um juízo, mais conhecido pela etimologia grega (epoché ou epokhé), que significa 'colocar entre parênteses', ou levantar uma ideia aproximativa, inicial, mas não fixa como uma hipótese.

²⁰ Termo utilizado por Lucia Santaella (2003) ao se referir ao processo de hibridização das culturas humanas com objetos técnicos, fazendo surgir corpos, agenciamentos e experiências do pós-humano.

5) De que maneira as performances etnocenológicas juvenis, nas redes de solidariedade e afecção digitais, ressignificam cenários, caminhos e experiências para a educação na atualidade?	entendimento sobre o fenômeno das aprendizagens e a educação na contemporaneidade.
--	---

1.4 Tese da pesquisa

Ante o exposto, a tese de doutoramento desta pesquisa destaca que “As experiências e performances etnocenológicas vividas pelos/pelas com os dispositivos das culturas digitais em redes de partilha, convívio, engajamento e solidariedade (net-ativistas), potencializam as experiências de aprendizagens socioculturais de natureza híbrida (on-line e presenciais), fazendo emergir o fenômeno de uma Etnocenologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade: cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas” capaz de criar e ressignificar cenários, caminhos e práticas para a educação na atualidade”.

1.5 Metodologia

A metodologia de pesquisa que norteará este estudo considera a **multirreferencialidade** como aporte epistêmico, sobremaneira, buscando por um rigor outro na investigação qualitativa, conforme elucidam Macedo (2009). Nessa natureza de pesquisa, o olhar do pesquisador, atento aos meandros da investigação, vai descortinando caminhos, impressões e significados do estudo. Além disso, tem como opção a não simplificação dos fenômenos sociais, ao contrário, encontra na complexidade uma abertura para pensar processos, ações e experiências.

Nesse mesmo caminho, esse estudo se situa no campo da abordagem **qualitativa de pesquisa**. Os estudos qualitativos apresentam possibilidades epistêmicas que vão ao encontro de complementaridade de sentidos. Como destaca Galeffi (2009) numa pesquisa qualitativa não se pode deixar de lado a totalidade de fatores, tal como, a natureza sociológica, antropológica e ecológica que cercam os conhecimentos de natureza humana.

Por conseguinte, optei por utilizar o método da **etnopesquisa crítica** que, nas palavras de Macedo (2010), contempla a análise sobre um conjunto de orientações socioculturais organizadas pelos atores/atrizes sociais e ajuda a revelar os elementos intersubjetivos por meio

da descrição dos fenômenos. **Os atores/atrizes sociais envolvidos nesse estudo são dez jovens com idade entre 18 e 29 anos**²¹.

A escolha desses atores/atrizes sociais juvenis, observou os seguintes critérios: engajamento e atuação em coletivos juvenis de net-ativismo no Estado de Sergipe²², utilização dos dispositivos digitais para imergir, interagir e mediar aprendizagens socioculturais em rede, participação nas culturas digitais, por meio de ambiências coletivas de solidariedade (virtuais e presenciais), criação e atuação em performances estéticas, corporais e lúdicas ligadas aos jovens.

Essa delimitação tem como finalidade aproximar-se dos diferentes jovens que convivem e transitam em distintos coletivos juvenis, como sendo um caminho fecundo para investigar as medições dos/das jovens com diferentes temáticas e atuações, ressaltando a natureza múltipla e implicadas desses atores/atrizes sociais e suas características aproximativas, nas redes de solidariedade, sensibilidade e ativismos (virtuais e presenciais). São os/as jovens contemporâneos que utilizam os dispositivos digitais para diferentes finalidades em suas experiências cotidianas. Usam dispositivos de interação, a exemplo do *Facebook*, *WhatsApp*, *Youtube* e *Instagram* para promover outras formas de comunicação e engajamento.

Os principais **dispositivos de produção de dados** utilizados durante a pesquisa foram: Diário de Itinerância (app-diário), Memorial Narrativo, Entrevistas Livres ou Não-Estruturadas e Narrativas Digitais. O uso associado desses dispositivos de coleta tem como fundamentação a busca por contemplar uma análise mais aprofundada do fenômeno estudado, de modo a revelar os sentidos e significados dos/das jovens em relação aos principais questionamentos levantados no estudo. Ademais, outras informações e maiores esclarecimentos sobre a metodologia da pesquisa estão disponíveis no Cenário II desse estudo, intitulado como Cenário II: Implicações Epistemológicas e Percursos Metodológicos, onde são explicitados e justificados os caminhos metodológicos escolhidos.

1.6 Organização da tese

21 A delimitação desse grupo levou em consideração a faixa-etária estipulada pela Lei 12.852/2018 que instituiu o Estatuto da Juventude no Brasil.

22 Foi necessário delimitar um escopo mais abrangente, pois nas buscas pelos/pelas se observou que a delimitação territorial, onde eles vivem, envolve uma geolocalização de vários municípios, a exemplo de Aracaju, São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro, Estância, Japarutuba, Lagarto, Itabaiana, etc.

Este trabalho de tese de doutorado encontra-se dividido em sete seções temáticas, também intituladas de “Cenários de Escrita”. A definição desse título para as seções de escrita levou em consideração os achados conceituais envolvendo o conceito de etnocenológica e performance. Nestes referenciais, o mundo se produz por meio de cenas e/ou cenários, nos quais os atores sociais vão tecendo suas narrativas. Desse modo, o ator-pesquisador, engajado com o fazer da pesquisa, optou por formular as seções de escrita como sendo cenários. Em todos os cenários, a intenção é apresentar relações estabelecidas nas experiências de pesquisa, as falas, narrativas e impressões dos atores/atrizes sociais envolvidos. Dito isto, esses cenários, ainda que previamente delimitados, são vistos como fluidos e provisórios, pois dependem, necessariamente, da implicação com o campo de investigação.

Desse modo, no **Cenário I: Introdução**, são apresentados os caminhos e experiências do pesquisador com a área de pesquisa, suas implicações pessoais com o objeto de estudo e o interesse de pesquisa. É apresentada a problemática da pesquisa, as provocações teóricas e conceituais que dão ênfase ao estudo em destaque, destacando a emergência do protagonismo juvenil, tomando como exemplo a contextualização dos personagens da série Sense8 e sua relação com o fenômeno estudado. São mencionadas as questões de pesquisa que orientam a investigação em curso. Ainda nesse cenário expõe-se a tese de doutoramento sobre a Etnocenologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade: cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas”.

No **Cenário II: Implicações Epistemológicas e Percursos Metodológicos**, são descritas as escolhas metodológicas feitas pelo pesquisador para realização do trabalho investigativo. São destacados também as influências epistemológicas que orientam o estudo, a exemplo da pesquisa multirreferencial, a abordagem da pesquisa qualitativa, o uso da etnopesquisa crítica como inspiração investigativa. Ainda nessa seção, são descritos e aprofundadas as técnicas e dispositivos de produção de dados escolhidas pelo pesquisador.

O **Cenário III: Culturas Juvenis na Cibercultura: ecos, imbricamentos e aproximações com o digital**, tem como finalidade apresentar uma discussão teórico-conceitual, estando dividido em três momentos. Na primeira subseção intitulada: As Culturas Juvenis Enquanto Categoria Social, é realizada uma contextualização sobre a emergência desse conceito enquanto categoria social atrelada aos estudos sobre as juventudes a partir do século XIX e XX. Na segunda subseção, intitulada: Expressões juvenis com o digital na

contemporaneidade, são apresentados alguns elementos que permitem visualizar o intercruzamento das culturas juvenis com as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação – TDIC.

Na terceira parte intitulada: Nas Trilhas da Cibercultura: pistas, polissemias e ecos conceituais sobre o digital, é apresentado uma polissemia de conceitos e autores que ao longo dos anos incorporam, por meio de suas produções, elementos, termos e discussões aos fenômenos da cibercultura, dentro de duas dimensões: a) dimensão técnica; b) dimensão sociocultural. A ideia é exprimir um pouco desse emaranhado de vozes que, cada um ao seu modo, tem desenvolvido atualizações importantes e promissoras, como sendo o alicerce, origem e atualização das discussões sobre a cibercultura, seus ecos e desdobramentos atuais nas “culturas digitais”.

O Cenário IV: Culturas Juvenis, Ambiências com os Dispositivos de Socialidade, destaca uma discussão sobre o perfil dos/das jovens contemporâneos e sua relação com os dispositivos digitais, dando destaque para as mudanças socioculturais das últimas duas décadas que demarcam novas sensibilidades, outras lógicas de relacionar-se através de ambiências de interação virtual. Na segunda parte, apresenta uma discussão que situa o “corpo juvenil”, como resultado de uma série de experiências e adaptações que colocam no centro do debate a produção da vida cotidiana, sendo este um elemento primordial para pensar os comportamentos sociais, as tensões e dilemas da atualidade. Logo, a terceira subseção denominada: Culturas Juvenis, Estilos de Vida e Socialidade, dá ênfase aos comportamentos juvenis, com base em outros referenciais de discussão, a exemplo do conceito de hedonismo, tribalismo e socialidade, tomados aqui, como apreensões conceituais relevantes para o debate.

No V Cenário: Performances, Ações Comunicativas Reticulares e Expressões Juvenis em Rede, é apresentada uma discussão sobre o conceito de performance, tomando como análise os comportamentos juvenis em rede, especialmente no tocante à formação de coletivos de engajamento juvenil a partir das noções de participação, pertencimento e convívio. Por isso mesmo, se fala em juventudes digitais e nos espaços-fluxos de socialidade, criados como prolongamento da vida social, nos quais o estar-junto e o desejo de partilha funcionam como alimento para a realização de performances. Nesse mesmo intuito, são desenvolvidas reflexões em torno das expressões juvenil nas culturas com o digital, sendo apresentados dois desses imbricamentos relevantes à análise desse fenômeno, sendo eles: a) Net-ativismos em rede: formas de sensibilidades e engajamentos juvenis; b) Coletivos Juvenis Comunitários:

formas de resistência, enfrentamento e educação baseada em experiências (presenciais e virtualizados em rede).

Dando continuidade, no Cenário VI: **Etnocenologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade**, se discute o conceito de etnocenologia, sua relação com o campo das ciências antropológicas, de natureza interdisciplinar, com a premissa de mapear as relações dessa ciência para o campo da produção do conhecimento humano. É discutido o conceito de aprendizagens etnocenológicas, tomando como análise as experiências vividas pelos/pelas jovens nas suas redes de convívio (virtuais e presenciais). Não obstante, são descritas diferentes mediações criadas nos coletivos juvenis, buscando entender suas implicações para a ressignificar a educação, tendo como orientação os saberes mobilizados pelos atores/atrizes da pesquisa nas diferentes ações e intervenções **nas redes e nas ruas**. Nestas, emergem dimensões que alteram a compressão sobre as aprendizagens com os dispositivos digitais, quais sejam: a) dimensão colaborativa, b) dimensão criativa, c) dimensão da solidariedade, d) dimensão política, f) dimensão de engajamento.

Por fim, o último cenário desse relatório de pesquisa intitula-se: **Considerações finais**, no qual, são apresentados os principais achados do estudo, sua relação com as questões norteadoras da pesquisa, as implicações vividas pelo pesquisador juntamente com os atores/atrizes da pesquisa, priorizando as impressões, os desafios e horizontes sobre o fenômeno estudando.

CENÁRIO II

ORGANIZANDO AS LENTES E O ROTEIRO METODOLÓGICO

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. (DELEUZE, 1990, p. 1)

O delineamento do percurso metodológico de uma pesquisa requer do pesquisador a clareza, maturidade e sensibilidade para escolher com segurança os caminhos que nortearão o estudo. Dentro de um provir, ajuda a revelar as polissemias de formação e as escolhas do “ator social pesquisador” que surgem da relação com o objeto de investigação. Pressupõe a existência de uma familiaridade e/ou imersão com o tema a ser pesquisado, corroborando com o processo de implicação e clareza quanto à escolha do paradigma de pesquisa, o método de investigação, a escolha de dispositivos de produção de informações, etc. Assim, não tem como dissociar o trabalho de tecelagem de uma pesquisa fora do espaço da experiência do vivido no cotidiano, pois nesses caminhos vão se apresentadas bifurcações a serem desveladas.

Desse ponto de vista, o trabalho de pesquisar revela uma implicação política do pesquisador que, a exemplo de um viajante se deixa levar por paisagens, acontecimentos, cores, sons e movimentos. A experiência de um “viajante cartógrafo”, como nos revela Rolnik (2007, p. 23), compreende como tarefa o mergulho pelos “(...) afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias”. Isso pressupõe exercer uma abertura para a vida que se faz a cada momento. Essa assertiva auxilia no entendimento sobre a pesquisa em educação e como suas amálgamas, decorrem de relações com pessoas e fenômenos sociais nem sempre previsíveis e como tais processos humanos exigem do pesquisador a postura de um observador que mergulha no mundo dos sentidos, em grande medida de difícil tangibilidade, porém, fecundo quanto aos repertórios de criações e significações humanas.

Nesse processo de engajamento político, adotar a postura de um cartógrafo compreende viver, experimentar, apropriar, devorar, se deixar viver a pesquisa como caminho de desejo ou, nas palavras de Deleuze (1990), se permitir vivenciar nas linhas de atuação do sentido, o

convívio com a imprevisibilidade que ajuda aguçar nossas visões, sobremaneira, quanto às negociações e implicações no fazer da pesquisa.

Tomando esse cenário como provocação para o delineamento dos caminhos de investigação sobre Etnocologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade: cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas” se faz necessário destacar que sua heurística tem como escolha e inspiração os estudos em epistemologias outras, implicadas na confecção dos referenciais que buscam apresentar novos caminhos para o campo de investigação nas ciências sociais e humanas, dialogando com uma abordagem multirreferencial, pois entende o olhar simplificador, unitário e homogêneo como sendo limitantes para apreender os fenômenos da vida social, com destaque para os contornos desse estudo.

A emergência dessa análise tem como o fundamento a crise dos paradigmas das ciências modernas no contexto da produção e validação do conhecimento ocorrido a partir do século XIX, com os avanços da microfísica, da química e biologia, com destaque ainda para o nascimento das ciências sociais. Esse conjunto de fatores, segundo Santos (2008) fez surgir novos cenários de produção de pesquisa, não mais baseados nos princípios clássicos como a neutralidade, imparcialidade e de natureza positivista.

Nesse contexto de reorientação das ciências, surgem epistemologias qualitativas evidenciando a relevância de se observar o mundo dos sentidos, dos significados, os símbolos, as representações, os mitos, as facetas do imaginário que não tinham como ser analisados a partir de um olhar empirista e experimentalista, como preconizava Baco (1214- 1292). Para além disso, o surgimento de um novo paradigma toma como pano de fundo a inteligibilidade da natureza, não simplificador, não dualista, que trabalha no sentido de romper com as distinções entre (...) “natureza/cultura, natural/ artificial, vivo/ inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa”. (SANTOS, 2008, p. 65).

Sendo assim, esse estudo se inspira na **abordagem qualitativa de pesquisa**, de cunho multirreferencial em função do objeto e dos caminhos que foram percorridos durante a aproximação com os participantes do estudo, estando inspirada na pesquisa etnográfica crítica de Macedo (2010, 2012, 2015) que exige do pesquisador uma densa descrição das narrativas e fenômenos estudados. A esse respeito, Galeffi (2009) destaca os estudos qualitativos como sendo parte de uma possibilidade epistemológica que se organiza a partir das experiências

humanas que se dão numa dinâmica complexa e na complementariedade de fatores que norteiam a construção do conhecimento.

Logo, esse estudo tem como inspiração a busca por uma **pesquisa multirreferencial**, priorizando um ‘outro rigor’ investigativo. Seu interstício tem como fundamento a postura implicada do pesquisador que se permite conviver, partilhar, dialogar e tecer conhecimentos em busca de compreender os fenômenos da vida social. Segundo Macedo (2009) se trata de uma política de sentido no campo da pesquisa, baseada numa ética e rigor qualitativo que se opõe aos valores formais de rigor e neutralidade da pesquisa tradicional. Sendo assim, nessa caracterização de pesquisa, o pesquisador é ator social envolvido, não sendo possível vislumbrar as relações entre sujeito-objeto-pesquisador fora de marcadores analíticos complexos e, ao mesmo tempo, compreensivos.

O surgimento da abordagem multirreferencial tem como fundamento as construções teóricas suscitadas pelo professor Jacques Ardoino (1927-2015), no contexto da Universidade de Paris VIII (Vincennes), tendo como pano de fundo o entendimento que os fenômenos sociais se configuram de maneira complexa e abrigam uma heterogeneidade perceptível nas práticas sociais.

Nesse sentido, Ardoino (1998) destaca que a abordagem multirreferencial de pesquisa se relacionada com a perspectiva da complexidade e propõe uma leitura plural dos objetos práticos e teóricos, tendo em vista, diversos pontos que ajudam a tornar mais legíveis os fenômenos sociais que não podem ser descolados de uma visão sistêmica. Em suas palavras, envolve abordar objetos tomando como análise, óticas múltiplas, tais como da psicologia, etnologia, história, sociologia, economia, não se resumindo a essas, dentro de uma dimensão multidimensional, reguladas pela alteridade e heterogeneidade, pois segundo ele:

A análise multirreferencial das situações das práticas dos fenômenos e dos fatos educativos se propõe explicitamente uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros. Muito mais que uma posição metodológica, trata-se de uma decisão epistemológica. (ARDOINO, 1995, p. 7).

Nessa decisão epistemológica, pesquisar pressupõe ter em mente a caráter político e a implicação pessoal do pesquisador com a diferença. Para Macedo (2009) as epistemologias qualitativas por apresentar um caráter político-epistemológico próprio, fazem menção a outra forma de pesquisar, nas palavras do autor, “uma ciência *outra*, para um rigor *outro*, diria mesmo, e de uma forma significativa para uma formação *outra* em relação à pesquisa” (MACEDO. 2009, p. 77).

A respeito desse rigor, Galeffi (2009) desmistifica a ideia sob a qual a qualidade da pesquisa tenha relação com a exteriorização metodológica que conduz a investigação científica. Por conseguinte, pensar nessa orientação para o campo da pesquisa envolve estabelecer outra relação com os ‘objetos’ de investigação que, se fundam a partir das inteligibilidades vividas no mundo das experiências humanas.

Diante dessa noção, busco entender os atores/atrizes sociais envolvidos na pesquisa como sendo porta-vozes de suas próprias linguagens que são descritas como ato interpretativo. Conforme Merleau Ponty (1996) a descrição assume lugar de destaque, pois revela o modo como o sujeito expressa sua relação com o mundo das experiências e significados utilizados para interagir com elas. Trata-se de uma fenomenologia da percepção, entendida como caminho para acessar os sentidos, suas ambiguidades, distanciamentos e clarezas.

Dentre outras coisas, Macedo (2009) destaca como sendo primordiais para a validade da pesquisa o compromisso com os dispositivos e os valores epistemológicos empregados no estudo, o conjunto de aportes metodológicos, sua relação com a dimensão comunitária. Soma-se a isso, a reponsabilidade do pesquisador com legitimação do estudo na comunidade acadêmica que faz pautar o compromisso com a formação qualificada e o ideal de qualidade na pesquisa que se forma através de uma visão crítica. É nesse caminho que o autor fala sobre a necessidade de pensar/exercer um rigor outro na pesquisa. Note-se:

A pesquisa é um campo da práxis social, como tal deve satisfazer à sua comunidade e à sociedade com a qual ela se compromete em termos de qualidade e responsabilidade, carregando todas as insuficiências, todos os inacabamentos e conflitos que se espera em qualquer prática humana. Outrossim, como uma instituição aprendente, a pesquisa aprende com experiências que não se situam no seu contexto de produção. Neste movimento, as pesquisas qualitativas miram com interesse e disponibilidade para experimentar a aventura pensada da multirreferencialidade e da intercrítica, refinando a cada experiência sócio-epistemológica conquistando um rigor outro que deseja afirmar em praticando uma política de conhecimento relacional. (MACEDO, 2009, p. 81-82).

A partir dessa compreensão, dois apontamentos sobre a pesquisa qualitativa são destacados pelo autor. O primeiro deles recobra da prática da pesquisa qualitativa, logo convida os pesquisadores dessa área de atuação a pensar a prática da pesquisa como sendo um espaço de práxis, engajada, implicada e responsável. O segundo ponto observa a experiência como sendo um lugar fecundo para entender como são tecidos, negociados e renegociados os sentidos dos atores sociais. É pela experiência e *per si* que são revelados achados e descobertas, uma forma de conhecimento que se exprime das relações. Por isso mesmo, o estudo com a

multireferencialidade tem como caminho e/ou orientação o árduo trabalho de compreender as compreensões. Esse é um dos trabalhos mais difíceis da pesquisa qualitativa, consiste na compreensão em decorrência da complexidade de fatores que regulam os processos sociais e produzem os sentidos. (GADAMER, 1999).

Nesse sentido, busquei me aproximar de um fazer implicado com a etnopesquisa **crítica** definida por Macedo (2010) como sendo uma forma radical de re-existir a produção do conhecimento em educação. Nesse tocante, a etnopesquisa tem como interesse compreender as ordens socioculturais organizadas pelos atores sociais de modo a revelar os elementos intersubjetivos através da descrição dos fenômenos. Mais que isso, implica uma abordagem de natureza sociocultural pautada numa heterogênesse que, se orienta no entendimento sobre o *etno* (do grego *ethnos*, povos) e seu *arké* crítico. Nesse trabalho, o emprego de um tipo de método pouco tem a ver com a orientação fixa de um fazer epistemológico, por isso mesmo, se observa como importante a noção pela qual são empregados, criados, recriados etnométodos pelos atores/atrizes sociais em suas práticas de sentidos, a exemplo dos/das jovens quando mediam aprendizagens etnocenológicas utilizando dispositivos digitais.

A etnopesquisa crítica é aquela que nasce da inspiração e da tradição etnográfica, sua base investigativa incontornável, mas se diferencia quando exercita uma hermenêutica de natureza fenomenológica e crítica, produzindo conhecimento indexado, um conceito caro à teorização etnometodológica, sua inspiração teórica fundante. (MACEDO, 2010, p. 9)

A utilização do conceito de etnométodos se baseia na sociologia de Harold Garfinkel (1917-2011) que ressalta a capacidade interpretativa dos sujeitos, tendo como ponto de partida o contexto das atividades institucionalizadas que dão origem às suas práticas cotidianas. Entende-se por etnométodos os sentidos e compreensões que surgem das práticas cotidianas de interação dos atores/atrizes sociais no conjunto de suas interações. Com base nisso, Garfinkel (1984) apresenta três orientações que ajudam a entender seu pensamento sobre a constituição dos etnométodos, são eles: indexalidade, flexibilidade e descritibilidade.

A indexalidade abrange o modo como as ações da vida social são constituídas com o uso da linguagem. Nesse caso, ação e linguagem são vetores da produção de sentidos. A flexibilidade toma como ponto de análise o modo como os atores/atrizes sociais descrevem o cotidiano das ações sociais constituídas. Já a descritibilidade (*accountability*) revela as ações e práticas do mundo em que vivemos para compreender como se organiza a ordem social.

Nesse ínterim, tomando o campo do cotidiano, onde são formuladas-negociadas as experiências e sentidos humanos, esse estudo se fundamenta na **abordagem da sociologia e epistemologia do cotidiano** de Michel Maffesoli²³, considerando a utilização dos conceitos de socialidade cotidiano e experiência, vistos aqui, como sendo categorias envolvendo o objeto investigado. De maneira mais específica, os estudos da sociologia compreensiva tomam parte das relações analíticas sobre as formas de caracterização das experiências nos processos de interação social. Para exemplificar, em seus estudos, a experiência é demarcada por elementos como multiplicidade, dispersão, fluidez e instantaneidade que dão novos sentidos aos vínculos sociais.

A produção intelectual maffesoliniana é influenciada pelas ideias de diferentes intelectuais bastante ligados à articulação entre filosofia, sociologia, antropologia e imaginário. Em sua obra, são destacados espaços de compreensão para os fenômenos que abrangem a aglutinação de atores/atrizes sociais em torno de desejos comuns, por meio de processos de identificação ou partilhas efêmeras. Decorre de sua análise outra forma de organização do vínculo social. Ademais, a produção da sociologia de Michel Maffesoli articula conceitos com importância central para essa pesquisa, são eles: o conceito de socialidade, ambiência, tribalismo, por meio do qual o hedonismo e as formas sensíveis da vida social emergem como fenômenos do tempo presente, pois “[...] o sensualismo, a procedência do imaginário, uma concepção marcada pelo tempo presente e pelo trágico, o relativismo intelectual, tudo isso dá ênfase à pluralidade dos aspectos da vida social e ao pluralismo das abordagens destes aspectos. (MAFFESOLI, 1998, p. 99).

Outra implicação epistemológica que fundamenta a construção desta tese são **os estudos da etnocenologia**, cujo olhar epistêmico emerge das ciências antropológicas e da aproximação com a sociologia do cotidiano, conforme descreve Bião (2013). O arcabouço analítico sobre etnocenologia, como já explicitado anteriormente no trabalho, resulta da relação com outros campos do conhecimento, a exemplo dos estudos sobre performance, antropologia teatral, abordagem dramaturgical, entre outros. Tem como finalidade compreender o terreno das

²³ Michel Maffesoli é sociólogo natural de Graissessac, comuna francesa da região administrativa de Languedoc-Roussillon, Hérault, Montpellier, França. Nasceu em 14 de novembro de 1944. Professor da Universidade da Sorbonne Paris V □ René Descartes. Maffesoli é um dos fundadores do Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien (CEAQ), secretário geral do Centre de Recherche sur l'imaginaire (CRI) e Vice-Presidente do Institut International de Sociologie (I.I.S). Tornou-se bastante conhecido por suas análises sobre a sociologia do cotidiano e sobre o imaginário das sociedades contemporâneas.

emoções e as performances utilizadas pelos atores/atrizes sociais para exprimir os sentidos e os significados de suas ações.

Nessa análise, o mundo vivido é antes de tudo, o mundo da sensibilidade e encarnado como resultado de uma teatralidade. Toma a sociedade como espaço de representação de papéis numa dinâmica de interação capaz de revelar os significados construídos socialmente. A etnocenologia surge como disciplina e tem origem ainda na etnografia e etnologia, se interessando pelos comportamentos humanos considerados espetaculares (PRADIER, 1995). Com base nessa ideia, as experiências sociais se fundam em cenários flexíveis, com contornos nem sempre definidos, nestes, são negociados sentimentos, sensações e linguagens. Numa cenologia existe espaço para vivências performáticas que se organizam entorno das paixões, do trágico, das agregações e etc. Se preocupada com o papel desempenhado pelos atores/atrizes sociais no conjunto de suas contradições e paradoxos.

A etnocenologia estuda as práticas e os comportamentos espetaculares organizados dos diversos grupos étnicos e das comunidades culturais. Como campo de estudo que nasce multirreferencializado, a etnocenologia se articula com outras referências como a psicologia, a neurobiologia, a antropologia e a etnologia. (MACEDO, 2010, p. 131).

É nesse caminhar de olhares múltiplos e com distintas análises inspiradoras que apporto o estudo sobre Etnocenologia Virtual das Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade: cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais “nas redes e nas ruas”. Nessa viagem, a inspiração epistemológica e os caminhos metodológicos me inspiraram na construção de “outras formas” de pensar/fazer a pesquisa em educação, buscando descrever/compreender e criar espaços de partilha, interação e análise nos quais os/as jovens sejam os porta-vozes de suas narrativas e modo de se portar no mundo. Retomando a ideia inicial proposta por Deleuze (2004) as linhas dos dispositivos são como caminhos de atos implicados, no qual o cartógrafo-pesquisador busca sedimentar o terreno, estabelecer os horizontes ajustar as lentes, motivar o olhar.

2.1 Delimitação dos/das participantes da pesquisa: ajustando o foco

Os atores/atrizes sociais envolvidos nesse estudo são dez jovens com idade entre 18 e 29 anos. A delimitação desse grupo levou em consideração a faixa-etária estipulada pela Lei 12.852/2018 que instituiu o Estatuto da Juventude no Brasil. A escolha desses atores/atrizes sociais juvenis, observou os seguintes critérios: engajamento e atuação em coletivos juvenis de

net-ativismo no Estado de Sergipe²⁴, utilização dos dispositivos digitais para imergir, interagir e mediar aprendizagens socioculturais em rede, participação nas culturas digitais, por meio de ambiências coletivas de solidariedade (virtuais e presenciais), criação e atuação em performances estéticas, corporais e lúdicas ligadas aos jovens.

Busquei me aproximar dos/das diferentes jovens que convivem e transitam em distintos coletivos juvenis, como sendo um caminho fecundo para investigar as medições com temáticas e atuações, ressaltando a natureza múltipla e implicada e suas características aproximativas, ligadas às redes de sensibilidade, solidariedade e net-ativismos (virtuais e presenciais). Foram priorizados os seguintes critérios para o levantamento e escolha dos/das jovens que participam dos coletivos: 1) Coletivos que desenvolveram ações, projetos e experiências “nas ruas e nas redes”²⁵ nos últimos seis meses; 2) Coletivos que mantiveram publicações ativas no intervalo dos últimos seis meses no *Instagram*; 3) Coletivos que criam ações comunicativas nas redes com maior frequência nos últimos seis meses; 4) Coletivos com temas de interesse envolvendo educação, juventude, diversidade, arte e tecnologia; 5) Coletivos que desenvolvem um trabalho permanente há pelo menos um ano no Estado de Sergipe.

A partir desse momento, me aproximei dos coletivos juvenis, por meio da rede social *Instagram*²⁶, por ser a principal rede em expansão de uso pelos/pelas jovens, buscando observar, registrar e convidar os/as jovens que tivessem interesse em participar do estudo. Foram convidados pelos menos dois jovens de cada coletivo “ativo” para participar da pesquisa, sendo que o trabalho de aproximação culminou com o aceite de 17 jovens (que participaram das entrevistas). O aceite da pesquisa foi oficializado por meio de TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido, disponibilizado, lido, assinado pelos/pelas jovens, estando disponíveis nos apêndices da tese.

Levando em consideração, a quantidade máxima de jovens delimitados para o estudo, 10, foi necessário selecionar o universo de jovens colaboradores. A escolha desses atores/atrizes

24 Foi necessário delimitar um escopo mais abrangente, pois nas buscas pelos/pelas se observou que a delimitação territorial, onde eles vivem, envolve uma geolocalização de vários municípios, a exemplo de Aracaju, São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro, Estância, Japaratuba, Lagarto etc.

25 Expressão utilizada para se referir as ações dos coletivos em comunidades locais, periféricas ou não e nas redes sociais digitais.

26 Rede social pertencente ao Facebook, utilizada por 27% da população brasileira conectada, segundo dados do informe (2018) da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe- CEPAL. Segundo dados do *Instagram* (2020), o Brasil tem 82 milhões de contas ativas, com maior público usuário, na faixa-etária entre 18 e 34 anos. Estima-se que 69% dos usuários dessa rede social possuem menos de 35 anos, sendo que 52% são mulheres e 48% são homens.

sociais juvenis, observou os seguintes critérios: a) protagonismo e atuação em coletivos juvenis de net-ativismo no Estado de Sergipe; b) utilização dos dispositivos digitais com maior frequência; c) criação e atuação em performances estéticas, corporais e lúdicas nos últimos meses.

Ademais, como existiam jovens de coletivos iguais, optei por privilegiar a maior diversidade possível de jovens por agrupamento, como também a proporcionalidade de jovens quanto à orientação de gênero, sendo ao final 05 atrizes e 05 atores protagonistas. Criei codinomes para cada jovem que compõe o grupo de colaboração, conforme acordado no TCLE. Optei por nomeá-los tomando como diretriz os traços, características ou informações que remetem a eles/elas. Desse modo, no decorrer do texto são utilizados os seguintes codinomes para se reportar aos jovens:

Tabela 1 – Jovens participantes da pesquisa

	Ator/Atriz Pesquisado	Coletivo que participa
1	Camaleoa	Coletivo Cameleão
2	Criativo	Coletivo Os Caatingas e Lèguà
3	Juno	Coletivo EXP
4	Estanciano	Coletivo Quilombo SE
5	Empoderada	<i>Woman Teckmarkrs</i> - GDG Aracaju
6	Lagartense	Mídia livre e Coletivo Papo-Jaca
7	Combativa	Coletivo de Mulheres de Aracaju
8	Conciliador	Coletivo Os Caatingas
9	Imigrante	Coletivo EXP
10	Politizado	Levante Popular da Juventude

Fonte: Organização pessoal do pesquisador, (2019).

Tomando como caminho os cenários da pesquisa, a apresentação dos atores-atrizes juvenis se apresenta como uma oportunidade de conhecer e entender as posturas, ações e comportamentos extraordinários com o uso dos dispositivos digitais nas redes e nos espaços de convívio local. Conhecer um pouco desse universo foi primordial e atitude necessária, me levando a explorar os diversos fluxos, tessituras e desdobramentos das práticas que são ritualizadas por eles/elas no universo de suas performances etnocenológicas.

2.2 O elenco: atores/atrizes do estudo

Os/as atores/atrizes, certamente foram forjados no intermédio dos sonhos, desejos, intuição, percepção e emoção, os signos e realidades que os moveram até aqui, tal como nas constituições do teatro, alimentam às dinâmicas cênicas “do fazer de todo o dia”, nas relações de proximidade, onde criam os cenários que transitam. Aproximar-se desses/dessas jovens fez da jornada de pesquisa, um prazeroso movimento de revelar, conviver e sentir. A breve apresentação dos personagens a seguir, não exprime a totalidade de suas trajetórias de vida-formação, são partes de um retrato maior, limitado à minha compreensão, essas narrativas são uma versão possível, construída por meio da imersão nos enredos pessoais desses/dessas jovens.

Nesse percurso de apresentação, a jovem Camaleoa tem 25 anos, reside no bairro Santo Antônio, na capital sergipana, com seus pais. É formada em arquitetura e urbanismo na Universidade Tiradentes – UNIT. Desde muito cedo se via envolvida com questões sobre as desigualdades de moradia. Quando criança não entendia os mecanismos que fazem surgir as disparidades sociais. No relato da jovem, é possível notar as mobilizações humanas e os caminhos que a levaram para a carreira profissional, bem como são nítidos os múltiplos traços de seu perfil humano, preocupado com a coletividade.

O transitar pelas paisagens dos espaços urbanos e seus contrastes despertou nessa atriz social, uma atitude implicada com temas sociais, tais como, os direitos das pessoas periféricas, meio ambiente equilibrado, direito dos povos negros, mulheres, etc. Essa inquietação se manifesta como atitude e intenção de mover-se, mudar e ajudar às pessoas em suas realidades. Note-se:

Imagem 2 - Perfil da Camaleoa



Fonte: *Stories* de Camaleoa, 21 de abril de 2020.

Desde pequena, eu acompanhei essa desigualdade, por que a vinda da periferia aqui para o centro da cidade, visualmente você consegue perceber o recorte social, né? Como são as casas lá e como são as casas aqui no Jardins. Eu sempre me questionei muito sobre a desigualdade social. Isso faz parte um pouco do quem é Camaleoa. Desde pequena, Camaleoa era inconformada com as desigualdades, desde pequena eu me perguntava porque que minha casa vale menos que a casa da minha amiga que mora lá no Jardins? Eu não entendia e queria saber quem era que dizia que aquele morador da ocupação não pode ter uma casa e porque que eu tenho. Eu não entendia isso. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Outro ponto de destaque na sua voz reflete “um falar de dentro”. Essa noção tem relação direta com o envolvimento, mas também com o sentir e viver os principais desafios que perpassam a constituição das suas performances na cidade de Aracaju. Um desses cenários envolve a fundação do Coletivo Camaleão Urbano (@coletivo.camaleão), uma formação coletiva de amigos, parceiros jovens que centra esforços para desenvolver ações intervencionistas com a comunidade, em especial, com as populações periféricas do município de Aracaju. Como bem pontuado por ela, o reconhecimento do pertencimento ao coletivo na relação com a cidade ajuda a entender um pouco mais de suas ações pessoais. Note-se:

Outra palavra que represente minha atuação no coletivo é pertencimento a cidade, eu me sinto mais pertencente à Aracaju quando eu tô atuando no coletivo. Porque eu tô vendo a cidade que eu quero ver, tô ajudado nos bairros para tenta ajudar...pensando na qualidade de vida para além da questão estrutural. A questão da qualidade de vida do lazer, da saúde, enfim, da questão mais social. Por mais ínfima e pequena que seja a ação, para mim, passar uma tarde debatendo, discutindo sobre um personagem negro, aquilo já faz uma diferença enorme na vida de uma pessoa que não teve a oportunidade de ouvir e falar sobre aqueles conceitos, que nunca pensou naquela perspectiva, que nunca pensou que poderia ou ainda eu tenho a sensação de servir e é um peso eu dizer isso, de servir de exemplo para mulheres e crianças negras me enxergam atuando enquanto arquiteta e urbanista. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Essa “**vontade genuína**” e fazer implicado denotam sobre sua forma de pensar e criar maneiras de ajudar em projetos de mudanças, mesmo que pontuais, pois coexiste em seu pensamento que toda mudança parte de uma ação menor, como resultado da soma de vontades e desejos que podem mudar trajetórias e transformar contextos de vida. No fazer, no pensar, no diálogo como caminho fecundo, encontrei essa personagem jovem e decidida. Uma jovem negra, ativista, mulher, mobilizadora, de fácil diálogo e sorriso cativante que, fez dos diversos momentos de aproximação e convívio na pesquisa, verdadeiros espaços de muita troca e aprendizado.

O segundo jovem aracajuano, ator-*performer* envolvido com a pesquisa se chama Criativo, participante e um dos fundadores do Coletivo de *Design* Lèguà (@coletivolegua). Com 26 anos, formado em *Design* na Universidade Federal de Sergipe – UFS, cursa o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - PPGCR. Por sinal, essa é uma mobilização e orientação que contempla os caminhos de atuação desse jovem, implicado com a tradição do candomblé, onde se nota o culto, o convívio e cultivo de suas relações, inclusive nos coletivos que transita e coordena. O contato com o jovem Criativo se deu por meio de uma indicação de outro jovem, participante do coletivo. Muito comunicativo e solícito, Criativo foi de uma delicadeza e cuidado, desde o primeiro contato. Já no convite, em tempo recorde, pediu mais informações sobre o estudo e topou imediatamente fazer parte da pesquisa.

Desse modo, cabe mencionar que o Criativo é um dos criadores do Coletivo de *Design* Lèguà (@coletivolegua), impulso que foi sendo originado a partir da participação e convívio em outro coletivo que convive. Como mencionado por Criativo: “Eu cheguei, né? (risos) falando assim “meu deus! Eu tenho que fazer alguma coisa” e aí comecei a plantar ideias de que, no futuro, formasse um coletivo de *designers*. Isso tem o que, dois anos atrás, eu acho? um ano e meio...algo assim”. (Criativo, 27 de março de 2020).

Recordando sobre o tempo vivido e suas experiências, o jovem, destaca sua relação de fé, cultivo da tradição no terreiro de candomblé e sua implicação para ajudar nas comunidades periféricas, onde os coletivos realizam atividades. Nessa busca de entender-se parte de um coletivo humano e colaborar com seus pares ele menciona: “[...] E até o meu pai falava, assim, que é o meu pai de santo, né? a proposta que eu tenho, na minha vida, é levar, mostrar que o *design* também pode ajudar a outros perfis de público, além desse comercial de fazer para vender” (Idem).

Imagem 3 - Perfil do jovem Criativo



Fonte: *Stories* de Criativo, 29 de Julho de 2020

Durante a entrevista permitiu uma conversa rica, com todos os detalhes dos pontos que foram colocados por mim. Lembro-me que, em determinado momento, até desenhos, esquemas e explicações foram criados por ele, em modo de compartilhamento de tela, além de informações, documentos e materiais, esboçando, inclusive, a felicidade de fazer parte do estudo, “[...]Eu que agradeço a você por ter me escolhido, me chamado, por pai Lucas ter me indicado também. O que precisar, de mais material, mais coisas, eu mando áudio pra complementar alguma coisa” (Criativo, 27 de março de 2020).

Um traço que chama atenção no perfil desse jovem é o modo como ele enxerga às relações cotidianas ao seu redor e pensa constantemente em criar linguagens, produzir narrativas e promover ideias por meio das suas redes sociais digitais, especialmente na criação de arte-performances que convidam para o diálogo, provocam os sentidos e faz de refletir sobre os temas que acredita, defende e mobiliza. Ele se denomina um *designer* ativista e centra seu trabalho de criação na seguinte direção:

Então hoje a minha luta é focada nisso, dentro dessa realidade afro-brasileira e em um combate à intolerância através do meu trabalho, através das interpretações sagradas de orixás e outras divindades e entidades da nossa vasta. Então hoje o meu compromisso, a minha luta, o meu *design* ativista, ele é focado nisso. No combate à intolerância através dos meus desenhos, principalmente. (Criativo, 27 de março de 2020).

O empoderamento desse jovem, utilizando sua criação no campo do *design* para tocar em temas como: religiosidade, negritude, diversidade, etc, é ponto de destaque e será mais bem explorado em outros cenários deste relatório de tese. Nesse percurso, posso ainda mencionar a sua postura inquieta com as distorções que viver no trabalho de formação de jovens e acolhimento de comunidade periféricas, junto com os demais membros, em bairro como Santos Dumont, Bugio e Santa Maria, comunidades situadas num território onde se nota a presença de terreiros de candomblé, onde ocorrem suas ações e performances. Note-se:

São as comunidades de terreiros onde temos vínculos, quando tem rodas de conversa nos convidam, a gente tá sempre acompanhando as ações de outras casas, de outros terreiros. Então é uma forma de você empoderar outros grupos também que estão, assim como nós, com esse trabalho cultural, social. Então é um trabalho de apoio mútuo. (Criativo, 27 de março de 2020).

Comunicativo, de “fala solta”, e sorriso cativante, Criativo foi um grande parceiro da pesquisa, e, em todos os momentos que foi solicitado ou quando eu estava observando suas performances nas redes sociais, fazendo questão de registrar minha presença e a alegria que estar compartilhando, em rede.

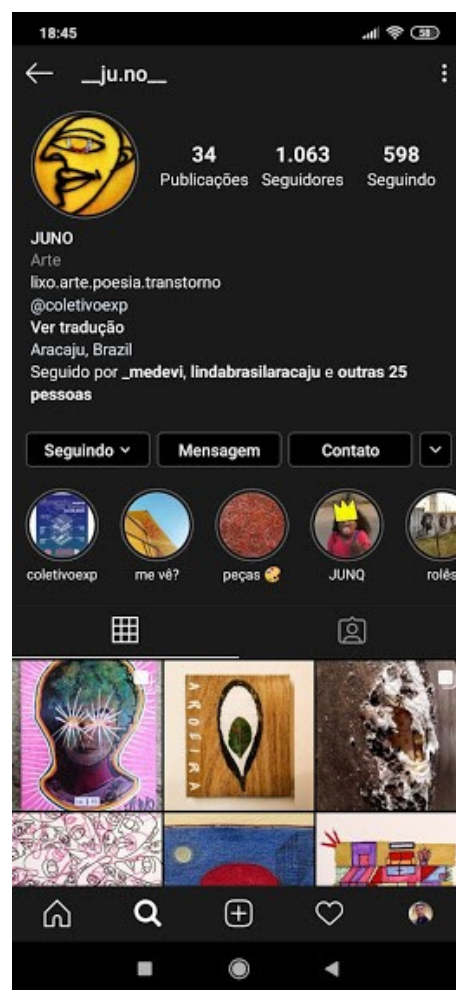
A terceira jovem atriz-*performer* deste estudo, se apresenta com o codinome Juno, diferente dos/das outros/outras participantes, ela fez questão de manter o anonimato, apenas para o texto de tese, pois nas suas ações no campo da arte, trabalha com uma diversidade de expressões e modelagens artísticas, entre elas, a pichação, zine, escultura com argila, etc. Nas ruas, viadutos e no território urbano da cidade de Aracaju é possível encontrar sua assinatura (como na foto do perfil), justamente o modo como pediu para ser chamada, resguardando inclusive sua imagem.

Residente no bairro Siqueira Campos, tem 24 anos, cursou quatro períodos do curso de Cinema na Universidade Federal de Sergipe – UFS, mas segundo ela “[...] minha expressão de arte não seria essa, não fazia sentido pra mim. Eu tranquei o curso e atualmente eu sou caixa e garçomete em dois lugares e eu tento “fazer gerar (sic)”²⁷ com essa renda que é pequena”. (Juno, 26 de março de 2020). Um dos desejos da Juno é conseguir viver da arte, sendo esse um caminho a ser revelado, dentro de tantos limites, nos quais, é imperativo a política da não valorização da arte na esfera local.

Lembro-me que nossas conversas, inclusive a entrevista, se davam numa atmosfera completamente informal, muito tranquila em casa e despojada. Essa jovem se apresentava muito confortável, mesmo quando esboçava se sentir nervosa, nas primeiras trocas. Buscando entender mais da vida-formação dessa jovem atriz-*performer*, entendi como foi se constituindo suas predileções e inclinações no campo das expressões artísticas.

Das lembranças enquanto criança ao perfil de jovem, Juno descreve como sendo latentes sua inquietação pessoal com arte, mais que isso, a urgência de se expressar no mundo, de mostrar que não era invisível, surgindo assim, trabalho com o piche “[...]E eu fui descobrindo

Imagem 4 - Perfil da jovem Juno



Fonte: Perfil de Juno, 28 de Junho de 2020

²⁷ Termo utilizado pela jovem para expressar sua forma de manutenção econômica.

essas maneiras de botar pra fora, tive uma sensação muito grande invisibilidade crescendo e o piche parece que vem nessa contrapartida, tipo “não sou invisível, cadê? Tô na cidade toda, Juno, Juno, Juno, tá me vendo agora?” Sobre esse trabalho de pichação ela completa dizendo:

Eu comecei a pintar na rua em 2017, com amigas minhas, e depois foi totalmente sem parar. E para além do picho eu faço também minhas artes plásticas em casa, mas sempre com matérias que eu resgato da rua, eu pego coisas recicláveis e transformo em pequenas peças, que são as coisas que eu vendo. É o que dá grana pra comprar tinta pra pichar depois. (Juno, 26 de março de 2020).

Cabe situar que, esse resguardo da jovem tem a ver com o modo que é enxergada a arte da pichação²⁸, mas também um cuidado pessoal, por ser uma ação proibida na legislação patrimonial. É também uma forma de manter o anonimato de sua criação. Por sinal, no decorrer da produção de dados, Juno apresentou sua imagem nos *stories* do app *Instagram*, no dia 04 de abril de 2020, me surpreendendo. Perguntada sobre esta ação, ressaltou que estava testando os filtros do app.

O mais fascinante de entender essas situações é notar o processo de desconstrução. Com a Juno, desde o primeiro contato, pelo *Instagram*, tive um retorno imediato com o aceite para participar do estudo que, ocorreu depois de diversos contatos por meio do *WhatsApp*, onde dialogávamos e foi agendada entrevista.

Nos diversos momento de encontro com Juno, quer seja no *WhatsApp*, *Meet*, *Instagram*, por chamada de voz e outros aplicativos, notei uma disponibilidade e uma reciprocidade em dialogar sobre assuntos da pesquisa, entender os fenômenos que abrangem os/as jovens no Estado de Sergipe. Por diversas vezes, partiu dela a iniciativa de me envolver nas ações do Coletivo EXP (@coletivoexp). Essa atitude foi oportuna para o momento da pesquisa, muito embora estivesse mapeando tudo, no período de coleta, a ação da jovem deixou transparecer três questões, ao meu ver, interessantes: a) reconhecimento; b) pertencimento; c) envolvimento.

Por consequência de sua formação, notei que desde pequena existia uma inclinação para a reciclagem de matérias descartados no lixo, como também emerge dessa vivência uma implicação especial como preservação ambiental, “[...] sempre reciclo, é uma preocupação gigantesca, quase uma angústia assim de não jogar o óleo na pia porque no colégio tinham me ensinado o que acontece com esse óleo, quantos litros de água esse óleo contamina” (Juno, 26 de março de 2020). Sua vontade de expressar, juntamente com o desejo de cuidar do meio

²⁸ Forma de arte que é vista por muitas pessoas como sendo criminosa por intervir em bens públicos, mas esse não é um consenso na literatura.

ambiente deram origem a uma jovem preocupada com as relações humanas, com a formação e o desenvolvimento por meio da arte, com a educação plural, a diversidade, etc.

Por sua vez, o jovem Estanciano, com 27 anos, demonstra uma postura implicada com o universo da política social, com ênfase nas pautas de educação, da representatividade negra, ator social implicado com o movimento juvenil e porta-voz do Coletivo Quilombo Sergipe (@quilombose), onde desempenha o papel de representação no Estado de Sergipe. Nascido e criado no município de Estância, localizado na região sul do Estado, pelas ruas do bairro Bonfim, de origem humilde, sua formação escolar se deu em instituições de ensino público e a ancestralidade negra vivida por sua matriz familiar, demarca um lugar de fala muito próprio.

Lembro-me que o contato inicial com esse jovem ocorreu por meio do *Instagram*, por intermédio de outro jovem do coletivo que o indicou, destacando o seu trabalho, ação e implicação em terras sergipanas. Com os fones de ouvido e utilizando o *smartphone*, Estanciano abriu seu universo pessoal, seus objetivos enquanto jovem e suas predileções. “[...] Sou um geminiano, de fácil diálogo e muito comunicativo”. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Nossas conversas, tanto na entrevista, como nos outros momentos de consulta, sempre foram longas e prazerosas. Recém formado em Física no Instituto Federal de Sergipe – IFS, Campus de Lagarto, esse espaço foi importante na construção do seu perfil de atuação política. Ainda na apresentação, ele fez questão de mencionar, como parte importante da sua história de vida, a participação nos diversos movimentos sociais. Aliás, é destaque na sua fala a consciência de classe e como essa diretriz impulsionou os seus desejos na trajetória educacional, “[...] quando a gente é filho de pais trabalhadores que, fazem bastante esforço para manter a gente lá” (Estanciano, 05 de abril de 2020). Ao se referir das dificuldades de manter-se na escola e

Imagem 5 - Perfil do jovem Estanciano



Fonte: Post de Estanciano, 29 de Junho de 2020

no curso superior, ele deixa transparecer os percalços, mas também as brechas que foram sendo conquistadas, como condição de sobrevivência.

O reconhecimento dos desafios pessoais, mas também da sua condição de privilégio, por seu um jovem negro que, teve acesso à educação superior, é um imperativo na fala desse ator-*performer*, pois não só a sua narrativa, mas a sua conduta na vida comunitária busca compartilhar, disseminar e envolver outros/outras jovens com a educação e outros temas que são relevantes, num movimento de formação de pares que convivem:

Então se a gente tem esse privilégio a gente precisa passar ele pra frente. Por isso eu sempre digo “vocês estão sabendo isso hoje aqui, então o papel de vocês é chegar na casa de vocês e falar o que foi discutido aqui, alertar os pais, os irmãos, os primos, amigos, as pessoas que estão ao seu redor, vocês levarem essas informações pra eles, porque eles não conseguem ter acesso à informação porque as únicas informações que têm é a televisão que é a mídia, a mídia nacional, e também as redes sociais, e muitos, ainda sabe que não têm acesso as redes sociais principais”. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Como expresso por Estanciano, a vida cotidiana pede uma postura de militância e formação que vai se encaixando também nessas experiências de reconhecimento e pertença, quer seja na ocupação dos espaços sociais que alteram as trajetórias, a exemplo da escola, das universidades, dos núcleos de formação humana e política, a exemplo dos grêmios, diretórios estudantis, coletivos de aprendizagens presenciais virtuais, como explicitado na fala acima, são territórios de cooperação e criação de alternativas. Sobre essa questão ele endossa que, “[...] A principal militância que a gente precisa levar pra instituição é essa de derrubar os muros, furar a bolha, para que as pessoas entendam a importância dessas instituições de ensino”. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Nas ações dos/das jovens com as comunidades (onde estão situados) ocorrem experiências cheias de significado e sentido. Em alguns momentos, pude notar a existência de uma recursividade sobre as pautas destacadas pelo jovem. Se por um lado vivenciar o coletivo exige partilha de sentidos, códigos, linguagens e a vinculação de narrativas que cercam os principais temas de atuação do grupo, do outro lado, às vezes é possível notar a constituição de uma “bolha de informação”, o que em alguma medida me fez refletir sobre o alcance das políticas de sentido e a construção dos agrupamentos juvenis. Esse é uma fazer cotidiana que também afeta os/as jovens e seus pares coletivos, chocando inclusive com os objetivos dessas comunidades. De toda sorte, notei um trabalho e uso de estratégias, como apontado pelo jovem Estanciano, para tentar romper esse invólucro.

É válido destacar que as redes sociais digitais permitem ampliar o raio de ação, mas também podem limitar o acesso, pois o fazer parte de grupo juvenil, a depender de sua proposta de ação, perpassa qualitativamente pelo critério da identificação. Nesse mundo dos amigos, dos parceiros, de irmãos, a fluidez das ações de comunicação vai desenhando um emaranhado de estratégias reticulares funcionando por meio do mecanismo de atração-repulsão. Nos/nas jovens, se nota uma preocupação em tornar as ações comunicativas acessíveis à diversidade de público sem perder de vista suas origens e as raízes que fundam o seus desejos e orientações. Com forte atuação no *Instagram*, o jovem Estanciano, usa a rede social para divulgar, criar imagens-narrativas, envoltas de uma posição política, que posicionam o lugar de origem e sua postura net-ativista para refletir sobre temas como o racismo, machismo, lgbtfobia, consciência de classe, educação pública, etc.

A quinta jovem é a Empoderada, com 29 anos, é natural do estado do Maranhão, mas reside em Sergipe há sete anos, onde trabalha e cursou o ensino médio. Apaixonada por tecnologia, faz parte da Comunidade de Desenvolvedores da Google – GDG, na célula do Estado de Sergipe, atuando de maneira mais direta no coletivo de mulheres, *Women Techmakers (@gdgaracaju)*, uma comunidade voltada a apoiar o desenvolvimento de carreiras e de tecnologias por jovens mulheres, sobretudo, por ser uma área ainda predominantemente liderada por homens.

Das jovens participantes da pesquisa, Empoderada é a única que não possui vínculo direto com uma universidade, optou por fazer um curso profissionalizante na área de Tecnologia da Informação, entretanto, puder notar sua relação com outras jovens dessa célula que convivem na Universidade Federal de Sergipe - UFS, espaço onde ela costuma transitar em eventos de tecnologia, inclusive palestrando. Analisando a carreira dessa jovem que faz, em paralelo, o curso de Segurança do

Imagem 6 - Perfil da jovem Empoderada



Fonte: *Stories* de Empoderada, 23 de Junho de 2020

Trabalho, e tem planos para aprofundar no campo de implementação de tecnologias *mobiles*.

Percebo que o perfil dessa atriz-*performer* envolve o respeito e empoderamento da mulher no campo da informática. Não só a imagem, mas os seus discursos e narrativas, provocam reflexões, pontos de crítica e outros olhares sobre as condições estruturais envolvendo políticas de gênero. Com muito humor e leveza, busca desconstruir os lugares comuns, expressos nas falas dos homens, e, assim como outras/outros jovens deste estudo, busca direcionar seus esforços para construir uma sociedade mais justa, onde a mulher tenha igualdade de oportunidade, reconhecimento, condições de trabalho e salário digno. Notei que a questão da representatividade é parte muito importante das ações dessa jovem, pois, ela vê e vive na pele cotidianamente às dificuldades no seu campo de atuação, nas suas palavras “[...] Quando coloco “mulheres no comando” é pra justamente as meninas se sentirem representadas. Até nas palestras eu sou um pouco agressiva nesse ponto de afirmar para as meninas dizerem aos meninos” (Empoderada, 21 de março de 2020).

Observei que, entre os traços que compõem às experiências da jovem Empoderada com o coletivo (@gdgaracaju), a noção de pertença se destaca. Aos poucos, fui percebendo que sua aproximação com o coletivo lhe permitiu entender melhor o funcionamento da comunidade de jovens mulheres ocorreu pela vinculação de gênero. O pensamento de compartilhar e propor tecnologias para usos coletivos com o olhar feminino é parte dos desejos dessa jovem e da comunidade que convive.

Agora a partir do momento que você divide com alguém, e esse alguém tem uma ideia que, junto com você, pode construir uma coisa maior e que pode resolver um problema coletivo de várias pessoas. E se você não tem a mente assim vai ficar só. E, querendo ou não, quem trabalha, por mais que tenha gente que diga que vai fazer na parte de T.I. por ser só ele e o computador, mas você vai desenvolver algo massa que serão as pessoas que vão usar. (Empoderada, 21 de março de 2020).

Paralelo a isto, é parte importante desse movimento, o desejo de inserir e pensar em espaços de convivência, interação e prototipagem onde a diversidade ajude na criação de realidades mais justa, não sendo o foco exclusivo das mulheres, como faz questão de pontuar a jovem, “[...] ao criar o *Women Techmakers*, não é só determinamente para mulher. É pra todas as linhas que englobam a diversidade, é trans, é LGBT, é afro, é relação de religião, de racismo. Engloba tudo. O foco do *Women Techmakers* é diversidade” (Empoderada, 21 de março de 2020). Sobre esse fazer criativo, Santos, Santos e Nunes (2019), relatam que o processo de prototipagem é parte das ações criadas pelos/pelas jovens e endossam que, no atual contexto, às respostas aos dilemas humanos vão depender “[...] das ações criativas, estilizadas, testadas

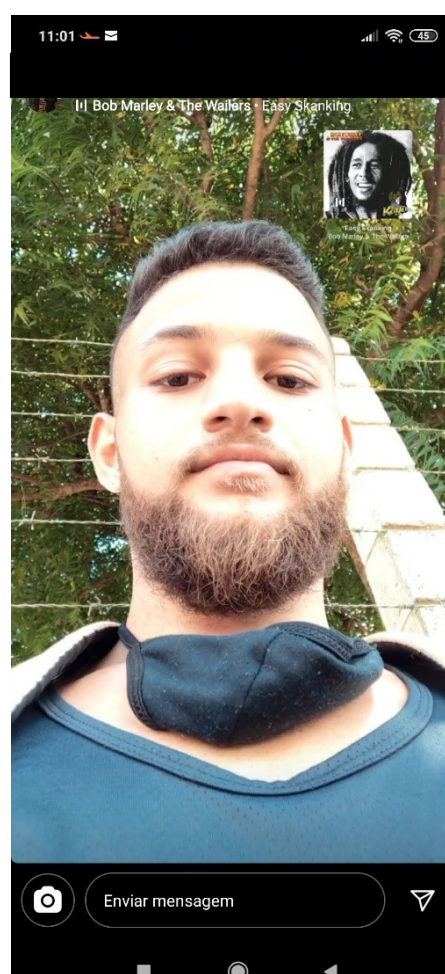
cientificamente, a exemplo do que é feito nesses coletivos de implementação de tecnologias digitais com foco na intervenção social.

Ela faz parte de uma comunidade maior, liderando a célula no município de Aracaju. No perfil da jovem Empoderada, na rede social *Instagram*, acompanhei a criação de narrativas imagéticas que, em diversos momentos, chamaram minha atenção a narrativa direta, a expressão firme, quando cria performances destacando uma “mulher fatal”, estilo utilizado para postar nos seus *stories*.

O jovem seguinte se chama Lagartense, com 20 anos, é natural da cidade de Lagarto, região centro sul do Estado de Sergipe. Na época da entrevista, tinha acabado de sair do ensino médio e estava cursando direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. De volta ao Estado, devido à pandemia de COVID-19 é envolvido com a área de comunicação e política. Esse ator-*performer* é o fundador e principal responsável pela mídia livre e coletivo (@opapajaca). Comunicativo, extrovertido e muito solícito, se apresentou como um potencial jovem do estudo, principalmente pelo alcance da sua rede e também por ter consolidado na cidade de Lagarto uma ação comunicativa de grande relevância, com repercussões para todo o estado. Foi muito interessante notar como suas performances transitam em diferentes plataformas de comunicação. Sua autoria é divulgada, principalmente nas redes sociais e no site do “Papa-jaca”, mas suas narrativas são veiculadas na imprensa local, nos programas de rádio, etc.

Implicado com o contexto político local e nacional, se aproximou do Levante Popular da Juventude, colaborando com notícias para o movimento e coletivo (@midianinja), cobrindo as eleições em 2018. Essas experiências o conduziram o jovem a pensar na criação de um portal de notícia, após realizar algumas atividades em portais locais de informação. A esse respeito, ele comenta: “Eu quis trazer isso pra cá. Dentro dos portais onde eu trabalhava eu quis imprimir um pouco disso. Foi quando eu comecei a receber

Imagem 7 - Perfil do jovem Lagartense



Fonte: *Stories* de Lagartense, 16 de Agosto de 2020

vários boicotes, fui censurado, apagaram matérias minhas, exatamente por conta das eleições de 2018”. (Lagartense, 23 de março de 2020). Descrevendo sobre os motivos que o levou a criar o Papa-Jaca (@papajaca), o jovem informou que começou com a mídia livre e coletivo no ano de 2019, onde segue até os dias atuais.

Falando sobre o seu trabalho editorial, é importante situar o modo como ele utiliza das redes sociais, com destaque para o *Instagram*, como sendo uma maneira de alcançar um maior número de interlocutores. Chega ser interessante, perceber que o perfil desse jovem e do *site*, ambos na rede social, possuem diretrizes e conteúdos de seu trabalho. Na maior parte do tempo, as narrativas criadas por Lagartense, versam sobre o fazer jornalístico. Quando ao uso das redes sociais digitais, ele comenta:

O caminho único foram as redes sociais, porque não existia uma outra forma, eu não imaginava trabalhar com o rádio, trabalhar com o impresso, enfim. Então assim, como era um site em si, e como eu já tinha experiência com site, como eu já tinha experiência com a mídia ninja, e como eu sou um jovem que já tô inserido nessa coisa das redes sociais e tudo mais, então, tipo assim, eu não cheguei nem a pensar em outra ideia. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Antenado com o alcance da rede social e sua visibilidade, entre os/as participantes da pesquisa, reúne o maior número de seguidores. Muitas vezes, de modo não programado, ele abre o *Instagram* e cria transmissões para falar sobre os assuntos ou fatos do momento. Pude notar nas suas performances, um jovem eclético e bem humorado que se preocupada com as questões ambientais, com a educação, deixando claro sua posição política a favor das instituições de ensino público e com o movimento estudantil, de onde surgiu parte da sua experiência política. Além disso, ele é vegano, curte dançar, por sinal, foi possível notar nos seus *stories*, muitas performances de dança. Ao som de funk, brega ou MPB, ele cria espetáculos corporais. Ainda sobre o seu perfil, se preocupa e se posiciona com ações net-ativistas, envolvendo temas que o cercam e situam o seu lugar de fala: “[...] A questão do LGBT, a legalização da maconha, a questão da negritude, a questão periférica, a questão do feminismo” (Lagartense, 23 de março de 2020).

Entre os temas, a questão político-econômico local e regional é certamente o principal foco de sua atuação e o modo que usa para tocar em outras pautas. A partir desse interesse local, comunitário e interdependente com outras dimensões que esse jovem busca informar, levanta fatos, apurar informações e intervir comunicado a sociedade lagartense sobre as ações e omissões dos representantes que ocupam mandatos eletivos.

Essa intervenção direta e as performances de Lagartense no cenário político, o colocou em situações de confronto direto e até ameaças pessoais, observadas por mim, durante a produção dos dados da pesquisa, sendo estas aprofundadas no cenário sobre as performances net-ativistas. Por enquanto, destaco o seu perfil aguerrido, curioso e investigativo que envolve e mobiliza muito jovens nas redes sociais digitais, com o uso do seu *smartphone* cria ambiências de debate, imagens-contestações e cultiva o ideal de uma sociedade mais justa.

A sétima atriz jovem desse estudo foi nomeada como Combativa, 24 anos, reside no município de Aracaju, é formada em direito na Universidade Tiradentes – UNIT, mora com seus pais e trabalha na área de sua formação. cursou mestrado e tem como foco a carreira acadêmica. Muito comunicativa e acessível, esteve sempre atenta às demandas e fez vários contatos comigo. Assim como os outros/outras jovens, idealiza por meio de suas práticas, a possibilidade de criar relações mais justas entre os atores/atrizes sociais das distintas classes socioeconômicas.

O seu olhar idealista, explicou a jovem, foi sendo gestado com a participação de diversas instituições de formação, nas quais às questões envolvendo o papel da mulher na sociedade foram se destacando. Sobre isto, ela destaca: “Eu acredito que todas as lutas por justiça social estão conectadas então o feminismo deve observar todas essas intersecções em relação a raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero, deficiência, faixa etária, e por ai vai” (Combativa, 25 de março de 2020).

Com frequência, durante a pesquisa, notei a relação da jovem Combativa com diversos eventos on-line, expondo falas, postando informações e chamando atenção para as condições impostas às mulheres na sociedade. Disposta sempre a conversar e criar espaços de reflexão, imbuída de um desejo transformador fez questão de mencionar a potencialidade das ações implicadas, pois “quando você transforma uma pessoa você tá transformando o mundo daquela pessoa e, potencialmente, transformando o mundo das

Imagem 8 - Perfil da jovem Combativa



Fonte: *Stories* de Combativa, 9 de Maio de 2020.

pessoas que vivem ao redor dela” (Idem). Essa motivação pessoal justifica a sua aproximação e atuação no Coletivo de Mulheres de Aracaju (@coletivodemulheresdearacaju). Seu posicionamento objetivo deixa claro onde situa sua postura e prática social, vejamos:

E todas essas questões são muito forte pra mim dentro do que se espera de um âmbito feminista, porque existe uma certa ideia de que o feminismo é algo individual, tipo, EU sou empoderada, EU sou feminista e ponto final, EU sei que não tenho os mesmos direitos que os homens e ponto final, e muitas vezes têm outras mulheres que não enxergam o feminismo como uma luta política. (Combativa, 25 de março de 2020).

No extrato de fala acima, a grafia em letras maiúsculas do pronome pessoal indica a ênfase da jovem em delimitar sua postura e pensamento sobre os temas que envolvem o feminismo. Ela acrescenta descrevendo o seu envolvimento com atividades em postos de saúde, rodas de conversa com mulheres, participação em eventos institucionais. Rememorando essas experiências, ela me descreveu a participação em palestras no Centro de Referência da Assistência Social e no Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, atuando inclusive na sua comunidade de origem, “[...] entrei pra rede de enfrentamento à violência contra a mulher, especificamente no bairro Santos Dumont que é onde eu moro, e que tem os maiores índices de violência contra a mulher juntamente com o Santa Maria” (Idem).

Na ocasião, a jovem passou a colaborar na Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Sergipe – OAB/SE, atuando na comissão de direito das mulheres. Sem sombra de dúvidas, suas ações comunicativas, suas experiências ao longo da jornada de formação ajudarem a moldar um perfil forte e combativo

O oitavo jovem que compõe esse elenco, se chama Conciliador, tem 26 anos, é formado em Teatro na Universidade Federal de Sergipe – UFS, de alma leve e muito disposto a colaborar, foi descrevendo sobre seu processo de aproximação com o coletivo caatingas (@os_caatingas). Segundo ele, tudo ocorreu a partir das experiências do teatro e sua formação religiosa no Centro Cultural Erukerê²⁹, onde cultivava sua espiritualidade por meio da religião de matriz africana, em especial, a Umbanda.

Nos contatos com o jovem Conciliador, pude notar, em diversos momentos, a sua postura em deixar claro que faz parte de uma comunidade maior, sendo inclusive, responsável, junto com outros membros pelas obrigações e cultivo das atividades cotidianas no centro cultural.

²⁹ Organização do terceiro setor que atua em bairro da grande Aracaju, realizando atividades culturais, ações artísticas e profissionalizantes.

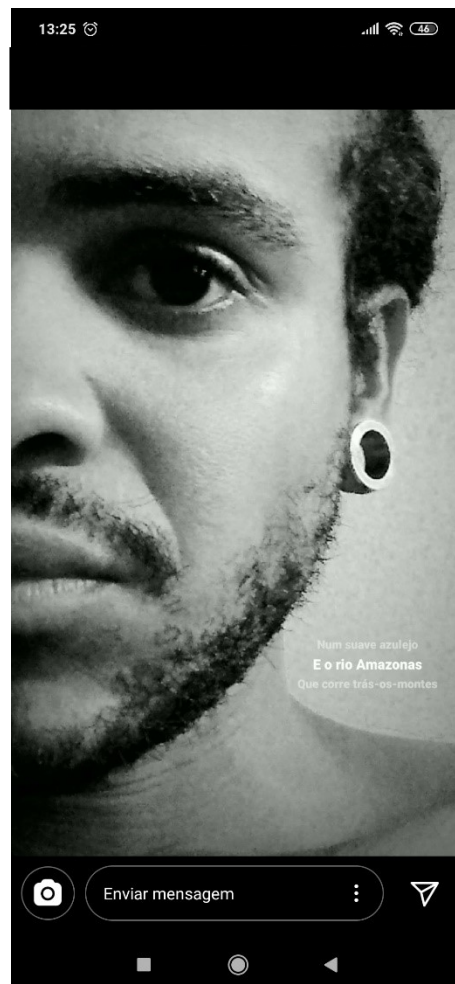
Sobre isso, ele destaca: “[...] Então eu sou sacerdote de religião de matriz africana, mas é só eu, é uma galera imensa, são mais de 150 pessoas”. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Observando o jovem e como conduzia suas ações no coletivo, entendo que ele é referência e exemplo para diversos jovens que habitam no coletivo. É tão forte isso que, ao realizar entrevistas com outras/outras jovens, estes/estas fazem menção ao trabalho dele, atribuindo muito respeito à sua postura e dedicação ao que faz. Com uma voz calma, que transmite uma paz e um jeito muito humilde, esse jovem tornou os momentos de conversas, prazerosos eventos que se estendiam em contatos para trocar informações.

Este ator-*performer* é professor substituto no curso de teatro da UFS/Campus São Cristóvão e atualmente cursa o mestrado em educação na mesma instituição. É destaque também na sua jornada de formação, a inserção na política, inclusive se aproximando de siglas partidárias, bem como o desenvolvimento de uma militância relacionada, dentre outros temas, à política educacional e inclusão social.

O sagrado, o corpo, o teatro, a diversidade de gênero, de etnia, a relação com o meio ambiente, a educação e sua implicação com a realidade social são temas que fazem parte das suas narrativas. Lembro-me que, toda vez que iniciamos uma conversa, antes de tudo, ele que sempre me perguntava como eu estava, como estava o caminhar do trabalho de pesquisa. Cuidadoso e muito educado, foi nesse espaço de troca que mantivemos conversas, durante o período de pesquisa. Com um ideário de ajudar a comunidade onde vive, juntamente com os demais membros do coletivo, ajuda a desenvolver ações no bairro Santos Dumont, onde está situado atualmente a sede provisória do Centro Cultural Erukerê, centrando esforços para ações que ajudem às comunidades periféricas do município de Aracaju, nesse sentido, ele relata:

Imagem 9 - Perfil do jovem Conciliador



Fonte: *Stories* de Conciliador, 26 de Abril de 2020.

Nesse momento a gente tá colocando todas as atividades para o Santa Maria. Curso de teatro, curso de língua brasileira de sinais, curso de mídias. A gente fez uma formação pra um grupo de capoeira, pra escola, a gente vai fazer uma formação para pré-candidatos a vereadores de como lidar com as redes sociais. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Percebi nas trocas com o jovem que a formação política e a ocupação dos espaços de representatividade fazem parte da sua agenda pessoal. Foi interessante perceber a simbiose existente entre o campo de teatro e os estudos da etnocologia como caminho viável de suas performances e modo produzir o cotidiano, usando da sua experiência nesses campos para formar outros jovens e criar espaços de trocas e aprendizagens. Falando sobre isto, ele destaca que “[...] no teatro, a gente gosta bastante de colocar em evidência as temáticas de negro, temáticas relacionadas as minorias” (Conciliador, 22 de março de 2020). Cultivando seus lindos cabelos cacheados, Conciliador performa sua imagem, desconstruindo o olhar sobre o homem, fazendo refletir sobre o feminino que coexiste na formação humana. Com suas vestes, faz questão de criar narrativas que demarcam sua fé, destacando o cultivo do respeito, o convívio e diversidade como horizontes possíveis.

A jovem seguinte se chama Artista, tem 24 anos, cursa jornalismo na Universidade Federal de Sergipe – UFS. Gosta de ser chamada por seu apelido, Artista, como geralmente é conhecida na sua rede de amigos e contatos. Essa jovem é imigrante do Equador, vindo para o Brasil com sua família há 18 anos, quando ainda era criança. Inicialmente morou no município de Paulo Afonso na Bahia e se mudou para Aracaju. Essa foi uma coincidente descoberta durante a pesquisa, estávamos muito próximos, engraçado que o contato inicial com ela se deu em Aracaju e com o avanço da pandemia, a jovem resolveu se isolar na casa dos pais, no município baiano. Observando o *Instagram* da jovem, constatei o cultivo das tradições de origem, os gostos musicais, os hábitos alimentares, a moda e relação com a natureza, são muito próprios da cultura equatoriana.

Imagem 10 - Perfil da jovem Artista



Fonte: *Stories* de Artista, 26 de Julho de 2020.

Essa jovem possui duas contas na rede social *Instagram*, numa delas, o principal foco é o universo da fotografia, o desenvolvimento de projetos e divulgação dos mesmos. A jovem expressa sua inclinação pelo universo do jornalismo, “[...]Sempre me interessou muito mais essa parte do jornalismo literário, do jornalismo mais humanizado. Eu não gostava muito de coisas factuais” (Idem). Outra paixão dessa atriz-*performer* é a fotografia. Nas suas postagens na rede social, se nota a recorrência de ações fotográficas, com uso do *smartphone*, câmera analógica ou digital, inclusive com implementação de projetos pessoais e profissionais que desenvolve nesse campo.

Participando da Coletiva EXP (@coletivoexp), Artista assume uma postura de destaque, por seu protagonismo e desenvoltura em articular as ações, a comunicação entre seus pares. É um traço dessa jovem, coordenar e tomar a frente dos processos. Com linguagem simples, muito solicita, brinca com as situações, faz piada de si mesma e vai tocando à vida com seus sonhos e desejos. Sua participação na Coletiva EXP (@coletivoexp) se deu em grande medida por gostar de falar e ouvir as pessoas, além disso por “[...] trabalhar com poesia, com foto-poema, com vídeo”. Sobre isto ela descreve:

Realmente estava me sentindo uma líder. E eu fico brincando com a galera que é, tipo, uma responsabilidade muito grande que nem sempre eu consigo carregar nas costas sabe? Só que eu percebo que dentro do coletivo, quando a gente tá, por exemplo, em reuniões, que a gente faz reunião semanal e “tals”, sempre sou eu que trago as pautas. Não se isso é resquício, do tipo, coisa de jornalista, sabe? (Artista, 30 de março de 2020).

São pautas que fazem parte do seu repertório de narrativas: arte, arte-educação, as pautas identitárias, sobre isso a jovem explica que convive com jovens do coletivo que são majoritariamente LGBTQIA+. Sobre a rede de convívio e atuação artística, ela pondera que se sente incluída numa rede de pertença, “[...] Eu sempre digo isso a eles, que eu me sinto parte de algo, que eu me sinto incluída que aqui é um lugar que eu posso experimentar ser o que eu sou e as pessoas gostam do que eu sou” (Idem).

Adepta ao veganismo, volta e meia faz *posts*³⁰ de receita que cria com alimentos naturais, deixando claro seu ponto de vista sobre a indústria de alimentos industrializados e o consumo de proteína animal. Por falar nos animais, além dos/das jovens que fazem parte do seu círculo de convivência, Artista, sempre tá rodeada de gatos, brincando com os *posts* de seus *pets* que fazem parte das suas paixões.

³⁰ Significa postagens, ato ou ação de publicar, sendo difundida nas culturas digitais, especialmente com o advento das redes sociais digitais.

O último jovem a ser apresentado é o Politizado, tem 25 anos, é licenciando em Biologia na Universidade Federal de Sergipe- UFS. Lembro-me que, entre os/as jovens abordados da pesquisa, o processo de convencimento dele foi mais demorado. Tinha abordado outra jovem desse coletivo que declinou. Posteriormente em contato com ele, mandei a proposta da pesquisa, o projeto e todos os documentos oficiais por e-mail, quando me pediu para ler todo o material, levar para o coletivo e pedir autorização para figurar na pesquisa. Essa tratativa foi sendo gestada ao longo de semanas e após alguns diálogos por *WhatsApp*, ele aceitou fazer parte do estudo.

Seu envolvimento com o Levante Popular da Juventude, na célula coletiva do Estado de Sergipe se deu como parte de uma trajetória natural de convívio e implicação com os movimentos estudantis, ele relembra esse período:

Imagem 11 - Perfil do jovem Politizado



Fonte: *Stories* de Politizado, 03 de Maio de 2020.

No início do curso em 2014, 2015, dois colegas de curso me chamaram para participar do centro acadêmico e eles também faziam parte do levante e aí nesse processo eu fui chamado pra escola de formação, acho que depois de uns seis meses do centro acadêmico que eles me chamaram, eu fui porque eu já estava com várias questões sobre a sociedade (Politizado, 31 de março de 2020).

Depois da formação para atuar no coletivo, pois nessa célula a formação política é muito importante, o jovem relata que se identificou, tomando aquele espaço como um lugar seu, “[...] me entendi como protagonista desse espaço e aí, automaticamente, eu continuei construindo tanto no centro acadêmico como no levante, até hoje. Fiz parte de três gestões no centro acadêmico e estou no levante até hoje” (Idem).

Por outro lado, ele faz questão de expor que é um jovem como qualquer outro, que gosta de sair, de ir a festas, de conversar e entender como funciona a sociedade. Nessas

descobertas do mundo, o jovem Politizado objetiva suas ações, tendo como diretriz a necessidade de intervir na dinâmica social, “[...] gosto de mudar a realidade que eu estou inserido, gosto de educação, quero ser professor. Eu acho que é isso”. (Idem).

Nesse caminho de suas predileções que coexistem com as pautas no coletivo, busca ajudar, propor alternativas e participar de ações que tratam sobre o feminismo, sobre as questões raciais, a educação, a lgbtfobia, etc. Na sua fala endossou também a temática saúde no Brasil no contexto da pandemia. Todas essas pautas fazem parte de sua militância pessoal e dos repertórios estilizados por seu agrupamento de pares que colocam em evidência, as condições de privilegio da sociedade, em especial, no estado de Sergipe, deixando claro, o espaço de luta e desenvolvimento de resistências, sendo a educação um dos principais campos de defesa, segundo o seu olhar.

A postura questionadora desse jovem me chamou atenção, nas suas palavras: “[...] É necessário questionar como funcionam as coisas, parar para pensar como funciona a sociedade, como funciona as esferas de poder, como funciona uma universidade, como funciona tudo isso” (Idem). Ademais, existem outros traços característicos desse ator-*performer*, a inquietação, vontade de ajudar, bom humor e abertura para conversar, os encontros e demandas sempre foram seguidos de papos e conversas extensas e proveitosas. Politizado é um jovem comunicativo que brinca com muito filtros e games no *Instagram* e se envolve com campanhas humanitárias, a exemplo da ação de arrecadação de alimentos para famílias carentes em bairros periféricos de Aracaju e região metropolitana. Vai às ruas, não espera, faz acontecer!

Tal como o perfil dos/das jovens da série Sense8, os/as protagonistas desse estudo possuem um perfil diverso, criam performances e narrativas com diferentes pautas, a motivação pessoal deles/delas, assim como dos/das personagens, expressa uma dinâmica de criação, mobilização e aproximação entre pares, utilizando as redes sociais digitais para aproximar os seus ideais, propor alternativas e práticas de ação em nível local, com repercussões globais. Um “sensorium” juvenil que se estreita com o uso dos dispositivos, cujo sentimento comum e a ligação com temas e pautas, ajudam a criar cenários de atração e atuação (ativista e net-ativista), experiências de engajamento e atuação comunitária que se formam partilhando, aprendendo, somando.

2.3 O set de pesquisa

Com o isolamento social e impossibilidade de realizar encontros presenciais, os encontros com os/as jovens foram realizados on-line, por meio de aplicativos de chamadas de vídeos: *Skype* e *Google Hangouts*, conforme disponibilidade dos participantes. No intuito de garantir a integridade das entrevistas e sua posterior transcrição, foi utilizado ainda o software *ApowerREC* para gravação do momento de conversa, com o consentimento dos/das jovens. As dezessete entrevistas foram realizadas entre o dia 19 de março de 2020 e dia 05 de abril de 2020. Foram acompanhadas as implicações desses jovens nas ambiências virtuais de convívio, engajamento e atração coletiva, com destaque para a rede social Instagram, de modo a observar o perfil de imersão-atuação, suas maneiras de engajar e participar de redes e coletivos juvenis, que fazem parte. O período de acompanhamento dos/das jovens, por meio de suas redes sociais, durou seis meses, compreendendo o intervalo entre os meses de março a setembro de 2020.

2.4 Captando imagens: os dispositivos de produção dos dados.

Tomando a orientação epistemológica deste estudo e sua implicação com o campo da experiência, utilizei um conjunto de dispositivos que, de maneira híbrida, contextualizada e contrastiva, me ajudou a revelar os principais anunciados dos atores/atrizes sociais jovens em relação aos questionamentos levantados neste estudo. Nesse sentido, os principais dispositivos de produção de dados foram: **1) Diário de Itinerância** (app-diário) com a utilização do aplicativo *Evernote*³¹; **2) Entrevistas Livres ou Não-Estruturadas**, (realizadas por meio de aplicativos de chamadas, em função da pandemia); **3) As Narrativas Digitais** (tomando como material as postagens dos/das jovens no aplicativo *Instagram*).

Nesse sentido, foi utilizado como dispositivo de pesquisa e descrição da experiência, o diário de itinerância (app-diário). Trata-se de um dispositivo experiencial e formativo que me auxiliou no processo de organização das ideias, antes mesmo de iniciado o trabalho de campo. O diário é uma espécie de confidente das premissas que vão sendo desveladas cotidianamente, a exemplo das descobertas com os fundamentos teóricos, das impressões sobre os encontros com o orientador, etc. Todavia, Macedo (2015) destaca que embora esse dispositivo comporte um caráter íntimo, ele apresenta um caráter de ser publicável. Segundo Barbier (2002) esse

³¹ Evernote é um software destinado a organização da informação pessoal mediante um arquivo de notas. Disponível em: <https://evernote.com/intl/pt-br> e nas principais plataformas de compra (IOS e Android)

dispositivo se aproxima do diário de bordo, utilizado pelos antropólogos, não se limitando à descrição do material encontrado, mas também, com sendo um espaço de reflexão da própria ação. É um dispositivo também usado pelos comandantes de navios e até pelos Sistemas de Banco de Dados - LOG, a fim de garantir a segurança de acesso ao Banco de Dados e a consistência nos dados.

O diário de itinerância instituído por Barbier é um amplo dispositivo para se pesquisar com a experiência tanto da perspectiva de um imaginário implicado, cotidianamente vivido, via a processualidade e o detalhismo da escrita diarista, quanto para uma socialização possível, onde habita sua transversalidade. (MACEDO, 2015, p. 68).

Pensando nisso, criei um diário virtual (app-diário) com o intuito de registrar os achados e acontecimentos mais marcantes durante todo o processo de pesquisa. O app-diário foi criado no aplicativo *Evernote*, destinado à organização de informações pessoais mediante organização de notas. A escolha desse aplicativo considerou a versatilidade do mesmo, pois nele foi possível, além de criar notas escritas, associar e gravar áudios, colocar imagens, fazer marcação da localização, etc. Lucena e Santos (2019) falam sobre a criação dos app-dirários no trabalho de investigação científica, destacando o seu papel no processo de criação narrativas multimodais e autorias que ajudam no cotidiano do pesquisador cibercultural.

Utilizei o app-diário para fazer anotações das situações cotidianas, vividas e observadas nas relações estabelecidas com os/as jovens. A partir dos tópicos geradores (ou temáticas de discussão) foram registradas informações de modo mais livre possível. Em seguida ou com o passar do tempo fui associando informações, de acordo com as imagens e pautas publicadas na rede social *Instagram*, o que me permitiu fazer uma curadoria das performances dos/das jovens.

Nas notas, busco ponderar especificidades das interações dos/das jovens nos coletivos na rede social, mesclando-as com as imagens de *Prints* das telas com as postagens dos/das jovens no *Instagram*, também usadas nas minhas análises e interpretações, nos cenários de escrita. Segue o registro das notas criadas durante o período destinado à produção de dados que abrangem o meu olhar analítico.

Tabela 2 – Notas criadas para analisar as narrativas imagéticas criadas no *Instagram*

Nº	Título	Data
1	Pesquisa e coronavírus: o que fazer?	17 de mar. de 2020
2	Primeiras Entrevistas: que comecem os jogos	21 de mar. de 2020

Fonte: Produção de dados do Pesquisador até o dia 13 de Setembro de 2020.

3	Mudanças episódicas e o forjar de novas sensibilidades	28 de mar. de 2020
4	Colaboração na <i>live</i> de Rafa: Arte no meio digital.	20 de abr. de 2020
5	As <i>lives</i> dos/das jovens durante a pandemia.	24 de abr. de 2020
6	Os/as jovens na rede: a demissão de Moro e o ativismo digital	24 de abr. de 2020
7	O grande hacker: terminei o filme tremendo...	25 de abr. de 2020
8	8 de Maio, a política no Brasil e a atuação dos/das jovens nas redes	08 de mai. de 2020
9	Recorde de mortes no Brasil e as ações do Jovens em rede	09 de mai. de 2020
10	Diálogos com os/as jovens na para saber como estão?	13 de mai. de 2020
11	Os jovens e o cenário político brasileiro.	15 de mai. de 2020
12	Adia Enem: mobilização dos/das jovens em rede	15 de mai. de 2020
13	Dia das mães: visibilidade juvenil com o amor materno	17 de mai. de 2020
14	Pesquisando na roça, olhando a paisagem, lembrando dos/das jovens	17 de mai. de 2020
15	Dia internacional contra a LGBTFOBIA: uma bandeira nas vozes dos/das jovens!	18 de mai. de 2020
16	Em defesa da ciência: a voz dos/das jovens!	18 de mai. de 2020
17	Surpresas da pesquisa: o reencontro com aluna: atriz da pesquisa.	18 de mai. de 2020
18	As negativas de participação de jovens na pesquisa.	20 de mai. de 2020
19	A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e arte: os/as jovens assistem as <i>lives</i> de seus artistas preferidos.	20 de mai. de 2020
20	Sobre a quantidade de postagens e materiais	18 de mai. de 2020
21	Enem adiado: valeu o engajamento dos/das jovens!	20 de mai. de 2020
22	Fortalecer as nossas redes: pensar e agir numa sintonia!	14 de jun. de 2020
23	Coletivo EXP e Rádio Bueiro ao vivo: um debate e comunicação qualificada	15 de jun. de 2020
24	Função eco nas redes sociais dos artistas famosos: protagonizando os jovens	16 de jun. de 2020
25	Jovens extremistas no Brasil de Bolsonaro	16 de jun. de 2020
26	A queda de Weintraub: o desejo dos/das jovens	18 de jun. de 2020
27	Diálogos com Combativa: aprofundando questões emergentes das postagens no <i>Instagram</i>	22 de jun. de 2020

28	Sobre a interface do <i>Instagram</i> no dia do orgulho Gay!	28 de jun. de 2020
29	Conflito na nota Orgulho LGBTQIA+ no <i>Instagram</i> : identificação, orgulho e resistência no 28 de junho.	28 de jun. de 2020
30	A negritude e culto as religiões de matriz africana: Coletivo Quilombo e Coletivo Caatingas	15 de jul. de 2020
31	Conflito na nota Eleições para reitoria da UFS: coletivos implicados com a universidade pública!	15 de jul. de 2020
32	Cobertura da pandemia no Brasil e em Sergipe	16 de jul. de 2020
33	Lançamento da Revista 000001 DesafioEXP (Coletivo EXP) - 27.07.2020	29 de jul. de 2020
34	Festival da Resistência - Levante Popular da Juventude: os/as jovens de Sergipe protagonizando...	27 de jul. de 2020
35	Será mesmo que as ações de intervenção dos/das jovens são pequenas?	06 de ago. de 2020
36	Redes de colaboração dos coletivos: as células jovens	11 de ago. de 2020
37	A presença do teatro nas ações dos/das jovens e nos coletivos.	28 de ago. de 2020
38	<i>Face to face</i> : os/as jovens e a exposição dos corpos nas redes!	04 de set. de 2020
39	Aprendizagens nas redes?	06 de set. de 2020
40	Meu chão, meu lugar, minhas origens: os/as jovens referenciam suas terras natal.	07 de set. de 2020
41	Ações de comunicação dos/das jovens nas redes sociais digitais durante a pandemia.	08 de set. de 2020
42	Os/as jovens no Brasil e a política ambiental: caminho de ressignificação do meio ambiente	08 de set. de 2020
43	Os vínculos com os/as jovens da pesquisa	08 de set. de 2020
44	Alimentação saudável, respeito aos animais e vegetarianismo, veganismo...	08 de set. de 2020
45	Feminismo on-line: debates e posicionamento das jovens participantes da pesquisa.	08 de set. de 2020
46	É necessário estourar a bolha: uma crítica ao alcance das informações dos coletivos.	10 de set. de 2020
47	Implicação dos coletivos e jovens com a política local	11 de set. de 2020
48	Jovens nas redes e implicações solidárias na pandemia	12 de set. de 2020
49	O fim do período de produção de dados	13 de set. de 2020

Essas notas foram sendo criadas a partir do acompanhamento dos/das jovens e serviu como sendo um trabalho de análise prévia das narrativas que, foram sendo arrumadas, tomando como diretriz os temas que foram surgindo nas postagens deles/delas. Segundo Gomes (2008) a imagem como sendo um signo linguístico é parte da significação social partilhadas pelos sujeitos que, ao partilhar imagens e informações, criam redes de significados capazes de afetar

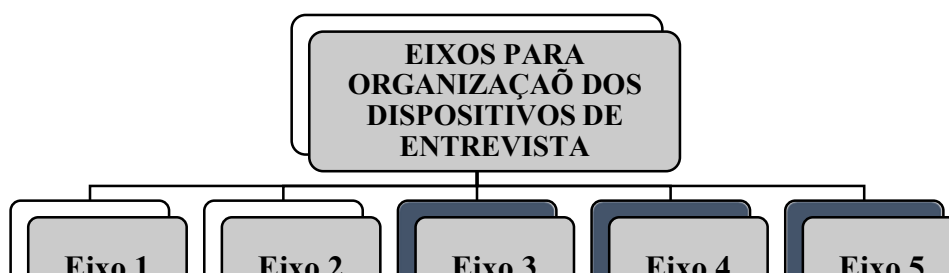
as relações sociais. Em sua compreensão, esses signos ajudam a formar uma cadeia flutuante de significados que vai além do sentido conotativo e denotativo. Nestes termos, a autoimagem, as imagens coletivas, os vídeos e demais narrativas criadas nesses espaços foram priorizadas para entender o processo de espetacularização dos comportamentos e o modo como eles são utilizados como proposição e chamariz para um ‘novo’ estilo de compartilhar informações, divulgar conteúdos e experiências.

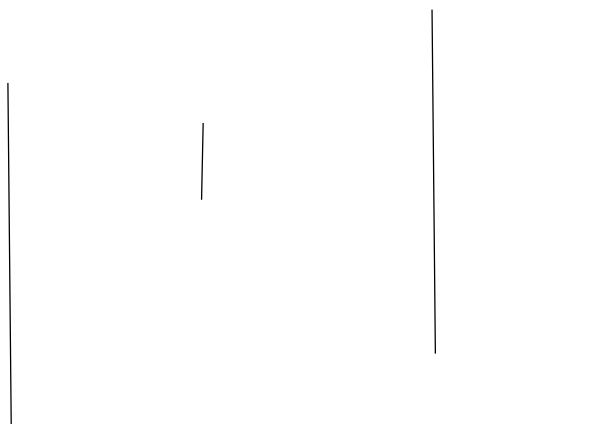
No conjunto de dispositivos que utilizei durante a realização da pesquisa, se encontram as **Entrevistas Livres ou Não-Estruturadas**. Para Macedo (2010) a entrevista possui uma estrutura aberta e flexível, podendo ocorrer numa situação de observação ou durante a interação com os participantes da pesquisa. Nesse estudo, as entrevistas livres ou semidirigidas possuem grande relevância capaz de apreender os sentidos e significados dos/das jovens em relação aos principais questionamentos levantados.

Este dispositivo de pesquisa pressupõe o envolvimento e interlocução com a linguagem que não se restringe somente à verbalização, envolvendo também a gestualidade, sentimentos e expressões. Para o autor, “a linguagem revela, vincula e cria representações nas quais formas e significações estão inseridas no contexto social de sua produção e de seu uso” (MACEDO, 2010, p. 104). Pretendi com o uso desse dispositivo, criar espaços de diálogos livres com os jovens, cujo intuito maior foi aprofundar questões do cotidiano com o uso dos dispositivos digitais, na condição de ouvinte que participa solicitando outras informações, indicando caminhos, propondo à ampliação do pensamento em torno de uma questão relevante, etc.

Para Macedo (2010) esse tipo de entrevista etnográfica tem como princípio a flexibilidade, mas também pode ser pensada a partir do papel que o pesquisador assume diante da conversa e reflexões com os participantes, afinal, se trata de uma técnica controlada pelo pesquisador que deve ter clareza quanto aos objetivos que pretende alcançar, sendo imprescindível o trabalho de organizar um conjunto de temas e/ou enunciados a serem coordenados durante o encontro. Pensando nessa organização, estipulei os seguintes eixos norteadores para organização da trilha de questões da pesquisa, sendo eles:

Figura 1 – Eixos de discussão das entrevistas com os jovens





Fonte: Elaboração do autor, 2019.

Sendo assim, utilizei a **entrevista não estruturada** buscando explorar situações e obter respostas mais direcionadas para o aprofundamento de questões envolvendo o estudo. Apesar de não delimitar um conjunto de perguntas fechadas para serem respondidas durante a execução do processo, a entrevista foi sendo conduzida por meio de um rol de provocações endereçadas aos entrevistados, sob forma de perguntas focais, que permitiram alcançar elementos explicativos sobre os questionamentos básicos, situados durante a problematização da pesquisa.

Nesse mesmo sentido, a **entrevista livre** foi utilizada com maior intensidade durante a realização do campo de pesquisa (produção de dados), pois em diversos momentos, principalmente durante a observação das performances e narrativas na rede social *Instagram*, surgiram outros elementos que exigiram o contato, mesmo que breve, para elucidar, entender e explorar questões que se mostraram inéditas ou carecia de outras informações. Foram usados dispositivo de chamada de vídeo, gravação de vídeo e áudio por meio do *WhatsApp*, por sua versatilidade e uso dos/das jovens. Essa interlocução guiou meu olhar, atento às manifestações que os sujeitos anunciavam nas redes. O roteiro das entrevistas encontra-se no apêndice I-B). Abaixo, segue o cronograma de realização das dez entrevistas selecionadas para o estudo.

Tabela 3 – Cronograma de realização das entrevistas com os participantes

	Ator/Atriz Pesquisado	Data de horário	Coletivo	Aplicativo Dur. da entrevista:
1	Empoderada	21 de março de 2020 16h	<i>Woman Teckmarkrs</i> GDG Aracaju	<i>Skype</i> 1h58m
2	Conciliador	22 de março de 2020 10h	Coletivo Os Caatingas	<i>Skype</i> 1h09m
3	Lagartense	23 de março de 2020 16h	Mídia livre e Coletivo o Papo-Jaca	Google <i>Hangouts</i> 1h31m
4	Combativa	25 de março de 2020 16h	Coletivo de Mulheres de Aracaju	Google <i>Hangouts</i> 1h23m
5	Juno	26 de março de 2020 18h	Coletivo EXP	Google <i>Hangouts</i> 1h13m
6	Camaleoa	27 de março de 2020 14h	Coletivo Cameleão	Google <i>Hangouts</i> 1h37m
7	Criativo	27 de março de 2020 19h	Coletivo Os Caatingas e Leguá	Google <i>Hangouts</i> 1h38m
8	Artista	30 de março de 2020 15h	Coletivo EXP	Google <i>Hangouts</i> 1h20m
9	Politizado	31 de março de 2020 15h	Levante Popular da Juventude	Google <i>Hangouts</i> / 1h24m
10	Estanciano	05 de abril de 2020 17h	Coletivo Quilombo SE	Google <i>Hangouts</i> 1h15m
Duração total das entrevistas				14 horas e 30 minutos

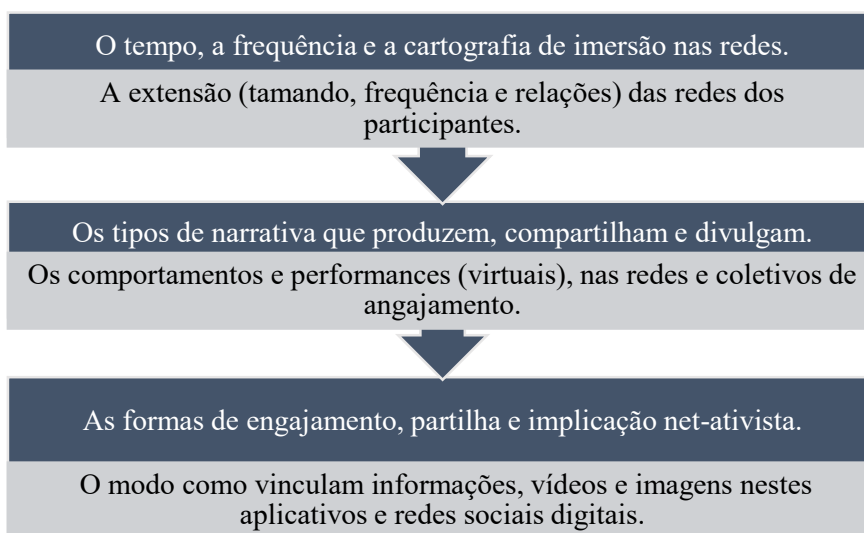
Foram analisadas ainda as **Narrativas Digitais** e imagéticas criadas pelos/pelas pesquisados em suas experiências de interação com as ambiências virtuais de socialidade nas culturas digitais. Macedo (2010) descreve sobre o uso da imagem na pesquisa etnográfica, observando a necessidade de criar uma compreensão sobre a experiência vivida traduzida por elementos não-verbais. Foram catalogadas 2.368 imagens, que passaram por um processo de garimpagem, isto é seleção, catalogação e clipagem. Este foi um grande desafio que vivi durante a produção dos dados, realizar todos os dias os *prints*³² das publicações dos/das jovens, organizar todo o material e realizar um trabalho de curadoria digital, o qual serviu para entender as similitudes e contrastes das publicações dos/das jovens, associando esse material com as notas no app-diário. Esse processo exigiu disciplina e esforço ao final de cada dia.

Por consequência, a leitura de imagens, nesse caso, as narrativas criadas ou gerenciadas pelos/pelas através dos dispositivos digitais, fazem parte dessas experiências de prolongamento do vivido no cotidiano. Foram observadas as narrativas dos/das jovens nas redes sociais digitais, especialmente por meio do *Instagram*. Pretendi com isso, fazer uma descrição das ações e

³² Ação de registrar a tela do celular, criando uma imagem que pode ser salva ou não.

comportamentos dos atores/atrizes sociais juvenis, participantes deste estudo, baseando-se nos seguintes eixos norteadores:

Figura 2 - Narrativas digitais: performances, ações comunicativas e mediações



Fonte: Elaboração do autor, 2019.

Como disse anteriormente, utilizei o aplicativo *Evernote* para fazer anotações, e registrar (criação de notas) sobre os temas, debates e narrativas criados pelos/pelas jovens na rede social *Instagram*, de modo a acompanhar os desdobramentos destas práticas nas redes e suas reflexões e achados sobre o objeto de estudo da etnocenologia virtual das aprendizagens juvenis.

Foi de um ininterrupto trabalho de acompanhamento individual da rede social de cada jovem, observando as suas postagens diárias na função *Stories*³³ do aplicativo. Esse trabalho de cartografia das narrativas digitais dos/das jovens iniciou no dia 17 de março de 2020 e finalizou no dia 17 de setembro do mesmo ano, contabilizando um espaço temporal de seis meses, necessário para entender a dimensão dos usos que estes fazem de suas redes para criar performances de aprendizagens no contexto das interações com os coletivos e outros jovens nas redes. Em menor grau, foram feitos *Prints* de publicações que não estavam na função *Stories*, quando estas mostravam-se relevantes, a fim de entender a dinâmica de comportamento dos/das jovens e dos seus coletivos.

2.5 A edição dos achados da investigação

³³ A função que permite aos usuários publicarem fotos e vídeos rápidos e editáveis, mas sem filtros, visíveis por um período de 24 horas.

A interpretação dos achados da pesquisa e análise dos dados levou em consideração as dinâmicas de interação com os/as jovens participantes, tomando como norte as suas narrativas e performances. A escolha por uma pesquisa de natureza multirreferencial com implicação etnográfica aponta para um olhar múltiplo durante o processo de análise de interpretação dos resultados. É importante destacar que nesse modo de pensar/fazer a pesquisa, a análise é vista como sendo um processo contínuo, no qual emergem as experiências, os sentidos e as compreensões que se formaram da relação com os atores/atrizes sociais. Ademais, a interpretação dos dados no trabalho da etnopesquisa ocorre o tempo todo, numa constante construção analítica, o “produto final” é sempre uma proposição em aberto. Desse ponto de vista, foi priorizada a utilização de uma análise que se aproxima da ideia de **bricolagem artesanal** com intuito de descrever as principais **noções subcunçoras** descobertas no decorrer da investigação.

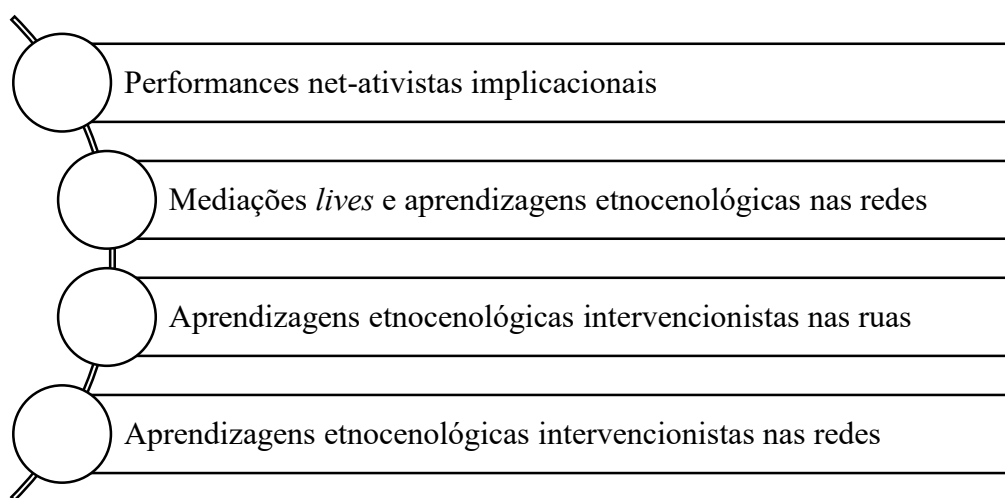
Desse modo, a bricolagem tem como intenção ultrapassar os caminhos previstos no decorrer da pesquisa, exigindo do pesquisador uma postura atenta à complexidade que abrangem os fatores previamente vividos/observados. Mais que isso, pressupõe um olhar atento e compreensivo para os diferentes meandros, exigindo uma postura de cruzamento de informações, comparação das fontes, contraste dos achados, contestação dos resultados prévios, dentre outras. Nas palavras de Macedo (2010), as noções subcunçoras compreende um trabalho de sistematização do estudo e a distinção de fenômeno, sua interpretação, o exame minucioso dos elementos que o envolve, perpassa ainda pela codificação, agrupamento e uma sistematização textual.

Essa ação implicada do pesquisador, quando realiza o trabalho de interpretação dos achados, envolve um trabalho de criação, busca por aproximações, contrastes e profundidade epistêmica. Logo, a organização dessa escrita teve como fundamento a busca dos sentidos e dos significados destacados pelos atores/atrizes-participantes. Essas unidades de significações que sobressaem como elemento explicativo das compreensões são denominadas de noção subcunçoras.

As noções subcunçoras vão dá potência heurística à investigação na medida em que no encontro entre os saberes da experiência pesquisada e as experiências do pesquisador, potencializam uma hermenêutica constitutiva para compreensão da experiência e seus singulares movimentos instituintes. (MACEDO, 2015, p. 92).

Como destaca Macedo (2015) pesquisar a experiência é antes de tudo “compreender as compreensões” que, são constituídas através de sistematização das informações produzidas pelos participantes e formam um conjunto de significações ou unidades de significações. Dito isto, o trabalho de compreensão da pesquisa com a experiência compreende a busca por identificações contrastivas. Não obstante, como elementos resultantes da pesquisa, emergiram do acompanhamento e sistematização, as seguintes unidades de significação:

Figura 3 - Noções subconçoras e/ou unidades de significação



Fonte: Elaborado pelo autor, (2021).

Foram determinantes para a sistematização textual, observar cada fenômeno, mergulhar nas falas e nos sentidos expressos pelos/pelas, buscando entender os enunciados que emergiam de suas práticas comunicacionais. A noção intitulada “Performances net-ativistas implicacionais”, foi sendo formada a partir das narrativas dos/das jovens nas redes, nas quais se destaca a implicação com temas, debates, pautas e as relações que foram sendo tecidas no decorrer do período de acompanhamento. Desse modo, são destacadas as impressões e os sentidos que foram mobilizados nas trocas desenvolvidas por eles/elas, atuado por meio de ações intervencionistas, experimentais, comunicativas, culturais, ritualísticas e performáticas.

A segunda unidade de significação se intitula como “Mediações *lives*-aprendizagens etnocenológicas nas redes”. Expressa um conjunto de experiências propositivas, realizadas pelos/pelas participantes da pesquisa, criando eventos de transmissão síncronas, com a finalidade de informar, debater, refletir e formar opinião sobre os assuntos mais relevantes no âmbito de suas performances ou temas dos coletivos que participam.

A terceira e a quarta noção subcunçora, respectivamente intituladas como “Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas ruas” e “Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas redes” surgiram dos vários sentidos expressos pelos atores/atrizes do estudo, mais que isso, revelam uma “intenção genuína” das ações que são criadas e mobilizadas pelos/pelas nas suas redes e células coletivas. Observei nas suas dinâmicas, o ideário de transformar, mudar, colaborar, interferindo de algum modo na realidade cotidiana de outros pares que vivem nas comunidades, bairros, instituições onde são vivenciadas as experiências. O mesmo ocorre nas redes, onde se nota, com frequência, o uso dos dispositivos com intenção de intervir e criar alternativas aos dilemas vivenciados por eles/elas e seus parceiros, cujos sentidos apontam algumas dimensões da etnocenologia virtual das aprendizagens, quais sejam: a) dimensão colaborativa, b) dimensão criativa, c) dimensão da solidariedade, d) dimensão política, f) dimensão de engajamento.

Cabe destacar que optei por descrever e contextualizar cada noção em momentos distintos do texto, levando em consideração a organização dos cenários de escrita, de acordo com as questões de pesquisa levantadas e os objetivos do estudo. As noções subcunçoras descritas nesta tese, possuem uma inter-relação explicativa e compõem um “retrato possível”, mais que isso, emergiram da minha implicação com os/as jovens, suas performances e narrativas, buscando a concretização de uma redução imaginativa e analítica, com a finalidade de atribuir sentido às análises, primando pelo rigor, como destaca Macedo (2015).

Busquei proporcionar aos leitores uma discussão que prioriza as narrativas encontradas, os sentidos e significados das experiências em diálogo com os autores que ajudam a entender os desdobramentos desse fenômeno envolvendo as culturas juvenis com os dispositivos das culturas digitais, priorizando a busca pela complexificação e multidimensionalidade. Foram nesses cenários e percursos de investigação que se constituíram as intenções e desejos de natureza metodológica. Eles apontam para caminhos de um porvir que imbricam aprendizagens, encontros, afetos, linhas de fuga, afinal, o cartógrafo se permite ousar, viver, sentir e criar.

CENÁRIO III

CULTURAS JUVENIS NA CIBERCULTURA: ECOS, IMBRICAMENTOS E APROXIMAÇÕES COM O DIGITAL

Passados quase vinte anos da presença das TDIC no contexto sociocultural, são variados os fenômenos humanos surgidos do imbricamento com os dispositivos tecnológicos ocupando lugar de destaque nas experiências humanas relacionadas à comunicação, cada vez mais dinâmicas e complexas. No cotidiano, é possível observar o refinamento das tecnologias que prometem uma mudança radical naquilo que foi chamado na esteira do tempo como sendo o humano. Pós-verdades, inteligência artificial, robotização, nanotecnologias, tudo isso nos coloca diante de provocações que adquirem dimensões éticas, sociais e culturais.

No meio de toda essa convulsão de novidades, vemos a organização de uma cultura humana que se mescla com máquinas inteligentes, *bits* e aparelhos miniaturizados. Como resultado dessa relação, é possível apontar a emergência de outros marcadores sociais que implicam um redimensionamento das linguagens humanas, dos modos de interação, atração e convivência, com destaque para as ambiências virtuais de interação. É notório que tais implicações concorrem com as dinâmicas de exposição da intimidade em rede, da frágil relação de confiança e proteção dos dados pessoais, a criação de algoritmos que desenham perfis para o consumo, etc. Tudo isso, faz parte desse momento histórico e ressalta a existência de dicotomias, merecedoras de atenção e cuidado.

Somado a isso, elementos de um tempo-espaço, próprio da contemporaneidade, incorporam ao discurso outros processos sociais, demarcados pela fluidez das relações, interatividade e interconexão de pessoas, aparelhos e informações capazes de alterar as dinâmicas de formação, colaboração e divulgação de saberes e conhecimentos científicos. Nesses movimentos, os objetos de natureza técnica vão sendo alterados, modificados, reapropriados e estilizados conforme necessidade humana, mas sobretudo, através de uma relação de proximidade e transparência. Imbricados, homem e técnica fazem do mundo presente um estado de constante porvir caracterizado pela criatividade, flexibilidade e remodelagem das relações de produção da economia, dos negócios e da vida cotidiana. Nesse interstício, os/as

jovens contemporâneos, mas não somente eles/elas, despontam como sendo protagonistas de um cenário singular.

Vemos surgir novas sensibilidades juvenis com o uso dos diferentes dispositivos das TDIC. Jovens portadores de outras senhas, intimamente ligados às linguagens de computação. Atores/atrizes sociais que medeiam experiências de amizade, emoção, sentimento, ludicidade, entretenimento, engajamento e tantas outras, numa lógica de aproximação e distanciamento que, acrescentam às culturas juvenis atualmente novos caminhos, desafios e possibilidades.

Nestes percursos juvenis, se nota o surgimento de comportamentos que fogem às normas sociais vigentes a ponto de questionar a presença de uma racionalidade sobre os agenciamentos humanos, deslocando os olhares para o nascimento de novas sensibilidades que, antes de tudo, surgem do envolvimento coletivo, do estar-junto em agrupamentos, de formação pulsional³⁴. Essas sensibilidades se explicam por um tribalismo e hedonismo contemporâneo. Essas experiências juvenis indicam que as formas de comunicação, os agenciamentos políticos, as vivências das paixões grupais constituem um laço social que se forma a partir de uma socialidade.

Nesse cenário, são apresentados alguns elementos sobre o complexo e instigante universo de conceitos das “culturas juvenis”, cujo emprego no plural, indica não só uma posição política, mas também uma forma de compreensão que se afasta criticamente das abordagens universalistas e reducionistas sobre os jovens. Sobressai nessa postura, o encontro com a diversidade e multiplicidade de experiências juvenis que muito pode nos ensinar sobre o mundo num momento tão delicado. Um universo que também se faz na palma das mãos, utilizando dispositivos tecnológicos que estendem e ampliam as possibilidades do humano, fazendo surgir relações corpos-máquinas, tempos-espacos e estilos de vida inéditos, nem sempre salutares.

Nessas cenas contemporâneas, os/as jovens são os/as atores/atrizes sociais que, expostos nas redes, grupos e coletivos teatralizam um enredo, no qual as TDIC compreende os seus elementos e ajudam a escrever a história de um sapiens digital. Neste cenário, se nota uma imprevisibilidade de ações, ao mesmo tempo, em que as performances decifram narrativas de engajamento, colaboração e envolvimento, pois o mundo como palco, tão imprevisível, dramático e instável, solicita não mais uma postura somente contemplativa, mas sobretudo, uma implicação encarnada nas ambiências dos afetos juvenis.

³⁴ Referente à pulsão, com forte emprego emocional.

3.1 As culturas juvenis enquanto fenômeno sociocultural

Definir o conceito de culturas juvenis como categoria socialmente relevante, requer antes de tudo, entender a polissemia de significados que abarca sua delimitação, cuja natureza compreende o contexto dos fenômenos socioculturais ocorridos durante os séculos XIX e XX que deram origem ao termo juventude. Foi nesse período que surgiram os primeiros estudos de grande envergadura abordando o universo juvenil, não sendo possível destacar um olhar uníssono em torno das discussões que tinham como análise os comportamentos, ações e relações dos/das jovens diante de uma pluralidade de movimentos.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA³⁵, o Brasil possuía em 2019 um total de 47,2 milhões de jovens de 15 a 29 anos, o que equivale a 28% da população economicamente ativa. Em relação ao marcador econômico, nota-se que jovens brasileiros figuram entre os que estão mais suscetíveis ao desemprego. Segundo dados do IBGE, em 2019³⁶ o total de jovens desempregados foi de 29,8% dessa população. Sobre esse aspecto Silva e Vaz (2021) apontam que nos últimos anos, especialmente em consequência da pandemia de COVID-19, aumentou o número de jovens inativos e desalentados, este último considera o jovem que deixou de procurar emprego. Se observadas as diferentes faixas-etárias juvenis, prevalece elevada a desocupação em comparação com a população não jovem.

Por sua vez, os estudos desenvolvidos por Camarano, Mello e Kanso (2009) já apontavam a categoria jovem como deficitária de políticas públicas de assistência social. As autoras mencionam a elevação da taxa de mortalidade de homens jovens que fazem parte das estimativas ao longo das décadas. Jaccoud, Hadjab e Rochet (2009) destacam que os/as jovens brasileiros estão imersos em diferentes processos de vulnerabilidade social. Mesmo citando um conjunto de instituições de assistência, a exemplo dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social - CREAS ou dos Centros de Referência de Assistência Social - CRAS, destacam que as políticas públicas no Brasil continuam pouco atentas à diversidade que demarca o público juvenil. São incontáveis os casos de preconceito, discriminações, com destaque para os/as jovens negros, residentes em periferias ou que possuem deficiências.

³⁵ Última pesquisa realizada com este recorte.

³⁶ Dados do último censo realizado no Brasil.

O grau de escolaridade e a renda também são fatores que demarcam as distorções observadas na sociedade brasileira. Ainda falando sobre o processo de vulnerabilidade juvenil, as autoras apontam como cumulativo o grau de violência no qual os/as jovens brasileiros são submetidos e a baixa oferta de equipamentos culturais, tornando os/as jovens nos distintos municípios, carentes de cultura. O reconhecimento da diversidade juvenil carece de um olhar complexo que consiga traduzir em ações práticas as diferentes expressões de ser jovem, num país tão diverso.

Pode-se observar na produção acadêmica, inclusive na brasileira, um conjunto de trabalhos, diversos pesquisadores e grupos de atuação que procuram revelar os fenômenos das juventudes. Autores como Bourdieu (1983), Rezende (1989), Morin (1997), Sposito (2000), Catani e Gilioli (2008), Borelli e Filho (2008), Groppo (2010), Pais (2012), Almeida e Eugenio (2006), Velho (2012) e outros, buscam entender o universo das culturas juvenis e suas polissemias. Logo, é possível perceber nas discussões sobre as juventudes um conjunto de concepções bem distintas e também disputas de campo que, se acirram e atenuam, à medida que são utilizados referenciais, planos teóricos e linhas de pesquisa que ajudam a compor uma narrativa atual dos agenciamentos juvenis.

Sabendo da existência de uma variedade de estudos e aportes analíticos envolvendo os temas das juventudes, priorizei nesta análise uma narrativa que foge ao viés normativo, ligado à sociabilidade e socialização ou no caráter, prescrito e normativo, presentes nas narrativas de muitos autores da área. Sendo assim, ao destacar o conceito de “culturas juvenis” pretendo situar o processo de produção de significados em torno de uma ideia, nesse caso, o universo da produção sociocultural dos/das jovens.

Antes disso, cumpre destacar o entendimento sobre o conceito de cultura que, ancorado ao pensamento de Geertz (1989) compreende a condição de existência dos seres humanos e funciona como resultado das ações num processo contínuo de transformações. Para ele, a cultura é uma teia de significados que orienta a existência humana e se forma a partir de sistemas de símbolos criados e utilizados pelos atores/atrizes sociais numa interação recíproca. Nesse sentido, cultura é a mediação das relações humanas envolvendo símbolos, linguagens e códigos que vão sendo organizados ao longo do tempo. É, a partir dessa noção, que utilizo a ideia de culturas juvenis, como resultante de um processo de mediação que se dá num determinado contexto histórico e foi sendo gestado por meio de mudanças, desvios, rupturas e construções que:

(...) denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 1989, p. 66).

Conforme destaca Geertz (1989), a cultura abrange uma dinâmica de acontecimentos que dão novos contornos aos fenômenos sociais, mas também comporta uma essência ou reconhecimento de padrões de comportamentos e costumes de uma memória coletiva. Dito isto, cumpre destacar o entendimento, sob o qual, o termo juventude se deu inicialmente a partir de marcadores etários, como uma tentativa de abarcar a natureza de jovens nos seus contextos sociais. Não obstante, a juventude é entendida como sendo uma representação sociocultural e uma situação social. Nas palavras de Groppo (2000, p. 8) a juventude é “uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricadas pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens”.

A definição etária concorre com os critérios socioculturais. Por um lado, o critério etário, a exemplo da delimitação dos indivíduos entre 15 a 21 anos, de 10 a 24 anos ou 14 a 19 anos se fizeram presentes nos estudos iniciais sobre a juventude. Nessa definição, destacam-se as dimensões fisiopsicológicas e naturalista que explicam a criação de uma categoria social como sendo transitória, definição esta, bastante utilizada nas ciências sociais. Em nível de demarcação sociopolítica, deve-se lembrar que no Brasil, de acordo com a delimitação do Estatuto da Juventude, são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 a 29 (quinze a vinte e nove anos). Esta lei destaca ainda, no âmbito do direito, o acesso à comunicação e liberdade de expressão, a promoção da inclusão digital dos/das jovens, por meio do acesso as TDIC.

Entretanto, Groppo (2010) destaca a fragilidade do trabalho com os marcadores etários, pois estes podem sofrer alterações, abandonos, retornos ou supressões, como ocorreu ao longo dos últimos dois séculos. A esse respeito, o marcador etário traz consigo uma lógica de transição de fases. Em diversos momentos, os/as jovens foram vistos como categoria social em processo de passagem ao mundo adulto ou identificados pela superação da adolescência. Essa abordagem contempla uma visão moderna da juventude pensada/executada pelas ciências médicas quando criaram, por exemplo, a noção de puberdade. Nesse ínterim, são destacados os estudos sobre a personalidade juvenil no campo da psicologia e os estudos da sociologia que observam a relação da juventude como espaço intersticial entre a infância e o mundo adulto.

Nesse contexto, os primeiros estudos sobre a juventudes consideravam esse público um problema social que precisava ser contido ou reprimido pelo Estado e por setores da sociedade

civil. Para Catani e Gilioli (2008) o interesse pelos estudos sobre a juventude se deram a partir da década de 1920, especialmente nos campos da Sociologia e da Psicologia Social. Os estudos da escola de Chicago, ainda nessa década, liderados por Robert Park³⁷ (1864-1944) tinham como linha de investigação, as culturas juvenis, sendo considerado um dos primeiros e mais proeminentes estudos envolvendo a juventude.

Nas suas pesquisas os/as jovens eram vistos como “problema social”. O seu trabalho destaca o contexto da aglomeração de jovens pelas ruas, em decorrência da explosão demográfica vista como possibilidade para o desencadeamento de eventos voltados à marginalidade e a criminalidade. Os temas mais frequentes nos seus estudos são: delinquência juvenil, gangues de jovens, consumo de drogas, etc. Outros estudos, em realidades históricas e períodos distintos, se preocuparam com os comportamentos juvenis, com destaque para os problemas associados ao perfil dos/das jovens, tais como a rebeldia, a não aceitação, a contestação e outros. Nestes termos, a categoria juventude foi sendo enquadrada como sendo uma fase efêmera, passageira e problemática.

Segundo Catani e Gilioli (2008), durante a década de 1940, prevaleceu a ideia da existência de uma unidade cultural juvenil em todo o mundo. Segundo essa concepção, os/as jovens, independentemente de sua origem, formação, contexto geográfico e histórico tinha uma cultura comum. Entendia o emprego da juventude, dentro de um quadro explicativo no singular, fechando-se às variações e determinações de outros marcadores sociais, especialmente aqueles ligados ao campo da produção cultural.

Entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX, os estudos apontam preocupações em torno de temas como boemia, radicalismo político, uso de drogas, vestimentas e preferências musicais. Para Catani e Gilioli (2008), o mito da rebeldia juvenil nesse período conduziu ao aparecimento do tema sobre conflito de gerações que, tomado pela política, deu origem aos eventos de 1968, visto como sendo uma rebelião na qual os/as jovens foram protagonistas. Tanto no nascimento de uma cultura massiva, de ordem internacional que, dentre outras coisas, procurava estilos de tendências jovens, quanto nos movimentos da contracultura, na qual se

³⁷ Sociólogo norte-americano e um dos mais importantes pensadores da Escola de Chicago. Se destacou pelos estudos sobre raça, migração, assimilação, movimentos sociais e desorganização social no espaço urbano.

observou uma abertura para pensar novos rumos à sociedade, os/as jovens foram porta-vozes de uma radicalidade, de um porvir social que se organizava em torno de temas polêmicos.

Nos anos 1980 as pesquisas envolvendo os/as jovens tiveram como inspiração os estudos culturais, observado a influências das indústrias culturais nos estilos e modo de ser portar dos/das jovens, a saber, na moda, comunicação e nos fenômenos da vida cotidiana. Ainda nesse período, se notou o desapego ao ideal do jovem rebelde das décadas de 1950 a 1970, mas de outro modo, o acolhimento da visão, segundo a qual, os/as jovens tornaram-se passivos, apáticos e alienados. Groppo (2010) destaca que poucos pesquisadores conseguem enxergar nos jovens dessa época, expressões de revolta contra o sistema social.

Ainda na década de 1980, os estudos sobre delinquência voltaram a assumir um lugar de destaque, a exemplo das investigações sobre o movimento juvenil *punk*³⁸. Na década de 1990, a juventude se torna enfoque de políticas públicas, mas também é entendida como capital humano a ser aproveitado na economia. O problema desemprego, da exclusão do mercado de trabalho, da inexperiência para o trabalho, assim como a projeção de políticas de inclusão dos/das jovens no setor produtivo fazem parte daquele momento social e se apresenta como uma verdade até os dias de hoje. Por essa compreensão, a categoria juventude, é necessária de direitos políticos, econômicos e sociais.

Por outro lado, o entendimento sobre a definição do conceito juventude se amplia para um grupo de representações e situações sociais envolvendo os/as jovens na sociedade moderna. Nesse entendimento, de natureza mais flexível, outros elementos são considerados importantes e devem ser colocados no centro do debate, por exemplo, as relações múltiplas que mediam os/as jovens de extratos sociais diferentes ou mesmo os critérios de gênero, nacionalidade e contexto histórico. Deste lugar de fala, se pode destacar que a juventude é resultado de uma produção social, emergindo dos movimentos sociais, bem como dos avanços da ciência moderna, com destaque para a psicologia e sociologia. Em todo o caso, como discute Groppo (2010):

Acompanhar as metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos e as vivências sociais da juventude é um recuso iluminador para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos, como a arte-cultura, o lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas, a políticas não institucional e etc. (p. 12).

³⁸ Movimento surgindo na Inglaterra em 1970, caracterizado pelo desapego de alguns valores sociais, mas sobretudo, pelo questionamento de padrões socioculturais vigente na época.

Assim sendo, o olhar para a juventude ajuda a revelar os caminhos pelos quais a sociedade moderna foi sendo constituída e qual o lugar que os/as jovens ocuparam nesses cenários de formação das instituições sociais, a exemplo da escola, do Estado, do mundo do trabalho, etc. Por tudo, isso, a compreensão do conceito de juventude é relevante ao debate social, sobretudo, no entendimento dos processos de organização de suas políticas de sentido, com repercussões para os diversos campos, especialmente para a educação.

Não obstante, Velho (2010) afirma que a categoria juvenil expressa uma complexidade e heterogeneidade, não sendo possível falar em juventude, mas em performances juvenis que não podem ser analisadas por meio de simplificações, tampouco separadas de outros fenômenos que as influenciam. Segundo ele, a utilização da expressão “culturas juvenis” invés de “cultura juvenil”, apreende um conjunto de experiências, performances, gestualidades que contempla uma pluralidade de comportamentos. Enquanto performances observadas hoje, posso destacar a imersão, interação e o convívio dos/das jovens com dispositivos digitais, fazendo alterar dimensões de convivência grupal, mais que nunca, formadas por interesses comuns.

Como pode ser notado, os resultados dessas discussões colocam em evidência uma dificuldade dos estudos sociológicos em definir com precisão o entendimento sobre o universo juvenil. Isso se deu em grande parte pelo emprego de uma definição pautada nos estudos iniciais da medicina, psicologia e sociologia. Esses estudos eram carregados de visões naturalistas que reforçavam o desenvolvimento fisiopsicológico. De outra forma, o entendimento da juventude como categoria social, destaca um conjunto de mudanças ocorridas na sociedade moderna, com ênfase para as vivências juvenis, ocasionando novos olhares e usos da palavra juvenil, mais que nunca, utilizada como modo de expressar uma multiplicidade de fenômenos ligados aos jovens.

Tomando como referência os cenários das diversas experiências juvenis na atualidade, busquei saber os sentidos expressos pelos participantes do estudo sobre a atuação juvenil na sociedade. Sendo assim, durante a entrevista foi possível escutar os/as participantes do estudo sobre o modo como eles/elas veem os fenômenos relacionados aos jovens. Os sentidos expressos por eles/elas revelam indícios sobre suas práticas e ajudam a entender a compreensão do ser jovem na atualidade. Dentre os elementos citados por eles/elas, a noção de mobilização juvenil tem lugar de destaque, como pode ser notado nos trechos a seguir:

Me parece que tá acontecendo uma efervescência no mundo, nas pessoas mais jovens e que tá acontecendo uma politização muito cedo. Existe essa vontade de querer mudar as coisas muito cedo e isso eu acho muito positivo. (Criativo, 27 de março de 2020).

Eu enxergo como essencial, essa tentativa de projetar sobre a cidade os nossos anseios, o que a gente deseja, porque é um dos nossos principais objetivos. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Eu enxergo como um respiro e vontade de fazer as coisas dos jovens. Eu acho que sem o coletivo, agora, o meu estímulo ia cair novamente, tragicamente. (Juno, 26 de março de 2020).

Têm jovens que eu fico impressionada como eles são muito das redes sociais, de como eles simplesmente funcionam de um jeito muito diferente dos jovens de antigamente (risos). Mas é muito doido (sic) ver como eles já pegam assim as coisas e como eles conseguem se envolver em situações que eles sabem como é a melhor forma de agir. (Artista, 30 de março de 2020).

Eu me vejo diretamente como um ator, não como coadjuvante. Como alguém que participa diretamente. Eu acho que esse deve ser o posicionamento das pessoas também, crítico, bem posicionado e cada vez mais buscando conhecer para poder saber se posicionar, independente de qual seja o posicionamento. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Os jovens que estão nessa movimentação de querer, de fato, mudar alguma coisa, fazer alguma coisa, e pegando causas que são muito debatidas hoje como o feminismo, o machismo, a intolerância religiosa, coisas que não tem como ignorar. (Empoderada, 21 de março de 2020).

O nosso papel como jovem hoje é levar as informações e começar a debater, o que foi debatido dentro do coletivo, nas nossas casas, nas nossas escolas. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Os olhares desses/dessas jovens destacam a implicação pessoal com os dilemas da vida cotidiana, repercutindo no modo como se enxergam. Sobressai das expressões citadas os seguintes aspectos: a) mobilização, b) engajamento, c) protagonismo, d) posicionamento. Em outra direção, é possível perceber uma reflexão sobre o aspecto geracional e etários e como estes marcadores influenciam sobre o olhar dos/das jovens. Na fala de Combativa, é possível perceber elementos que dialogam sobre o desejo “idealista” de mudar a vida social, mas também o lugar, no qual, por diversas vezes são encaixadas as ações e os desejos juvenis.

Eu acredito que ainda existe um certo, de uma forma bem leviana de dizer, um certo idealismo de querer mudar o mundo, de querer que as coisas sejam diferentes, de querer ajudar o próximo. Que é algo que por vezes se perde quando a juventude tá indo embora, pelo menos é o que eu ouço falar. Então até alguns adultos pensam que, você é jovem, por isso você pensa assim”, então deixa eu idealizar enquanto eu sou jovem, depois a gente ver o que a gente faz. Mas acho que isso bem canalizado pode ser um precursor de mudanças. (Combativa, 25 de março de 2020).

É uma contradição enorme ser da juventude. Não que as outras fases da vida não sejam contraditórias ou que não tenham problemas. Mas os jovens têm que ter uma responsabilidade como se fosse adulto, sem ser adulto ainda. Você tem que cumprir com o seu papel que é explorado dentro do sistema capitalista, explorado por diversos setores, é usado como uma mão de obra mais barateada, por exemplo, é muito bom pegar um jovem que não tem experiência e pagar 1/3 de um salário. Os jovens não

têm espaços de cultura e lazer próprios. Os que possuem são produzidos por eles mesmos. (Politizado, 31 de março de 2020).

Na fala acima, se observa, com ênfase, alguns dilemas vividos por grande parte dos/das jovens, possuindo também estrita relação com o aspecto geracional, mais especificamente, quando se assume, na sociedade, tratar de uma fase mal definida, em transição. São destaques que corroboram com a literatura majoritária, o processo de expropriação dos/das jovens de políticas públicas dos diversos eixos, sendo necessário produzir alternativas para viver experiências de cultura, lazer, educação, etc. Nessa direção, o jovem Lagartense destaca que: “[...] O estado não pensa em políticas públicas para a juventude e que possam intensificar e trabalhar elas, não existe uma preocupação real sobre a juventude”.

Ainda refletindo sobre o ser jovem e como são vistos os/as jovens no contexto social, Conciliador, destaca a existência de duas polaridades, tomando como exemplo, a relação dos/das jovens com os dispositivos nas redes sociais digitais. Essa dualidade faz parte dos usos que são variados. Notemos:

Eu vejo também que alguns jovens se propõem a realizar um ativismo que na verdade não fazem. Inserirem informações que não são legais, que não são positivas, que acabam alienando, causando erro, causando uma série de coisas que não são positivas. Em contrapartida, as redes sociais fazem com que a gente se aproxime um pouco mais, obviamente que elas distanciam, mas aproximam também as pessoas. (Conciliador, 22 de março de 2020).

A visão crítica do jovem deixam transparecer um olhar cuidadoso e responsável sobre sua postura e como observa seus outros pares, mais que isso, deixa transparecer a pluralidade de intenções e vivências juvenis. Por ocasião, Rezende (1989) sugere a utilização do conceito de juventudes no plural revelando uma implicação política que abrange a existência de múltiplas formas de ser jovem na atualidade, da existência de agrupamentos juvenis que se distanciam das noções etárias, mas sobretudo, oscilam em relação os marcadores que implicam o seu contexto de formação. Conforme destaca Groppo (2010, p. 15) cada juventude pode reinterpretar, à sua maneira, o que é ser jovem, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes.

Nesse entendimento, cabe situar que a criação do conceito de juventude teve nas suas origens uma relação de proximidade com a modernidade. Como sendo resultado da criação desse paradigma social, a criação a juventude na modernidade se explica como espaço da produção juvenil transitória, explicado pela necessidade de conduzir o jovem a uma “maturidade social”, discurso esse, ratificado durante os séculos XIX e XX e apropriado por

várias instituições sociais. O/a jovem, nesse sentido, é visto como um indivíduo de futuro que precisa ser guiado, tutelado, vigiado para o bem social.

É comum notar, o emprego de uma ideia universalista para apreender os fenômenos juvenis. Isso se deu em grande parte com advento de uma modernidade pautada em metas e tarefas instrumentais de cunho especialista que buscam definir os modos de ser e de portar dos/das jovens. Nesse caso, amadurecer é assumir uma função social previamente estabelecida. Entretanto, no universo das culturas juvenis, existe espaço para subversão, rebelião e anormatividade. Hoje, se nota que, embora exista a presença de um universalismo, principalmente nos discursos institucionais voltados aos jovens, ainda assim, é possível observar a criação de espaços de convívio que abrigam colaboração dentro de “subculturas juvenis” que rompem com definições e papéis já estabelecidos.

Entretanto, existem vivências juvenis, nos dias atuais, colocando em cheque a estabilidade de algumas noções, a exemplo da ideia sobre identidade, gênero, etnia, sexualidade, etc. Novos estilos juvenis colocam em destaque a necessidade de repensar as dinâmicas, multiplicidades e pluralidade de experiências que não se esgota em determinismos ou enquadramentos.

Por fim, contemporaneamente, parece ser um traço marcante das vivências juvenis a formação de grupos concretos que constroem identidades juvenis diferenciadas de acordo com símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive nos casos em que há uma coincidência étnica, de classe, gênero e localidade. Essa característica mais recente das juventudes vem sendo tomada como uma das “provas” da diversidade sócio-cultural contemporânea apreendida pelos “pós-modernos”. (GROPPO, 2010, p. 18)

Essa mudança paradigmática destaca a limitação de alguns modelos explicativos que mapeiam as relações juvenis. Mais que isso, assume a superação do ideário biológico, etário e psicológico das juventudes como sendo determinantes às compreensões, abrindo-se para outras lógicas de ver o cotidiano dos/das jovens e as suas relações com os mais diversos objetos da vida. Surgem novos horizontes para a vivência de outras sensibilidades, nas quais os/as jovens são protagonistas.

Dito isto, cabe destacar que a heterogeneidade de representações juvenis nos coloca diante de culturas juvenis, próprias do tempo presente. Nos seus contornos, assume lugar de destaque a utilização e interação com dispositivos digitais e convergentes. As relações nesses coletivos formados por interesses comuns revelam performances inéditas (quanto ao formato e meio de criação) dos/das jovens na contemporaneidade. Nas trilhas e labirintos da cibercultura

ritualizam, exprimem opiniões e mobilizam outros atores/atrizes em torno de ideias, pensamentos e desejos.

3.2 Expressões juvenis com o digital na contemporaneidade

Uma opinião, várias opiniões, visões de mundo, narrativas emblemáticas, tensivas e, ao mesmo tempo, recobrando um pouco de esclarecimento dentro de uma histeria humana vivida estruturalmente no convívio social, com influências nas porções oníricas da vida. Seria esse o lugar de fala envolvendo as principais expressões juvenis no intercruzamento com as tecnologias informáticas (comunicativas) e os agenciamentos com os dispositivos *tecno organics*³⁹ que, redimensionam os modos de fazer, de se relacionar, de contestar performando.

Nos cenários do mundo, é possível perceber o acirramento e a saturação social em decorrência do crescimento de padrões sociopolíticos pautados em ideias desenvolvimentistas de ordem econômica, situadas no capitalismo, mais que nunca, crivado pela manipulação, simulação e projeção da informação. “É a vida real, aquela de todos os dias, que nos encoraja a refletir sobre o ponto de saturação ao qual chegou a civilização moderna” (MAFFESOLI, 2017, p. 47).

São vários os pesquisadores que nos últimos quinze anos conjecturaram a exponencialidade do capitalismo informacional, a exemplo de Harari (2019) e Rifkin (2016) que analisam a presença e atuação ininterrupta de empresas e corporações de tecnologia de capital internacional nos planos sociais, culturais, educacionais, no meio ambiente, saúde e tantos outros. Áreas essas também importantes, pois são parte da configuração lucrativa dos maiores empresários mundiais, interferindo diretamente na vida social, na política, inclusive nas dimensões dos afetos. Um mundo de poucos mega-milionários concentrando uma fortuna que não deixa de crescer com a produção de classes pobres e a estratificação que, dentre outros fatores, perpassa pelo acesso, consumo e manuseio da informação.

Todavia, nas paisagens desses cenários-mundo se nota também o crescimento e cultivo de ações comunicativas, especialmente aquelas criadas pelos/pelas jovens, como sendo uma possibilidade de contestação de uma narrativa conflituosa em tempos de polarizações,

³⁹ Referente as tecnologias digitais com repercussões em nível biológico.

destruição ambiental, guerras manipuladas pela informação e show ideológico explorado, dosado e reforçado todos os dias, criando sentimentos como receio, apatia e isolamento, todos esses, variações padronizadas de um medo veiculado e utilizado com requinte pelos meios de comunicação de massa, como critérios da aproximação por fatia mercadológica que, apropriando-se das tecnologias convergentes da *Web* e o chamariz da interatividade, interconexão e instantaneidade reinventam estruturas de (captura subjetiva).

Isso se deu em parte, pelo “povoamento” da rede por atores/atrizes sociais, na passagem do século XXI, de modo mais visível a partir dos anos 2004, sobremaneira, com a criação das principais redes sociais, a exemplo do *Facebook* (2004), *Youtube* (2005), *Linkdin* (2003), *Twitter* (2006), *Instagram* (2010), apenas para citar aquelas que, se mantiveram, ampliaram o capital e reinventaram-se no curso histórico. Como afirma Rifkin (2016), o surgimento das empresas de tecnologia da informação e da comunicação, em sua maioria liderada por jovens, com outras dinâmicas de gestão e funcionamento faz surgir um poder lateral, na quais a participação dos atores/atrizes sociais aponta novas maneiras de produzir, disseminar e compartilhar nas redes.

Como já mencionado em outros momentos desta tese, a criação de uma cultura digital abrigou manifestações de ações comunicativas não hierarquizadas, dando aos atores/atrizes sociais, a possibilidade de exercer e vivenciar experiências da vida cotidiana de gestão *bottom up*⁴⁰, afastando-se em alguns casos de uma lógica *top-down*⁴¹. Todas essas ‘nuances’ são parte de uma cultura dos negócios tecnológicos, difundida por essas empresas e organizações que, nos forjaram em níveis operacionais. Sobre isto, Rifkin (2012) discute a emergência de uma Terceira Revolução Industrial – TRI⁴², na qual a horizontalidade nas relações é um dos pilares importantes.

Em todo o caso, nota-se a efervescência de fenômenos ligados aos jovens pelo mundo, associados a um olhar não só contemplativo do seu entorno. Na ausência de uma política capaz de assegurar condições estruturantes, vê-se jovens se organizando para denunciar e praticar formas de colaboração do tipo (nós mesmos fazemos), deixando claro a sua inscrição nos principais dilemas do tempo presente.

⁴⁰ De baixo para cima, modelo de gestão empregado em empresas com abordagem compartilhada,

⁴¹ De cima para baixo, presente nos modelos de gestão mais conservadores.

⁴² Não é objeto deste trabalho aprofundar a teoria do autor, uma vez que esta, envolve muito marcadores que não são o foco do trabalho. Busco apontar algumas características sobre sua tese principal que é merecedora de uma crítica e aprofundamento.

Casos como o da ativista brasileira Hamangai Marcos Melo Pataxó (*Instagram: @hamangai_pataxo*) a sueca Greta Thunberg (*Instagram: @gretathunberg*), a Canadense Autumn Peltier (*Instagram: autumn.peltier*), o brasileiro Bruno Ramos (*Instagram: @brunoramosfunk*), a mexicana Xiye Bastida (*Instagram: @xiyebeara*), a queniana Sandra Mwarania (*Instagram: @smwarania*), o filipino Manu Gaspar (*Twitter: @mnugaspar*), e tantos outros (anônimos ou não) todos eles importantes, muitos ainda adolescentes, engajados em criar outras maneiras de lidar com mundo.

Nesse ínterim, as culturas digitais se apresentam como maneiras de criar e produzir a vida, colocando em questionamento, por exemplo, as lógicas de consumo instituídas. Costumo usar em cenários de debates e reflexões uma expressão que sintetiza a relação do homem pós-orgânico, termos já amplamente apresentado por autoras como Sibilía (2015), Santaella (2019) e tantos outros. A expressão literal da narrativa que uso é a seguinte: estando dentro do umbigo do monstro é possível reinventar estratégias de criação, resistência e contestação com os objetos do mundo, pois se existe espaço para contradições é preciso ir a fundo, deixar-se levar nas “dobras e maquinarias”⁴³, nas palavras de Deleuze e Guatarri (2004) “criar máquinas de guerra” contra o imperativo estruturante.

Essa “engenharia maquinaica”, (Idem), perpassa pelo reconhecimento e uso de uma inteligibilidade que, mesmo à margem dos processos maiores, reinventa-se, dribla e cria uma via alternativa, como também é pontuado na narrativa ficcional criada por Wilson (2017), intitulada “Roboapocalipse”, ao contar a história de um cientista que por decorrência de caso fortuito, um acidente de laboratório, permite a inteligência artificial incubada numa caixa de experimento controlada, ao conectar-se à internet cria a sua própria existência, autônoma. Afastando-se do caráter narratológico, é necessário enaltecer os movimentos ativistas e efervescências juvenis nas redes.

É possível vislumbrar seus contornos políticos, associativos, denunciativos, deliberativos, todos eles e outros como sendo formas de ação-comunicação. São importantes marcadores anunciativos e férteis estímulos de uma mudança baseada na participação dos atores/atrizes sociais, a presença e intervenção da cultura *hacker*, estudada por Castells (2003) e Preto (2013) que, descrevem sua importância na criação de linguagens e códigos de informação abertos, mais que isso, na constituição de características e comportamento com o uso

⁴³ Expressão deleuziana.

de dispositivos intuitivos que dialogam visualmente e provocam ações mais sensíveis, adequando-se ao modelo mental dos usuários, ou alterando completamente os modelos mentais. “Assumir na sua plenitude o nosso ativista seu “jeito *hacker* de ser” constitui-se uma atitude política de inserção social nessa rede” (p.112).

Schneider (2019) salienta que, “[...] podemos supor que os circuitos neurais dedicados a vasculhar, passar os olhos e executar multitarefa estão se expandido e fortalecendo” (p.20). Para ele, os critérios de usabilidade, quais sejam: a) Condução; b) Convite; c) A carga de trabalho; d) Controle explícito do usuário na execução dos sistemas; e) Adaptabilidade das interfaces, f) Gestão de erros; g) A homogeneidade das interfaces humano-computador; h) Significados dos códigos; i) Compatibilidade das interfaces humano-computador com o modelo mental do usuário. Todos esses são critérios ergonômicos pensados no universo do desenvolvimento de tecnologias baseadas em uma lógica computacional, com fins não só mercadológico. Por meio destas inferências se nota, hoje, um refinamento das linguagens de programação e a versatilidade da apropriação dos atores/atrizes sociais em seus usos, tão distintos, como são suas ecologias mentais.

A respeito do termo ação-comunicativa em rede, Di Felice (2017) discute o panorama de suas inter-relações. Para ele, a complexidade e interdependência dos ecossistemas digitais de natureza informativa da cibercultura no cotidiano compreende não só o desvelamento dos atores/atrizes protagonistas, mas sobretudo, a radicalidade que consiste na sua utilidade para propor mudanças de atitude, tudo isso por sua formação reticular. O autor apresenta discussões de autores como Perniola (2009) e Maffesoli (2010) para ilustrar a passagem de um regime pautado na historiografia clássica para regime comunicativo, onde existe espaço para a simulação dos acontecimentos cotidianos, dentre eles, a política.

As redes de ação e de atores passam a se cruzar na narrativa, desenvolvendo tal nível de complexidade de relações que resulta, conseqüentemente, improvável pensar em um único ator como o promotor principal das ações sucessivas ou em uma origem específica da ação. Essa possível interpretação das qualidades reticulares das interações que se desenvolvem nesse breve conto resulta em uma contribuição fértil para pensar as qualidades da complexidade das ações que desenvolvemos cotidianamente nas redes digitais, conectados a dispositivos, circuitos elétricos, banco de dados e às demais pessoas, por sua vez conectadas a dispositivos circuitos elétricos, banco de dados e outras pessoas. (DI FELICE, 2017, p. 14)

Corroborando com essa ideia, é interessante pontuar que a simulação é parte inconteste das performances, inscritas em ações comunicativas, a exemplo do ativismo em rede, nos quais as atrações resultam de expressões vividas numa ecologia da ação, já mencionadas por autores

como Maffesoli (2010), Morin (2011), Maturana e Varela (2001). Nós, corpos-orgânicos atravessados por linguagens informáticas, alterados pelos compostos biotecnológicos que se multiplicam por meio de fármacos, próteses, impressões de órgãos ou tratamento em escala molecular, somos hoje, uma espécie distinta na história e distante do sapiens-sapiens.

Paralelo a isso, vivenciamos um cenário interessante da interseção de tecnologias de informação, baseadas na *Web*, como sendo o resultado do conjunto de dispositivos tecnológicos disponíveis na cultura digital, também chamadas de *Web 2.0*, mais conhecida pela presença de diferentes interfaces de interação, utilização de dispositivos móveis portáteis, sejam eles: *smatphones*, *tablets*, *laptops*, pulseiras e relógios convergentes digitais que, redefiniram as noções espaciais de acesso às informações. O resultado desse acesso proporcionou o rompimento das fronteiras entre espaços físicos e digitais. A *Web 2.0* possibilitou um comportamento dinâmico, onde o usuário pode ser criador, disseminador ou modificador de conteúdos.

Para ilustrar, pode-se apresentar algumas interfaces, dispositivos e softwares disponíveis na *Web 2.0* destacando-se inicialmente as redes sociais: *Faceboook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Youtube*, *Twitter* e *Blogue*. Entre o conjunto implementado pela *Google* se destacam: *Google Tradutor*, *Google Maps*, *Google Docs*, *Google Answer* e *Google Earth*. Como exemplo de serviços disponíveis por meio da implementação de softwares, mediados por usuários, temos o *Podcast*, *Webquest*, *Voki*, *Wikipedia*, *Toondoo*, *Tikatok*, *Slideshare* e *Flickr*. Como exemplo de ambiente virtual, o *Second Life*. É salutar ponderar que, independente da extrapolação dos usos da imagem com suas repercussões já estudadas por Sibilia (2015, 2018), Lemos (2013, 2018), Recuero (2009), Harari (2019), Rifkin (2012, 2016), Schwab (2016) e outros, coexiste e toma cada vez mais projeção os cenários compostos por ações comunicativas tocando em aspectos de cunho político, religioso, econômico, preservação dos recursos naturais, respeito as diferenças de todos os tipos.

Sendo assim, como expressão desse intercrucamento de tecnologias baseadas na informação digital nota-se a potencialidade de uma comunicação baseada numa construção coletiva e mediatizada com ajuda dos dispositivos tecnológicos que são criadas, construídas e reconstruídas também nas mediações entre pares. Di Felice (2017, p.20) define a ação sociotécnica “[...] como ação transorgânica que decorre das condições de hibridização entre o

orgânico e o inorgânico”. Ele situa a sua origem nas formas estéticas musicais transgressoras, tomando como exemplo, as sonoridades da música *hardcore*⁴⁴.

3.3 Nas trilhas da cibercultura: pistas, polissemias e ecos conceituais sobre o digital

No conjunto de autores e discussões sobre a cibercultura nota-se uma polissemia de termos e apontamentos envolvendo às dimensões da cibercultura. Tais conceitos ajudam a entender as discussões sobre a digitalização da cultura humana. Inicialmente, é possível observar a utilização de conceitos homônimos, a exemplo de cibercultura, cultura digital, cultura da interface, cultura da digitalização. Entretanto, é necessário pontuar que, embora os conceitos apresentem elementos correlatos sobre o contexto sociocultural de utilização das TDIC, ainda assim, existe, entre eles, distinções explicativas que merecem ser exploradas.

Autores como Lévy (1996, 1998, 1999), Lemos (2013, 2015) Castells (1999, 2003), Johnson (2001, 2003), Costa (2003, 2015), Santos (2010), Santaella (2003, 2018, 2019), Lucena (2014), Pretto (2008, 2017), Bortolazzo (2016), Schneider (2002, 2019, 2020) compõe um grupo de autores que buscaram decifrar esse fenômeno sociocultural em diversas frentes, observam as dimensões do digital e sua reformulação à medida que é incorporado às dinâmicas dos atores/atrizes sociais contemporâneos. Nota-se a existência de uma fecunda produção com diversas abordagens, tomando o ciberespaço como sendo um território constituído por uma singularidade de processos mediatizados, produtores de experiências abertas à imprevisibilidade e a reconfiguração de comunicação com influências nos comportamentos humanos.

Lemos (2013) destaca, entre outras coisas, que o surgimento de objetos inteligentes (não humanos) nas diversas áreas de vida cotidiana colocam em questionamento a dissociação existente na teoria da comunicação entre a produção dos atores/atrizes sociais, por um lado, e, por outro, a criação de dispositivos como sendo domínio da técnica. Para ele, “[...] cada vez mais não-humanos agora “inteligentes”, comunicativos, conectados e sensíveis ao ambiente”, nos fazem fazer coisas, alterando a nossa forma de pensar e de agir, em todos os domínios da cultura (família, trabalho, escola, lazer)” (LEMOS, 2013, p. 20).

⁴⁴ Referente ao gênero ou expressão performática musical surgida na década de 1970 do século XX, sendo considerada uma atualização do *punk*. É conhecido como *Hardcore Punk*, possui traços e composições rápidas, intensas, agressivas, verdadeiras epifanias sonoras.

O autor faz menção a teoria ator-rede, desenvolvida por Bruno Latour⁴⁵ (1947-****) que busca não separar sujeitos e objetos, como na modernidade, priorizando uma análise da mediação comunicativa das coisas como parte constitutiva do humano. Seu pensamento trabalha no sentido de mostrar a relação de envolvimento, mais que isso, a substituição de uma noção estruturante, por um fluxo de agenciamentos maquínicos⁴⁶ dos “actantes” (humanos e não humanos), produzindo movimentos associativos e a ressignificação dos modos de comunicação, (LATOURE, 2012).

De outro modo, numa abordagem sociológica estruturante, Castells (1999) pondera como as características do digital, a exemplo da planificação das informações, dentro de uma escala global, na qual, são determinantes os processos de uso e manipulação de dados digitais circulando numa lógica orgânica, mas ainda hierárquica entre economia, corporações e atores/atrizes sociais. Quando descreve sobre a digitalização da informação em rede, ele dá visibilidade ao surgimento de uma sociedade informacional criada a partir da Revolução Industrial, como sendo um divisor das transformações sociais nos séculos XX e XXI. Sua análise sobre a cultura digital compreende, em grande medida, uma camada técnica. “As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais” (CASTELLS, 1999, p. 57).

Ainda assim, merece destaque seu olhar para aquilo que denominou de cultura da virtualidade. Se podemos fazer uma aproximação entre o conceito de cultura digital com as ideias de Castells (1999), certamente a explanação deste pensamento permite entender sua ênfase na ideia de cultura informacional da internet, baseada numa sociedade interativa, como sendo “[...] a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores”. (CASTELLS, 1999, p. 431). Ele segue discorrendo e afirma como sendo uma das características mais importantes da sociedade interativa digital, a criação de comunidades. Neste ponto, é possível observar uma consonância com outros teóricos, a exemplo de Lévy (1998), Costa (2008) Lemos (2015), etc.

⁴⁵ Antropólogo, sociólogo e filósofo francês, nascido em 1947, desenvolvedor da Teoria Ator Rede - TAR, sendo conhecido por seus estudos sobre ciências e tecnologia. Seu pensamento tem como intercessores pensadores como Gilles Deleuze, Michel Serres, Gaston Bachelard e outros. Ademais, não é pretensão desse trabalho discorrer sobre a TAR, embora existem pontos confluentes com suas análises.

⁴⁶ Ver: DELEUZE, Gilles e Guatarri, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5; Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa – São Paulo: Editora 34, 2012.

Entretanto, em sua análise, aparece como interessante a passagem em que descreve sobre a fusão da multimídia com o ambiente simbólico. Ele destaca a criação do sistema de multimídia como condição técnica, permitindo a comunicação e troca de informações em tempo real pelos atores/atrizes sociais, antecipando a criação de um modelo de conexão digital simbólico com vantagens interativas, sendo elas: estilização do horário, estratificação dos usuários, integração de mensagens em padrão cognitivo, a captação de expressões culturais diversas. Dando continuidade, pode-se mencionar ainda a sua utilização do termo “cultura da virtualidade real”, fazendo referência ao sistema de comunicação organizado em rede. Sobre isso, ele discorre:

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo de faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. Todas as mensagens de todos os tipos são incluídas no meio porque ela fica abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto de multimídia toda a experiência humana, passado, presente futuro, como aquele ponto único do Universo que Jorge Luís Borges chamou de “Aleph⁴⁷”. (CASTELLS, 1999, p. 460-461).

Longe de uma metáfora literária ou licença poética, essas reflexões ganham força nas experiências e agenciamentos cotidianos das culturas digitais dos humanos, sobremaneira, por serem resultado, na concepção de Castells (1999), de uma característica que define a globalização informacional pautada na digitalização das informações. Lucena (2014) destaca as principais características apontadas pelo autor, sendo elas: 1) Habilidade de comunicação por linguagem digital, 2) Habilidade de comunicação numa esfera global e local em tempo real, 3) Multiplicidade de formas de comunicação, 4) Integração digital com bases de dados, hipertextos e plataformas de armazenamento, 5) Capacidade de reconfiguração dos sistemas de comunicação, 6) Constituição de uma mente coletiva de cérebros em rede.

Essas características foram sendo potencializadas ao longo dos anos, com o surgimento de dispositivos cada vez mais sofisticados e acessíveis aos usuários. No cotidiano, se observa a existência de uma “camada” de tecnologias, linguagens e aparelhos que tornou a comunicação instantânea e móvel. Certamente, essa não é uma realidade comum em todos os lugares do

⁴⁷ Referência ao conto “O Aleph”, escrito por Jorge Luiz Borges em 1949 que reúne histórias com inspirações metafísicas sobre a realidade, o tempo e o espaço. Nele, o autor escreve uma narrativa onde os personagens descobrem um espaço no misterioso porão que, contém todos os espaços possíveis, variados ângulos, todas as formas de imagens e luz, “[...] um microcosmo de alquimistas e cabalistas, nosso concreto amigo proverbial, o multum in parvo! (BORGES, 2008, p. 92).

mundo, pois, no bojo dessas experiências existem ainda muitas distorções sociais que, envolvem o uso das TDIC, mas não somente elas, acirrando as distinções entre países, classes sociais e comunidades. Um sistema de criação humana, pautado na globalização capitalista, abrigando lógicas de exclusão pelo não acesso às informações com o viés de orientação política, econômica e marcações culturais.

Sobre isto, Castells (2003, p. 203) chamou de “dimensões da divisão digital”, a exemplo da disparidade significativa de acesso à internet por regiões e grupos étnicos, em sua análise, já estabilizados, mas destacou o surgimento de uma “nova divisão tecnológica”⁴⁸ do digital, essa com maior ressonância no contexto do acesso às informações, conteúdos e interação. Trata-se da desigualdade tecnológica medida pela qualidade do acesso à rede que, segundo ele, ocasionará uma desigualdade sociocultural no futuro já vivido. Por outro lado, as características ressaltadas na obra do autor possuem relação com processos de comunicação que, em maior ou menor grau, ratificam a criação de uma estrutura comunicacional digital que reconfigura os modos, linguagens e formas de conexão das pessoas com as máquinas.

Trivinho (2007), observando esse fenômeno, descreve uma atmosfera simbólica e imaginária da informatização e virtualização, com repercussões nos vários âmbitos da vida social, no trabalho, nas relações, no tempo livre, envolvidas também com o povoamento do ciberespaço. Segundo ele, a velocidade materializada nos dispositivos tecnológicos faz vigorar processos estruturais e organizados. Estes processos envolvem, segundo o seu olhar, a materialização de violências autojustificadas em decorrência do desenvolvimento de uma “dromoaptidão”. Esse conceito, refere-se as condições operacionais, tais como agilidade, celeridade, habilidade, desenvolvidas com uso das tecnologias digitais que desencadeia perfis humanos adaptados às práticas e experiências, complexas ou não, com a cibercultura.

Seguindo este raciocínio, a aproximação e desenvolvimento das culturas digitais como sendo um fenômeno com características técnicas, Johnson (2001) apresenta uma série de elementos que justificam a mudança da comunicação humana com o advento do computador. Suas análises encontraram no ambiente econômico e empresarial o terreno fecundo para reformulação das culturas corporativas. O uso do termo “cultura da interface” ao se referir aos movimentos de criação da cultura digital, fazem da sua obra uma importante referência no conjunto desses pensamentos. A apresentação deste conceito possui estrita relação com critérios

⁴⁸ Autores como Pretto (2011, 2015), Bonilla (2011, 2015) e Trivinho (2007) exploram categorias semelhantes, com ênfase na problemática da exclusão sociodigital, a partir de reflexões e trabalhos empíricos.

técnicos, a saber [...] a arte de representar zeros e uns numa tela de computador (p. 4), explicado por ele, como [...] ofício de criação de imagens, sons e palavras que podem ser manipulados em tela. Vejamos:

A possibilidade de alterar o conteúdo de um documento, de experimentar com diferentes formulações, rearranjar as coisas, recortar e colar, é talvez a característica definidora do computador digital, o que o distingue de seus predecessores mecânicos (JOHNSON, 2001, p. 153).

Mesmo que a discussão apontada por ele tenha um endereçamento mais específico ao público de desenvolvedores, suas provocações tocaram em outros pontos, a exemplo da manipulação cada vez mais intuitiva das interfaces pelos usuários que ajudam a recriar estruturas e lógicas dos processadores e dispositivos. O conceito de interface exposto em sua obra, compreende o desenvolvimento das mídias, sua relação com o mercado de publicidade, culminando nas tecnologias digitais, mais precisamente o computador digital, como possibilidade de criação de janelas, texto e *links*.

Sendo assim, seu escopo inicial, quando trata sobre a cultura digital, é técnico, mas transforma-se à medida que exposto à crítica, aprofunda e aproxima a categoria interface do conceito de interatividade, ou seja, destacando à natureza provisória da cultura digital em decorrência da criação humana. A análise feita por Johnson (2001) abrange outros aspectos interessantes e aproximações com o conceito de culturas digitais. O principal deles é a clareza em referir-se à cultura digital ou “cultura da interface” como sendo resultado de uma cultura tecnológica, cultivada nas principais empresas de tecnologia da informação e difundida por linguagens que foram sendo popularizadas mercadologicamente com os dispositivos.

Mas não só isto, merece destaque a maneira como se afasta do discurso corporativo e evidência que a principal mudança em curso passará longe das dimensões técnicas, a exemplo do reconhecimento de voz ou da inteligência artificial, mas sim, de “[...] uma transformação mais ampla e seus efeitos concomitantes, que penetrarão pouco a pouco uma grande seção da vida cotidiana, alterando nossos apetites narrativos, nosso senso do espaço físico, nosso gosto musical, o planejamento de nossas cidades”. (JOHNSON, 2001, p. 155).

Bortolazzo (2016) aponta, a partir de uma discussão implicada nos estudos culturais pós-estruturalistas, que o uso das tecnologias digitais resulta, das produções culturais, historicamente situadas e também pela contingência. Faz menção à cultura digital como sendo parte dos espaços de sociabilidade que integram as atividades cotidianas. Tratar do digital, segundo ele, consiste em “[...] evocar, metonimicamente, a todo um conjunto de manifestações

que incluem artefatos como *tablets* e *smartphones*, simulacros virtuais, comunicações instantâneas, conectividade” (p.7). No mesmo sentido abordado por outros autores, ele destaca marcadores e termos semelhantes para se referir a tecnologia digital, sendo os mais utilizados: realidade virtual, cinema digital, televisão digital, música eletrônica, jogos de computador, a internet, *World Wide Web*, e assim por diante. Todas as expressões de linguagens decorridas da produção humana em contato com tecnologias desse espectro.

As definições de Lévy (1999) sobre o conceito de cibercultura anunciavam um panorama de abertura e comunicação tecnológica a partir do computador. “A máquina universo”, expressão utilizada para se referir ao computador, altera todas as dimensões da produção cultural humana, com ênfase nas linguagens. Utilizando uma narrativa técnica, mas também filosófica, lança mão de virtualidades futuras e hoje já atuais, que alteram as dimensões da vida. É bem verdade que no “caldo cultural” dessas transformações do digital surgiram vários outros problemas a serem contornados, mas salta à compensação, em sua obra, a emergência um terreno fecundo que envolve a experimentação de vários modelos e representações matemáticas capazes de calcular, operar mudanças e criar formas de comunicação ainda novas, naquele momento e em plena metamorfose na atualidade.

Nesse caso, o ciberespaço e sua abertura para as mediações dos atores/atrizes sociais vai sendo construído ao mesmo tempo, em que as tecnologias de silícios foram sendo aperfeiçoadas, a memória de armazenamento foi sendo maximizada e exteriorizada, suas funções lógicas foram sendo assimiladas e impressas nos gestos, falas, nos hábitos. É nesse sentido que se pode falar de uma primeira imagem das culturas digitais, chamada por Lévy (1998) de cultura da informática.

Logo, é na criação e propagação das máquinas de computação capazes de matematizar e calcular possibilidades, uma máquina previsível, porém aberta às mudanças que opera hoje num nível de refinamento impressionante. Segundo Lévy (1998) a diversificação das linguagens de programação permitiu a aproximação dos usuários que passou a manusear estes aparelhos e modificaram suas lógicas de processamento por meio da percepção direta, o que faz surgir uma camada computacional intuitiva baseada no usuário, dando origem ao sapiens digital.

Desde as primeiras reflexões sobre o computador, destaca-se a potencialidade criativa da relação do homem-máquina que “implica uma dimensão de sensibilidade, de direção cênica, quase que teatral que se aproxima das belas artes”, (p. 31). Está aí as raízes explicativas das

culturas digitais do humano, vinculadas às linguagens de informática e situada nos fenômenos da cibercultura.

Outra característica dos processos originários da cibercultura é a artificialização das práticas humanas. Desde o início dos experimentos iniciais com a informática, passando por sua difusão e popularização que nos leva a viver imersos em um "tecnocosmo", baseado na transmissão e processamento de informações digitais, hoje ainda mais sofisticado, pelo uso em escala molecular de tecnologias digitais que artificializam desde produtos (informações) da indústria médica, experimentos científicos com manuseio de informações genéticas, tecnologias espaciais, etc. Sobre isto, Baudrillard (2008) relata que a produção dos objetos artificiais faz parte da simulação das experiências reais e se mescla com as linguagens cibernéticas, “[...] deslocadas para os computadores e para a miniaturização informática da vida cotidiana” (p. 111). Para ele, o desenvolvimento das tecnologias informáticas iniciou uma Era de simulação das experiências humanas, onde os signos artificiais manejados por sistemas equivalentes e variáveis combinatórias são testados. Pois, segundo ele:

Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sintética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. (BAUDRILLARD, 2008, p. 9).

Pode-se afirmar assim, que o desenvolvimento de uma cultura da informática, tomando como exemplo as considerações dos autores mencionados acima, tem relação direta como o processo de mediação das atividades cognitivas, o aprimoramento dos sistemas de informação, a criação de linguagens em *bits*. Homens-máquina, corpos-satélites, ciborgues, tecnologias inteligentes só foram possíveis com a mediação digital. Homem-máquina, ator, criação, resultando em formas estilizadas de ser nas culturas digitais. Vejamos o que diz Lévy (1998) sobre essa questão:

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento, a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais. (LÉVY, 1998, p. 17).

O resultado dessa relação de proximidade originou um estado inédito e singular na cultura humana. Pode-se falar em inédito, pois nos acontecimentos iniciais que demarcaram a

passagem de uma tecnologia analógica para o digital não se sabia com precisão a extensão e desdobramentos dessas descobertas. De outro modo, foi sendo demarcada por uma singularidade com remarcação nos hábitos, de modo que, se pode distinguir características da sociedade antes dessas tecnologias digitais e depois do acesso a elas.

Um dos diferenciais do pensamento de Lévy (1998) consiste na abordagem humana e o afastamento de uma ideia puramente técnica ou tecnocrática. Sobre isso, ele destaca que a tecnologia digital produz um conjunto de elementos atrelados ao digital, tais como pessoas, instituições, redes de interação social e artefatos digitais. Note-se que, embora utilize um marcador que expresse um afastamento do binômio técnico, o uso de expressões como artefato demarca uma explicação ainda baseada nesse princípio. Em sua narrativa, Bortolazzo (2016) faz uso do termo tecnologias digitais e desenvolve aproximações com o conceito de cibercultura de Lévy (1996). Ademais, usa o termo cultura digital no singular, ainda que busque entender questões que vão além da dimensão aparente com destaque para a pluralidade de sentidos. De toda sorte, ressalta que:

O complexo de elementos não pode ser visto apenas como ferramentas, empresas, produtos e serviços postos em circulação e operação, mas como parte de uma rede que acompanha a humanidade e que age como instrumento da memória, da história, da política, da economia, da educação. Contudo, é preciso compreender que o que a revolução tecnológica digital introduz na vida dos sujeitos não é simplesmente uma quantidade inusitada de máquinas eletrônicas e móveis, mas relações entre processos simbólicos e culturais (BORTOLAZZO, 2016, p.13).

De outro modo, Santos (2010) destaca a emergência de processos produtivos ligados à inovação, baseados na simulação, como sendo um elemento técnico, científico e estrutural, influenciando as práticas sociais de interação, denominadas pelos autores como sendo práticas sociovirtualizadas. O autor já destacam naquele momento, envoltos numa projeção futurista, um conjunto de características ligadas à simulação, fundamentais para entender o advento das culturas digitais, são elas: a simulação da realidade ou vivência de uma artificialidade instituída, presença de hologramas e desenvolvimento de artefatos tecnológicos para manipulação das imagens, os avanços dos setores informáticos ligados à inteligência artificial e o emprego cada vez mais corriqueiro de realidades aumentadas nos variados campos de produção, a exemplo da saúde, indústria, comércio e outros. Esses marcadores históricos são apontados também por Bortolazzo (2016).

Entretanto, Santos (2010) faz uma demarcação mais precisa, quanto ao surgimento dos fenômenos ligados às culturas digitais. Segundo ele, seu início está intimamente relacionado à

concepção cultural das manifestações artísticas do cyber punk e da música Techno que se deu por volta da década de 1980 do século XX, em Detroit nos Estados Unidos da América. Relaciona-se, também, com a projeção de jogos de computador multimídia e a criação do padrão de internet WWW⁴⁹ na década de 1990 do mesmo século, período demarcado por avanços infraestruturais da comunicação no mundo.

Indo além, destacam a presença e desenvolvimento de dispositivos móveis de telefonia como VOIP, GPS, TV Digital Interativa e outros que, no âmbito da informatização da comunicação, resultou na criação “[...] de sistemas informáticos mais amigáveis, resultado de um processo maior de humanização das máquinas e sua utilização social” (SANTOS; SOUZA, 2010, p. 4). Nesse tocante, as discussões apontadas pelo autor possuem estreita relação com as abordagens técnicas, mencionadas anteriormente, todavia, acenam para uma questão muito interessante, e hoje bastante difundida, correspondendo ao processo de reconfiguração das interfaces com o intuito de produzir redes e módulos baseados no sistema cognitivo humano. Merece destaque também a definição sobre as mudanças na comunicação a partir das culturas digitais:

Nesse contexto, podemos observar mudanças nas formas de comunicação, mudanças ocorridas do contato entre os elementos midiáticos e os coletivos humanos, arranjos sociais que se afloram em múltiplas redes de pertencas, corpos cibernéticos, cuja linguagem atravessa os dispositivos midiáticos e seus atos intersubjetivos. Estamos situados em cenários socioculturais demarcados pela desterritorialização das práticas de socialização, aliando a conectividade em dimensão global à explosão dos planos de imagens, onde produções periféricas, o ator social anônimo, ganha lugar de destaque nas polifonias semânticas cujas forças expressivas se espalham por interconexões jamais imaginadas. (SANTOS; SOUZA, 2010, p.3).

Nota-se nessa abordagem as implicações subjetivas possíveis dos atores/atrizes sociais com os dispositivos tecnológicos com ênfase numa dimensão semiótica da linguagem, baseada nas imagens e nas redes de criação e interatividade. Essas ideias originaram também a partir do contato com as discussões apontadas por Costa (2008) no livro “A cultura digital”. Dos diversos autores tratando sobre este fenômeno, este descreve uma narrativa que, inicialmente interroga as condições originárias dessa cultura digital, dando pistas, elementos ou se reportando às experiências surgidas na chamada “cultura da atualidade”, termo utilizado por ele para se referir à cultura digital. O fato de demarcar em sua escrita o termo atual, revela a intenção do autor

⁴⁹ Desenvolvido por Tim Berners-Lee, físico, cientista da computação e professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT. Atualmente trabalha em parcerias com empresas e organizações desenvolvendo projetos ligados à acessibilidade da internet. Criou em 2013 a Fundação *World Wide Web* com a intenção de mobilizar e capacitar pessoas para transformar realidades locais com uso da *Web*.

em destacar o estado sempre novo, provisório e adaptativo das comunicações nas culturas digitais. O uso do termo atual denuncia sua fonte e inspiração em Lévy (1996) quando destaca as dimensões imbricadas entre virtualidade, realidade e atualidade.

Numa obra sintética, consegue exprimir ideias e conceitos chaves desse fenômeno. Isso foi possível em grande medida, pois as obras de autores já citados anteriormente, serviram de base para pensar os novos dilemas do digital, incorporados às práticas cotidianas dos usuários. Termos como cultura da participação, cultura *hacker*, criação de comunidades virtuais já não eram apenas uma projeção técnica, passando a compor o discurso e as experiências em ambiências virtuais.

Fazendo uma digressão sobre o digital, ele apontava naquele momento histórico, as experiências com a TV interativa digital e proliferação de aparelhos sem fio, o excesso de informações e a proliferação de comunidades on-line. Destaca o emprego do termo digital como sendo bastante utilizado para se reportar à inovação, mas atento às dicotomias deste uso, expõe exemplos em que o digital foi utilizado para apresentar um vanguardismo tecnológico, não tendo se consolidado na prática, a exemplo da TV interativa nos seus primórdios. É possível notar que tecnologias digitais apontadas por Costa (2008) evidenciam uma relação de dependência do usuário para manipular os dispositivos, “[...] os visores de celulares, *palmtops*, terminais nos bancos, aparelhos de fax, *bips*, computadores e televisão digital, [...] todos têm em comum que só conversam conosco se sabemos manipulá-los” (COSTA, 2008, p. 13).

Tais mudanças são observadas no cotidiano não só das pessoas, como no funcionamento das cidades, organizações de conhecimento e outras instituições. Costa (2015) destaca que, isso já é possível observar em grandes centros ou em projetos mais específicos de universidades, ou organizações, que ganharam uma camada digital capaz de veicular informações sobre o modo como as pessoas estão interagindo com os espaços. Afirma ele que essa mudança implicará na troca de sinais entre pessoas e as coisas, sendo cada vez menos necessário um sistema de gestão baseado na centralização. Lemos (2013) a este respeito, destaca que essas iniciativas não são certeza de consolidação de metrópoles inteligentes e sensíveis, pois a questão vai além da disponibilização de sensores e objetos conectados as redes digitais. Para ele, existe um grande desafio para tornar as cidades inteligentes, pois esse direcionamento vai além do uso das tecnologias digitais, perpassa pela criatividade, o uso do pensamento crítico e a democratização de oportunidades.

Essa é uma premissa possível com refinamento das tecnologias informáticas, cada vez mais intuitivas, apontando aos usuários não só os caminhos, como também sugerindo opções, mapeando cada passo num constante convite de permissão, envolvimento e surpresa. São tecnologias digitais difusas convergentes e relacionadas entre si, aprimoradas com uso dos padrões comportamentais humanos, desenvolvida a partir da leitura e triagem de dados do usuário numa escala quase transparente, determinada pela onipresença, interconexão e manipulação simbiótica de informações entre pessoas-máquinas. Vejamos:

Cultura que cresce sob o signo da interconexão, entre dispositivos, computacionais de inter-relação entre os homens em escala planetária, do relacionamento cotidiano com máquinas inteligentes e da obsessão pela interatividade. Cultura que alimenta, no fundo, artifícios, extremamente sofisticados para prender a atenção das pessoas, para orientá-las na confusão que ela mesma criou. (COSTA, 2008, p.81).

A definição do conceito de cultura digital proposto por ele tem, em suas origens explicativas, uma relação muito clara com as dimensões técnicas, criadoras de sensibilidades e criando formas de comunicação nas relações entre os homens e os dispositivos. Assim, apresenta um rol de temas ou ideias para se referir à cultura digital, sendo eles: participação, conexão, interatividade, interconexão e criação de comunidades. Nas discussões de Costa (2008) nota-se uma crítica sobre a dimensão massiva das mídias digitais, quer seja a partir da criação de conteúdos para a TV, como também nas redes digitais ligadas à internet.

O autor lança uma provocação interessante, segundo ele, telespectadores e internautas, situados nas culturas digitais estão mergulhados em informações disponíveis a um clique, num panorama labiríntico, exigindo cada vez mais dos usuários a utilização de filtros e destaca que “Testes de convergência da mídia tradicional e da mídia interativa comprovam que as pessoas estão usando a internet como extensão de sua experiência costumeira com a programação televisiva” (COSTA, 2008, p. 20).

Independente da projeção, a falta de dados científicos não mencionados pelo autor para ilustrar essa afirmação e o olhar para as experiências dos atores/atrizes sociais, as organizações e instituições que interagem com as diferentes naturezas dos “media”, revelam uma distinção de usos e o entrelaçamento de suas narrativas na atualidade. Basta lembrar que os meios de comunicação massivos nos últimos anos se aproximaram dos dispositivos e redes digitais, oferecendo produtos e conteúdos numa dimensão de mobilidade que modifica completamente a ideia de consumo, interação e produção de conteúdos que, diferente do que aponta Costa (2008), em muitos casos, subverte as lógicas dos meios de comunicação tradicionais.

Não obstante, são alteradas as noções de tempo, territorialidade e comunicação, ainda que prevaleça uma relação de consumo da informação. Isso se deu em grande parte pela associação de alguns fatores como: a) disponibilização de infraestrutura tecnológica com fins de interação social; b) ampliação da capacidade de memória de arquivamento e processamento dos dispositivos; c) o cultivo da criatividade humana nas redes convergentes de partilha; d) desenvolvimento dos dispositivos autorais de criação e projeção de imagens e vídeos.

Das discussões apontadas por Costa (2008) sobre a cultura digital, merece atenção sua menção aos agentes inteligentes, como sendo resultado de sofisticadas “técnicas de sugestão” invadindo as telas dos dispositivos. São mecanismos inteligentes, os *knowbots*⁵⁰, agindo nos hábitos das pessoas e na relação com os objetos conectados. No atual cenário das culturas digitais, um dos grandes dilemas da atualidade consiste na proliferação de agentes inteligentes operando nas experiências de comunicação em várias áreas do cotidiano sociocultural, com destaque para três acontecimentos recentes e relevantes à discussão. O primeiro deles é a criação de *fake news*⁵¹, como sendo fenômeno potencializado pelo digital com ressonâncias nos diversos campos da vida social, em escala global.

O segundo acontecimento é a manipulação da opinião pública por ataques em série por *Crackers* que utilizam a informática como caminho para programar dispositivos inteligentes de captação da realidade e/ou criação de uma hiper-realidade. Tomemos como exemplo o caso de países como os Estados Unidos da América e o Brasil, nos quais indícios apontam para a manipulação em série de informações de candidatos com a finalidade de intervir nas eleições e no quadro político.

O terceiro e não menos importante destaque, vai para o uso dos dados de usuários por grandes empresas de tecnologia, denominadas como sendo grandes “plataformas de infraestrutura”, e gerenciamento de informações e comportamentos, a exemplo da *Big Five*, *Microsoft*, *Apple*, *Google*, *Amazon* e *Facebook*. Nota-se aqui, o emprego do marcador técnico estrutural da tecnologia como forma privilegiada de criar produtos, conectar pessoas e distribuir informações. As empresas de tecnologia incumbam e gestam “plataformas setoriais”, tais como *Airbnb*, *Spotify*, *Netflix*, *Uber*, para citar algumas, com a finalidade de estratificar e criar domínios relacionados às esferas da vida social, tais como moradia, entretenimento, notícias, etc.

⁵⁰ Um agente inteligente programado para coletar informações.

⁵¹ Notícias falsas, informação manipulada, etc. Sobre isto, ler Santaella (2018) e Matthew D'Ancona (2018).

Recentemente, o escândalo sobre uso não autorizado de dados pessoais, de cerca de 87 milhões de usuários do *Facebook*, por meio da empresa de Inteligência *Cambridge Analytic*, com a finalidade de criar ações de marketing digital para campanha do atual presidente norte-americano levou o fundador e empresário Mark Zuckerberg (1984-****) a pedir desculpas no Senado Americano e apresentar estratégias para repensar a dimensão social da rede, a proteção dos dados dos usuários, frente aos negócios, historicamente a principal fonte de lucros da empresa. Todos esses exemplos, deixa transparecer a necessidade de pensar a dimensão ética nos usos das TDIC, mas não só isso, revelam a natureza polissêmica, complexa, bem como a urgência em debater a questão da segurança dos dados.

A este respeito, Harari (2018, p.122) é bastante cauteloso, cético e provocador: “[...] o teste crucial do *Facebook* virá quando um engenheiro inventar uma nova ferramenta que fizer as pessoas passarem menos tempo comprando coisas on-line e mais tempo em atividades off-line interessantes com amigos”. Não à toa, a rede social em tela lançou recentemente uma campanha mundial convidando os usuários a participar de grupos por interesses afins. Nas principais capitais do Brasil, a exemplo o Rio de Janeiro, foram veiculados em diversos MUPIS (Displays Urbanos Digitais) peças publicitárias com foco em grupos potenciais de amigos por interesse, a exemplo dos amantes de cães, bebidas, natureza e tantos outros.

Essa estratégia foi veiculada na mídia TV, em horário nobre, sendo interessante notar como a questão dos vínculos sociais nos dispositivos digitais tornou-se novamente um chamariz cuja finalidade não é clara. Todavia, sabe-se que uma postura como essas é resultado de uma análise de comportamento dos usuários e revela as implicações da política de governança da rede para os próximos anos. Sobre os desdobramentos dessas ações, no curto e médio prazo será possível melhor entender os objetivos da empresa. De toda sorte, o ator/atriz social que se mescla com as culturas digitais, no tocante aos dados, vive um misto de acesso, desejo e fragilidade. Ao olhar esse movimento, observa-se o retorno de uma demanda inicial das redes sociais como sendo um espaço extensivo para envolvimento e interação de pares. Costa (2008), destacou em sua obra, a criação de comunidades virtuais, como possibilidade de encontro, identificação e apoio em ações coordenadas em determinado limite geográfico.

Nesse âmbito envolvendo a questão econômica, Costa (2008) aponta que o modo de decisões da economia digital perpassa necessariamente pela economia da atenção. Indo além, está atento não seria o suficiente, é necessário engajar pessoas em narrativas de consumo em

rede. Sobre isto, Harari (2018, p. 25) destaca que os computadores já alteraram mudanças significativas nos modos de pensar a economia digital, sobremaneira, pela evolução da Inteligência Artificial – IA, com destaque para “[...] as redes *peer-to-peer* de *blockchain* e criptomoedas como o *bitcoin* poderão renovar completamente o sistema monetário”. O dinheiro eletrônico, os aplicativos de bancos, o surgimento de modelos de negócios digitais como as *fintech*⁵², a proliferação de máquinas de cartão, as pulseiras de pagamento digital com *Wi-fi*, as peças publicitárias destacando os cenários do digital. Tudo isso vem operando mudanças radicais nos comportamentos, inclusive nos modelos de finanças.

Descrevendo sobre as repercussões da IA, Schneider (2020a, 2020b), descreve algumas premissas que sustentam as empresas baseadas nessas tecnologias, são elas, o poder da computação, a formação de engenheiros competentes, o surgimento de empreendedores agressivos e o financiando político, todas estas, nas suas palavras, dependem da criação de ambiente aberto de negócios, com a participação de atores/atrizes e instituições, fugindo do poder centralizado de países como Estados Unidos ou corporações fechadas.

Para Schneider (2020), reportando-se a Lee (2019), o ambiente de negócios na China, envolve a implementação de diferentes áreas ou setores com uso de inteligência artificial, são elas: IA da internet, IA da percepção, IA autônoma. O motor de implementação dessas tecnologias se mostra promissor e no horizonte próximo às pessoas terão uma dimensão de sua presença no cotidiano. Sobre este ponto, Lemos (2020) destaca a urgência da criação de um plano nacional (banco de dados) sobre a IA, capaz de permitir a criação e treino de IA’s por brasileiros, nos diversos setores, sendo essa uma vantagem competitiva. Costa (2008), como faz outros autores, explicita uma diferença essencial para dimensionar os desdobramentos da cultura digital. Segundo ele, é necessário ter em mente a distinção entre cultura digital e digitalização da cultura. Essa última compreende a decodificação, o condicionamento e alteração de formatos e controle das informações. Já a primeira, toma como fundamento o olhar para as relações surgidas no contato, mediação, ao passo que os usuários foram se perdendo, se achando, criando linguagens e projetando fluxos existenciais com o digital. Por isso mesmo, ele destaca que “a revolução real na computação sem fio não é comercial, nem tecnológica, mas

⁵² São empresas, de base tecnológica, que buscam otimizar, inovar e facilitar serviços do sistema financeiro. Diferem-se dos bancos, por não fazer parte de uma pirâmide financeira (sistema fechado), criando um caminho entre as pessoas e os serviços, com baixo custo, flexibilidade e agilidade.

social, conectadas a todo momento e em qualquer lugar, as pessoas podem comunicar e cooperar de novas maneiras (COSTA, 2008, p.74).

Desse modo, é oportuno, destacar o conceito de tecnossocialidade, adotado por Santos e Souza (2010), a partir do conceito de socialidade cunhado por Mafessoli (1998), para exprimir e compreender as porções menores, não menos relevante, ao contrário, cheias de vitalidade, nas quais se encontra um emaranhado de contágios psíquicos, coletivos e comunicacionais formados pelo prazer e nomadismo nos territórios de uma semiosfera possível a partir do século XX.

Como forma de expressão da tecnossocialidade podemos destacar o aparecimento de fenômenos estilísticos ordinários que simulam diversas linguagens vividas em ambientes de imersão informática e computacional, portanto, de natureza digital. A arte eletrônica ou ciberarte é um exemplo dos estranhos modos e estilos de produção artística concatenada com processos caracterizados pela utilização de mídias digitais, elementos informáticos e os meios de comunicação que resultam formas estéticas afetivas entre os sujeitos e os epifenômenos da tecnossocialidade criando redes abertas e interativas. (SANTOS; SOUZA 2010, p. 7).

Baseado nessas teias de significados tão polissêmicos sobre os fenômenos humanos com o digital, entende-se como sendo uma explicação, mesmo que provisória das culturas digitais, a mescla das mediações com os dispositivos convergentes e tecnológicos de comunicação conectados à internet que, baseados na construção/divulgação de imagens, reconstróem signos e criam compreensões e maneiras de habitar, relacionam-se e interagir, utilizando infraestruturas informáticas flexíveis, intuitivas, com auxílio ou não de agentes inteligentes que formam um repertório estilizado de narrativas, com repercussões nos corpos, nas ações (on-line e off-line), em função de interesses individuais e coletivos produzidos nos processos de mediação, sendo possível observar, com primazia, o cultivo da criatividade, a recriação de linguagens e saberes, a manipulação de informações, a pertença e vibração nas redes de pertencimento que se prologam nas experiências digitais.

Ao longo desse tópico, busquei refletir sobre as diferentes abordagens envolvendo o desenvolvimento do conceito de culturas digitais. Mesmo percebendo relações aproximativas entre autores, é possível antevê diferenças qualitativas nas discussões, e, principalmente, na maneira de explorar os diversos conceitos aqui abordados. A intenção principal consiste em buscar as relações, afastamentos, o emprego dos termos e a exemplificação de marcadores utilizados nos diferentes trabalhos, de modo a ajudar na compreensão desse fenômeno de natureza fascinante, complexa e em construção.

Nesses imbricamentos, as linguagens utilizadas pelos/pelas jovens refletem suas experiências com os fenômenos das culturas digitais. Esses/essas jovens nascidos e produtores de narrativas com os dispositivos, especialmente nas redes sociais digitais descrevem sobre os usos que fazem destes espaços e como direcionam suas práticas comunicativas. Logo, entender como os/as jovens usam os dispositivos digitais para expressar seus pensamentos, opiniões e formas de enxergar a vida, perpassa por entender como eles/elas usam essas tecnologias em seu cotidiano, como fazem uso desses espaços de interação.

No caso destes jovens, a relação com as tecnologias faz parte da sua formação cultural, em maior, ou menor grau, nota-se que as tecnologias digitais são parte dos seus repertórios corriqueiros. Em muitos jovens, quando perguntei sobre sua relação com as tecnologias, recorrendo-se às memórias de vida, notei uma estreita relação desde muito cedo com os dispositivos tecnológicos, no caso do jovem Criativo, sua aproximação ocorreu muito cedo com os videogames e já na pré-adolescência com o uso dos dispositivos de edição de texto.

Nossa, cara (risos), eu acho que desde pequeno. Eu sempre fui muito curioso, tanto com as ferramentas de edição, por exemplo. Isso foi muito útil pra mim, quando eu fiquei mais velho porque, por eu mexer muito por volta dos 12 anos de idade, me trouxe uma facilidade que me ajudou muito. Então, desde muito cedo eu tive contato com essas tecnologias. (Criativo, 27 de março de 2020).

A minha relação pessoal com as redes sociais vem desde a infância, sempre gostei muito de games e tal, RPG que aqui as pessoas gostam bastante, uma parte dos jovens gostam. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Existe um operador cognitivo que foi sendo desenvolvido com o passar dos anos com o uso dos diferentes dispositivos. Forjados nas culturas digitais, os/as jovens lidam com diferentes códigos, informações de forma natural e intuitiva, o que reforça a noção de adaptabilidade expressa por Schneider (2019) e de sensibilidade destacada por Pretto (2003) e outros. Chama atenção como os dois jovens destacam o uso das tecnologias à dimensão de comunicação social. Em tempos de mobilidade é condição imperativa nos jovens, o entendimento das tecnologias, situando seu uso as experiências nas redes sociais digitais, sobremaneira, as interfaces das *Web*. A habilidade e intimidade para manusear os dispositivos revela o que afirma Lévy (1998), Costa (2008) e Lemos (2015), quando descrevem sobre a criação de uma sociedade interativa digital, na qual os atores/atrizes estão intimamente habituados a manusear as telas com destreza e versatilidade.

É possível notar também que o uso das redes sociais digitais por eles/elas, foi amadurecendo com outras formas de imersão nessas ambiências de comunicação, unindo a

visibilidade das redes com as pautas e desejos que mobilizam suas ações, fazendo surgir outras formas de se portar, produzir e disseminar conteúdos. É interessante entender este mecanismo de transição dos usos, possível com as tecnologias convergentes e digitais. Recorrendo a este ponto a jovem Camaleoa expressa:

Eu me adaptei às redes sociais quando eu me formei. Antes disso eu usava a rede social para paquerar, postar foto no rolê, fotos das viagens. Chegou uma hora no último ano, no TCC que eu estava muito imersa no que eu estava pesquisando. E aquilo não passou mais a fazer sentido para mim e decidi voltar a minha rede social para mostrar algum tipo de conteúdo e ajudar alguém, tipo o conteúdo que eu tô estudando, vou compartilhar meu conhecimento. Então, eu percebi que o meu papel era realmente disseminar o conhecimento que as pessoas não podiam alcançar e também democratizar um pouquinho da minha profissão, principalmente porque assim, arquiteto as pessoas acham que é decorador e urbanista o povo nem sabe o que faz. Eu tentei fazer com que minha rede social fosse uma vitrine disso, do que eu defendo e acredito. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

No caso da jovem Artista, o cultivo de suas redes e sua relação com as tecnologias precedem um cuidado essencial de curadoria do que ele pretende cultivar. Ela relata uma passagem que teve muita dificuldade em postar, o que considero um processo de maturação e migração das narrativas. Note-se:

Teve uma época que eu não conseguia nem postar uma *selfie*. Eu ficava, tipo: “porque eu tô tirando foto da minha cara?”. Loucura isso. Que crise existencial foi essa? As vezes ela pode te proporcionar essas coisas, tipo, eu me sinto muito pertencente a este espaço, a essas pessoas que gostam disso, que são fãs disso, que acham isso aqui esteticamente bonito. Mas, essas pessoas, quem são elas? (Artista, 30 de março de 2020).

O relato da jovem coloca em destaque um questionamento que demonstra seu olhar crítico e o entendimento da função pessoal/social de sua rede. Demonstra ainda que sua experiência, como a de outros jovens, envolve movimentos de aproximação, afastamento, indagação e uma postura consciente de uso. Esses/essas jovens foram crescendo e acompanharam os desdobramentos das tecnologias, principalmente, o refinamento relacionado à usabilidade dos dispositivos digitais, suas práticas nas redes refletem essa adaptação sociocultural operada pela indústria das empresas de tecnologia e cultivada nos usos, conforme já destacou Costa (2003). Muito próximo a esta noção de uso, a fala de outros jovens, expressa sentidos correlatos:

A gente faz um ativismo político, a gente tem uma relação muito boa com algum governante e tal, aqueles que a gente ver que têm uma contribuição social legal. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Porque, se por exemplo, a mulher que me segue no *Instagram* está passando por alguma situação de violência, está passando por um relacionamento abusivo, ela sabe

que ela pode contar comigo. Isso já aconteceu várias vezes de virem falar no *inbox*, ou no *WhatsApp* que estava acontecendo isso. (Combativa, 25 de março de 2020).

Hoje eu utilizo mais como dispositivo político, como uma questão de politizar pessoas e de divulgar informação. Então eu acho que se todo mundo enxergasse as redes sociais assim, a gente estaria melhorando cada vez mais a nossa sociedade para o uso crítico. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

O convívio dos/das jovens com essas ambiências de interação favoreceu o surgimento de novas práticas de comunicação e o olhar mais atento dos/das jovens para a importância das redes, sobremaneira, vendo estas como uma possibilidade de ampliar os horizontes de atuação de suas pautas pessoais, de seus trabalhos pessoais, sendo notória uma naturalidade quanto ao uso e o emprego de cuidados ao transitar por essas tecnologias interativas. Essas ações comunicativas estudadas por Di Felice (2007) demonstram uma virada de sentido quanto ao uso das redes, mais que isso, revela a complexidade de usos de enunciados, narrativas que poderão ser visualizados posteriormente nesta tese. Nas falas de Criativo e Juno, são expressas ideias quanto ao uso das redes com a finalidade de divulgação do trabalho, inclusive com foco comercial:

Eu também trabalho como freelance, né? Então recebo trabalhos por fora e tudo através das redes. Uma boa parte “Criativo, eu gostei muito dos desenhos que você fez. Você trabalha com *design*?”, aí eu “claro, vamos”. Então, assim, é um chamariz, né? Eu não consigo me desconectar dessa realidade. (Criativo, 27 de março de 2020).

O *Instagram*, primeiro eu criei para vender as coisas. Só que lá eu descobri que as pessoas tanto compravam, mas não só isso, elas me conheciam e conheciam o trabalho que eu faço nas ruas, o que foi muito louco porque eu pichava e ficava nessa ideia de que ninguém conhecia. Então hoje eu uso o *Instagram* para partilhar o que eu faço, para vender o que eu faço e para ver o que a galera tá fazendo, obviamente. (Juno, 26 de março de 2020).

A jovem Empoderada, além de utilizar as redes buscando postar narrativas sobre o papel da mulher na área de tecnologia, também se interessa e estuda a implementação de códigos de informática, mas não diferente dos demais, usa a sua rede de contatos e amigos para aprofundar novas linguagens e estudar coletivamente com outras mulheres do coletivo que faz parte e outros jovens.

A gente já vai pesquisando também quais as novas tendências na área de informática, quais as novidades, o que é que tá acontecendo, o que é que tá rolando. Se você não acompanhar você vai ficando pra trás. (Empoderada, 21 de março de 2020).

Nota-se o cultivo de uma preocupação com os conteúdos divulgados nas redes e como esta pode servir de orientação, aproximação ou mesmo ajuda para outras pessoas que se conectam por interesses afins. As redes são como vitrines para trocar informações e cultivar

relações que podem ajudar (ou não) numa transformação. O cuidado com a emissão envolve um trabalho de curadoria e preocupação com sua rede de alcance. Nas falas dos jovens a seguir, é possível perceber como pensam este cuidado:

Eu pude perceber como essas manifestações nas redes fazem a diferença, porque você tá falando com um número de pessoas que você não conseguiria falar normalmente, e também, o que eu acho mais interessante, especialmente dentro desse contexto de trabalho de direito das mulheres e feminismo, é porque a partir do momento em que você se posiciona, além de você levar informações para pessoas que realmente se interessam pelo assunto, você também acaba se tornando uma referência para essas pessoas (Combativa, 25 de março de 2020).

Todas as publicações que eu faço eu penso muito, quais serão as consequências disso, por quem vai ser visualizado, porque de certo forma, por estar no movimento e ser militante a algum tempo eu já organizei pessoas e sou referência para essas pessoas. Então uma fala errada, uma ideia ou um discurso equivocado pode fazer com quem outras pessoas que têm referência em mim reproduzam essa lógica. Então eu particularmente tenho muito cuidado. (Politizado, 31 de março de 2020).

A jovem Combativa destaca o efeito de propagação da rede como sendo uma potencial forma de acessar pessoas, pautas e ajudar em temas que são de interesse coletivo. Ademais, a palavra “cuidado” é levada muito a sério por eles/elas, exprime uma postura de reflexão e antecipação dos resultados de suas narrativas. A relação comunitária e o envolvimento com outros pares fazem parte desse fenômeno de agregação comunitária, já estudado por Mafessoli (2007) que os chamou de tribos juvenis ou nas contribuições de Costa (2008), ao destacar como a *Web* permitiu a criação de comunidades. Nesses percursos-trilhas, as mediações dos/das jovens contemporâneos com a utilização dos dispositivos das culturas digitais, coloca-nos diante de outros desafios, exigindo posturas e referenciais capazes de dialogar com suas experiências, cada vez menos racionais, formalistas ou moralistas, abrindo espaços para apreender as filiações e sentimentos, de natureza hedonista.

Certamente, as culturas digitais deram aos jovens nesse limiar a possibilidade de reinventar os modos de organização das suas relações, permitindo formas de atração, partilha e relacionamento singulares. É preciso ir a fundo...deixar-se perder nas dobras epistemológicas, fugir dos imediatismos conceituais nos tempos do digital e aprofundar, contrastar, criar máquinas de guerra contra à superficialidade teórica. Por tudo isso, aproximar-se das performances juvenis das redes de pertencimento, solidariedade e net-ativismo torna-se um caminho instigante, provocativo e de formação humana.

CENÁRIO IV

CULTURAS JUVENIS, AMBIÊNCIAS COM OS DISPOSITIVOS DE SOCIALIDADE

As discussões sobre os objetos (humanos e não humanos) que deram origem às culturas digitais compreendem um vasto e complexo campo de conhecimento, em torno de reflexões, conceitos e ações emergidas do advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC nas últimas duas décadas do século XXI. Dito isto, precisar os termos e definições, ainda que provisórios, sobre as culturas digitais torna-se uma tarefa bastante árdua e, ao mesmo tempo, instigante, afinal trata-se de um fenômeno contemporâneo demarcado pela abertura e construção em processo, em devir. A partir dessas experiências vividas na contemporaneidade, pretendo aqui, apresentar um panorama provisório sobre elementos que dão origem e alimentam as performances humanas com o digital, atentando para o imbricamento, extensões e possibilidades que fazem do cenário atual promissor.

Desse modo, a discussão teórica e esforço empregado nessa trajetória muito se aproxima da composição artística de um mosaico, cujas imagens tocam o observador de tal modo que lhe permite não só contemplar, mas contrastar e sentir. Nesse caso, trata-se de um mosaico conceitual envolvendo as variadas definições de autores sobre as culturas digitais que buscaram apreender “imagens” e cenários observados numa dimensão sociocultural, com destaque para os comportamentos humanos. Essa dinâmica permite não só entender a amplitude do tema em destaque, como também revela o modo como as visões, conceitos e definições são organizados por um movimento que abrange distinções, sobreposições, destaques, aproximações e distanciamentos, tal qual um mosaico com suas formas, cores e texturas.

Todavia, o mosaico também compreende a ideia de um padrão, linearidade e delimitação. Por isso mesmo, a utilização da metáfora mosaica, se restringe à ideia de composição e contraste de suas partes, uma vez que os contornos e desdobramentos das culturas digitais humanas ultrapassam às normatizações, criando formas e processos singulares tão distintos que rompem qualquer ideia de captura, estratificação e amostra. Sendo assim, procura-se discutir as emergências conceituais em torno do conceito de culturas digitais, tomando como orientação a potencialidade do conceito de rizoma definido por Deleuze e Guatarri (2012), como sendo parte de uma cartografia provisória dos comportamentos humanos desse momento

histórico, cujas linhas de fuga nos impulsiona para uma diversidade de olhares, rupturas e imprevistos, como também reflete uma postura política de afastamento da hierarquização de saberes, afinal, as culturas digitais não podem ser reduzidas à reflexões e teorias. Ao contrário, nesse exato momento, elas estão sendo recriadas, rearranjadas, negadas ou potencializadas por crianças, jovens e adultos, sendo este o movimento que interessa.

4.1 A produção cultural dos/das jovens com dispositivos digitais: novas ambiências e sensibilidades

Pensar nas juventudes e nos processos das culturas juvenis da contemporaneidade requer afastar o olhar normativo e a prescrição das sociabilidades comuns as instituições sociais, conforme explica Pais (2012) ao mencionar a dualidade proposta por Deleuze e Guattari (2004) entre o espaço estriado e o espaço liso. Nessa compreensão, o espaço estriado representa a ordem e o controle social. Nesses espaços é comum perceber a utilização de normativos morais com o intuito de mediar, julgar e adequar “modelos de ser jovem” em função dos projetos da vida social. Nesses cenários, emergem formas prescritivas que apontam um caminho a seguir, tornando rígidas as modalidades de passagem de uma fase para outra da vida.

Por outro lado, o espaço liso, compreende as imprevisibilidades, o caos, o nomadismo, o devir e o performativo. Nesses espaços performáticos é possível observar formas plurais de ser jovens, ritualizações do desejo criando novos cenários, paixões e temporalidades. Conforme destaca Pais (2012. p. 7) “as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhe impõe”. Ademais, é possível destacar um conjunto de mudanças nas estruturas sociais, cada vez mais fluidas, demarcadoras de outras sensibilidades dos/das jovens contemporâneos. A produção das culturas juvenis contemporâneas se mescla com inconstâncias, reversibilidades, descontinuidades, o que por si só, demarca a análise do tempo presente como instigante.

Sobre isso, Reis e Jesus (2014) descrevem um conjunto de repertórios diversificados, sendo esta uma categoria dinâmica que se modifica em função as mudanças ocorridas na sociedade e na cultura. Apontam que as culturas juvenis são na atualidade, atravessadas pelos fenômenos das culturas digitais que, demarcam as relações sociais e os estilos dos/das atores/atrizes juvenis hoje.

Assim sendo, novos espaços e/ou ambiências de interação dos/das jovens se destacam pelo uso expressivo, convívio e interação virtualizada. Segundo Tapscott (2010) os/as jovens

da geração internet são aqueles nascidos com a vinda das tecnologias de informação, especialmente a partir da projeção da rede mundial de computadores e chegaram à maturidade com a utilização dos dispositivos digitais de interação. São jovens que possuem uma afinidade natural com tecnologia de um modo interessante:

O fato de ter nascido em um ambiente virtual causou um impacto profundo no seu modo de pensar, a ponto de mudar a maneira como o seu cérebro está programado. E, embora apresente desafios significativos para os jovens, como lidar com uma quantidade vasta de informações ou garantir o equilíbrio entre o mundo digital e o mundo físico, essa imersão digital em geral não os prejudicou. (...) Esses jovens estão remodelando todas as instituições da vida moderna, do local de trabalho ao mercado, da política à educação. (TAPSCOTT, 2010, p. 20).

Ainda sobre o perfil dos/das jovens, Tapscott (2010) destaca algumas características que são relevantes para entender as suas dinâmicas de convívio, são elas: 1) O trabalho colaborativo, pelo qual estão conseguindo driblar a ideia de hierarquia nas instituições de trabalho; 2) Como Consumidores, demarcam a ideia de *prosumers*⁵³, deixando de lado a dicotomia entre produtores e consumidores; 3) Na educação, direcionam a mudança de um modelo pedagógico baseado na colaboração; 4) Como cidadãos, determinam novas formas de engajamento político, afastando-se da noção de apatia social, em vez disso, apresenta um vigoroso ativismo social que se faz nas redes e no mundo das relações físicas.

Rifkin (2012) observou nos perfis juvenis, na atualidade, a prática de um empreendedorismo social em decorrência das mudanças socioeconômicas que colocam em evidência a natureza colaborativa, como parte da Terceira Revolução Industrial – TRI, pois, segundo ele, os setores da vida, na economia colaborativa incorporam um movimento empreendedor e cooperativo que se espalha pelo mundo, o que chama de efeitos do poder lateral. Sobre estes aspectos, ele descreve “[...] os empreendedores sociais estão saindo de universidades do mundo todo e criando novos negócios que efetuam a ponte entre os setores que visam o lucro e aqueles sem fins lucrativos – empreendimentos híbridos que provavelmente se tornarão mais comuns nos próximos anos (p. 148). Falando sobre o poder lateral, menciona o surgimento de uma educação distribuída e colaborativa que envolve a experiência em espaços de aprendizagens, não convencionais, onde os/as aprendizes se relacionam com saberes, informações numa dimensão da biosfera, cultivando o pensamento crítico, numa abordagem

⁵³ Termo mencionado por autores como Tapscott (2010), Jenkins (2008) e Prensky (2006; 2012) ao situarem a multiplicidade das ações dos produtores (profissionais) e consumidores (usuários), não mais distintas ou separadas.

lateral da aprendizagem que tem como foco “[...] a extensão do eu através da imersão de estudantes nas várias comunidades ecológicas das quais fazem parte e que compõem”. (p. 274).

Quando me refiro ao conceito de saberes, situo-o a partir do que explicita Macedo (2015) como “saberes experienciais” que vão sendo constituídos, criados, negociados, agenciados e mesclados com conhecimentos científicos, as trajetórias de vidas, etc. Nas palavras de Barbero (2014) envolve o campo da comunicação e suas tecnologias, com o quais são utilizadas informações, dados, convergidos midiaticamente e criados numa organização colaborativa. Nessa lógica, envolve a atuação dos atores/atrizes, imersos e partícipes, em vários níveis de mobilização da experiência, que vai sendo mediada, (des) construída, como descreve Larrosa (2002):

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (p. 25).

Nestes contornos, Prensky (2012) desenvolve o conceito de sabedoria digital para se reportar aos jovens nascidos nas últimas décadas, referindo-se ao saber digital como sendo aquele construído por meio de uma atração sensível dos atores/atrizes sociais ao manusear informações de forma crítica e reflexiva. Envolve mas que a posse e uso dos dispositivos, mas, sobretudo, a sua utilização com um propósito e finalidade, constituindo-se assim, como sendo uma habilidade. Dito isto, se pode afirmar que estamos lidando com um perfil juvenil completamente diferente das gerações anteriores. Certamente, isso ocorreu com as mudanças nos hábitos que foram sendo introduzidos através da fabricação de tecnologias do humano no campo da produção de conhecimentos em variadas áreas, com destaque para as tecnologias de comunicação.

Hoje, se nota que grande parte dos/das jovens utilizam distintos dispositivos digitais para realizar diferentes ações cotidianas. Na palma da mão, vão sendo gestados os processos de comunicação e formas de linguagens que produzem o cotidiano das suas relações. Tais hábitos foram sendo naturalizados à medida que foram sendo sofisticados os aparelhos de acesso à internet. Falando nisso, é condição *sine qua non* observar como o acesso às redes por meio dos dispositivos demarcam na atualidade as culturas juvenis. Estar on-line, é antes de tudo, imperativo de participação nesses fenômenos de atração juvenil.

Dessa maneira, podem ser mencionados como hábitos dos/das jovens, a utilização da internet, independente do dispositivo de acesso, o modo que manuseiam e interagem com diferentes janelas, ao passo que escutam música, realizam atividades de estudos, veem vídeos ou teclam nas redes de comunicação. Todavia, não se trata de um perfil passivo, pois, se apresentam como “indicadores, colaboradores, organizadores, leitores, escritores e estrategistas ativos. Eles não apenas observam, mas também participam”. (TAPSCOTT, 2010, p. 33).

Esse é um fenômeno sociocultural observado em vários países no mundo. O acesso à rede pelos/pelas jovens faz surgir outras formas de organização da vida social. Os dados apresentados pela Comissão para América Latina e Caribe - CEPAL por meio da pesquisa Latinobarómetro (2018)⁵⁴ apresenta uma tendência, na qual os/as jovens estão entre os que mais utilizam a internet. A amostra destaca que 89% da população adulta dos países latino-americanos possuem um telefone celular. Destes, um total 44% são jovens entre 16 e 29 anos que declaram usar a internet todos os dias. Nesse mesmo caminho, a pesquisa indica um quadro de penetrabilidade e crescimento do uso dos aparelhos móveis, seguindo as previsões dos últimos anos.

Dentre as atividades que os/as jovens realizam na rede, as mais frequentes estão relacionadas ao entretenimento. Chama atenção também os números de acesso às redes sociais. 60% dessa população de latino-americanos usam o *Facebook*, sendo que, proporcionalmente os países que mais usam essa rede social são: Costa Rica com 77% da população, República Dominicana com 73% e Venezuela com 70%. O Brasil ocupa o sétimo lugar entre os países do grupo que usam essa rede social, com um total de 59% da população. Outras redes sociais são usadas por um número expressivo de brasileiros: *WhatsApp* 66%, *Youtube* 37% e *Instagram* 27%.

No Brasil, os dados mais recentes de acesso à internet, apresentados na pesquisa TIC Domicílios em 2019⁵⁵ também merece destaque. Segundo os resultados, a proporção de brasileiros com acesso à internet representou um total de 134 milhões de pessoas. Esse montante corresponde a 74% da população com mais de 10 anos. Entre o público que mais acessa a rede, os/as jovens são os primeiros. Nessa série histórica, foi possível perceber que o uso de aparelhos móveis por usuários jovens se destacou, igualando ao uso por meio de computadores físicos.

⁵⁴ Última pesquisa publicada pela instituição com esse enfoque. A pesquisa atual, abrangendo os dados de 2019 e 2020 encontrava-se em fase de licitação em 2020, mas com a deflagração da pandemia foi adiada, não estando disponível até data de defesa desta tese.

⁵⁵ Última pesquisa divulgada pela organização.

Despertam interesse o avanço percentual de brasileiros das classes sociais D e que somam no estudo, um total de 48% dos usuários. Nesse panorama, 90% dos usuários usaram a internet para se comunicar, sendo que destes 77% usam as redes sociais por meio de dispositivos móveis, a exemplo dos *smartphones* também para ter acesso a vídeos, músicas e outros produtos.

Nesse tocante, os aparelhos móveis despontam como sendo o dispositivo mais utilizado para acessar a internet entre os usuários na rede. Segundo o TIC Domicílios (2019) a maior parte dos brasileiros acessaram a Internet por meio do telefone celular, o que representava 99% dos usuários da rede, sendo que 58% dos usuários acessaram exclusivamente pelos celulares. O acesso à rede revela a existência de novos hábitos, como, por exemplo, a utilização de dispositivos para consumir vídeos e filmes (por *streaming*), sem necessariamente efetuar o *download*. Como forma de acompanhar a extensão de uso da rede social *Instagram* pelos/pelas jovens, participantes do estudo, foram organizadas as seguintes tabelas que ajudam a atender o nível de atuação e engajamento com os dispositivos digitais. Os dados disponibilizados foram compartilhados pelos/pelas jovens no decorrer da pesquisa, por meio de *prints* das telas de seus dispositivos, a meu pedido.

Tabela 4 - Tempo de imersão na rede social *Instagram*

Ator/atriz da pesquisa	Tempo médio diário
Empoderada	2 horas e 35 minutos
Conciliador	2 horas e 36 minutos
Lagartense	2 horas e 26 minutos
Combativa	4 horas e 50 minutos
Juno	2 horas de 30 minutos
Camaleoa	2 horas e 50 minutos
Criativo	3 horas e 23 minutos
Artista	2 horas e 42 minutos
Politizado	3 horas e 13 minutos
Estanciano	2 horas e 07 minutos

Fonte: Organizado com os dados coletados durante o período de observação, 2021.

Levando em consideração o tempo médio de uso da rede social *Instagram* no mundo, 53 minutos, segundo estatísticas divulgadas pela rede social, os/as jovens da pesquisa mantiveram-se acima da faixa de uso mundial, somando em média um total de 3 horas de 32 minutos de imersão na rede. No geral, os/as jovens fazem parte do grupo que acessam pelo menos duas horas diárias, existindo entre eles, o cuidado de limitar o acesso à rede, por meio da ferramenta de bloqueio, ação expressa por dois participantes do estudo, na tentativa de controlar o uso. Um deles faz um paralelo interessante ao destacar a necessidade de se desconectar das redes como forma de preservar suas relações presenciais. Ele destaca que “[...] acho muito negativo, realmente, essa questão de você estar cortando vínculos pessoais de fato”. (ENTREVISTA COM Lagartense, 23 de março de 2020).

Tabela 5 - Média de postagens na rede social *Instagram*

Ator/atriz da pesquisa	Total de postagens	Média aproximada de postagens diárias
Empoderada	325	1,78
Conciliador	211	1,15
Lagartense	415	2,28
Combativa	112	0,65
Juno	78	0,42
Camaleoa	203	1,15
Criativo	410	2,25
Artista	223	1,22
Politizado	89	0,48
Estanciano	302	1,65
Total de postagens no período	2.368	

Fonte: Organizado com os dados coletados, durante o período de observação (2021).

Olhando para os dados da tabela 5, é possível notar que seis dos dez jovens costumam postar com frequência na sua rede social. É importante frisar que a média de postagens criadas por eles/elas oscilou durante o período de observação, sendo notório o engajamento dos mesmos com assuntos que estavam em evidência no cenário social, ou quando estavam divulgando,

criando e disseminando alguma ação do coletivo. Por outro lado, entre os/as jovens que publicam pouco, como a jovem Juno, se nota a escolha consciente dessa atriz da pesquisa em manter-se reservada nas redes, buscando mais acompanhar o que se passa, do que produzir postagens.

Observei que, com o decorrer da pandemia, essa jovem passou a utilizar mais os recursos de postagens, criando com maior frequência entre os meses de maio e junho. Sobre esta questão, ela menciona que “[...] O *Instagram* primeiro eu criei para vender as coisas, então hoje eu uso o *Instagram* para partilhar o que eu faço, sendo que estou me aproximando mais e me permitindo usar mais esse espaço, até me surpreendi com isso!” (Juno, 26 de março de 2020).

O uso das redes sociais digitais pelos/pelas jovens revela algumas ambivalências que são interessantes. A primeira questão que chama atenção nos diálogos com os/as jovens, consiste no modo como eles/elas entendem a necessidade de utilização desses espaços de interação e convivência para propor ações comunicativas. Destacam o quanto as redes permitiram projetar seus trabalhos, criar redes com pessoas afins que não tinha contato, em divulgar suas criações, etc. Se nota a existência de uma indissociabilidade do fazer juvenil na contemporaneidade, mais que isso, a vivência de um *ethos* virtual que prolonga e potencializa as experiências. Vejamos:

Então, assim, é porque na verdade eu acho que muito da nossa vontade de construir um coletivo, ela também partiu do que a gente via no nosso redor acontecendo, inclusive nas redes sociais, né? Que é a nossa “segunda realidade”, nossa realidade virtual e nossa realidade física (*aqui a entrevistada faz um paralelo entre a vida na rede social e fora dela*). (Artista, 30 de março de 2020).

É importante frisar que o trabalho desses/dessas jovens, atuando nos coletivos, ganha notoriedade nas redes, sendo estes espaços, encarados como vitrines potenciais de ações e interações em rede. Ao criar vínculos com outros/outras jovens, distribuídos por diferentes localizações, vão experimentando formas de engajamento que podem expandir suas possibilidades de acesso, encontros de militância, como expressam os jovens abaixo:

Então é possível falar dessa militância nas redes sociais, que inclusive é o nosso tema, nas redes e nas ruas. Como a gente é ligado as redes sociais, a gente faz esse espaço, que as pessoas gostam. É algo bem acessível pra gente, não é uma coisa muito difícil. (Conciliador, 22 de março de 2020).

O que eu acho mais fantástico do poder da tecnologia é que ela, hoje em dia, tem uma facilidade para chegar em lugares que são complexos, por exemplo, na periferia e outras localidades. As pessoas fazem uso disso para beneficiar sua comunidade. Pra mim isso, é muito legal, isso de dar voz. Eu tenho, dentro das minhas ilustrações de

Orixás, muitas pessoas me seguem, as vezes eu tiro um tempinho para conhecer melhor essas pessoas. (CRIATIVO, 22 DE MARÇO DE 2020).

Usam de uma forma muito nobre, muito positiva. Então, principalmente para as questões dos coletivos, eu vejo assim, da luta antirracista, luta contra intolerância religiosa também, é muito forte. Então esses coletivos, eu acho que até por terem pessoas mais jovens, usam a internet como forma de difundir mais informações, eu vejo isto de uma forma muito positiva. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Diferente do que geralmente se associa ao uso das redes, foi possível notar, entre os atores e atrizes da pesquisa, um olhar crítico e lúcido sobre o uso das redes, bem como a existência de uma preocupação com os conteúdos que são divulgados, tanto nas suas redes pessoais, como nas redes dos coletivos. Esta preocupação pode ser notada nas falas abaixo que deixam notar a implicação com ação de filtragem e curadoria:

Quando eu vejo que é algo muito besta eu vou lá e excluo, afinal as vezes a gente acha não tá influenciando, mas a gente tá influenciando. (Empoderada, 21 de março de 2020).

Em todas as publicações que eu faço eu penso muito, em quais serão as consequências disso, porque vai ser visualizado, porque de certo forma, por estar no movimento e ser militante eu já organizei pessoas e sou referência para elas. Então uma fala errada, uma ideia ou um discurso equivocado pode fazer com que outras pessoas que têm referência em mim reproduzam essa lógica. Então, eu particularmente, tenho muito cuidado! (Politizado, 31 de março de 2020).

A gente tem até um alcance bom nas redes sociais, tanto no *Facebook* quanto no *Instagram*, mas a gente ainda não tá sabendo como melhorar isso. Então, estamos discutindo a criação de um núcleo de comunicação, pois temos que ter uma política de educação e saber como pretendemos fazer a comunicação, a democratização das mídias, começar a falar um pouco de se atentar a estar pesquisando, o porquê de ter de se questionar qualquer notícia, saber se este site é real, o que as pessoas estão falando no *twitter* se é real mesmo, porque as vezes as pessoas acreditam muito no que se fala nas redes sociais e nem sempre é verdade. Então a gente faz este filtro e divulgamos para as pessoas fazerem também. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

A gente busca produzir debates aprofundados nas redes sociais, no *Instagram* no *WhatsApp*, porque pode ter erros de interpretação e isso acaba criando um problema na coletividade. Nas questões das redes sociais, a gente sempre imagina ou tenta imaginar as possibilidades de alcance e de quem seriam os públicos alvos das nossas publicações. (Politizado, 31 de março de 2020).

Tem vezes que me dá uma angústia porque eu fico meu Deus para quem é que eu tô falando, com a minha bolha social? Às vezes dá uma insegurança que alguém vai gostar ou não, mas na maioria das vezes eu postei e o resultado é muito positivo. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Interessante notar, na fala do Jovem Politizado, sua postura política de aprofundar assuntos nas redes, referindo-se ao trabalho mais específico de pautar temas no coletivo que participa. Entre os/as jovens se observa um cuidado com o conteúdo e com o alcance do mesmo. Além dessa preocupação com o conteúdo gerado nas redes, se observa um olhar crítico

relacionado ao alcance das redes, sendo este ponto mencionado nas falas dos diferentes jovens. Como visto acima, a jovem Camaleoa faz uma reflexão sobre a comunicação criada nessas ambiências, referindo-se a ideia de bolha social, concatenada com as discussões de Santaella (2020), Sibilía (2019), Santos e Schneider (2020), etc. A construção de diálogos propositivos nas redes, perpassa o cuidado com o conteúdo, com o tipo de discurso que é veiculado, com a antecipação das consequências do que será postado. Uma espécie de ética para o virtual. Note-se o que diz uma das jovens:

Nas redes a tentativa é de fazer as coisas mais respeitadas possíveis, no dialogo mesmo. No meu perfil pessoal até que isso não costuma acontecer tão diretamente, tipo, pessoas responderem com desrespeito, esse tipo de coisa. Mas eu também procuro sempre pensar duas vezes antes de postar porque cada dia mais existem polêmicas de todos os lados. É pensar duas vezes antes de postar e tentar prezar por essa comunicação não violenta. (Combativa, 25 de março de 2020).

Outra preocupação percebida nas falas dos/das jovens perpassa a questão das *Fake News*, o que se encaixa com a postura de checagem e filtragem da informação que estão visualizando e divulgando nas redes. Cabe mencionar que esse comportamento reflete a realidade atual de vários países, com enfoque especialmente no Brasil que passa por uma instabilidade e polaridade nas redes, mas não só isso, a tentativa de tornar as redes sociais um espaço aberto a proliferação de inverdades⁵⁶. Mais que nunca, é necessário um olhar cuidado e postura assertiva que garanta o uso consciente destes ambientes. Sobre isto, o olhar atento dos/das jovens, o questionamento da notícia passou a figurar como parte do habito social de convivência, o jovem Estanciano faz menção à necessidade de educar para um olhar crítico na sociedade digital, destacando em sua fala [...] mas educar numa sociedade que é virtual, principalmente agora na pandemia, onde as pessoas acreditam em tudo que vê nas redes, é preciso alertar o pessoal para este filtro das informações!”. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Eu vejo as redes sociais, assim, é quase aquela dicotomia, né? É uma faca de dois gumes, assim. Hoje a gente tá perdido em um oceano de informação, onde as redes, essa tecnologia, é utilizada para disseminar informação falsa, disseminar ódio. (Criativo, 27 de março de 2020).

⁵⁶ É o caso da medida provisória, nº 1.068, assinada pelo atual presidente que altera o Marco Civil da Internet e estabelece regras para uso e moderação de plataformas on-line de mídias sociais no dia 06 de Setembro de 2021. Essa MP foi devolvida ao chefe do executivo pelo presidente do Senado, no dia 14 do mesmo mês, sendo bastante criticada por entes representativos e diversos setores da sociedade.

Fazendo um paralelo com o acesso à informação por gerações anteriores, o jovem Criativo, destaca a importância das redes e da tecnologia na formação humana, relembra que seus pais não tiveram a oportunidade de acessar e manusear tantas informações, atribuindo a isto, as dificuldades de interpretação e difusão de notícias falsas. Ainda pensando sobre o fenômeno das redes, relata outro ponto, ao seu ver, de grande relevância que consiste na superficialidade dos assuntos que são gerados e disseminados. Ele afirma de modo contundente que “[...] somos uma geração que tem muita preguiça em ler e entender mais profundamente, tudo é muito superficial. Eu só lembro de Bauman que ele fala da modernidade líquida. Isso abre uma margem gigantesca para que as pessoas disseminem informação falsa. (Criativo, 27 de março de 2020).

Dando prosseguimento, os/as jovens foram perguntados sobre os principais comportamentos que eles/elas observam nas redes. Observei nas falas deles/delas, uma análise crítica que aponta para diferentes fatores, qualitativos e preocupantes, sobre o uso dos dispositivos. Do contexto de implicação dos/das jovens com as tecnologias, especialmente com às práticas comunicacionais nas redes sociais digitais, os/as jovens relatam como sendo essencial o consumo criterioso das informações, para isso, endossam a ideia de praticar o filtro social dos conteúdos vinculados nas redes. Nesse mesmo sentido, destaca-se a preocupação com as “*fake news*”, fenômeno que tem abalado instituições consolidadas, tornado o cenário político nacional, ainda mais impreciso e conflituoso, tal como destaca Trivinho (2007), ao descortinar um panorama de insegurança, quanto aos dados nas redes e os efeitos disso na vida e nas práticas dos atores/atrizes sociais. Oportunamente, os/as jovens indicam essa realidade como sendo um dos dilemas mais vividos por eles/elas nas redes sociais digitais, sendo necessário o uso de mecanismos não só de filtro, mas também de vigilância na cibercultura. Vejamos algumas estratégias mencionadas por eles/elas:

Em relação à rede social eu sou bem assim, eu sou muito de observar certas coisas. Como eu te falei, eu passo algum momento analisando, aí em um dia ou em alguns minutos eu olho de novo. Tipo, “eu fui no calor da emoção ali mas eu não prestei atenção nisso, alguma coisa que não bateu, a ideia aqui não, deixa eu excluir”. É mais ou menos assim. (Empoderada, 21 de março de 2020).

Eu acho que a desvantagem das redes é essa, um pouco a falta do filtro do que é postado, do assunto, do conteúdo, mas é algo que infelizmente que não tem muito controle, a não ser o bom senso do usuário em saber filtrar. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

As nossas páginas vêm atingindo um público de universitário não organizado em coletivos e nem em movimento estudantil, mas que eles também não participam da

organização. Então é uma referência que a gente tem, por isso é precisa ter cuidado na informação, para não induzir as pessoas a passarem informação errada. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

A gente tem que ter este cuidado! Esse cuidado para não dá informações que não são verídicas, evitar publicar *fake news*. Se a gente identifica e nota (pausa para refletir), que as pessoas estão publicando muito *fake news* a gente vai lá e diz “ó isso aqui é *fake news* gente, não é verídico”. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Nesse cenário, o cuidado de checagem das informações é um desafio apontado por Linhares (2021) às instituições escolares, sendo necessário o desenvolvimento de uma educação midiática que proporcione práticas educacionais voltadas à formação crítica. Desse modo, o trabalho de curadoria do que é postado nas redes também se apresenta como umas das preocupações dos/das jovens, sobremaneira, por dimensionar que seus trabalhos, perfis e ações conversam diretamente com um público jovem em formação. Sobre isto, destacam a ideia de afecção e influência nas redes e o necessário cuidado com o que é produzido e postado. A jovem Artista menciona essa ideia e provoca uma reflexão sobre o modo como alcançamos as pessoas e são despertados interesses, segundo ela, trata-se de uma política de relacionamento, na qual “[...] as pessoas se interessam pelo que a gente posta, pelo que a gente acha bonito ou feio, pelo que a gente acha massa ou não, sabe? É como se a gente conseguisse criar nosso campo de referências para as pessoas e isso é inegável. (Artista, 30 de março de 2020).

O campo de referências citado pela jovem Artista, foi possível com o aprimoramento das *Web 2.0*, trazendo ao campo de atuação o usuário que se tornou não só um consumidor de informações, mas um criador de conteúdos (prosumidor), seguido, curtido, compartilhado e cancelado nas redes, como bem explorado por Jenkins (2008). O jovem Criativo, destaca outro aspecto positivo sobre o uso das redes, o compartilhamento, o acesso a outros jovens em outros estados, compartilhando experiências parecidas ou com o mesmo foco, no seu caso, criando arte propositiva, fez despertar para a vivência da “[...] coletividade, onde os jovens, um aprende com o outro, um ensina o outro, um apoia o outro”. (Criativo, 27 de março de 2020). Esse movimento deixa transparecer os indícios das aprendizagens etnocenológicas (extraordinárias), nas redes, a atração, a coletividade, o uso do pronome na terceira pessoa, ratifica na fala, uma postura de propor espaços de convívio, troca e aprendizagens colaborativas, inéditas.

Numa análise correlata, o jovem Lagartense, descreve que as redes conseguem proporcionar o estabelecimento de conexões entre pessoas, no caso dele, foi determinante para envolver pessoas, no contexto local, interessadas em política. Nesse pensamento, a noção de compartilhamento e conexão estão em evidência. Ele ratifica que:

Conectar as pessoas com esse debate, tirar as pessoas da marginalidade do debate, do desinteresse e fazer com que elas se tornem pessoas críticas de fato. Com posicionamentos, independente do que seja. É exatamente assim como esses coletivos se colocam. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Em outra direção, sobre os aspectos positivos destacados pelos/pelas jovens, no tocante aos usos das redes e dispositivos, foi mencionado a democratização da informação, a transparência dos dados, especialmente quanto às ações governamentais, de empresas e instituições. Essa realidade nos remete ao ideário de Lemos e Lévy (2010), quando destacam os fenômenos da ciberdemocracia no imaginário e nas práticas culturais. O acesso a pessoas, informações e experiências por meio da rede é encarado pela jovem Camaleoa, como forma de ampliar as suas experiências, nas suas palavras, uma forma de estourar a bolha. Vejamos:

Aconteceu comigo quando a gente foi para o primeiro encontro de urbanismo colaborativo lá em Curitiba. O que aconteceu? Eu sair da bolha Aracaju e fui para um encontro com vários coletivos, vários grupos de pesquisa, várias ONGs e escritórios que trabalhavam nesse sentido. A partir disso, eu passei a seguir vários coletivos nas redes sociais, comecei a conversar e compartilhar informações com várias pessoas que eu conheci naquele encontro que eu não poderia ter tido essa informação se eu tivesse tido esse contato presencial e nas redes. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Um breve olhar sobre as narrativas que os/as jovens tecem sobre os usos das redes sociais digitais nos faz pensar em dois movimentos que estão ganhando espaço entre os jovens: 1) O uso crítico das redes sociais, afastando o olhar ingênuo e o senso comum, nos quais prevalece a ideia de uso indiscriminado e sem reflexão das redes; 2) Utilização com prudência, sendo possível perceber cada vez mais que os/as jovens estão atentos aos conteúdos que são gerados e como estes, podem ou não, influenciar terceiros numa dinâmica de disseminação da informação nas redes. Schneider e Carvalho (2020) destacam que a prudência faz parte da ação responsável e envolve uma postura ética necessária aos cidadãos, dentro de uma política universal que abrange várias áreas do conhecimento e campos do agir, numa civilização de natureza tecnológica, pois a prática deste princípio, permite a preservação da humanidade, uma vez que “[...] A ação prudente é a ação da precaução, da previsão, da antecipação dos riscos decisórios sobre o real; é uma espécie de sabedoria que se aprende e se aprimora no hábito”. (p.30).

Esses/essas jovens estão criando formas de apropriação de conteúdos e produtos culturais que passam a ser definidas pela premissa do acesso às informações, mas também, na condição de produtores de conteúdos, atuando como prosumidores. Como afirma Tapscott (2010) essa geração vem revolucionando a internet de modo que acabaram por

transformar o modo de apropriação, compartilhamento e de se relacionar. Posso destacar, por exemplo, que essa geração assiste muito menos TV do que as gerações anteriores, ao menos a ideia clássica da TV como sendo um aparelho fixo, pois o horário de acesso a determinados conteúdos tem muito mais relação com um “tempo próprio”, customizado sob demanda, de tempo-espaço e vontade do ator/atriz social, em relação ao consumo da mídia.

Para Prensky (2001, 2006) a utilização das tecnologias por esses/essas jovens fez surgir outras habilidades. Chamados de “nativos digitais” são usuários dos mais diversos dispositivos tecnológicos, tais como videogames, *smartphones*, computadores, *tablets*, etc. Por meio dessas engenharias tecnológicas produzem uma linguagem própria e integrada aos modos de pensar e agir. Ademais, esses/essas “sábios digitais”, como se refere o autor, além de engajados, mostram-se adaptáveis aos novos ambientes, sendo que o uso das tecnologias permitiu, nesse caso, a construção de um poderoso ambiente cognitivo capaz de ultrapassar a capacidade humana. Entretanto, é possível notar na literatura sobre este tema uma crítica a abordagem feita por este autor, sobretudo, por estipular fases de apropriação tecnológica, aproximando a sua abordagem de um olhar determinista.

Em outra direção, White e Le Cornu (2011) desenvolvem duas tipologias para se referir aos processos de engajamento nas culturas digitais, são elas: visitantes e residentes. Suas explicações se baseiam no uso das ferramentas da *Web*, as diferentes ambiências de engajamento e ação dos atores/atrizes, por exemplo, nas redes sociais digitais. Na definição apresentada pelos autores, coexistem, por um lado, os perfis de produtores, chamados de residentes e os visitantes, aqueles que trabalham com as “ferramentas digitais”, numa condição de invisibilidade. Dessa abordagem, mas que os perfis, importa a noção de engajamento nas ambiências virtuais de iteração e as práticas que resultam dessas criações. Logo, os marcadores ou rótulos, a exemplo de “nativos digitais”, aparecem neste trabalho como composição teórica e não como diretriz conceitual, pois se tratando das performances juvenis “nas redes e nas ruas”, observo uma variabilidade de perfis, ações e engajamentos que caíam para a multiplicidade, complexidade e diferença.

Murden e Cadenasso (2018) salientam que os usos das tecnologias digitais pelos/pelas jovens se tornou condição decisiva para o surgimento de novos processos de subjetivação. Estes, encontram ressonância nas interações estabelecidas com outros jovens nas redes. Ao destacar a questão das subjetividades juvenis, os autores chamam atenção para a produção de sentidos, atravessadas pelas TDIC. Segundo eles, o estabelecimento dos vínculos, a troca de

ideias, crenças e formas de agir surgidas nessas experiências anunciam a criação de gostos, interesses e capacidades que, imbricadas com esses dispositivos, são formadas e formadoras de tempos-espacos diferentes.

Muitos jovens hoje acessam com frequência os canais de *Youtube* como possibilidade de acessar, criar e compartilhar conteúdos. Dessa maneira, pode-se afirmar que o consumo juvenil na contemporaneidade vem sendo alterado pelo acesso de conteúdos disponíveis nos meios digitais. Mas, antes disso, é preciso situar o consumo como sendo uma forma de acesso aos bens materiais e imateriais, dentro de um conjunto de valores. Para Rocha e Pereira (2009, p. 73) “o consumo pode ser entendido como um sistema de significação, pelo qual os sujeitos são classificados a partir dos bens que possuem”.

Para Baudrillard (2008) a vida cotidiana é o lugar onde ocorre o consumo, mas segundo ele, não se trata apenas de ações e gestos diários, pois o sistema de consumo é também um sistema de interpretação de signos que integram a produção cultural humana. Ao descrever sobre os sistemas de produção dos objetos na sociedade do consumo, o autor destaca que a sociedade baseada na lógica do consumo se organiza através da manipulação dos signos. Nos seus estudos, especialmente quando observa a sua relação com os meios de comunicação em massa, o autor destaca o processo de transformação dos sistemas de signos que rompem com a ideia de realidade. Coexiste uma relação tênue entre o consumo, a distinção do real e a sua multiplicação por diferentes signos.

Os *media* homogeneizam o real, diluindo o seu caráter vivido, ou seja, as suas multiplicidades e contradições. Ao neutralizarem “o caráter vivido, único e evento do mundo”, os *media* “lhes substituem o universo múltiplo dos meios de comunicação mutuamente homogêneos enquanto tais, significando-se e referendando-se reciprocamente uns aos outros” (BAUDRILLARD, 2008, p.159).

Todavia, convém destacar que na compreensão de Baudrillard (2006) o consumo não é visto dentro de um quadro explicativo, no qual existe uma relação passiva de apropriação e uso dos objetos. Para ele, a lógica que compreende o consumo ultrapassa necessariamente a noção de fabricação dos objetos que possuem uma dimensão estritamente abstrata. Essa compreensão sobre o consumo foi destacada também por Guy Debord (2007) ao destacar o surgimento de uma sociedade do espetáculo, baseada na constituição de relações sociais mediatizadas através de imagens com a finalidade de consumo.

Obviamente, não se pretende no bojo dessas discussões destacar a relação de consumo juvenil de forma desprendida de condicionantes socioculturais. É o caso das mediações criadas

pelos/pelas jovens que fazem parte desse estudo. Nessa compreensão, interessa o modo como estão sendo apropriados os diferentes dispositivos digitais e desencadeiam novas sensibilidades já destacadas por Martín-Barbero (2008) ao descrever um conjunto de transformações das tecnologias da comunicação, em especial, as tecnologias audiovisuais. As discussões apontadas pelo autor dão conta de uma mudança significativa na relação de consumo com os meios de comunicação.

Para ele, as discussões devem ultrapassar a dimensão dos meios de consumo indo ao encontro às mediações e práticas realizadas pelos/pelas jovens inseridos no contexto sociocultural, pois segundo o autor “As invenções tecnológicas no campo da comunicação acham aí sua forma: o sentido que vai tomar sua mediação, a mutação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 191). Como foi possível perceber nas falas dos/das jovens, a apropriação dos dispositivos fez surgir modulações distintas de outros tempos, bem como revelam uma singularidade do uso, a depender do contexto, sobre isto, veremos mais exemplos no decorrer dos cenários.

No contexto do uso dos dispositivos relacionados às TDIC, pode-se notar uma complexidade envolvendo a relação entre consumo e produção de conteúdos. Com a produção de narrativas e experiência com utilização destas, tornou-se mais difícil precisar os limites, se ainda existem, entre o consumo e produção de objetos e significados, prevalecendo diversas ações singulares, observadas nas redes sociais digitais na internet. Nestes termos, é possível observar entre os/as jovens, uma destreza para criar produtos, manipular informações e disseminar ideias, o que caracteriza o desenvolvimento de habilidade comuns aos sábios digitais, conforme descreve Prensky (2012).

Logo, se observa o surgimento de novas sensibilidades juvenis que, relacionadas ao uso e apropriação das tecnologias digitais, ajudam a ressignificar as práticas culturais dos/das jovens, a saber: a linguagem, oralidade e formas de interagir com o mundo. Tais sensibilidades foram sendo forjadas no contato com os dispositivos tecnológicos, ao passo que a comunicação contemporânea foi expandida por meio de inteligências e habilidades chamadas por Martín-Barbero (2014) de “saberes-mosaicos”, que alteram as lógicas das mídias tradicionais, por meio de fluxos de informação, dispersão, fragmentação e engajamento juvenil.

A este respeito, Jack e Schmitz (2017) consideram que as teorizações de Martín-Barbero, sobre essas temáticas, tiveram início a partir das transformações da sociedade

contemporânea, onde os/as jovens se tornaram protagonistas, com destaque para emergência da cultura digital em consonância com os movimentos de globalização e massificação das tecnologias. Essas sensibilidades surgidas no contato com as tecnologias reorganizam processos de atuação dos/das jovens na sociedade:

As cumplicidades da oralidade cultural com a visualidade eletrônica, na empatia expressiva com as fragmentações e velocidades da cultura tecnológica, nas hibridações que amálgama no rock os sons e ruídos das cidades com as sonoridades e ritmos das músicas regionais, indígenas e negras, nas mestiçagens das estéticas transnacionais do cinema e do vídeo com os cenários de decomposição e violência do país, e também com a recriação das imagens que põe em cena a pluralidades de culturas de que estamos feitos e as frágeis utopias que surgem da insipidez moral e a vertigem informacional (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 20).

Nesse movimento de mudanças, as experiências performáticas dos/das jovens resultam em práticas e interações completamente distintas das gerações anteriores. A comunicação tornou-se elemento primordial para transitar em grupo, produzir enredos e narrativas. Experiências cada vez mais colaborativas e criativas em ambiências de interação grupal por meio de dispositivos digitais ajudam a revelar um mundo de possibilidades em transformação por eles/elas. Segundo (MARTÍN-BARBERO, 2012, p. 35) “O que muda é o sujeito que usa: agora é um que joga na mescla, que faz muito, que coloca em outro lugar. Mas a chave é o que está fazendo o está fazendo com outros, o faz em perspectiva comunitária, colaborativa”. Por isso mesmo, as mediações, intervenções e ações dos/das jovens nos coletivos e suas experiências “nas redes e nas ruas”, são parte de uma prática fenomênica, na qual, a etnocenologia virtual das aprendizagens torna-se fecunda e aparente.

Nessas ambiências de convivialidade, os/as jovens assumem uma relação social de engajamento e participação que pode ser caracterizada a partir de duas noções. A primeira noção compreende a experimentação dos sentidos numa dimensão corporal. Não se trata apenas da utilização de dispositivos para formular uma imagem de si na rede, mais que isso, os/as jovens experimentam sensações, exprimem desejos, usam o corpo como meio de engajamento, destaque e participação.

Uma segunda noção tem a ver com a radicalidade possível do aprimoramento das capacidades cognitivas através das TDIC, conforme já destacado por Prensky (2006) e Schneider (2019) quando discutem as implicações em torno do conceito de sabedoria digital. Parece-nos cada vez mais aceitável, a presença e criação de um corpo híbrido ligado, criado a partir de uma relação de proximidade com os objetos, elementos e artefatos tecnológicos, deixando cada vez mais tênues as experiências entre actantes humanos e não humanos.

Outra característica nessas ambiências de interação é a insubmissão às ordens e normatividade social, a tudo aquilo que parece rígido e fechado. Nesses espaços, a abertura ao novo é alimento, a inquietação, a mobilização e a contestação são processos necessários à construção das realidades sociais. Quando se fala em contestação ou inquietação não se quer dizer em inconsequência, imprudência. Esta delimitação é necessária. É possível destacar ainda que esses estilos juvenis e/ou sensibilidades dos/das jovens contemporâneos apontam para caminhos de mudanças, pois “estão desligados das figuras, estilos e práticas de antigas tradições que definem ‘a cultura’ e cujos sujeitos se constituem a partir da conexão/desconexão com os aparelhos” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 187-188).

Com base nessas reflexões destacadas pelo autor, cabe demarcar que, no âmbito desse trabalho de pesquisa, foi privilegiada uma análise e discussão alicerçada no campo da pedagogia cultural, baseando-se em autores como Giroux (1997), Larossa e Skliar (2001) Gallo (2008), Assman (2003). Nesse escopo, interessa-nos uma abordagem não simplificadora, envolvendo, por exemplo, somente a escola. Ao contrário, estando imerso nas experiências não formais, mas, sobremaneira, formativas dos/das jovens com os dispositivos no ciberespaço, são importantes os marcadores das aprendizagens e experiências de conviver aprendendo com o outro nas ações e eventos coletivos (virtuais e presenciais), visto aqui, como incontestes e provocantes caminhos para repensar a educação em diversas ambiências.

Mas, o que vem a ser considerado uma ambiência? Para desenvolver esse conceito recorro a explicação epistemológica formulada por Michel Maffesoli (2005a) quando anuncia o surgimento de outras sensibilidades que fogem às normas sociais. Antes, é necessário esclarecer que o conceito de ambiência não se explica somente a partir da noção de espaço enquanto delimitação de um ambiente existente. Vai além dessa ideia, pois nas ambiências o que se chama atenção são as relações e sentimentos que fazem surgir agrupamentos coletivos.

Para Maffesoli (2005b), a partir de uma sociologia do cotidiano, a constituição de ambiências tem como escopo o rompimento de um ideal normativo e deliberativo das relações sociais humanas. Sua análise reflete a superação de um modelo de sociedade moderna, cujos aspectos da vida social seriam explicados por meio do determinismo racional imputando no indivíduo formas de socialização que permitisse sair de um estado primitivo para um patamar civilizatório. Esse modelo de sociedade teve como princípio norteador a sustentação de dicotomias como cultura-natureza, corpo-espírito, espírito-matéria, etc. A ruptura epistemológica apontada por ele, ao desenvolver o conceito de ambiência, tem como

fundamento enxergar comportamentos sociais que não se enquadram à estrutura moderna da sociedade.

Parece-me, aplicando a nosso propósito uma forma elaborada por mim em obras anteriores, que a fusão das emoções comuns está cedendo lugar ao homem da potência. Nesse esquema, a potência, da socialidade de base, da força instituinte, pôde ser, durante todo um ciclo, canalizada pelo poder instituído (social, econômico, político, mas não exerceu menos uma pressão subterrânea capaz de explodir na primeira oportunidade. Outro ciclo, portanto, recomeça. Ao longo deste, as representações de todas as ordens integram toda uma série de parâmetros espirituais funcionando menos sobre uma a convicção racional que sobre a fascinação e a contaminação. (MAFFESOLI, 2005b, p. 113)

Nesse intento, o conceito de ambiência tem como origem o olhar sobre os comportamentos humanos, a multiplicidade das pequenas coisas que exercem pressão no tecido social. Abrem-se espaços para entender os elementos heterogêneos que formam um conjunto de atores/atrizes, com muitas particularidades individuais unidos por desejos comuns. Na sua discussão, fica claro que a ênfase na ideia de ambiência pode ajudar a esclarecer a dialética existente entre representações individuais e coletivas. Existe para Maffesoli (2005) uma ordem do ambiente que exercer uma “mediância social” tão necessária às relações. As interações como o meio ambiente e com o seu meio social dá origem aos coletivos de relações que extrapolam a lógica individual dos seus componentes.

Mas, enfatizado a ambiência, reconhece-se uma mudança radical de paradigma: em lugar de dominar o mundo, de querer transformá-lo ou mudá-lo, atitudes prometeicas, opta-se por unir-se a ele pela contemplação. A prevalência estética, a perspectiva ecológica, a não atividade política e as diferentes formas de cuidado de si, os diversos cultos ao corpo, são de fato, apesar das aparências, modulações dessa contemplação. (MAFFESOLI, 2005a, p.109)

É possível observar essa organização nos movimentos de conjunção dos/das jovens contemporâneos que, ao utilizar os dispositivos digitais, criam ambiências de convívio e atuação em temas diversos com o intuito de promover assuntos, divulgar pautas, exercendo um papel importante não só na divulgação de dados, mas também explicitando um posicionamento social. É o caso dos/das jovens nos coletivos que fazem parte da pesquisa e veem nos seus agrupamentos uma forma de criar, viver e propor. Nesses coletivos, as ideias e desejos partilhados extrapolam a individualidade dos seus participantes que, coabitando ambientes virtuais e presenciais, mobilizam formas de se portar comuns às juventudes conectadas no tempo presente. “Por favorecer o imaginário, o lúdico, o onírico coletivo, ela reforça os microagrupamentos. Funciona, enfim, como a moldura que os protege e realça. (MAFFESOLI, 2005a, p.112). Enfim, é o novo cenário onde acontece a aprendizagem coletiva.

Portanto, a agregação social destacada pelo autor, em consonância aos comportamentos juvenis na contemporaneidade, fazem refletir sobre o desenvolvimento de espaços-fluxos de partilha, nos quais os sentimentos coletivos e as imagens formadas dão conta de uma estrutura de formação dinâmica, cuja natureza afetiva, pulsional e tribal ajudam a compor um "corpo coletivo", criando um *ethos* juvenil nas “ambiências matriciais” (Idem, p.12), criando estilos de vida próprios dos/das jovens contemporâneos ligados aos contágios afetivos com o uso de dispositivos digitais.

4.2 Corpos juvenis, estilos de vida e socialidade: reflexões sobre o tribalismo contemporâneo

O corpo está em cena na contemporaneidade, sendo inúmeros os estudos acadêmicos, teorias e discussões que o colocam no centro de debate como resultado de uma imbricação de sentidos que produzem às dinâmicas da vida social, sendo este, um elemento primordial para pensar a vida humana e a constituição dos comportamentos sociais, suas alternâncias e influências. O corpo pede passagem, quer seja nos movimentos de resistência às opressões vividas cotidianamente que envolvem tensões políticas na atualidade, mas também como sendo reflexo de uma nova forma de portar-se frente aos principais fenômenos do nosso tempo.

Segundo definição do dicionário Aurélio (2014), o corpo é um conjunto de substâncias orgânicas e inorgânicas que integra um animal ou um organismo material e engloba funções fisiológicas e tecidos que perpetuam a vida. Para além da função orgânica, o corpo é o elemento de relação com o mundo e nele opera ações capazes de modificar as suas dinâmicas.

Na filosofia, a primeira definição sobre o corpo foi cunhada por Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) e descreve que, tudo aquilo que pertence à natureza é constituído por corpo e grandezas. Conforme Abbagnano (2007), o que chama atenção na elaboração desse conceito é o fato de tornar o corpo um objeto possível da ciência natural. No conceito esboçado por ele, o corpo compreende tanto uma extensão de possibilidade de objetos, como uma divisibilidade.

Por outro lado, nas ciências sociais nota-se uma aproximação do corpo às práticas sociais dos indivíduos como, por exemplo, a que se refere Marcel Mauss (2003) quando sistematiza que os fatos corporais são definidos como “técnicas de corpo”, à medida que são organizados os símbolos e valores culturais. O corpo como produtor de valores e informações ganha lugar de destaque, tanto por sua dimensão implícita, ao desenvolver sentimentos como confiança, defesa e cuidado, quanto por sua dimensão explícita, sendo este, resultado de uma

construção social e cultural, e não uma condição natural. Trata-se de uma desnaturalização do corpo.

Acolhendo a dimensão corporal como sendo resultado de uma construção sociocultural, temos, hoje, um “tipo singular” do corpo até então não possível na sociedade. O advento das TDIC, aliado ao desenvolvimento da medicina numa escala mínima, sobremaneira, a partir do mapeamento sobre o funcionamento orgânico e do código genético e toda sua complexidade, permitiu, na atual conjuntura, criar uma série de novos dispositivos tecnológicos que influenciam as variadas áreas do conhecimento e demarcam influências nos corpos humanos.

Passando de um corpo desconhecido no curso da história, vemos hoje o surgimento de um corpo transparente que, se mescla com os diversos experimentos e tecnologias, surgindo o que autoras como Sibilía (2015) chama de corpo pós-orgânico ou Santaella (2019) situa como o corpo híbrido. Em todo o caso, estamos diante de uma mudança sem precedente na esteira dos acontecimentos humanos, quiçá no rumo de alterações significativas na ordem do humano, conforme anunciam ambas.

Sibilía (2015) descreve um panorama de adaptabilidade humana em decorrência do desenvolvimento da tecnociência que demarca os momentos vindouros de uma evolução pós-humana. Segundo a autora, estamos diante de uma evolução que não tem causa e efeito naturais, mas sim, baseando-se numa artificialização das ciências. Suas discussões colocam em evidência uma provocação e imperativo da atualidade. Segundo ela, a configuração orgânica do corpo humano está fadada a obsolescência, ao passo que crescem as experiências da telemática e das biotecnologias.

Para desenvolver essa ideia, a autora utiliza duas ilustrações mitológicas da cultura greco-latina: “o mito Fausto” e “Prometeu”, que ilustram a relação humana com a tecnociência. No primeiro mito, o do Fausto, um doutor realiza milagres e perde o controle das energias da sua mente que passa a adquirir vida própria. Ele conta com ajuda do “demônio” para ultrapassar os conhecimentos de sua época. No outro caso, o mito grego, Prometeu rouba o fogo dos deuses e entrega aos humanos. Por sua ação é preso e castigado a ter o seu fígado comido numa pedra por uma águia todos os dias. Nos dois casos, se nota com primazia uma metáfora sobre o ideal de artificialização, virtualização e o desejo de alcançar “a imortalidade”. Note-se:

É inevitável associar os parâmetros fáusticos à tecnociência contemporânea. Poderíamos insinuar, inclusive, que existe certa afinidade entre os saberes fáusticos com o seu impulso para apropriação ilimitada da natureza, e o capitalismo, como o seu impulso para acumulação de capital (SIBILIA, 2015, p. 49-49).

Prometeu age no ímpeto de melhorar as condições de vida da humanidade, acreditando no poder libertador do conhecimento científico e do desenvolvimento tecnológico. A ciência é vista como conhecimento puro e superior (SIBILIA, 2015, p. 47).

Os dois casos exploram a relação do desejo humano frente ao aperfeiçoamento técnico que projetaram o corpo numa realidade sociotécnica sem precedente. Paralelo a estes exemplos, a autora desenvolve um anúncio sobre o progresso técnico-científico no campo da inteligência artificial e da engenharia genética, capazes de redesenhar, por exemplo, as definições existentes sobre vida e morte.

Para isso, explicita que o ato de morrer gradualmente vai sendo desvinculado do sentido religioso e aporta em outros processos, como na possibilidade de conservação e recuperação de informações de pessoas com emprego de técnicas de congelamento de corpos, tudo isso possível por meio de experimentos relacionados aos avanços das tecnologias, pois “(...) a fim de romper essa barreira imposta pela temporalidade humana, que é finita por definição, o arsenal tecnocientífico é colocado a serviço da reconfiguração do que é vivo, em luta contra o envelhecimento e a morte” (SIBILIA, 2005, p. 51).

Certamente, o que se nota, a partir dos exemplos, é uma mudança qualitativa no que tange o corpo humano. O horizonte vindouro anuncia mudanças infinitas e no presente já se pode falar sobre o modo com essas tecnologias alteram o cotidiano das relações humanas. A geração de crianças que nasce nesse tempo e os/as jovens crescidos e envolvidos nesses fenômenos, há quase vinte anos, desenvolvem maneiras diferentes de se portar no/com mundo.

As mudanças corporais são visíveis na moda, nos gestos, nas linguagens, nos artefatos que expandem as suas capacidades, tudo isso manuseado com uma destreza e refinamento que impressionam. Indo além, existe ainda uma revolução cognitiva em curso que poderá alterar as dimensões das aprendizagens desses atores/atrizes sociais implicados com as tecnologias, permitindo-lhes vivenciar aprendizagens etnocenológicas e o desenvolvimento de uma inteligência ligada à sabedoria digital.

As provocações filosóficas realizadas por Lyotard (1997), aparecem nesse contexto como anúncio e narrativa que merece destaque. Falando sobre a morte do corpo humano e da natureza, como resultado da ação humana na terra, ele aponta como possibilidade a invenção de uma cognição humana baseada em *hardware*, *softwares* e dispositivos que consigam prolongar a vida fora do corpo humano. O autor intitula essa passagem de mudança da vida humana a partir do conceito de inumano. “É óbvio, mesmo para o ignorante que sou, que o

nuclear, a eletrônica, a fotônica e a eletrônica conjugadas abre as portas a construção de objetos técnicos, de capacidade não apenas física, mas cognitiva” (LYOTARD, 1997, p. 23). O autor segue fazendo uma série de provocações futuristas que, na atualidade, já se enunciam como um estágio próximo:

A verdadeira analogia requer que a máquina pensante ou representadora se insira no meio de seus dados, como os olhos se inserem no visual ou a escrita na língua (no sentido mais amplo). Não basta que essas máquinas sumulem mais ou menos os resultados da visão e da escrita. Trata-se de dar corpo ao pensamento artificial de que elas são capazes. E é este o corpo, ao mesmo tempo natural e artificial. (LYOTARD, 1997, p. 25-26).

Indo nessa mesma direção, Santaella (2019) aborda o tema das revoluções humanas como sendo pauta do tempo presente das mais variadas áreas do conhecimento científico, trazendo uma observação que situa, sobremaneira, as intervenções ocorridas ou por ocorrer nos corpos humanos por consequência das tecnologias do digital. Nas suas palavras, existe em curso uma transformação sociocultural sem precedentes, demarcada pelas revoluções ocorridas mais recentemente nas áreas da física, biologia e incrementadas pelas tecnologias digitais.

Harari (2018) pontua que vivemos um panorama de revoluções tecnocientíficas do humano que desencadeiam uma vastidão de informações, nem sempre úteis, onde se observa, por exemplo, a proliferação de notícias falsas ou irrelevantes, a manipulação algorítmica e projeção da inteligência artificial na economia, a exemplo dos projetos de *Machine Learning*. Sobre isto, Harari (2018, p. 25) destaca que os computadores alteraram os modos de pensar a economia digital, a partir da evolução da Inteligência Artificial (IA), com destaque para “[...] as redes *peer-to-peer* de *blockchain* criptomoedas como o *bitcoin* poderão renovar completamente o sistema monetário”. O sistema de pagamento eletrônico, as *fintechs*, as máquinas de cartão, pulseiras digitais por aproximação, sistema instantâneo de transações (Pix)⁵⁷, os aplicativos de bancos, tudo isso faz parte desses cenários de mudanças.

Autores como Donald (2001) apontam o nascimento de um terceiro ciclo da espécie humana. No estudo sobre os três estágios da revolução da cultura e da cognição humana expõe como a criação de sofisticados aparelhos e dispositivos deram origem a esse “novo” corpo humano. Nessa mesma direção, Mazlish (1995) descreve as mudanças qualitativas ocorridas

⁵⁷ Criado pelo Banco Central do Brasil, recebeu esse nome por envolver o uso de tecnologias digitais, para efetuar transações diretas entre usuários por meios de pixels.

nos humanos, cada vez mais plugados aos dispositivos maquínicos, robôs e experiências com dispositivos móveis com utilização de inteligência artificial.

Ainda nessa trajetória, Leonhard (2016) relata que a vivência de uma virada histórica do humano ocorre por meio da exponenciação das transformações tecnológicas na atualidade, todas elas se dão no contexto de uma megavirada da ciência e da tecnologia que promete redesenhar a economia, a sociedade, a cultura e a biologia. Com a prudência necessária, aborda a questão das tecnologias, levantando preocupações sobre o papel destas em serviço da humanidade. Um dos pontos abordados por ele envolve a “inteligização”⁵⁸ humana com ajuda dos dispositivos, uma vez que “cada objeto à nossa volta que antes estava desligado e sem contexto dinâmico está agora ligado à internet por redes de sensores e continuamente atualizado e interrogado através de redes globais de dispositivos” (LEONHARD, 2016, p. 56). Desataca ainda que, se quisermos continuar numa sociedade preocupada com o humano é necessário valorar os “andorritmos” que são as capacidades humanas de sentir, emoções, compaixão, ética, felicidade e criatividade

Em sintonia como este pensamento, Santaella (2003) descreve que as consequências dessas tecnologias na comunicação e na cultura são remarcáveis, pois, a revolução da informação através do poder dos dígitos, compostos por sons, imagens, vídeos, textos e programas redefinem as experiências humanas, cada vez mais fluidas, em sintonia com as dinâmicas virtuais.

Nesse contexto, o uso dos corpos encontra-se diretamente ligado às experiências criadas para estabelecer vínculos com outros/outras jovens nas ações coletivas que são planejadas e executadas com os coletivos. Não obstante, acompanhando os/as jovens, percebi algumas características quanto aos usos dos corpos nas diversas ações relatadas por eles/elas, busquei destacar estas, conforme a natureza que se apresentou, sendo elas: **intervencionista, experimental, comunicativa, cultural, ritualística e performática**. As experiências compartilhadas nos coletivos exemplificam o modo como projetam o cotidiano das atuações numa perspectiva mobilizadora, deixando em evidência o modo como os/as jovens usam as extensões corporais, linguagens e narrativas com o uso dos dispositivos.

Nesse tocante, para Santaella (2003) os processos de comunicação pautados nas redes de colaboração, instantaneidade, participação e visibilidade põem em evidência outro olhar

⁵⁸ Termo usado pelo autor.

sobre o sujeito social, sendo este demarcado pela instabilidade e múltiplas identificações, pois segundo ela, a linguagem é a principal forma dos atores/atrizes sociais mediar e mediatizarem as relações com os objetos, numa dinâmica aberta e múltipla.

É interesse notar que, ao se reportar a estas experiências os/as jovens fazem questão de destacar como suas ações podem ajudar a desenvolver as comunidades, as relações com seus pares nos coletivos, sendo estas, tão diversas e distintas, conforme objetivo e atuação dos agrupamentos de origem. Isso ocorre com a jovem Camaleoa, que descreve experiências de **natureza intervencionista** com crianças em bairros periféricos da cidade de Aracaju. Faz parte da ação do Camaleão Urbano (@coletivo.camaleão), propor oficinas de intervenção artística. Rememorando uma dessas ações na ocupação Vitória da Resistência⁵⁹, ela menciona o caráter formativo e colaborativo da intervenção:

A gente fez uma intervenção lá no Vitória da Resistência, uma oficina de grafite para todos os moradores, mas acabou que quem foi mais foram os jovens, as crianças e os adolescentes, onde na oportunidade, eu fiz um mapeamento junto com eles sobre os usos do espaço e o Alef (parceiro do coletivo) fez a oficina de grafite, buscando intervir na realidade local, buscando chamar atenção para a questão urbana e ambiental, evoluindo e mobilizando a comunidade. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

O criar junto, mencionado pela atriz da pesquisa revela a natureza que mobiliza o fazer dos/das jovens atuando nos coletivos. Nessa mesma direção, Juno e Artista revelam uma experiência parecida vivida com seus pares no Coletivo EXP (@coletivoexp). Como já visto anteriormente, o coletivo busca difundir ações de **natureza experimental**, sendo a arte, a principal forma de expressão utilizada. Elas fazem menção ao caráter participativo dos membros do coletivo, sendo possível notar como os seus participantes vão sendo envolvidos nas ações.

Existe uma troca maravilhosa, como eu disse, a pessoa fala que tem interesse e a gente pega o e-mail e de repente a gente tá dando uma oficina de argila e uma pessoa que foi participar fala que manja de *silk-scream*⁶⁰ ai a gente já faz a conexão com essa pessoa “ei, então vamos fazer uma oficina de silk?” aí 100% das vezes a pessoa fala “pow, mas eu não sei muita coisa”, e eu falo tudo bem, não importa que você sabe pouca coisa. O que você sabe a gente tá interessado em aprender. Você tá interessado em ensinar?” e a resposta é quase sempre “então vamos”! A gente dá uma oficina de uma coisa e a gente conhece, umas três pessoas que coisas diferentes, uma pessoa que faz bonequinho com durepox, uma pessoa que faz *silk* e uma pessoa que faz colagens diferentes do que a gente tá habituado. (Juno, 26 de março de 2020).

A gente ensinava muito. Mas a gente percebia que dentro das oficinas, as pessoas que participavam, tinham muito a ensinar pra gente também. Todo mundo dizia isso, que quando chegava na oficina não era aquela coisa mecanizada, do tipo, tem ali o

⁵⁹ Comunidade situada no bairro Lamarão, situada no município de Aracaju- SE.

⁶⁰ Técnica de impressão a tela de texto ou figura em uma superfície.

professor, todo mundo senta, e ele fica ali falando e depois vai pra prática. Era uma coisa que estava todo mundo construindo as coisas juntos. (Artista, 30 de março de 2020).

A troca entre os/as jovens, refletem a criação de sentidos do fazer coletivo, nessas experiências são feitas descobertas, criados novos caminhos, e, também nelas, vão sendo alternados o protagonismo dos/das atores/atrizes, quanto à criação de performances alternadas. Nas falas acima, se observa dois elementos interessantes, o primeiro é a natureza propositivas das ações dos/das jovens que fazem parte das oficinas, o segundo demonstra a não hierarquia e como eles/elas buscam viver e propor experiências onde todos fazem parte, cada qual com seu olhar que vai sendo compartilhado. Juno fala sobre ensinar e aprender com o outro e Artista destaca a mobilização para aprender juntos, são esses elementos que revelam o uso dos corpos numa dimensão extraordinária das aprendizagens etnocenológicas. Experimentar juntos, sentir, permitir viver em coletivo, aprender e disponibilizar o corpo nessas experiências é, sem dúvidas, um traço importante.

Frequentemente, a atuação e **natureza comunicativa** é utilizada para desenvolver as experiências com os pares nos coletivos. Esses mecanismos utilizados pelos/pelas jovens são mencionados por Síbilia (2008) quando relata sobre a transparência dos gestos, atitudes e desejos de propagar uma imagem de si, nos espaços de interação virtual.

Para a jovem Empoderada, sua participação no Coletivo GDG Aracaju – *Women Techmakers* (@gdgaracaju) ajuda a dar visibilidade às outras mulheres, pois sua presença e atuação, segundo ela, é uma forma de representatividade feminina na comunidade de informática. Seu corpo e as experiências que se envolvem são uma forma “[...] de mostrar que a gente pode sim, se destacar, e que não tem só homem ali, tem mulher! Isso dá um impacto social maior, como você mesmo viu das meninas que me indicaram” (Empoderada, 21 de março de 2020).

É necessário pontuar que as experiências de construção das imagens em espaços virtuais por jovens influenciam na formação de uma *ethos*, a partir de uma socialidade que envolve as experiências virtualizadas entre pares. Como resultado das tecnologias digitais nas duas últimas décadas, é possível notar diferentes corpos presentes nos espaços virtuais, de modo que as corporificações são traduzidas em expressões da sensibilidade, a exemplo dos sentimentos, gestos e sensações. Por consequência, a fabricação desses corpos nos espaços virtuais se dá como resultado de uma exposição pública e construção de um *self*. As TDIC proporcionaram ao homem contemporâneo a virtualização das experiências da intimidade, onde é possível notar

a espetacularização dos corpos por meio das redes, grupos sociais, em diferentes suportes midiáticos.

Sendo assim, a criação de espaços de comunicação ou participação nesses espaços é também uma forma de usar o corpo para desenvolver uma prática comunicacional com a finalidade formativa. Entre os/as jovens, se nota com frequência o uso desse recurso nas experiências que participam ou são convidados. É o que relata a jovem Combativa, ao descrever sua participação na semana de visibilidade Trans, evento que reuniu pessoas afins para debater as questões de gênero, o que envolveu um ato contra transfeminicídio na praça Camerino, após o assassinato de uma travesti chamada Dandara, em Fortaleza, quando houve várias movimentações nacionais e também no município de Aracaju, no início de 2017. Na ocasião, descreve a jovem, ocorreram manifestações artísticas e corporais, a exemplo da “[...] batalha de poesia, uma das integrantes, também, falou sobre a sua vivência enquanto mulher, mulher negra e periférica, sobre todas as violências que atravessam”. (Combativa, 25 de março de 2020).

Por conseguinte, se observa o uso de uma ação política por meio de uma natureza comunicativa do corpo juvenil. O jovem Lagartense pontua suas experiências de comunicação ao participar de eventos, encontros com a comunidade de distintos bairros do município de Lagarto. As ações consistiam em debater e refletir sobre temas como democracia, de modo a envolver a comunidade com o cenário político local. O jovem menciona algumas ações que participou a convite do Instituto Federal de Lagarto – IFS/Lagarto, onde foi debater sobre a pauta anticorrupção, contando com a participação da UFS e da OAB. Ele descreve também sobre a sua participação em outro debate com comunidades periféricas do município. Note-se:

A gente quis fazer este debate sobre a questão dos privilégios na cidade, de como isso é muito fechado, qual a causa desse problema. Este evento já foi um pouco mais aberto. A gente fez no bairro periférico chamado jardim campo novo, teve uma espécie de ceia, uma coisa assim, teve uma assessoria jurídica de um grupo da UFS, teve apoio médico de outro grupo da UFS que veio fazer aferição de pressão, etc. (Lagartense, 23 de março de 2020).

A ação comunicativa desenvolvida por Lagartense em suas experiências, possui forte relação a com **natureza comunicativa**, sendo esta, direcionada ao contexto político. Indo nessa direção, o jovem Estanciano, também destaca as ações que ajuda a mobilizar no Coletivo Quilombo Sergipe (@quilombose), situando-as nessa dimensão de comunicação com viés na formação política. Buscando engajar os/as jovens nos espaços educacionais e acadêmicos, se observa, com destaque, a diretriz de mobilização das ações:

A gente busca ocupar os espaços dos congressos da UBES, da UNE, da NPG, fazer uma intervenção mais qualificada e mais sólida para os congressos que são de entidades nacionais que representam os estudantes que é o nosso principal público. É por isso que a gente acha que precisa tá se discutindo em todos os locais, seja dentro de uma instituição educacional, seja dentro do sarau, seja dentro de uma comunidade, seja conversando com a família, seja conversando com qualquer pessoa, a gente precisa tá levando esse debate político. A gente tá sempre fazendo, também, um recorte racial, um recorte de classe, um recorte de gênero, tudo isso é dentro dos nossos espaços de discussão. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Os usos do corpo assumem uma função formativa, denunciativa e propositiva, como já assinada Di Felice (2017), ao destacar as diferentes ações comunicacionais dos/das jovens. Ao rememorar as experiências vividas no coletivo, o jovem Criativo destaca a realização de dois projetos desenvolvidos. Um deles foi pensado na formação dos/das jovens periféricos e na formação deles, destaca o uso da música por meio do projeto Movimento de Artistas Periféricos – MAP, idealizado pelo terreiro que faz parte.

Destacando a ação comunicativa **de natureza cultural** no evento, o jovem ressalta o trabalho desenvolvido no bairro Santos Dumont em Aracaju, buscando aproximar os/as jovens de ações culturais e corporais com uso da música e dança. Ainda segundo o jovem, um dos maiores desafios e mobilizar os/as jovens do bairro para participar do evento que tem como finalidade profissionalizar artistas do bairro, nas suas palavras [...] um dos nossos maiores desafios que é atingir as pessoas. A maior parte são pessoas muito tímidas. As pessoas têm medo de chegar muito perto”. (Criativo, 27 de março de 2020).

O jovem destaca ainda outra experiência que é desenvolvida na comunidade, as oficinas e cursos de teatro. É interessante notar o modo como o cultivo da arte é parte importante nas experiências cotidianas dos/das jovens, especialmente nos Coletivo Lèguà e Coletivo Caatingas. Sobre isto, o jovem comenta que:

Todas as peças de teatro que a gente faz, a gente faz tudo. A mais recente que a gente fez foi “Itans das grandes mães” que é um espetáculo feito pelas mulheres de nossa casa, onde elas narram histórias das deusas, dos orixás femininos, e a gente fez toda a comunicação. (Criativo, 27 de março de 2020).

As ações teatrais do Coletivo Caatingas me despertaram uma curiosidade, especialmente quanto ao trabalho de formação dos/das jovens nos bairros onde atuam, o estudo do teatro por meio de oficinas realizadas pelos/pelas jovens desses coletivos, especialmente o Conciliador que tem formação na área, são vistos como uma possibilidade de pensar a sociedade. Essa é uma ação desenvolvida pelo Núcleo de Teatro do Erukerê⁶¹, tendo por finalidade o

⁶¹ ONG que abriga vários coletivos.

desenvolvimento anualmente de oficinas para iniciantes, que resultaram em espetáculos construídos coletivamente com as turmas. Note-se aqui, a dimensão corporal traduzida como sendo “[...] um processo de criação coletiva, como algo que dá contornos mais expressivos aos corpos em cena e às diversas ideias, formas de encenar e se relacionar com a arte de interpretar”. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Descrevendo sobre a experiência com o teatro, Conciliador, descreve, após uma provocação minha, o processo de direção do espetáculo “O Corpo e o Afeto”, criado em 2018, na UFS e ganhou destaque em Aracaju. O espetáculo fala sobre o personagem Antony e a dificuldade de aceitação de nosso corpo. Ele desenvolve uma reflexão sobre o personagem:

Aquele personagem, o Antony, ele não consegue abraçar ninguém. Por que isso? Quantas pessoas no mundo não conseguem abraçar alguém, porque não consegue ter esse contato com o corpo? Quais são os motivos? Quais são, digamos assim, os traumas? Como esses corpos estão sendo mecanizados, se transformando em máquinas literalmente. Até chegar, até culminar no êxtase do espetáculo que é a grande catarse do abraço, do contato com o corpo. O abraço não é um abraço com uma pessoa. É um abraço com todo mundo, com a sociedade. É abraçar o corpo do outro e fazer desse outro, parte de si mesmo. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Nas falas de Conciliador e Criativo, se explicita o trabalho dos coletivos que participam utilizando uma natureza de mobilização dramaturgica e cultural, ao pensar, planejar e entender a dimensão corporal como sendo um caminho de formação e mobilização dos desejos dos/das jovens onde atuam. Por outro lado, ao dar visibilidade às ações que participou no Coletivo Levante da Juventude Sergipe, o jovem Politizado, indica que, nos movimentos de resistências, característicos dos eventos de rua, os/as jovens fazem questão de ritualizar os corpos, usar instrumentos sonoros, pintar os rostos, vestir roupas com cores de luta, vermelho e preto, sendo essa uma característica peculiar nas ações corporais. Falando sobre a batucada, ele destaca que:

A gente resgatou esse ícone porque na América Latina é comum que grupos populares façam batucadas e movimentos musicais para reivindicações e a gente foi percussor aqui no Brasil de utilizar esses espaços de rua. As juventudes hoje, quase todas têm batucada, mas quem começou com isso foi o Levante. Não foi só para fazer zoadas, foi um resgate popular dos grupos da América Latina e aí a gente achou importante trazer isso. Os atos de rua sempre têm. Tudo que é pensando, divisão de blocos, todo mundo possui tarefa então, tem uma pessoa que é responsável pelas músicas, pelas paródias. Nos atos temos uma versatilidade muito grande, mistura de rua, de batucada, de trio elétrico, com megafone, cantando na voz, com “N” coisas, o movimento tem diversas facetas. (Politizado, 31 de março de 2020).

Se nota que, além da intenção de resgate do “emblema” sonoro, existe toda uma preocupação com a **natureza ritualística e performática** de uso dessa capacidade corporal humana, traduzida aqui, pelo uso da batucada. Ainda nesse limiar, o jovem destaca a utilização

de uma mística⁶² nas intervenções, podendo ser elas, a leitura de poemas, intervenções teatrais, o uso da voz por meio de discursos e intervenções. É importante destacar como o uso das tecnologias do teatro que, revelam a presença do corpo e de suas performances, estão neste cenário de intervenção e mobilização apontado pelo jovem, “[...] A gente usa o teatro e as artes cênicas para resgatar essa força”. (Politizado, 31 de março de 2020).

Essas dimensões da comunicação formam estilos de vida ligados às experiências com os coletivos, mediante às interações ocorridas entre os/as atores/atrizes e os fenômenos socioculturais que fazem parte do seu cotidiano. Logo, esses estilos ritualizados pelos/pelas jovens dizem muito sobre os micros espaços que organizam as instituições, espaços e relações na sociedade. Nestes, vão sendo agenciados os símbolos individuais e coletivos, os modos de ser e agir enquanto parte de determinado grupo social, o que nos leva a considerar que a concepção dos modos de vida, agenciamentos, os padrões de consumo são feixes estéticos de uma composição estilística cotidiana da cultura.

Sendo assim, o estilo de vida compreende uma característica ou traço formador de uma agregação societal por um determinado momento, ação ou necessidade. Os estilos de vida sofrem interferências das produções culturais humanas e estão em processo de constante atualização, transformando os modos de vida urbana. Sobre isto, Ortega (1999), destacando o conceito de dandismo, cunhado por Foucault descreve que as mudanças ocorridas nas cidades possibilitaram a criação de auto estilizações, nas suas palavras, “[...] é um fenômeno próprio do século XIX, ligado às transformações da vida urbana. [...] O poder da cidade de orientar os indivíduos desta forma baseia-se em sua diversidade; na presença da diferença o indivíduo tem pelo menos a possibilidade de sair de si. (ORTEGA, 1999, p. 100).

Nesse ínterim, as aproximações sociais, “as amizades” que são criadas a partir do contato entre os indivíduos produzem um lugar de destaque nas dinâmicas que organizam as formas estilísticas da cultura urbana contemporânea. É notório que o aumento das redes de interação sociais faz surgir novos arranjos estilísticos dos grupos sociais cada vez mais diferentes, é o caso desses coletivos que surgiram nos últimos cinco anos.

Desse modo, os grupos sociais de jovens são a maior parte dos usuários das tecnologias interativas digitais, conforme apontam as pesquisas mais recentes, já mencionada nesse estudo, especialmente aquelas diretamente ligadas à internet. Segundo Stern e Willis (2009), nessas

⁶² Nas palavras desse jovem, um ritual.

ambiências, os/as jovens realizam diferentes atividades que dão dimensão dos estilos criados com uso dos dispositivos digitais. Fazem uso para se comunicar, utilizando algumas redes de comunicação, quais sejam: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube* e outras, criando vínculos e comunidades em busca de uma comunicação direta do tipo on-line.

Buscam informações através dos sítios *web* de entretenimento, portais educativos especializados, a exemplo dos MOOC⁶³, sítios *web* de compras, imersão em conteúdos de séries e filmes por dispositivos *streaming*, produtos musicais, eventos esportivos, imersão em jogos digitais, etc. Além disso, com o aperfeiçoamento da *web*, criam conteúdos. Os/as jovens utilizam a internet para publicar suas criações.

Nesse sentido, os/as jovens utilizam páginas pessoais na internet ou canais no *Youtube*, onde é possível notar uma diversidade de temas, informações e conteúdos produzidos. Pode-se destacar a existência de influenciadores digitais, também denominado *Youtubers* que demarcam um cenário de criação e consumo pelas redes de interação virtual. Essas ambiências funcionam como uma espécie de "vitrine" pessoal aberta à interlocução, geralmente mesclando conteúdos com fotos, vídeos, textos, sons, etc, nas ambiências de aprendizagens de natureza coletiva, virtualmente situadas.

Sendo assim, o fenômeno de agrupamentos humanos produzidos em ambiências virtuais de interação social é, sem dúvida, instigante e provocativo. Se por um lado, observamos a circulação de informações na mídia afirmando que internet tem sido responsável pelo isolamento de indivíduos que não procuram mais as relações presenciais em detrimento às "fantasias" cibernéticas, de outro modo, defrontamo-nos com um vasto campo de produção de redes sociais criadas em território da comunicação. Nesse caminho, vemos surgir um novo comportamento juvenil que anuncia a organização de relações comunicacionais e afetivas desenhadas por um tribalismo contemporâneo.

Todavia, para entender o surgimento de um tribalismo contemporâneo, se faz necessário evocar, antes de tudo, o constructo epistemológico esboçado por Michel Maffesoli (1944 -****) para compreender as relações sociais de primeira ordem baseadas numa outra lógica de formação, cada vez mais provisórias, inéditas e emocionais. Trata-se do conceito de socialidade.

Na construção de sua teoria em torno do conceito de socialidade, Maffesoli (1996, 2004a, 2004b, 2005a, 2006, 2007, 2009a, 2009b, 2010) articula

⁶³ Massive Open On-line Course. Cursos abertos on-line, disponíveis em ambientes virtuais de interação.

um plano de conceitos sobre a sociedade e as interações sociais ocorridas nos diversos agrupamentos humanos. Lhe interessa o olhar sobre os comportamentos urbanos que rompem com as ideias clássicas de normatividade e racionalidade, interessando-se por temas como os vínculos sociais, a espetacularização dos corpos, a estetização e estilização das paixões grupais e coletivas.

Nesse caminho, o conceito de socialidade, como já discutido anteriormente, ocupa importância central nas suas investigações, pois a partir dele é possível vislumbrar tantos outros achados e constructos teóricos usados para investigar os fenômenos sensíveis da vida cotidiana. Dessa maneira, pode-se destacar que a socialidade situa-se num quadro flexível da teoria maffesoliniana, na qual são observados os laços (afetivos e sociais), fundados numa teoria do vínculo social não permanente. Nos coletivos de jovens, é possível observar esse comportamento de agregação, afastamento, recusa, ou mesmo uma pausa e mudança de orientação dos/das jovens que estão em constante transformação e alterando o que fazem nessas ambiências.

Desse olhar explicativo, o conceito de socialidade surge em oposição às ideias clássicas de agrupamento utilizadas na sociologia, quais sejam socialização e sociabilidade. Ao se interessar por fenômenos da ordem cotidiana, a sua teoria da socialidade se afasta de qualquer noção universalista ou estruturalista, mostrando interesse permanente para os acontecimentos vividos em instâncias menores da vida social. Por isso, o seu interesse pelas formas elementares da vida social que formam as interações primárias, a exemplo das emoções, desejos, impulsos, dentro de uma estética afastada de um formalismo moral.

Nesse mesmo sentido, é necessário destacar que a socialidade enquanto conceito tem por base uma explicação fenomênica sobre o estar-junto das formações coletivas que se auto-organizam e se constituem pelo princípio da relação. Nesse interstício, são valiosas as noções de pertencimento e identificação. Traços característicos dos/das jovens nas redes e nos coletivos.

O conceito de socialidade se materializa por meio dos vínculos sociais em festas, encontros e aglutinações de atores/atrizes sociais unidos por desejos comuns e partilhados. Nesses espaços de aglutinação por desejos são constituídas “relações tribais”, termo este utilizado pelo autor ao explicar a materialização do conceito nos vínculos sociais. Por consequência, o conceito de socialidade engloba um conjunto de análises sobre as dinâmicas sociais, considerado as paixões, o prazer, o estar-junto em comum. Essas dinâmicas fazem parte

de uma prática hedonista, usada como exemplo por Maffesoli (2006) ao se reportar as tribos humanas contemporâneas.

Para ele, as produções de sentidos partilhadas assumem uma dinâmica intrínseca estabelecida por meio da comunicação com o outro na experiência social. Note-se que o conceito de socialidade, compreende a relação de vinculação com o outro, em situações onde a conjunção de desejos se forma a partir das emoções, paixões, diversão, erotismo, prazer, o que Maffesoli (2004a) chama de enraizamento dinâmico. Dito de outra forma, o enraizamento dinâmico destaca que, todo ator/atriz social depende das relações estabelecidas com outros indivíduos. Tal afirmação implica em entender o campo social como resultado de constantes interações sociais.

A sociologia maffesoliniana tem como orientação compreender os laços sociais de agrupamentos que não se encaixam numa dimensão contratual, formado uma obrigação normativa como no caso de uma lei. Sua teoria busca entender a constituição dos laços sociais, os comportamentos marginalizados, como fenômenos valiosos que constituem a socialidade, “[...] onde se encontram a presença de transgressores afetivos e os aglomerados urbanos, midiáticos e planetários dispostos em redes de pertencimento nos diversos cantos do mundo”. (SANTOS, 2015, p. 35).

Acrescento a esta análise, os coletivos juvenis nas redes sociais digitais, como parte de uma forma singular de atração de pares com o uso dos dispositivos on-line. Note-se que, ao aproximar a discussão sobre socialidade dos comportamentos contemporâneos, Maffesoli (2009a) destaca o deslizamento das lógicas de identidades, para o entendimento dos processos de identificação. Nota-se, com rigor, espaços para as incertezas, multiplicidades e mudanças que rompem com a ideia unitária e formalista das identidades. Ao contrário, se observa a vivência de processo de intensificações múltiplos, no quais sobressai o papel dos sujeitos coletivos. Nessas aglomerações de natureza hedonista, a exemplo dos coletivos juvenis formados com uso de dispositivos digitais na internet e presencialmente, se nota como premissa o prazer de estar junto coletivamente, o desejo grupal em torno de temas de interesse, o sentimento de participação e pertença comuns ao tribalismo.

Para Maffesoli (2006), as organizações tribais condensam organizações mais ou menos efêmeras que partilham valores que são partilhados num constante processo de atração e repulsa, fluidos. Outra característica comum a estas organizações são o apego a emoção como sendo uma potente estrutura antropológica, capaz de assegurar uma sinergia social. Para

destacar essa questão, o autor apresenta uma distinção conceitual entre as sociedades organizadas na *pólis* e na *thiase*.

Nas sociedades organizadas pelo princípio da *pólis*, as associações eram contratuais, racionais, ou seja, o social estava estruturado na finalidade própria da sua consistência. De outro modo, na *thiase*, a dimensão afetiva ganha espaço, nesse tipo de associação as dimensões estruturais são tênues, provisórias e fragmentadas, dependendo, sobremaneira, do interesse e participação dos pares envolvidos.

Em outra passagem Maffesoli (2004b) relata que a fragmentação dessas agregações não possui relação ou retorno à ideia de individualidade. Nesse caso, a fragmentação tem a ver com a multiplicidade de ações exercidas pelos atores/atrizes sociais ao exercerem as suas teatralidades cotidianas. Nesses comportamentos tribais se nota um desejo de ultrapassar os limites estabelecidos socialmente, como a unidade, unicidade, e identidade, os limites morais, elemento de uma sociedade moderna. No escopo de uma socialidade, Maffesoli (1996, 2004b, 2005) destaca que o comportamento tribal é o novo tribalismo contemporâneo que reúne grupos afins. O tribalismo representa em suas palavras a “desindividualização do sujeito”. Essa condição coletiva e agregadora revela o declínio do indivíduo. Em contrapartida, o crescimento dá noção de ligação, de religação e comunhão como possibilidade de vivenciar experiências coletivas pautadas numa socialidade.

Michel Maffesoli (1996) denomina os grupos sociais contemporâneos de “corpos tribais”. Segundo ele a pós-modernidade ao contrário da modernidade representou o retorno da emoção, efetividade, a explosão de formas existenciais sempre novas encontradas no cotidiano, pois, se apresenta como tempo elementar para a formação das tribos sociais que rompem com os imperativos morais. Para Maffesoli a estética tribal e consequente perda de si no outro, enfim, a criação coletiva e a sua consumação. O tempo vivido, “o das pequenas histórias, o dos momentos (bons e maus), que por sedimentações sucessivas constituem, justamente, a cultura concreta – uma memória partilhada, uma ligação carnal”. (MAFFESOLI, 2006, p.190). Dessa maneira, a estrutura associativa perde lugar para o ideal comunitário das tribos pós-modernas, formadas por uma formação solidária e orgânica.

Para Maffesoli (2010) as velhas tribos se atualizam, ganhando novos contornos, o que nos leva à formação de um tecido social vivido em ambiências comunitárias. Entendo, por relações tribais, as políticas de agenciamento e engendramento coletivo, formadas por pares sociais que pertencem aos diferentes agregados sociais frente à espetacularização dos corpos, à

esteticização e à estilização das chamadas paixões grupais por identificação. O tribalismo contemporâneo contempla os coletivos (virtuais e presenciais), as agregações juvenis nas redes, em constante processo de transformação, nos quais as performances e formas de comunicação exprimem desejos, atração e vontade de intervir, criar, colaborar.

Portanto, faz sentido falar em espaços e experiências de partilha, onde o estar-junto partilhado, tanto em espaços presenciais, como nos espaços virtuais exprimem formas de socialidade. Nessas estruturas e redes de vínculo sociais, a materialidade e proximidade dos conceitos de socialidade e tribalismo se fundem numa perspectiva orgânica inovadora: Note-se:

Não é impossível imaginar que, em paralelo ao desenvolvimento tecnológico, o crescimento das tribos urbanas favorece uma “palavra informatizada”, revivendo os rituais da antiga Ágora. Não se estaria mais, como ocorreu quando do seu nascimento, diante de perigos do *computer* macroscópico e desconectado das realidades próximas, mas ao contrário, graças ao micro ou à televisão por cabo, mergulhamos na difração ao infinito de uma oralidade disseminando-se de próximo em próximo. **O sucesso das tecnologias informáticas de contato deve ser interpretado nesse sentido. Educação, tempo livre, trabalho em parceria, cultura, enfim, a comunicação é induzida por esse processo de estrutura em rede com todos os seus efeitos sociais.** (MAFFESOLI, 2009b, p. 88-89, grifo meu).

Nesse caminho, as lógicas de organização das redes dão novos significados à vida social, cada vez mais coletiva e partilhada. O tribalismo contemporâneo como fenômeno social surge com a ambígua valorização da racionalidade moderna técnica operante. Os últimos anos do século XX são demarcados principalmente pela solidão e pelo individualismo dos sujeitos sociais, inversamente proporcional à quantidade de relações virtualmente constituídas através das TDIC, conectadas à internet. Nos fenômenos ligados à cibercultura, nota-se a telepresença através de computadores, das redes solidárias, formadas por jovens tribalizando. Esses quadros de análise e configuração social interessam ao estudo sobre o efêmero, denominado por Maffesoli (2007) de “tribalismo”. Lê-se:

Sim, é preciso compreender a energia das jovens gerações. E isso não porque há um “juvenismo” no ar, como o fazem com desdém os jornalistas apressados. Mas sim porque, quer se queira ou não, são elas que elaboram os valores sociais em gestação. São elas que, igualmente, irão vivê-los. Certos mortos-vivos não querem ver na juventude uma categoria sociológica operacional. E com razão. Ela transgride, e muito, os preconceitos teóricos que lhes servem de análise. Esse vitalismo juvenil não é característica de uma faixa etária. Ela, é para citar Dürkheim, uma “figura emblemática”, ou seja, um totem em torno do qual conscientemente ou não, a sociedade se agrupa e estrutura. (MAFFESOLI, 2009a, p.20-21).

A organicidade performática implica no acionamento de uma espetacularização como via para adotar comportamentos, assumir posições ideológicas, adquirir objetos simbólicos e

abandoná-las com espírito hedônico, tribal, efêmero. Destarte, os corpos tribais juvenis funcionam como representação de uma ideal anárquico dentro de uma cultura universalizante. Não à toa, estes jovens dispõem de estratégias para negociar com uma realidade social, sobressaindo-se nos seus grupos sociais em ações de negação, distanciamento, aproximação e envolvimento. Esse fenômeno contemporâneo, coloca em evidência a disposição de novas ferramentas sociais e apreensões conceituas que apontam outros caminhos, linguagens e debates.

Por isso mesmo, quando se associa o universo de significados das culturas juvenis com as ideias de socialidade, tribalismo e hedonismo, se quer chamar atenção para uma organização em *in statu nascendi*, demarcada pela ruptura de sentidos. Para Maffesoli (2009b) essas tribos metropolitanas se fundam de uma vitalidade ou cultura informal determinada pela proximidade e constituição de redes de amizade. Além disso, ressalta que as tribos contemporâneas ou as redes de amizade se dão por uma religação de afetos, que não encontra espaço num projeto racional. Aponta como exemplo as “novas formas de coletivos e agregações as comunidades afins, estimuladas pelo uso da internet”. (Maffesoli, 2010, p.53). Acrescentam-se a este repertório, os movimentos dos coletivos juvenis em rede, utilizando os dispositivos para produzir, difundir, aproximar pares, promover debates e ações com repercussões no cotidiano nas suas realidades.

Com efeito, as tecnologias interativas e o uso dos dispositivos digitais móveis se tornaram importantes, permitindo aos usuários estabelecer vínculos, trocar ideias, sentimentos, emoções, fantasias, paixões, etc. Como resultado disso, a interconexão entre os sujeitos através do ciberespaço é, sem dúvida, o grande combustível dos processos de formação dos grupos sociais baseados no princípio da interação e interatividade, a exemplo dos coletivos juvenis (nas redes e nas ruas) pois contemplam uma forma de participação ativa dos indivíduos que compõem os grupos de convívio, troca de informações e sentimentos nas ambiências virtuais e presenciais.

Desse ponto de vista, destacam-se três dimensões substanciais na compreensão desse processo. A primeira delas, diz respeito à ideia segundo a qual, o surgimento de um grupo social está relacionado à valorização de uma imagem esteticamente produzida como fonte de espelhamento. Este enunciado explica os diversos coletivos e agrupamentos criados por jovens na rede com o uso dos dispositivos digitais, neles se observa a identificação do corpo, a exibição de si e do outro através de agregações com ideais diversos.

A segunda dimensão tem relação com agregação dos/das jovens por afinidade, mas também em constante ressignificação. O processo de identificação ocorre durante toda ação de aproximação, ao passo que são buscadas semelhanças e características que permitam uma associação. Existe uma valorização do novo e do singular que legitimam o significado de relacionar-se com os outros. Por consequência, a terceira dimensão destaca que as relações amicais desses agrupamentos de jovens mobilizados por um sentimento afetivo, são capazes de formar um laço social. Por sinal, entre os/as jovens pesquisados existe sempre a menção aos pares, como sendo amigos, parceiros, cúmplices. Parte de uma ligação familiar.

Nessas redes de solidariedade e pertencimento se nota o cultivo de diversos movimentos comunicacionais juvenis, mas não só destes, sobressaindo o cultivo de manifestações de linguagens semióticas, envolvidas por dimensões da comunicação de natureza política, cultural, artística, corporal, numa polissemia de sentidos e expressões que fazem da relação juvenil com o uso dos dispositivos digitais de comunicação um fenômeno na atualidade que impressiona por suas formas de atuação, as maneiras de auto-organização das ações em resposta às demandas socioculturais. Com a mesma intensidade, esses/essas jovens ajudam a desenvolver o estado atual das culturas digitais, a partir de uma relação de engajamento, projetam uma cultura da participação em rede. Jovens, redes e performances, desenham uma cultura digital, baseada, dentre outras coisas, na implicação e na criatividade.

CENÁRIO V

PERFORMANCES, AÇÕES COMUNICATIVAS RETICULARES E EXPRESSÕES JUVENIS EM REDE

OK

Já sei que querem a minha opinião
Um papo reto sobre o que eu pensei
Como interpreto a tal, a vil situação.

[...] Dos tantos que me preferem calado
Poucos deles falam em meu favor
A maior parte adere ao coro irado
Dos que me ferem com ódio e terror
Já para os que me querem mais ativo
Mais solidário com o sofrer do pobre
Espero que minh'alma seja nobre
O suficiente enquanto eu estiver vivo.

[...] OK

Sei que não dei nenhuma opinião
É que eu pensei, pensei, pensei, pensei
Palavras dizem sim, os fatos dizem não.
(Trechos da Música “Ok” de Gilberto Gil (2018))

Ok, o nome que leva a composição de Gilberto Gil (2018) traz consigo a simplicidade de provocar uma autorreflexão e denúncia sobre a implicação dos atores/atrizes sociais frente à atuação política no contexto de uma descrença e radicalidade vivida, não só no Brasil, na atualidade. A reflexão deixa transparecer vários intuitos, dentre eles, o desejo de provocar o ouvinte-apreciador a pensar suas ações diante de realidade que o circunda.

Fazendo um paralelo entre as experiências comunicacionais vividas pelos/pelas jovens nas redes digitais humanas, é possível notar como essas ambiências de relações e trocas formam hoje um cenário de ação comunicativa, no qual são criadas narrativas e formas de comunicação em escalas até então não imaginadas, mas hoje, possíveis com o desenvolvimento de aplicativos de serviços, entre eles, as redes sociais digitais, que deram ao ator/atriz social a condição de falar, ser ouvido (ou não) numa complexidade de encontros, conflitos e informações.

Na música, logo de início, Gil (2018) destaca: “[...] Já sei que querem a minha opinião, um papo reto sobre o que eu pensei, como interpreto a tal, a vil situação”. Pode-se inferir um

contexto onde sobressai o imperativo de falar sobre os assuntos, no caso da música, a política e realidade social, diálogos esses, hoje, vistos urgentes. Mas não só isso, está implícito nesses movimentos reticulares de comunicação, um lugar e forma de emitir opiniões que, pode repercutir nos comportamentos e relações em rede, nas quais transitam paixões, negações, conflitos, dualidades e modos de ritualizar engajamentos net-ativistas. Nas redes, em menor ou maior grau, frequentemente, ou a depender da postura de ator/atriz social, somos provocados a pensar, expor, explorar informações, imagens, ideias e pensamentos.

Esses encontros, tal como a vida, em sua plena diversidade, compreende a presença de ruídos comunicacionais, tensionados por aspirações ideológicas, visões de mundo ou maneiras de observar os fatos. Rede, emissão e recepção no contexto de uma interatividade operativa, de uma conectividade e instantaneidade, potencializada pela convergência midiática, como estudada por Jenkins (2008), que repercutem nas formas de criar, disseminar e cultivar maneiras de comunicar, mais que nunca com uso de dispositivos digitais. Nesses contornos, estão sendo cada vez mais acirrados os limites de interpretação das mensagens e os atores/atrizes sociais se veem partícipes de várias “ágoras”, onde se cruzam e chocam as aspirações por ser ouvido, entendido, chamado a “opinar”.

Em outro trecho da música, Gilberto Gil (2018), destaca: “[...] Alguns sugerem que eu saia no grito, outros, que eu me quede quieto e mudo, E eis que alguém me pede: “Encarne o mito”, seja nosso herói, resolva tudo”. Essas são performances esperadas nas redes de troca e partilha com o uso da internet. Quem nunca foi provocado ou questionado por não se posicionar, ou tolhido por opinar demais? Ah! Ele é marxista, socialista, é direita, de esquerda, etc. Dicotomias humanas acirram os discursos binários em rede, mas também existe espaço de criação de performances com usos de imagens dos corpos que chamam atenção para problemas, especialmente no tocante à política e a vida social.

Performances que não são apenas representação ou atuação ensaiada. Longe disso, falam por si próprias de assuntos que merecem ser discutidos, pontuados, a exemplo das performances dos atores/atrizes sociais, sujos de óleo, no maior desastre ambiental da história, ocorrido na costa nordestina do Brasil, no mês de setembro de 2019. Além de criar uma rede solidária de ajuda e engajamento, se notou nas redes uma série de imagens denunciativas que deixariam, em outro contexto, um representante político envergonhando, principalmente pela inércia e ação desarticulada. Todavia, esse exemplo é apenas uma ilustração, envolvendo tantos outros "fatos" que podem ser lembrados: os desastres de Mariana,

as queimadas da Amazônia, os discursos de ódio, discriminação, incitação à intolerância religiosa, etc. As redes refletem um “corpo social”, são pontos de conexão propositivos, discursivos, imperativos e dialógicos de relevância incontestável.

Nesse intuito ratifica Gil (2018) “[...] A maior parte adere ao coro irado, dos que me ferem com ódio e terror, já para os que me querem mais ativo”. Nesse sentido, a música “Ok”, é também um basta, um escárnio, uma provocação, mas sobremaneira, um convite para pensar em nossas performances nas redes, nos desdobramentos que se acirram com a manipulação de dados, as intimidações que beiram um ataque orquestrado à liberdade de expressão e comunicação até mesmo, usando robôs programados para criar convulsões, cacofonias ou distrações. Tudo isso é, também, parte dos repertórios juvenis nas culturas digitais, crivam e atravessam suas linguagens de um modo tal, que se espalham e dão origem a contagiosos movimentos (virtuais e presenciais), baseados em vida-arte-atração, com uma implicação encarnada no sentido de construir um mundo mais justo, equilibrado e solidário.

Do conjunto de repertórios dos/das jovens, com o uso das TDIC, surgem expressões performativas indicando caminhos para revisitar, criar e sentir prazer em descobrir, conviver e pensar como parte de células coletivas criando uma *intelligentia* com os outros no mundo. E, antes que seja tarde, fugindo dos desígnios projetivos de uma catástrofe, o “Ok” da música, nas vozes e práticas experienciais dos/das jovens anunciam mais que uma opinião, são formas de expressar que “[...] É que eu pensei, pensei, pensei, pensei” e, sobre isto, neste cenário de escrita que se inicia, convidamos o/a leitor/leitora a pensar nos fatos contraditórios da vida nas redes, mas também nas belezas e rituais dos/das jovens nessas ambiências.

5.1 Performances juvenis nas redes digitais: formas de vida-arte-atração

Eles estão por todos os lados, nos corredores da universidade transitando, comunicando...corpos humanos, emissores e receptores de linguagens, são pontos de conexão com o mundo e as coisas, criando, movimentando-se, expressando sensações, ritualizando a vida em situações de interação e manipulação dos símbolos e códigos. A experiência de perder-se na multidão é tarefa interessante para dimensionar a condição humana.

Nessas situações somos forçados a entender e postos numa dimensão miniaturizada da vida, onde o “eu” se perde na magnífica odisséia coletiva, composta por tantos “outros”, anônimos ou não, tecendo conexões com o mundo, seus objetos e relações. Existe um fascínio nessa descoberta, pois perder-se na multidão é encontrar-se na coletividade pulsante da vida.

Tudo isso requalifica nosso olhar para diversos fatores, sobremaneira, fazendo-nos refletir sobre as relações ininterruptas de comunicação com as pessoas e o ambiente ao nosso redor. É um conjunto quase que orquestrado de rituais e cenários, nos quais se nota com frequência, o estabelecimento de contatos, trocas e descobertas. Essas situações nos forçam observar o outro, seus comportamentos, suas performances.

Os estudos sobre as redes de conexão e interação, quer seja com humanos ou outros animais destacam a motivação gregária como sendo condição para viver, atravessar adversidades e produzir cultura. Mesmo em animais monogâmicos, o imperativo da rede, da ligação e convívio, ainda que estabelecido com uma finalidade específica ou momento episódico, deixa sobressair a questão dos vínculos. Essa é uma lógica inscrita na dimensão dos comportamentos ordinários, com marcações na biologia, embora existam realidades que fogem a essa explicação. Em todo o caso, tanto nos humanos, como em outros animais, o que vai variar é a dimensão das redes de vinculação, a partir de critérios como: alcance, temporalidade, frequência, envolvimento, estrutura organizativa e interesse.

Essa qualidade sociocultural dos animais com implicações na biologia, com destaque aqui, para os seres humanos, repercute na formação de agrupamentos e coletivos, incidindo no modo como criamos/aperfeiçoamos tecnologias e cultivamos a vida em sociedade. Tanto nos pequenos gestos cotidianos, quanto no desenvolvimento de instituições e organizações sociais, a questão dos vínculos apresenta-se aos atores/atrizes sociais, fazendo parte de suas narrativas nos lugares onde transitam, inclusive nas ambiências de afecção e interação on-line.

Voltando à multidão, se nota que, em muitos lugares de convívio, coexiste o cultivo da experiência da vinculação digital em rede. Nas ruas, na universidade, nos parques, no cinema, em todos os lugares os/as jovens estão performando relações, criando maneiras de manter-se unidos, mesmo que provisoriamente. Sendo assim, a questão dos vínculos é um pano de fundo para compreender o cenário contemporâneo onde os/as jovens ritualizam suas experiências em movimentos de comunhão com o uso dos dispositivos digitais. Esses fluxos de atração relevam também negação, aproximação, identificação e recusa.

Pesquisando sobre as redes, Recuero (2009) afirma que a interação social envolve processos sociais a partir de padrões dos usuários, quais sejam: competição, cooperação e conflitos. Ainda segundo a autora, a cooperação faz parte dos desejos comuns entre os indivíduos que se fundam a partir de interesses individuais negociados na coletividade. A autora salienta para as potencialidades geradas pela interconexão, podendo estas serem mais danosas

por sua publicidade, alcance e reprodução na rede. Lemos e Di Felice (2014) destacam que as redes digitais transcendem a dimensão técnica, pois seu caráter dinâmico, envolve uma arquitetura informativa, cujo terreno fértil abriga dilemas, tensões e negociações, afetando a organização e a vida de seus participantes. Nas palavras de Di Felice (2020):

As redes e as interações conectivas marcam a passagem de uma dimensão ecológico-habitativa antropomórfica, urbana, pública e política para uma interativa bioesférica, que exprime a mudança do habitat contemporâneo dos Estados nacionais para Gaia, dos parlamentos para a biosfera, do sujeito para as redes. (p. 32).

É interessante notar que a questão dos vínculos está sendo bastante discutida por jovens que participam de movimentos de engajamento e ativismos juvenis que, por meio de suas performances denunciam e criam estratégias de comunicação (frente ao individualismo exacerbado, as desigualdades de ordem social e econômica, a descrença nos conhecimentos científicos, o uso não consciente dos recursos naturais, etc.

Não é intenção desta tese, por sua natureza e dimensão, tratar historicamente dos precedentes que compõem a narrativa do conceito de performance. Assim, busquei transversalizar ideias, pensamentos, fatos e narrativas, dando destaque aos elementos performáticos como parte mais relevante para a discussão. Nessa inclinação, são discutidas as definições conceituais de Carlson (2010), Glusberg (2009), Cohen (2009), Guénoun (2012), Schechner (2003, 2006), Teixeira (2014) e Santaella (2008).

Enquanto expressão humana, as performances são parte de suas relações com mundo e por meio delas são ritualizados cenários de criação, expressão e cultivo de comportamentos. Podem ser vistas como manifestação estritamente relacionada com os modos de viver, relacionar-se com pessoas e objetos, pelas quais se projetam formas culturais de ser, no tempo. Sob este olhar, elas fazem parte do cotidiano das pequenas relações teatrais humanas, nas quais se usa um conjunto de elementos de linguagens distintas para produzir, tensionar e criar formas de existência nos distintos ambientes de convívio, quer seja no trabalho, na universidade, em casa, nas redes sociais digitais.

Logo, performar está ligado à noção de fazer ou realizar uma ação em um determinado espaço-tempo, perpassando pelo uso/manipulação do corpo e suas distintas linguagens, para apreender, comunicar e exemplificar uma informação, ideia ou ponto de vista. A habilidade de performar é uma qualidade humana que, em circuitos de vida, produtivos, culturais, amorosos, apenas para citar alguns, usam como ritualizadores, a criação de ações comunicativas, inventivas, lúdicas e de contestação de uma realidade objetiva ou subjetiva.

Dito isto, cabe mencionar que os estudos do campo da performance ficaram mais conhecidos pelas investigações e produções das artes e da literatura, quando buscaram compreender os comportamentos e características da atividade humana, vista por muito tempo como sendo irrelevantes para o campo das ciências, inclusive para as ciências artísticas. Carlson (2010) destaca que se trata de uma noção contestada entre pares acadêmicos, não sendo possível falar em consensualidade, por abranger “[...] uma variedade de mapeamentos do conceito, alguns sobrepostos, outros verdadeiramente divergentes” (p. 12). Glusberg (2013) falando sobre as origens do termo performance descreve a experiência realizada por Yves Klein (1928-1962)⁶⁴, ao ser protagonista de sua própria obra, quando ao pular de um edifício para a rua em Nice-França (1962) tornou ele mesmo, o protagonista de uma imagem surpreendente.

Embora exista uma íntima relação da ação comunicativa humana com a habilidade de realizar performances, é notório que sua significação teve nos eventos e fenômenos de arte uma forma divulgação e estudo, inclusive, com a criação de uma disciplina acadêmica a partir da década de 1960 século XX, especialmente nos cursos ligados às artes humanas, com destaque para o teatro e a dança. Entretanto, foi somente da década de 1980 que os estudos, eventos artísticos dessa forma de arte passaram a figurar como expressão mais corriqueira no circuito artístico.

Vista como sendo uma arte de fazer denúncias e levar a reflexão sobre a vida-arte, Guénoun (2012), situado nas discussões envolvendo o declínio do teatro, ratifica a importância de pensar uma formação humana que assegure vivências corpóreas, sentimentos e sensações que, o teatro, a música, a dança, e outras formas de arte possibilitam. Em suas palavras, envolve a exploração de uma mimese “[...] a ação de (re) apresentar a ação na qual figura e objeto se confundem (p.22)”. Dessa maneira, a performance não comporta somente a ideia de uma ação imitativa ou representativa, pois existe espaço para imaginação que, mesmo quando conveniente ao ator/atriz, leva o espectador para lugares não dimensionados.

Essa habilidade humana tão bem utilizada pelas artes teatrais, toma como principal objeto de ação o corpo do ator/atriz (*performer*) como sendo o principal elemento de sua gestação e fruição. Essa aproximação compreende também a figura do ator, personagens e dos espectadores, como tendo papéis complementares, em alguns casos tão necessários para a realização de uma performance. Assim, ao falar de corpo, destaco as dimensões possíveis da

⁶⁴ Artista francês, criador de instalações artísticas e performances com variadas expressões artísticas, sendo caracterizado como um dos percussores da arte contemporânea.

comunicação corporal (*do performer*), como salienta Azevedo (2017). A autora destaca a ideia da totalidade do corpo como sendo um ato criador de significações. Chama atenção para o emprego e exploração de um “corpo disponível”, onde se nota o movimento de realização dos impulsos criativos necessários à execução de uma performance ou ação. Nessa intenção, explica que:

O corpo disponível é aquele que permite; que não se isola do fluxo dos acontecimentos ao redor de si, que se envolve com o meio ambiente e com os estímulos vindos, não só da personagem, mas da relação com o grupo de criação. Corpo disponível é aquele capaz de dar respostas espontâneas e novas que somente a ausência de preconceitos e defesas maiores contra o mundo pode assegurar. (AZEVEDO, 2017, p. 192).

Como exemplo de performances artísticas-corporais, amplamente divulgada nas mídias, pode-se destacar as ações da russa Marina Abramović (1946-****)⁶⁵. Em sua última apresentação, explorou uma performance corporal na qual, ela e o observador (a) são provocados em silêncio a se olhar, tocar, pensar e sentir. Diferente de uma obra acabada, na performance a relação com o observador é uma possibilidade em aberto, apontando para caminhos imprevisíveis. O pintor e artista Jackson Pollock (1912- 1956)⁶⁶, ficou conhecido por sua característica gestual ao criar artes do tipo “*action paint*”⁶⁷. Ele usava o próprio corpo para pintar, mesclando-se com as tintas, filmando uma relação íntima de gotejamento, mergulho, dando origem a obras singulares, sendo ele, a pintura, o observador, o criador (*performer*) e a obra.

O fazer performático reúne a exploração de experiências que ligam a uma visceralidade com o corpo e as ações comunicativas possíveis com o mesmo. Nas performances não artísticas, se é possível mesmo fazer esse corte, os atores/atrizes sociais também utilizam as emoções, afecções, a pele, linguagens (incluídas as digitais) para experimentar ou provocar o olhar de outrem. Por isso mesmo, são vistas como sendo ações de conexão e ritualização das emoções e sempre estiveram presentes nos eventos humanos ao longo do tempo, com destaque hoje, para as performances nas ambiências digitais.

⁶⁵ Artista russa, conhecida como sendo uma das principais representantes da arte contemporânea, com ênfase em performances que busca explorar a relação corporal entre o artista e a plateia e seu confronto com dimensões percepção visual, sentimental e da mente.

⁶⁶ Pintor norte-americano conhecido por sua forma gestual e performática de criar pinturas e expressões artísticas.

⁶⁷ Movimento de arte conhecido como gestualíssimo, com ênfase no gesto pictórico. Fugindo as normas e técnicas de pintura convencionais, valoriza, sobretudo, a relação do pintor com o seu fazer, com os elementos de sua arte. Possui uma influência surrealista dos anos 1940.

Em muitos casos, a performance trabalha no sentido de levar o olhar e os sentidos do próprio *performer* e de seus interlocutores para um outro lugar, provocando, sensações, comportamentos, um despir-se de uma convenção conceitual, mental, social, cultural, etc. Isso explica o motivo de os estudos de performances terem grande adesão, ainda hoje, nas Artes. Entretanto, é necessário mencionar que estes, surgiram para contestar os movimentos artísticos vanguardistas na modernidade, extrapolando dimensões classificativas de como fazer arte, de onde vivenciar expressões artísticas de fruição, sendo ela mesmo, a performance, uma denúncia e caminho para repensar a arte por outros atributos capazes de provocar, sensibilizar (ou não) o espectador (a). Dito isto, ela faz parte de uma vanguarda da vida-arte humana, criada de forma elementar há menos de sessenta anos e vista na atualidade como sendo uma potência, não só artística, mas sobretudo, como fonte enunciativa de ritualizar os corpos humanos, inclusive nas redes virtuais de atração, interação e convivência.

A arte performática, desde a sua origem, possui relação muito próxima com a criação de imagens. Enquanto linguagem semiótica, é possível perceber que os artistas, não todos, fazem uso de vídeos, fotos e músicas para registrar, compor e divulgar suas criações. Existe, portanto, um fio condutor que aponta para potencialidade das performances associadas às dimensões das culturas digitais, como destaca Santaella (2003), evocando sua reinvenção (adaptada e estilizada) com o uso das TDIC, especialmente, no cruzamento das narrativas dos atores/atrizes sociais com os dispositivos das culturas digitais.

Nesse interstício, o uso das TDIC, especialmente os dispositivos digitais de acesso à internet possibilitou vivenciar experiências comunicativas baseadas em outras lógicas de formação. Essas tecnologias operaram mudanças significativas também na forma de fazer, viver, e cultivar arte, criando um cenário sociocultural de realização maquínica sem precedentes na história, modificando as formas de operar os dígitos (*bits* informacionais) que, descentralizou os eixos de acesso, produção e maximizou a possibilidades de criar e divulgar a vida-arte. Por isso mesmo, longe do estudo de técnicas corporais, textuais e linguísticas, a performance, encontra na dimensão sociocultural, um território possível para expandir seus horizontes, especialmente nas manifestações ordinárias com o uso das linguagens.

Sobre essas mudanças, Santaella (2008) falando sobre os domínios de uma estética das linguagens líquidas, por meio dos usos dos dispositivos digitais, destaca a sua natureza estética. Para isso, escreve que, “estética tem a ver com o potencial que algo, qualquer fenômeno que se apresenta a nós, possui para acionar nossa rede de percepção sensíveis” (p.35). Nas discussões

de Manovich (2005), sobre o advento das tecnologias informáticas e a formação de interfaces físicas e midiáticas, nota-se como estas proporcionam experiências significativas de estímulo sensitivo e cognitivo, denominada por ele como sendo parte do domínio de uma infoestética.

A partir dessa compreensão, Santaella (2008) desenvolve o conceito de linguagens líquidas. Das duas compreensões, exprime-se que são linguagens comunicacionais moveis fluidas permitindo a troca de signos e informações, “[...]produzidas transmutações da estrutura da nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, engajar-se, sentir, reviravoltas na nossa afetividade, sensualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam” (p.38).

Essa dobra e seus significados se deu em grande parte pela fantástica relação humana e seu trabalho de aperfeiçoamento das linguagens informáticas, sendo o usuário final, um operador logístico de tais transformações. Basta salientar que por meio das suas narrativas em rede e comportamentos nas ambiências virtuais influencia coletivamente mudanças e transformações. Para delinear esta afirmação, entendo como relevante o mapeamento das potencialidades das redes como sendo um “cosmos” de ritualizações de performances juvenis, mas não só destes.

São esses espaços de sensibilidade, de vivências sentimentais, sensitivas que denotam um desejo de ouvir, ser escutado, ser visto, ser notado, mas, além disso, envolve a prática de performances de linguagens ligadas à convivência, à solidariedade e as paixões. Tudo isso ganha contornos marcantes com a mudança das lógicas de tempo-espaço, mais que nunca, formado por experiências de desterritorialização, desenterramento, conflito que, por um lado, possibilita formas inéditas de partilha, e, por outro, acirra padrões e comportamentos modernos nas redes.

Para Nunes (2013) a performance não se reduz a uma manifestação, seja ela artística ou não, pois se relacionada com as dinâmicas da vida, com os estudos antropológicos, políticos, sociológicos. É instigante a provocação desse fenômeno corporal humano, quebrando barreiras epistemológicas, disciplinares, como afirma Rolla (2013) quando salienta que a performance “não é”, no sentido de não se limitar as convenções e usos padronizados de uma técnica, pois enquanto atributo humano ela vasa, extrapola e surpreende.

O autor destaca ainda que se trata de um campo do “entre”, situando os fenômenos da performance como sendo um trabalho de todas as linguagens, congregando tantos outros

atributos, podendo ser ritualizados em diversos ambientes, entre eles a educação, sem necessariamente praticar uma educação artística. Nessa direção, Pedron (2013) reflete que não se trata do domínio “[...] de uma técnica específica, mas sim, uma arte aberta, não precisa ter uma técnica teatral, vocal para se expressar. Ela é uma manifestação do humano, do mesmo modo como são os dispositivos digitais e o modo como ritualizamos usando estes.

Existe, portanto, na concepção empregada nesta tese uma relação de imbricamento e renderização⁶⁸ dos conceitos de culturas digitais com o campo das performances, pois o desenvolvimento de cenários líquidos das linguagens digitais oportunizou nas últimas duas décadas, de maneira mais pontual, um universo de significação capaz de alterar os nossos modos de performar o cotidiano das relações com os pares.

Na história do teatro é possível observar apreensões artísticas que potencializam a ideia de performance. Merece destaque o Teatro de Brecht (1898-1956), onde o jogo cênico é dialético. No Brasil, não poderia deixar de ser mencionado as aspirações cenológicas do teatro do Augusto Boal (1931-2009) que também exprime a uma conversação e mudança de eixo enunciativo do ator-plateia.

De outro modo, vemos em Cohen (2004) o delineamento de instituintes técnicos da performance que merecem destaque por sua noção esclarecedora. Dentre outras questões, merece destaque sua explanação das interfaces de performance e criação de “topos de experimentação”. Logo no início, nos provoca sobre os significados do teatro trazendo uma citação de Artaud (2006), nas suas palavras “[...]o teatro refunde todas as ligações entre o que é e o que não é, entre a virtualidade do possível e o que já existe na natureza materializada” (p.115).

O emprego do termo, virtualidade do possível, mencionando pelo autor, nos traz a reflexão sobre o conceito do virtual, esboçado como constructo teórico por Lévy (2006) e faz pensar nas potencialidades da virtualidade como sendo uma exponenciação das capacidades humanas, a exemplo de suas várias manifestações das ciências. Não obstante, tratando sobre os elementos tipológicos da performance na constituição da expressão cênica, ele afirma:

Nesse sentido, se tivermos em mente um modelo tipológico, a performance funcionará como uma linha de frente, uma arte de fronteira, que amplia os limites do que pode ser classificado como expressão cênica, ao mesmo tempo em que, no seu movimento

⁶⁸ O termo renderização tem como origem os estudos da computação gráfica, compreende a conversão, a mescla e adaptação de símbolos gráficos. Trata-se de agrupar vários elementos, num mesmo processo de tradução por meio de um processamento digital capaz de criar novas ou variadas formas de linguagens a partir de sons, imagens, gráficos e etc.

constante de experimentação a pesquisa de linguagem, funciona como um espaço de rediscussão e releitura de conceitos estruturais da cena (forma de atuação, forma de transpor o objeto para a representação, relação com o espectador, uso de recursos, uso da relação tempo-espço) (COHEN, 2009, p.116).

Interessa-nos a dimensão tipológica da performance, por sua amplitude, relação com linguagem que, embora situe a dimensão da cena não apenas no teatro, se exprime principalmente nas ações corporais do *performer*. Outra característica interessante contempla a possibilidade de viver o “ritual”, como sendo um dos pontos de expressão mais forte que supera, inclusive, as limitações técnicas de outras artes e do próprio teatro. Ainda nas discussões de Cohen (2009) aparece como importante a dimensão da temporalidade, quando “[...] a cena que se desmancha, que não volta e que não fica gravada como no cinema” (p.119), mas também “[...] o componente o atemporal da arte cênica” (p.19), que mesmo sendo gravada se expande nas percepções de quem se conecta a narrativa.

Se nota que a arte performática amplia a ideia de estética para a vivência de uma esteticidade, destacada Schechner (2006). Para ele, os estudos da performance possuem relação com *Free Art* (Happening⁶⁹) e *Live Art*⁷⁰. São construídos em rituais idiossincráticos dos *performers*, pressupõe uma livre associação e uso de objetos num espaço-tempo, enfatizando características plásticas, discursivas, poéticas, envolve um trabalho em grupo e vivência de experiências colaborativas e podem ser apresentados em museus, galerias, edifícios, teatros, etc. Agrego a estas experiências, as nuances e ambiências virtuais, onde é possível acessar espaços com essa natureza, basta lembrar que no último ano, as artes tiveram que se reinventar, por causa da pandemia, criando espaços virtuais para performar. Mas chamo atenção aqui, para o comportamento do ator/atriz social que não é um artista “profissional” e cria nas redes sociais digitais, formas de expressão e performances corriqueiras.

Sendo assim, é possível vislumbrar nos fenômenos juvenis situados nas redes de atração/conexões digitais, uma multiplicidade de vivências e temporalidades que reportam um conjunto fluido de significações e formas de usar/negociar as narrativas criadas e gerenciadas coletivamente. Diferente do teatro, cuja inspiração estética grega de origem aristotélica, remonta uma separação entre palco e plateia no momento da representação e fruição. Nas redes,

⁶⁹ Termo inglês usado para se referir a arte gratuita, que não tem como orientação o mercado de arte, possuindo uma condição aberta, senso acessível aos atores envolvidos.

⁷⁰ Movimentos de arte ou expressão artística, onde a abordagem tem relação íntima com o cotidiano da vida dos atores/atrizes sociais, não estão sujeitas às estruturas da arte convencional e suas fronteiras são mais fluidas, refletindo a vida social.

deixa-se de lado a ideia de palco, embora o teatro também se constitua como espaço de performances e assume uma fruição disruptiva digital em rede. Acrescento aqui, que elas estão presentes nas tribalizações juvenis com uso dos dispositivos digitais, sendo uma forma de criar/simular vínculos, manifestações, conteúdos, resenhando inclusive, o entendimento que se tem das aprendizagens e formas de pensar a educação.

Ainda sobre a definição de performance, sua natureza envolve a criação/cultivo de imagens com intuito de explorar signos de informação, buscando criar um sentido ou recriar, lembrar ou extrapolar determinada realidade. Por este critério, de ser uma imagem, em muitos casos, ela pode levar ao estranhamento, forçando uma reflexão não premeditada, dependendo dos olhos do estrangeiro, do outro que se perde na multidão. Não diferente são as criações dos/das jovens nas redes pela internet, estranhos, estrangeiros que criam, (para o bem e para mal) imagens nesse turbilhão de dados. Fazem uso de dispositivos técnicos que permitem expandir suas ações comunicativas pelo mundo, mas também se comportam firmando laços de proximidade nas suas redes, familiares ou não, numa dinâmica de repetidas, *clicks*, *posts* e curtidas que não se reduz à banalidade e a efemeridade, como tem sido alardeado pelos meios de comunicação de massa, nos discursos normativos dos pais, profissionais ou instituições sociais.

Ademais, existe uma porção de efemeridade na ação comunicativa da performance, seja na arte ou na vida-arte. É oportuno lembrar das provocações realizadas por Maffesoli (2003) ao destacar que existe uma vitalidade negada historicamente nos fenômenos tidos como efêmero, sendo necessário revisitar as dimensões humanas, tais como as disposições trágicas, lúdicas e de sensibilidade, como condição para pensar um reencantamento do mundo. Uma volta às imagens onde o prazer e a vibração de fruição artística envolvem os encontros por interesse e aproximação, a exemplo dos grandes eventos de música, os eventos esportivos e os encontros amicais nas redes digitais pela internet. “É a vida imediata do poeta; a consciência vem por acréscimo. Em uma perspectiva shopenhauriana, a vontade ou o princípio vital se bastam em si mesmos” (Ibidem, p. 143).

Nesse aspecto, a performance compreende a presença de outro, de um ou mais espectadores, essa é inclusive uma das discussões que a coloca como sendo uma forma de expressão fugidia das normas e dos mercados artísticos, pois, trata-se de uma narrativa autoformativa do *performer*, mesmo existindo instalações e curadorias que apresentam imagens de performances ou performances de artistas. Esse é um duplo interessante,

pois só consegue sentir ou não, por uma ligação s gnica estando conectado por formas de linguagens.   nesse quesito que notamos um solapar de expressões possíveis com as redes humanas digitais (com a internet), pois elas conseguem congregam, tanto saberes e performances disruptivas, capazes de transformar no es e institui es modernas da sociedade, com ênfase nas compreensões de comunica o e relacionamento, destacando apenas duas em um universo infinito de possibilidades.

Estou falando do critério de alcance, possível somente com a cria o do padrão de internet, com a proje o de dispositivos móveis e as ambiências de intera o de origem técnica e social, denominada de *Web 2.0* e *Web 3.0*, o cultivo de uma cultura *hacker*, a aproxima o do “ator social” produtor de conteúdos e performances comunicacionais. O alcance tem rela o com a possibilidade de conexões *peer-to-peer*, dentro de uma arquitetura de redes que vem permitindo um compartilhamento ubíquo, transparente de imagens-performances pelos usuários. Não se trata apenas do encurtamento da ideia de espacialidade já destaca por autores como Lévy (1999) quando descreve as discussões de cibercultura e ciberdemocracia ou Cris Anderson (2006) ao mencionar a planifica o da economia global pela informa o.

Indo além dessas no es, percebe-se o alcance como meio de projetar possibilidades criadoras em rede, cada ator-*performer* pode ritualizar várias experiências, a depender do desejo e condi es estruturais, numa imagem em rede, mais que nunca, crivadas pelos desejos de coletivizar performances, atos e inquieta es. Nessa lógica, o alcance assume uma reviravolta qualitativa por meio da convergência midiática das redes humanas digitais (com a internet) no ciberespaço. Nesse intento, pode-se afirmar que não existe somente a ideia do ator-espectador, mas sim, vários ritualizadores (*performers*) unidos por interesses em rede, criando, curtindo, opinando, comentando, disseminando.

Em suas reflexões, Goffman (2007) destaca a performance como sendo qualquer atividade, onde seja possível notar a rela o de um participante como sendo um influenciador dos demais.   oportuno lembrar que, nas redes comunicacionais criadas pelos/pelas jovens com o uso dos dispositivos digitais, esse processo de influência   envolto por uma transparência de a es, variando a depender do envolvimento dos pares, da forma de organiza o e a descentraliza o dos papéis que cada um assume. Em geral, o uso das redes de comunica o digital permitiu uma confluência de intera es descentralizadas, potencializando a existência

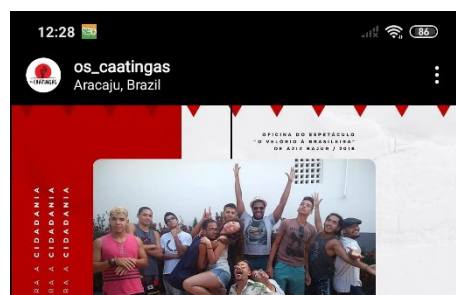
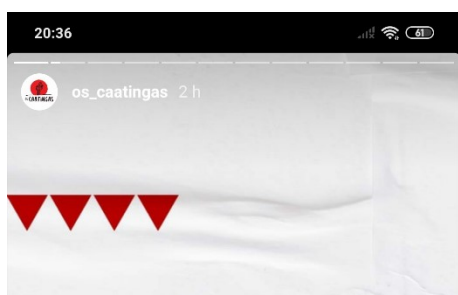
de performances coletivas, partilhadas e disseminadas exponencialmente a um número maior de pessoas.

Nesse quesito, as performances juvenis, originadas na cibercultura, tornam-se elementos de incontestável importância, por sua característica complexa e pela multiplicidade de fenômenos que reúne. Existe uma consensualidade conceitual para delimitar o universo da performance como sendo a motivação de alcançar o outro, por ações corporais comunicativas. Entendo aqui, por ações corporais a dimensão indivisível do corpo em sua totalidade. Nesse escopo, o corpo ganha lugar de destaque, como sendo o meio de criá-las. Grosso modo, ele é o "palco" usado pelos pelos/pelas jovens para criar imagens performáticas.

No conjunto de experimentações promovidas pelos/pelas jovens, a utilização do corpo para performar são destaques, especialmente, usando a técnica do teatro como maneira de propor alternativas de comunicação para crianças nas ocupações, a exemplo da atuação do Coletivo Camaleão (@coletivocamaleão). As performances teatrais são centrais e fluidas, compõem as ações dos/das jovens nos coletivos, em maior ou menor grau, o seu cultivo toma como ponto de partida a necessidade de explorar o corpo para desenvolver experiências extraordinárias que leve a pensar, a refletir por todas as pessoas envolvidas. Suas origens estão intimamente ligadas à etnocologia das aprendizagens, onde o traço performático é visto como terreno fecundo para explorar os sentidos. Indo na mesma direção, os membros do Coletivo Caatingas (@os_caatingas) utilizam as performances teatrais como parte do trabalho com o corpo. O corpo, é a principal matéria de expressão e vínculo com mundo, a forma mais visceral de criar, desenvolver e alterar a realidade ao redor. Neste coletivo existe um núcleo específico de teatro, com oferta de cursos para comunidade, fundando em 2014, com a criação de espetáculos e textos teatrais. Já formou mais de 300 aspirantes a atores/atrizes e tem como objetivo "preparar cidadãos e cidadãs para o mundo social, cultural, artístico e político". Notem que eles/elas veem o trabalho com o teatro:

Para nós o teatro é a arte do encontro de almas, onde ator, público e a cena se reúnem para falar do que há de mais humano: a vida. As experiências de vida são postas em cena e compartilhadas em forma de poesia, de metáfora e os conflitos são vivenciados cara a cara. (@OS_CAATINGAS, 12 DE MAIO DE 2020).

Imagens 12 e 13 – Ações comunicativas com uso do corpo e teatro

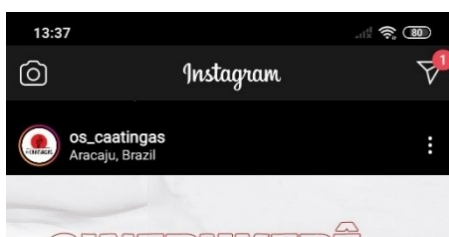


Fonte: *Print* de @os_caatingas, dia 12 de maio de 2020.

Fonte: *Print* de @os_caatingas, dia 11 de maio de 2020.

As figuras 12 a 14 fazem menção aos projetos de teatro do coletivo (@os_caatingas), citado pelo jovem Conciliador: É possível notar uma estreita relação com as discussões sobre a disponibilidade do corpo destacada por Pedron (2013), Rolla (2013) ao situarem as performances como experiências de sensibilidade. Dando prosseguimento, no conjunto de artes e performances desenvolvidas pelos/pelas jovens, destacam-se também as performances teatrais. Ainda como parte das experiências performáticas de criatividade, o coletivo Caatingas desenvolve o projeto Cinerukerê. Criado em 2019 como alternativa, pensando como um cinema coletivo e espaço para partilhar, refletir a partir de discussões, criando alternativas de formação com audiovisual.

Imagem 14 – Projeto Cinerukerê, criado pelo coletivo Caatingas



Fonte: *Print* de @os_caatingas, dia 18 de maio de 2020.

Desse modo, o teatro se apresenta como caminho viável para o exercício da cidadania, como forma de explorar os sentidos e desenvolver habilidades. Uma pedagogia etnocenológica para potencializar a liberdade das expressões de seus atores e atrizes sociais envolvidos, permitindo não só vivenciar papéis no coletivo, mas explorar experiências com o corpo, o convívio e a comunicação. O elemento “criatividade” nas performances dos/das jovens foi sendo observado como uma característica muito própria do modo de pensar as suas narrativas, projetos e intervenções nos coletivos. Fui registrando essa impressão no meu app-diário:



As criações todos os dias, como parte de um cotidiano permeado por cores, texturas e traços. Não houve um só dia do período de produção dos dados que não fosse postado o resultado de uma arte pelos/pelas jovens. Sou agraciado em contemplar o resultado de suas performances artísticas todos os dias, como parte de uma galeria virtual que se apresenta cotidianamente nas redes, especialmente na função *stories* do *Instagram*. (Nota do app-diário, 03 de setembro de 2020).

Posso destacar que a criatividade é um elemento muito presente nas performances dos/das jovens e são diversas as formas de expressão que eles/elas utilizam para representar o que vivem e pensam. Tenho discutido e refletido sobre como a etnocologia se apresenta nas performances de fruição artística dos/das jovens, sendo este um mecanismo fundante das suas dimensões. Outras experiências e performances poderão ser contempladas nas seções vindouras desta tese.

Aderaldo (2017), aproximando-se dos/das jovens que fazem parte de coletivos juvenis em São Paulo - SP, especialmente no campo do audiovisual, descreve que as iniciativas com essa expressão artística, muda o cotidiano das periferias, ajudando a romper com as noções existentes, do meu ponto de vista, normativas e deficitárias, sobre a juventudes periféricas e não só estas. O relato deste autor, demonstra que os jovens da periferia se distanciam das imagens de renegados, vulneráveis, excluídos, etc. Pelo contrário, acumulam experiência profissional, educativa e capacidade de refletir criticamente. Ele acrescenta que os novos meios comunicacionais ajudaram os/as jovens a “[...] lutar pela retomada do direito de se configurarem, de forma complexa, como sujeitos com voz ativa, voltados a intervir de maneira decisiva nos processos de interpretação e produção da própria cidade” (p.99).

Arte que se mescla com narrativas nas redes, criando ambiências imagéticas que potencializam os discursos e solapam os nossos sentidos. É interessante notar como a arte apresentada por Criativo é também uma maneira de se posicionar politicamente no mundo, tencionando o espaço da diversidade, do respeito e do convívio com a diferença. Em tempos de hibridismos, o corpo humano multifacetado por linguagens digitais da cibercultura cria, nas variadas ambiências de socialidade, infinitos arranjos e manifestações comunicativas virtualizadas.

Nas redes, são utilizados dispositivos de convergência das linguagens com o intuito de criar imagens de performances que mesclam o uso de vídeos, sons e informações que, ao serem renderizadas formam conteúdos expressivos de natureza digital. Tratam-se de narrativas de performances em rede, expostas como alcançar outros pares em rede, como forma de explorar os usos dos corpos híbridos, como possibilidade de fortalecer vínculo, utilizando enunciados, trocando informações, permitindo-se olhar e ser olhado.

Antes mesmo de serem redes formadas pela interconexão de pessoas interessadas em cultivar relações, é esclarecedor entendê-las como sendo redes comunicacionais. Como parte desse fenômeno, estão situadas dentro dos apontamentos destacados por Carlson (2010) quando

descreve as relações da comunicação com o campo da performance, como sendo uma experiência de exibição de um comportamento para alguém. Pensando nas nuances que compreendem o conceito de performances e suas extensões para as ambiências de interação virtual, Santos e Schneider (2021) definem os principais elementos que evoluem as performances juvenis nas redes humanas digitais:

Quadro 1: Elementos das performances juvenis nas redes sociais digitais

Elementos envolvidos	Atores/atrizes sociais (<i>performers juvenis em rede na internet</i>)
Construção	Rituais nas redes com uso dos dispositivos digitais e convergentes.
Sustentação	Associação por interesse por meio de sentimentos pulsionais, imagéticos e narrativas comunicacionais. Uso de vários símbolos, códigos nos espaços de atualização do virtual. (Lógica da convergência e ubiquidade)
Técnicas	Livre associação indeterminação. Uso livre de objetos – espaço – tempo.
Características	Narrativas baseadas em linguagens líquidas e imagéticas (artísticas, plásticas, políticas, poéticas de cunho enunciativo e denunciativo).
Formas de atração	Os/as atores/atrizes sociais juvenis interagem em rede, criando relações comunicacionais coletivas baseadas na (atração, repulsão, aproximação, afastamento, recusa). O trabalho assume uma formação coletiva e colaborativa.
Local de apresentação	No cotidiano das ambiências de interação e convívio (virtuais e presenciais), difundidas e exploradas principalmente nas redes sociais digitais.
Temporalidade	Episódicos, fluidos e constantes, a depender do objetivo e interesse comunicativo. (Se multiplicam no cotidiano das virtualidades pelo ciberespaço).

Fonte: Santos e Schneider, 2020.

Como dizem os autores do campo das performances, tudo isso é apenas uma parte do complexo território que as circunscreve. O último evento político brasileiro, as eleições de 2018, um fato histórico, no qual se pode ilustrar essas ritualizações, os corpos mesclaram-se numa narrativa polarizada e tensiva em rede, discursos acalorados, virtualidades sublimadas ao extremo, informações distorcidas e a manipulação da informação com os dispositivos da engenharia de *software*, fizeram surgir performances de todos os tipos, a começar pelas exacerbações em nível massivo, com o uso das redes, pelos candidatos. Tragédia, comédia, terror, cenologias performáticas por todos os lados.

Todo esse panorama, para além de fatalismo, coloca em destaque a dimensão dessas redes nas performances e rituais cotidianos. Estamos diante de um traço das culturas juvenis com os dispositivos digitais, buscando colocar em prática, estratégias de solidariedade

em rede, formas de interação não hierarquizadas, partilha de cosmovisões de mundo, numa escala local e global, criando alternativas às lógicas instituídas até mesmo, nas escolas e universidades. São jovens que não se limitam aos binarismos convencionais de gênero, orientação sexual, religiosa ou distinção por classe social, todas elas e várias outras em processo de reconstrução.

Em toda essa questão perpassa a emergência de várias formas de engajamento, onde as narrativas, dentre outras questões, provocam os olhares e nossas percepções para os corpos juvenis tribalizando ações comunicativas, a exemplo do net-ativismo, solidariedade e sensorialidade pulsando desejos, experiências de engajamento com tecnologias que buscam criar um “novo mundo”, onde o futuro é, mais que nunca, demarcado pelo cruzamento de diferentes expressões e linguagens.

5.2 Expressões performáticas juvenis em redes e coletivos: indícios da etnocologia do virtual

Aqui, serão descritas e anunciadas duas expressões performáticas que demarcam as culturas juvenis, imbricadas com às culturas juvenis, nos cenários da contemporaneidade: 1) Net-ativismos em rede: formas de sensibilidades e engajamentos juvenis; 2) Coletivos Juvenis Comunitários: formas de resistência, enfrentamento e educação baseada em experiências (presenciais e virtualizados em rede), tomando como exemplo alguns coletivos (ativos), situados geograficamente no Estado de Sergipe.

5.2.1 Net-ativismos em rede: formas de sensibilidades e engajamentos juvenis

Essa primeira expressão envolve um conjunto de ações comunicativas potencializadas por uma política de sentido que exerce uma função de sensibilizar, captar, denunciar, chamar atenção para um assunto ou tema em destaque. O modo de fazê-la circunscreve em todos os casos, em menor ou maior incisão, o uso de performances que se estendem, multiplicam e se cruzam por meio de experiências físicas, estéticas, imagéticas, sensoriais, em ambiências presenciais e on-line.

Inicialmente, cumpre salientar que a discussão sobre o net-ativismos é polêmica e envolve ações comunicativas, estando íntimos aos movimentos de reivindicação/contestação de situações de expropriação da vida em diversos campos socioculturais, destacando-se na atualidade, as performances em torno de temas como: democracia e política governamental, as

tratativas sobre assuntos como meio ambiente, educação, cultura, discriminação. São temas em destaque que variam de acordo com os episódios e fatos empíricos (sociais, políticos, culturais e até jurídicos) envolvendo o campo a atuação do Estado, da população e das instituições. Em todos eles, os modos de comunicação e o endereçamento de informações se organizam numa lógica reticular⁷¹, fazendo surgir processos, atitudes, eventos e ações.

Como exemplo de performance e ativismo dessa natureza, cito os movimentos de redemocratização vividos no Brasil nos anos iniciais da década 1980 do século XX. Naquele momento histórico, existia uma narrativa muito ligada à orientação partidária e à prática de uma ação que se realizava para ser vivida nas ruas e nas praças. Todavia, com o desenvolvimento e popularização dos dispositivos tecnológicos ligados às dinâmicas da *Web*, notou-se a utilização de novas formas de organização dos fenômenos de reivindicação que, perpassam também pelas redes de atração e sensibilidade da internet.

Santaella (2017) ressalta o poder dessas redes para a transformação social e relembra, como exemplo, os movimentos que ficaram conhecidos como Primavera Árabe. Ela afirma que não faltam autores que buscam relativizar as consequências dessas ações, mesmo que elas tenham exercido um papel inegável. Assim sendo, assevera que “[...] as redes continuam agindo em outros eventos pelo mundo, em alguns casos em sucesso, em outros como sendo alimento e de uma sensibilidade e esperança ativista” (p.94).

Nesse mesmo sentido, os protestos ocorridos na França em meados do mês de maio de 2019, mais conhecidos como reivindicações dos “coletes amarelos”, reunindo, segundo dados apresentados pelo portal de notícias - G1⁷², aproximadamente 310 mil pessoas nos principais protestos pelo país. Ainda em 2019, os protestos ocorridos em Hong Kong na China no mês de outubro, envolveu uma multidão, muitos jovens ativistas, protestando contra a mudança de uma lei que permitiria a extradição de cidadãos de Hong Kong para a China, culminando com o pedido de renúncia da chefe do executivo, principal responsável pela defesa deste tema, numa política que se mostra implacável na forma repreensiva de suas ações⁷³.

⁷¹ Refere-se a lógica de auto-organização de um rizoma, tomada pelo autor para analisar as ações comunicativas em rede.

⁷² Matéria veiculada no portal G1, pertencente a linha editorial do Grupo Globo no dia 20/04/2019 09h10. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/20/coletes-amarelos-fazem-o-23o-protesto-seguido-na-franca.ghtml>. Acesso em: 30 de Out. de 2019.

⁷³ Informações organizadas a partir da matéria veiculada pelo portal de notícias da BBC no dia 13 agosto 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49326093>. Acesso em: 30 de Out. de 2019.

Em casos como esses, e em vários outros, se nota o uso das redes sociais digitais para organização, participação e direcionamento de pautas reivindicatórias. É comum notar nesses liames, a existência de discursos criados antecipadamente nas redes e que levam à culminação episódica (eventos) de expressiva notoriedade/visibilidade. Nesses espaços fronteiriços, onde se observa um intercruzamento de discursos é possível notar com clareza uma série de eventos que apontam para a cooperação, competição e existência de conflitos.

A utilização das redes sociais digitais como possibilidade de potencializar o discurso da diversidade tem como princípio a utilização desses espaços por serem territórios abertos, dinâmicos e democráticos. Em todo o caso, as redes sociais estão sendo utilizadas com frequência para exploração de potencialidades comunicativas, produção e disseminação de conteúdos, divulgação de imagens, vídeos e informações. Esses mesmos/mesmas jovens conhecidos pela cultura da exposição dos corpos, da intimidade e desejos, se agregam a outros em torno de ideias comuns e negociam sentidos na rede, construindo e desconstruindo compreensões a partir de ações e atitudes, em outras palavras, aprendendo colaborativamente.

Estudiosos em movimentos sociais, a exemplo de Silva (2019), Silva et al (2017), Machado (2019), Antoun (2015) fazem ressalvas e/ou abordam diversos impasses surgidos com net-ativismo (ciberativismo/ativismo digital), pois segundo estes, trata-se de uma prática social fluida e que, no contexto atual, não tem repercutido numa atuação como nos moldes do ativismo presencial. Essas são provocações interessantes, mas não conseguem responder a todas as demandas sobre as formas de organização e participação em rede. Silveira (2010), usando o termo “ciberativismo”, descreve que esse fenômeno envolve um conjunto de práticas com o objetivo de defender pautas e causas, envolvendo o enfoque político, apontando, nas suas discussões mudanças ocasionadas com o desenvolvimento de softwares abertos, dando surgimento a uma cultura colaborativa, onde o “hacktivismo” assume lugar de destaque.

Suas discussões sobre o tema, fazem parte de uma rede de autores, a exemplo de Castells (2003), Lévy (1999, 2017), Cardoso (2007), Pretto (2003, 2017), todos eles destacam a cultura *hacker* como condição favorável para o surgimento de estratégias de emancipação coletiva ou individual, por meio do desenvolvimento do código-fonte aberto ou da relação com os usuários finais, que exercem ações comunicativas sobre temas de relevância no contexto sociocultural. Ademais, “[...] o ciberativismo se confunde com a própria expansão da rede mundial de computadores” (SILVEIRA, 2010, p. 2).

Mais que isso, como parte de um fenômeno humano, continua se atualizando com os desdobramentos das culturas digitais. O atual panorama de engajamento net-ativista aponta para a vivência de formas de ativismos na internet com grandes projeções performáticas em momentos de rituais, a exemplo dos movimentos encampanados em 2013 no país que, independentemente do propósito ou orientação, mostrou a capacidade das redes em aglutinar pessoas e propor temas, debates e discussões. Essa tem sido uma tônica dos movimentos gerenciados, divulgados, projetados com uso dos dispositivos nas redes.

Lévy (2017), refletindo sobre a esfera pública a partir do médium digital, destaca a possibilidade de vivenciar a opinião pública sem fronteiras possíveis com o acesso às variadas informações. Ele pontua que, desde os anos 2010, acompanhamos um crescimento da esfera de opinião pública, relacionada com a liberação da palavra, capaz de acentuar uma transformação radical e profunda com consequências políticas. Nesse panorama, ele explicita o surgimento de coletivos ativistas, somente possível com a disponibilização da informática na nuvem, o desenvolvimento de Interfaces de Aplicação de Programação (API) e as plataformas heterogêneas da *Web*. Destaca ainda em valor absoluto que, o exponencial aumento da população conectada no mundo ultrapassa 2 bilhões, o que segundo ele, representa um aumento de 500% nesse século.

Essas observações, apontam para uma relação de proximidade entre as formas convencionais de ativismo com maneiras e potencialidades das redes digitais, criadoras de outras manifestações e performances, tão fluidas, quando imbricadas e é nesse “caldo cultural” que os/as jovens estão transitando. Certamente, tudo isso é fruto de um panorama social onde os direitos humanos passaram a ser mais conhecidos e divulgados, bem como as situações de violência, discriminação e intolerância são mais visíveis e punidas, ainda que longe do esperado.

Tal aspecto nos conduz ao terceiro elemento, que caracteriza a dimensão ecossistêmica do social reticular e que consiste na dimensão abrangente do processo de digitalização, uma vez que, ao se digitalizar e ao se constituir em redes, não são apenas os fluxos informativos trocados entre os humanos, mas o contexto inteiro, as ruas, as cidades, os bancos, o território e o meio ambiente, criando, dessa forma, um processo reticular “deslocativo” e ecossistêmico, cuja análise ainda deve ser considerada. (DI FELICE, 2012, p. 17).

Na análise acima, o emprego do conceito de net-ativismo é intencional e revela as tensivas relações e quadros de interpretação desse fenômeno. Pelo mundo, são vistos vários episódios e performances nos quais os/as jovens reivindicam pautas sociais e se organizam nas

redes sociais pela internet, em um movimento fascinante de organização, comunicação para montarem estratégias de atuação e mobilização. Nesse caminho, existem estudos, inclusive no Brasil, buscando entender os modos de implicação nas redes, utilizando-se de metodologias etnográficas virtuais. Podem ser destacados os trabalhos de Roza e Melo (2017) sobre as ressonâncias net-ativistas sobre a Marcha das Vadias⁷⁴.

No mesmo espectro, o trabalho de Pereira (2017, 2018) dá visibilidade às experiências net-ativistas dos povos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul e suas implicações comunicativas. Nota-se que não se trata de um conceito linear, ao contrário envolve uma complexidade no campo da comunicação, das redes digitais, surgidas das “[...] conexões transorgânicas das biotecnologias, requerem, além de uma nova concepção sobre a matéria, a constatação do caráter comunicativo absoluto das ecologias da biosfera” (DI FELICE, 2017, p.11). Não obstante, a cunhagem do conceito net-ativismo “[...] nasce como a tentativa de interpretar tais ecologias reticulares a partir das especificidades conectivas derivadas do processo de digitalização, entendido como processo de alteração de todas as substâncias” (Ibidem, p.12).

Maffesoli (2017) ressalta a natureza radical dessas formas de engajamento, denominadas por ele de formas de sensibilidade, como sendo ações da socialidade recobrando os espaços de liberdade, organizações reticulares e utopias intersticiais do estar junto, do viver junto. Nas palavras dele, [...] “o net-ativismo, o movimento dos “indignados” e as várias rebeliões se encaixam bem e são confortados pelas “contaminações” eletrônicas, participação de um real “reencantamento do mundo” (p. 47).

O fenômeno do net-ativismo que, conforme indica Di Felice (2017) compreende diversas forma de organização reticulares ecossistêmicas, potencializadas com o avanço e aperfeiçoamento das tecnologias digitais. Pensando nisto, perguntei aos/as jovens como eles/elas percebem suas ações ativistas/net-ativistas. No elenco de falas, fui percebendo uma íntima relação com a implicação ou capacidade de não se conformar com as desigualdades vividas cotidianamente, tal como já destacou Di Felice (2018), Pereira (2018), Maffesoli (2017) e Lévy (2017). Notem-se:

⁷⁴ Movimento performático feminista surgido no ano de 2011 em Toronto no Canadá, tendo como uma das pautas reivindicatórias o direito ao uso do corpo, a denúncia sobre a criminalização sociocultural da mulher em casos de estupro. Esse movimento ganhou repercussão no mundo e nas redes, como forma de discutir vários outros problemas relacionados às mulheres, seus corpos numa sociedade patriarcal e machista.

Eu me considero ativista, porque para mim, quem é ativista tá inconformado em deixar as coisas como estão. Se eu vejo alguma situação de desigualdade, alguma situação que eu possa estar intervindo, seja com a mera opinião, levantando discussão e debatendo sobre aquilo, como a **gente já fez intervenções** desse caráter, rodas de conversa para conscientizar a população. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

A palavra ativista é sempre vista no sentido muito político da coisa. Fazer o que a gente faz é político, a gente tem um viés político. A gente tem pautas. A gente sabe o que é bom e o que é ruim, humanamente falando. O que é admissível e o que não é. **Então eu acho que sim, que a gente levanta várias bandeiras.** E uma das bandeiras que a gente levanta é a de que fazer arte que importa. (Artista, 30 de março de 2020).

Resumidamente eu acho que é **uma questão de posicionamento**, de você conseguir se posicionar e mostrar para outras pessoas que existem outras opiniões. Então quanto mais pessoas você consegue alcançar com informação, mais você consegue fazer com que as pessoas interajam com esse meio. Então não ter apenas um assunto no meio jovem, mas jovens falando daquele assunto, **você consegue fazer com que mais pessoas discutam, conversem, conheçam outros assuntos.** (Lagartense, 23 de março de 2020).

Nas falas acima, os termos em destaque expressam com clareza a consciência de suas ações. A demarcação da questão política, a inclinação por fazer, discutir, propor, mobilizar temas, bandeiras e posicionar-se reflete as performances net-ativistas dos mesmos. Embora os/as jovens não mencionem sobre o net-ativismo de forma expressa, as suas ações ocorrem em grande parte nas redes e dispositivos digitais. Vale lembrar que o conceito ainda é pouco disseminado.

As práticas net-ativistas dos/das jovens estão baseadas numa dimensão colaborativa das aprendizagens, são formas de mediar, propor, criar situações, eventos, ações de educação em rede. Sobre este panorama, Conceição e Schneider (2016) endossam que a educação, em tempos de culturas digitais, se prolonga por todos os espaços, modificando os paradigmas das aprendizagens, uma vez que “[...] as mídias locativas e tecnologias móveis podem favorecer a construção colaborativa do conhecimento, a partir do trabalho conjunto” (p. 811).

Ademais, como já explicitado em outros momentos, o ser ativista possui relação estreita com as áreas e pautas de atuação que fazem parte da formação dos/das jovens. Cada um, ao seu modo, se engaja e ritualiza performances net-ativistas em diferentes contextos, algumas pautas se equivalem, a exemplo da discussão sobre a política, conservação na natureza, a condição da mulher na sociedade, etc. No caso da jovem Artista, o fazer ativista envolve pautas interdisciplinares por meio do fazer e experimentar a arte com outros/outras jovens. Em outras palavras, é um exemplo da aprendizagem na primeira pessoa, na qual o sujeito cognicente assume a posição de protagonista no processo de aprendizagem.

Falado sobre sua postura, como sendo um net-ativista nas redes sociais, o jovem Criativo faz uma reflexão pertinente sobre as distintas formas de ritualizar o ser ativista na cena contemporânea. Pensando sobre suas ações nas redes sociais digitais, ele descreve não existir diferença, do ponto de vista da ação, entre um ativista e um net-ativista, o que não é consenso na literatura. Segundo sua observação, são maneiras de manifestar posicionamentos, se envolver com causas e se engajar em temas sociais, sendo na sua visão, o ativista e o net-ativista, complementares quanto à proposta de intervenção. Esta visão complementar reflete uma linha tênue entre as práticas (presenciais ou virtuais) e chama atenção para uma questão importante, ambas não se excluem, ao contrário, como visto nas ações dos/das jovens, se mesclam e potencializam:

Não sei se existe essa diferença tão grande assim de um ativista pra um net-ativista. Eu acho que o ativista on-line ele usa as ferramentas que a gente tem, porque o mundo on-line ele tá muito atrelado ao nosso mundo real, né? Esse net-ativista, esse ativista *on-line*, por assim dizer, ele utiliza o mundo virtual pra poder manifestar o seu posicionamento, suas lutas, suas causas. E eu vejo o *design* ativista como isso, a gente usa das cores, da fotografia, da edição de imagem, dos vídeos, para tentar comunicar às pessoas alguma coisa, o nosso posicionamento, a nossa luta por equidade, por diminuição de questões de intolerância, a gente luta contra isso. (Criativo, 27 de março de 2020).

O trocadilho usado pelo jovem acima é elucidativo, net-ativista ou ativista on-line são terminologias conceituais aproximativas, quiçá equivalentes. Ainda sobre a prática ativista, as criações desse jovem, demonstra nos pequenos detalhes, cuidado em pensar e perspectivar um trabalho que reúne traços claros de uma identidade juvenil, implicada com temas sociais, dentre eles a questão negra e religiosa. Estes temas fazem parte das práticas net-ativistas que se apresentam como estratégia educativa nas redes. É muito interessante perceber como ele pensa sobre o seu trabalho, sobretudo, ao deixar claro que “Eu tenho uma coisa na minha cabeça que eu acho que a intolerância deve ser combatida com educação, com informação, que as pessoas possam absorver” (Criativo, 27 de Março de 2020). O jovem continua falando sobre o seu trabalho de criação como *designer*-ativista:

Eu percebo que, por exemplo, através do meu trabalho, das minhas ilustrações, existe um objetivo. As ilustrações das divindades africanas e eu faço questão de desenhá-las negras, eu faço questão de utilizar, por exemplo, penteados que a comunidade afro usa hoje, entendeu? Eu quero que as pessoas se identifiquem, especialmente o público negro se identifique, com o meu trabalho e possam enxergar como a cultura afro-brasileira é muito valiosa e muito importante, que muitas vezes é negligenciada justamente por causa do racismo histórico. (Criativo, 27 de Março de 2020).

Como expresso pelo jovem, sua prática net-ativista envolve o uso do *design* como forma de pautar temas para serem pensados e cultivados entre os/as jovens, por exemplo. É notório observar as suas postagens identificar uma prática net-ativista cuidadosa, pensada, endereçada envolvendo criações sobre negritude, religião africana, apenas para citar algumas. Na sua fala acima, a expressão “eu tenho um objetivo”, revela a sua implicação e uso de uma narrativa textual ou imagética para contestar uma realidade, como descreve Reis (2017, 2018).

Em outras direções, existem jovens que não gostam ou possuem reservas quanto ao uso do termo ativista, é o caso de Politizado que diz preferir o uso do termo militante. Observando a explicação do jovem, percebi se tratar de uma questão ideológica. Além disso, menciona que o “ser ativista” encontra-se mais ligado à ideia de luta e postura, enquanto “militante” envolve um processo de formação. Nas suas palavras, “[...]o militante tem três pontos que é a formação, a organização e a luta, e eu acho que o ativismo ele fica muito na luta” (Politizado, 31 de março de 2020). Essa compreensão vai ao encontro do que mencionam Silva (2019) e Machado (2019). Para além das escolhas e compreensões, tanto o ativista ou militante juvenil hoje, têm como um dos espaços de convivência e atuação, os coletivos.

Outra característica sobre a postura ativista ou “militante”, como prefere chamar o jovem Politizado, pressupõe o desenvolvimento ou vivência de uma mística. Procurando saber mais sobre essa questão, perguntei o que significava. O jovem menciona tratar-se de uma espécie de culto ou processo, pelo qual os/as jovens vivem e vão se formando, a partir das vivências, levando-os a sentirem-se pertencentes ao coletivo e à militância, etc. Segundo ele: “[...] a gente chama de mística revolucionária que é alimentar a indignação da juventude” (Politizado, 31 de março de 2020).

Na mesma direção, o jovem Estanciano destaca que o termo ativista, ficou popularizado, mas existe nos pares coletivos (não é consenso), a ideia de que o ativista está mais para a prática individual de um ator/atriz social, segundo ele: “[...]No nosso coletivo a gente não costuma falar que nós somos ativistas até porque, quando se coloca como ‘ativista’ é porque eles estão expondo as ideias individuais deles” (Estanciano, 05 de abril de 2020). Nesta explicação, a dimensão coletiva e potencialidade das redes sociais digitais envolve o uso do termo net-ativista e os coletivos como espaços fecundos de criação dessas performances e ações comunicativas, corroborando com a ideia de Lévy (2017) sobre a questão do espaço público e liberação da palavra como forma de acentuar transformações sociais.

Ainda sobre a implicação ativista, observei que, os discursos net-ativistas nas redes, envolvem uma maneira de operar uma vigilância social, estando os/as jovens sempre alertas aos assuntos que voltam à cena e precisam ser debatidos. Oportunamente, os assuntos em evidência e disseminados correspondem a temas de grande importância no tecido social e voltam por meio de fatos que ocorrem corriqueiramente. Existe um efeito de **recursividade das ações comunicativas dos/as jovens**. Cada fato novo é momento de posicionar-se e outra possibilidade de ajudar na criação do entendimento com seus pares nas redes. Como diz a jovem Juno:

A gente discute muito política atual do nosso país, como a gente tá fazendo tudo isso agora sobre o coronavírus, então problemas que estão muito iminentes. A gente também já discutiu, já teve momentos de formação para discutir cibercultura, momentos para discutir comunicação em geral, comunicação social. A gente discute o que tá nos afligindo no momento. (Juno, 26 de março de 2020).

Como visto acima, outro efeito presente nestas práticas corresponde a **formação de ações comunicativas atualizadas por emergências**. Com base na sua atuação, enquanto ativista, a jovem Combativa endossa a importância do posicionamento nas redes, e modo como sua postura pode contribuir na formação de outras mulheres, especialmente nas pautas que envolvem as políticas de gênero, o feminismo. Sobre estas características se nota ênfase na sua orientação e posição quanto a praticar ações ativistas, “[...] eu me considero empoderada, sou feminista, eu sei que não tenho os mesmos direitos que os homens e preciso lutar para diminuir essas desigualdades”. (Combativa, 25 de março de 2020). O relato da jovem deixa transparecer que as ações e atos de aprender envolve uma rede de colaboração e pertencimento, implicados.

Registrando sobre a atuação net-ativista nas redes sociais digitais, durante o acompanhamento dos/das jovens, percebi nas redes do jovem Lagartense, do Coletivo (@papajaca), variadas menções sobre ameaças sofridas por ele, ao denunciar supostos ilícitos cometidos por políticos do município de Lagarto-Sergipe. Perguntei ao jovem sobre esta questão com tom de preocupação. Ele relatou a existência de ameaças, perseguição política, inclusive de familiares, situação essa que o deixava indignado, mas também mencionou que se mantinha tranquilo, pois se tratava de pessoas sem escrúpulos que agiam em grande parte anonimamente, tendo ele a clareza que seu trabalho se baseava na investigação imparcial e com dados verídicos.

Cabe mencionar que, as reportagens criadas por ele, se baseiem em grande parte em processos que circulam na justiça, envolvendo agentes políticos, os quais no Papa-Jaca é dado

visibilidade, existindo ainda notícias-denúncias, nas quais são preservadas as identidades dos informantes. Esse trabalho só é possível com a internet livre, a transparência dos dados, conforme anunciam Lemos e Lévy (2010). Segundo o jovem, uma questão que lhe deixa confortável, consiste na visibilidade do site que “[...] tem entorno de 1 milhão e meio de visualizações, pra uma cidade de 100 mil pessoas é um número bom de visualizações. (Lagartense, 23 de março de 2020). Ele destaca ainda que procura não andar sozinho e comenta sobre a perseguição jurídica sofrida por ele:

Todos esses processos que eles entram, sempre que eles entram, por mais que eles peçam depois desistência, leva um tempo pra eu poder ir procurar advogado, pra poder construir contestação, enfim. E tudo isso demanda tempo. Sempre que sai uma notícia investigativa, uma reportagem investigativa, uma enxurrada de *fake news* sai nos grupos de *WhatsApp*. A única coisa que me preocupa de verdade é a questão dessa perseguição jurídica, porque cansa de fato. Exige tempo, exige cabeça, enfim. (Lagartense, 23 de março de 2020).

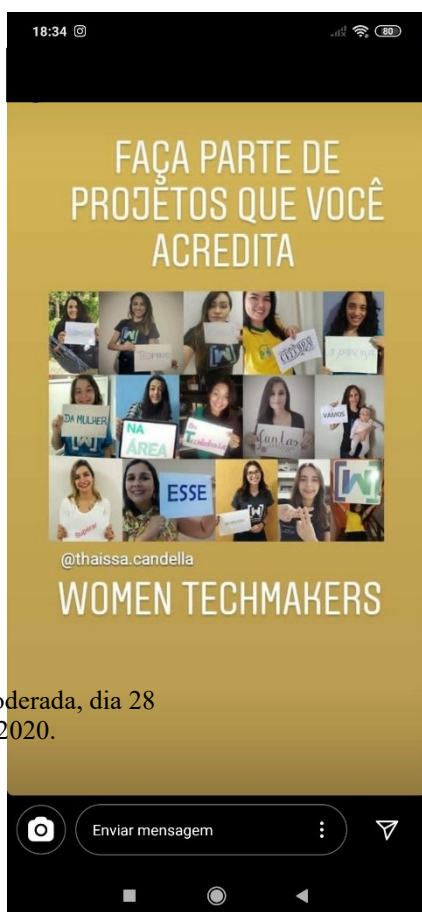
Os relatos do jovem Lagartense vão ao encontro de práticas de perseguição política, vividas em outras instâncias, por jornalistas ou mídia livristas no Brasil, mas também reforça a importância do trabalho com informações verdadeiras, formativas e seguras. Durante a pesquisa, busquei dar visibilidade às experiências produzidas pelos/pelas jovens nas redes, entendendo-as como sendo narrativas potenciais para saber o que pensam os/as jovens e como estas repercutem no modo como se relacionam com temas, assuntos e acontecimentos que se cruzam com suas trajetórias e as pautas que estão implicados.

Outra prática net-ativista, presente nas narrativas e ações dos/das jovens, envolve a vivência, o debate e produção de sentidos entorno do tema feminismo. Do conjunto de pautas levantadas pelos/pelas jovens, ganha lugar de destaque a questão da luta de direito das mulheres em diferentes contextos. De maneira especial, as jovens ritualizam em suas redes, imagens e narrativas que remetem à defesa do lugar da mulher na sociedade. Mais que isso, criam **um efeito de ações comunicativas com imagens-protestos** sobre os dilemas vividos corriqueiramente por mulheres nas suas vidas cotidianas. Trata-se de uma rede feminista online, que independente do termo "feminismo", busca tornar visível os dilemas e desafios de mulheres nos dias de hoje. Nestas ações e imagens, coexiste a dimensão educativa que se fortalece por meio da solidariedade, cultivo e desejo de expor, negociar, formar e performar coletivamente. Considero que estas ações implicadas assumem uma performatividade cognitiva que contagia os pares envolvidos, dando origem aos eventos, episódios e experiências de autofomação e formação coletiva.

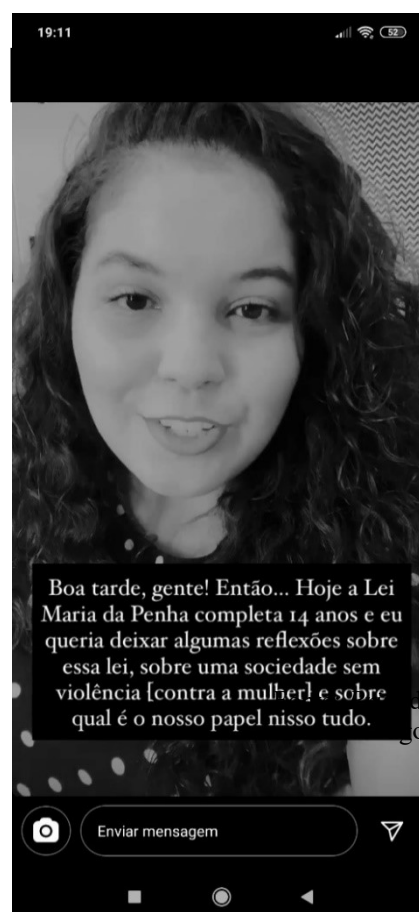
Entre as jovens pesquisadas se nota, diferentes abordagens e ações nas redes. A jovem Empoderada, deixa expresso em sua rede, a defesa dos espaços de trabalho por mulheres, especialmente no campo da ciência da computação, historicamente visto como espaço majoritariamente masculino. Ademais, faz usos de imagens pessoais, onde é possível notar o culto ao corpo feminino, atrelando-o a poder. Essa jovem não hesita em desafiar às percepções e olhares sobre este assunto, fazendo uso de uma linguagem denunciativa que cobra a democratização dos espaços entre homens e mulheres.

Em pequenas ações ou grandes projetos, se nota que os coletivos de jovens net-ativistas buscam discutir essa questão. No coletivo EXP, ocorreu o evento intitulado "A Reunião Delas", como forma de criar um espaço de fala para debater os desafios enfrentados pelas mulheres envolvidas com arte em Sergipe. Ademais, em outros *posts*, os/as jovens também fazem menção à figura feminina, quer seja para rechaçar a violência sofrida por mulheres ou para lembrar da importância de desconstruir o ideário hegemônico machista. É interessante notar nos coletivos a existência de protagonismos das jovens, muitas ações e atividades são coordenadas ou lideradas por elas, espaços que provocam um deslocamento sobre a atuação das mulheres: Vejam alguns *prints* que tocam nessa questão:

Imagens 15 a 18 – Postagens destacando pautas sobre as mulheres



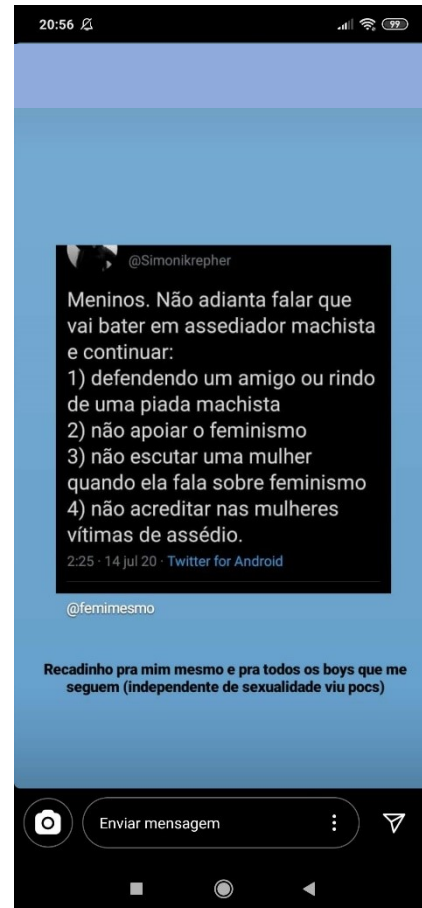
Fonte: *Print* de Empoderada, dia 28 de maio de 2020.



Fonte: *Print* de Combativa, dia 07 de agosto de 2020.




Fonte: *Print* de Camaleoa, dia 15 de agosto de 2020.



Fonte: *Print* de Politizado, dia 15 de agosto de 2020.

Nesses rituais de engajamento por sensibilidade com os dispositivos digitais, são formadas redes de atração por interesses comuns. Jovens e seus intercessores juvenis, por meio de agregações formando um “[...] complexo e interdependente âmbito ecossistêmico-informativo digital cotidiano” (MAFFESOLI, 2017, p. 51). Essa estilização pôde ser notada em momentos distintos, chamando atenção para a quantidade de postagens criadas pelos/pelas jovens cotidianamente. Durante o trabalho de acompanhamento dessas experiências foi necessário adotar uma postura de garimpagem e curadoria, conforme registrado no app-diário:



Durante o período da pandemia ficou notório que não só os jovens, mas grande parte das pessoas passaram a usar com maior frequência os dispositivos digitais. Especialmente, entre os/as jovens pesquisados (as) é possível notar que eles postam em torno de quatro *stories* por dia. Trata-se de espaço para chamar atenção, performar cenas, ideias e provações nas suas redes. Fico com medo de não conseguir organizar todas as narrativas, tão diversas e singulares. Sigo com o trabalho de artesão, montando, cuidando...separando, registrando no diário de bordo aqui no *Evernote*. (Nota do app-diário, 18 de maio de 2020).

Tomando como realidade, o trabalho cuidadoso de registrar as ações dos/das jovens nas redes, foi possível notar que, suas publicações **costumam ter um caráter factual**, isso significa

dizer que parte do que é cultivado nas redes possui forte relação com pautas e assuntos que são debatidos ou estão em visibilidade da sociedade. Outra característica que notei entre os/as jovens, foi a adesão de temas com repercussões locais e nacionais. No ainda no dia 07 de maio, em reposta ao acúmulo de mortes no Brasil, quando registrávamos 9.190 mortes por COVID-19, vários jovens fizeram questão de divulgar em suas redes a importância da ciência para o enfrentamento da pandemia, Os/as jovens aderiram ao dia da defesa da ciência brasileira e registram *posts* com criações de narrativas digitais de comunicação com pautas de reivindicação política:

Imagens 19 e 20 – Postagens com conotação política



Fonte: *Post* do @quilombose (08 de Maio de 2020).



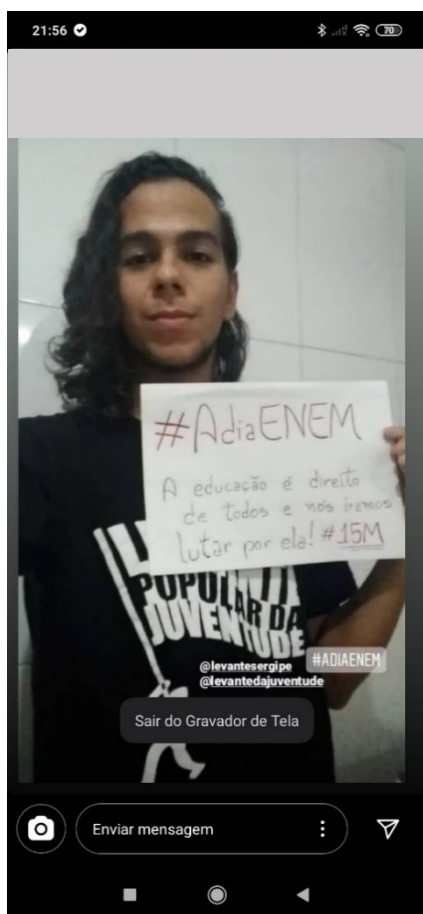
Fonte: *Post* da Live no *Stories* de @os_caatingas (06 de Maio de 2020).

Outro assunto que ganhou visibilidade nas redes dos/das jovens e faz parte das pautas pessoais e seus coletivos é a defesa da educação. Não obstante, durante o processo de isolamento social se envolveram ativamente nas redes para dar visibilidade à campanha de adiamento do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. As vozes dos/das jovens ecoaram pelas redes em defesa, não só do adiamento, mas trazendo à tona as distorções existentes com

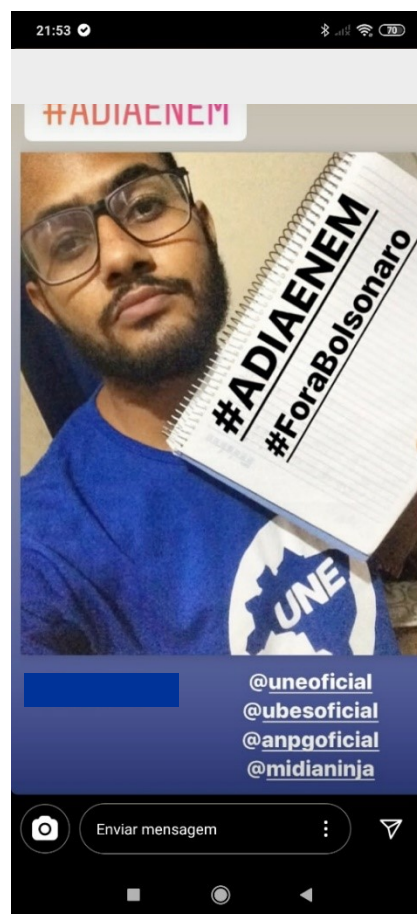
a atitude de dar prosseguimento ao exame. A campanha pelo adiamento do exame ficou entre os assuntos mais discutidos nas redes. Entre os coletivos, é possível notar que os jovens do @quilombose e @levantese aderiram à campanha e mobilizaram os/as jovens durante o dia. Esses dois coletivos estão entre os que mais criam narrativas em defesa da educação nos diferentes níveis de ensino. A #AdiaEnem foi disseminada nas redes!

Outro fato interessante que merece ser mencionado é que durante a pandemia ficou muito claro a quantidade de jovens que não têm o mesmo acesso aos dispositivos digitais. Refiro-me principalmente à qualidade do acesso à internet, um fator essencial para imergir nas redes e obter conteúdos para estudar. É urgente pensar o acesso com qualidade de fluxo, capaz de potencializar essas ambiências de interação, convívio e aprendizagens, conforme já mencionaram Trivinho (2007), Schneider (2002), Linhares, Ferreira e Borges (2014), Santos (2021), Bonilla e Pretto (2014).

Imagens 21 e 22 – Postagens na campanha sobre adiamento do ENEM



Fonte: Post do Stories de Politizado (20 de Maio de 2020).



Fonte: Post do Stories de Estanciano (15 de Maio de 2020).

Enquanto isso, seguiram os protestos com o descaso educacional, sobremaneira, por existir um hiato entre os diferentes atores/atrizes sociais em decorrência de sua situação social, econômica e cultural. Enquanto o Superior Tribunal Federal - STF, nem os governantes tomavam uma decisão equilibrada, os/as jovens ocuparam as redes com fotos, memes, petições. Na ocasião, a pressão nas redes fez o congresso nacional tomar a decisão de adiar por tempo indeterminado a prova.

Imagens 23 e 24 – Postagens na campanha sobre adiamento do ENEM



Fonte: *Repost* de Lagartense (15 de Maio de 2020).



Fonte: *Post* do @os_caatingas (20 de Maio de 2020).

Cabe mencionar que a produção dessas narrativas digitais, a exemplo de memes, campanhas e ações com pares se desenham como oportunidade de diálogo, mediação de saberes e aprendizagens com temas, pautas e discussões. Boa Sorte e Santos (2020) destacam, como exemplo que, os memes políticos são uma possibilidade pedagógica para pensar o ensino,

tomando como orientação a teoria dos multiletramentos. São características destes enunciados criados também por jovens, o uso da crítica, perspicácia, ludicidade, etc. Falando sobre os memes políticos, os autores destacam que “[...]esses textos têm se tornado verdadeiras práticas de escrita e compartilhamento em redes sociais ao redor do mundo, especialmente em épocas de disputas eleitorais”. (BOA SORTE e SANTOS, 2020, p. 7). Ainda sobre a implicação política nas redes, relacionando-se a outra pauta, a da diversidade, os/as jovens fizeram questão de ritualizar o que pensam e expressam, por meio de suas performances nas redes. Em comemoração ao dia internacional contra a LGBTFOBIA, pediram respeito à diversidade, pluralidade e ações urgentes para combater o preconceito.



Vozes ecoam nas redes, já não é preciso calar-se... Nas redes, as/os jovens performaram imagens, deram a cara para relembrar que este dia precisa ser não somente lembrado, mas, sobretudo, endossado nas práticas cotidianas de envolvimento e interação com o outro. Net-ativismo em tempo real invadiu os *stories* dos/das protagonistas da pesquisa e dos coletivos de comunhão, agregação e convívio. (Nota do app-diário, 17 de maio de 2020).

Imagens 25 a 28 – Postagens com posicionamento a favor da diversidade



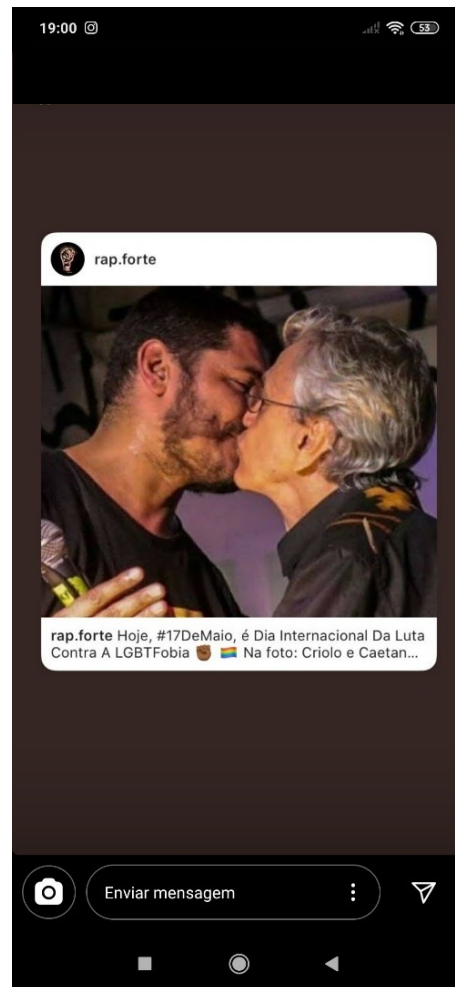
Fonte: *Stories* de @levantese (17 de Maio de 2020).



Fonte *Stories* de Politizado (17 de Maio de 2020).



Fonte: *Stories* de Criativo (17 de Maio de 2020).



Fonte: *Repost* de @rap.forte no *Stories* de Lagartense (17 de Maio de 2020).

No interstício das performances nas redes, não só assuntos políticos tomam conta das narrativas imagéticas criadas por eles/elas. Coexiste nessas ambiências, o caráter pessoal, onde postam questões mais íntimas que ajudam a descobrir e aproximar mais sobre o perfil de cada jovem. O dia das mães, 08 de maio de 2020, foi um dia em que, quase todos os/as jovens reservaram suas redes para homenagear as mães. Foi possível conhecer parte de origem de seus laços afetivos e registrar este lado mais pessoal, conforme registro no app-diário:

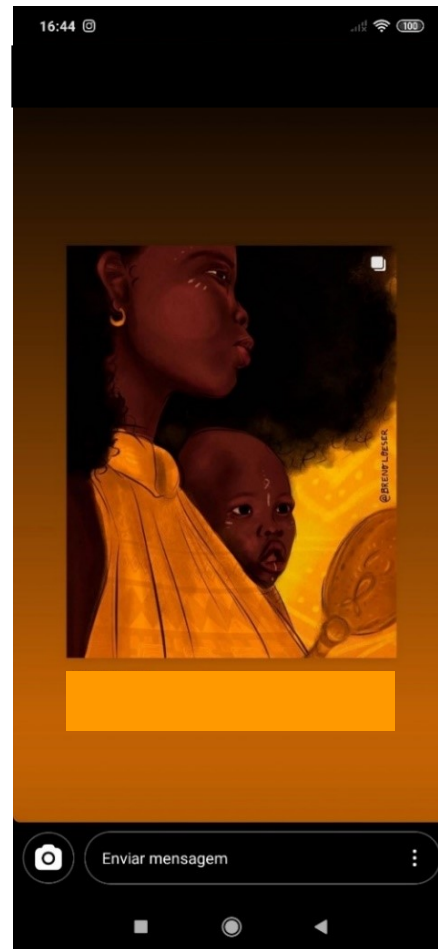


No dia das mães, conheci pelo *Instagram* às origens maternas de alguns jovens que protagonizam os cenários da pesquisa. A rede se encheu de *stories* homenageando as mães, tanto nas contas pessoais, quando nas contas dos coletivos. Amor de mãe pede textão!!! É melhor ver as imagens! 😊😊😊😊😊😊😊😊. (Nota do app-diário, 10 de maio de 2020).

Imagens 29 a 34 – Postagens sobre o dia das mães com narrativas ativistas



Fonte: *Stories* de Conciliador (10 de Maio de 2020).



Fonte: *Stories* de Criativo (10 de Maio de 2020).



Fonte: *Stories* de Empoderada (10 de Maio de 2020).



Fonte: *Stories* de Lagartense (10 de Maio de 2020).



Fonte: *Stories* de Artista (10 de Maio de 2020).



Fonte: *Stories* de Combativa (10 de Maio de 2020).

Nas imagens acima, os/as jovens buscam homenagear as mães, mas se observa traços característicos de cada jovem, a exemplo do que exprime a imagem postada por Criativo, ao reconhecer sua referência às mães de terreiro, no caso de Criativo, que posta uma criação sua e faz menção às mães negras. Já a Jovem Empoderada, faz questão de deixar expresso na sua mensagem a reverência à condição da mulher que trabalha e precisa cuidar dos filhos e reafirma a dimensão do feminismo. Por sua vez, Lagartense, deu visibilidade às mães que lutam na justiça para aprovar o uso de medicamentos à base da substância canabidiol. Já Artista e Combativa quiseram demonstrar o carinho postando imagens pessoais com as mães. Em todos os *posts*, sobressai o afeto, a atuação política, o carinho e reconhecimento da importância de suas mães em suas jornadas.

Outro tema ou problemática que transversaliza as interações e experiências de comunicação dos/das jovens nas redes é a questão ambiental. Tanto como forma de protestos nas redes, mas principalmente, como sendo uma orientação das atividades desenvolvidas no interior dos coletivos. Vivenciamos no Brasil hoje o afrouxamento das políticas de meio ambiente, o descrédito internacional em função dos constantes ataques à natureza, com sua face

mais exposta, a destruição de todos os biomas, com destaque para as queimadas e desmatamento da floresta amazônica, e, a consequente, exploração comercial da madeira, extração de minerais e criação de pastagens para criação de gado em áreas protegidas. Engajando-se com este tema, notei que os/as jovens tomam a questão ambiental como sendo relevante e valiosa. As ações desenvolvidas pelo Coletivo (@coletivocamaleão), tomam como centro de ação a educação ambiental e intervenções em comunidades periféricas, visando despertar, discutir e criar espaços de interação para falar do meio ambiente. A Jovem Camaleoa, faz ecoar nas redes a importância da ligação com o meio ambiente, o cuidado com a natureza, sendo esta uma pauta recorrente nos discursos e performances dos pares que fazem parte deste coletivo.

Imagens 35 e 36 – Intervenções do Coletivo Camaleão envolvendo o meio ambiente



Fonte: *Stories* de Camaleoa (30 de Junho de 2020).



Fonte: *Stories* de @coletivocamaleão (30 de Junho de 2020).

As pistas apontadas nas ações e discursos dos/das jovens implicam situar a etnocenologia virtual da aprendizagem juvenil ligada às questões centrais, nesse caso, o cultivo de ações educativas que atentem para criação de vínculos e estratégias de convívio, conservação e uso consciente dos recursos finitos. Por sinal, autores como Maffesoli (2020), Harari (2019), Rifkin (2016) descrevem os/as jovens como criadores de uma resistência e sensibilidade ambiental. A questão alimentar também é bastante presente no universo dos/das jovens, sendo corriqueiro visualizar postagens que tocam em problemas relacionados à fome no mundo, a exemplo do desequilíbrio ambiental ocasionado pelo sistema de produção de alimentos que vigora nas sociedades capitalistas, etc. Alguns jovens, como é o caso de Artista e Lagartense, deixaram expresso a escolha em priorizar alimentos naturais, eles optaram por uma dieta vegana ou vegetarianana.

Não obstante, é interessante notar como a jovem Artista, além de defender a opção de alimentação natural, usa suas redes para divulgar, apresentar receitas, dando dicas aos seus "amigos/as virtuais", de como preparar pratos saborosos, nutritivos com baixo impacto ao meio ambiente, principalmente sem o uso de proteína animal. Existe nessa "pegada" a defesa pelo cultivo, o contato e manuseio da terra e a importância dessa ligação do homem como ela.

Imagens 37 e 38 – Postagens sobre hábitos alimentares (veganismo)



Fonte: *Stories* de Artista (13 de Agosto de 2020).

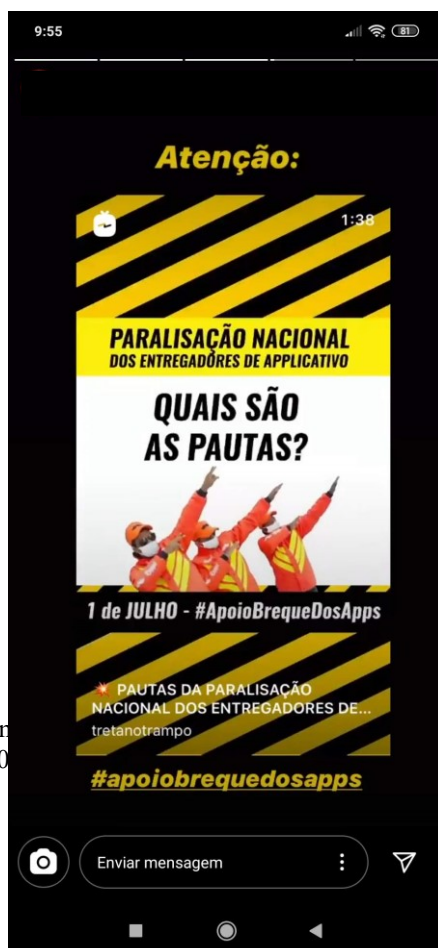


Fonte: *Stories* de Artista (02 de Julho de 2020).

Além da imagem colorida, o que denota a adoção de alimentos diversos e saudáveis, a dieta dos jovens acima, vem acompanhada de performances visuais e textuais com conotação política. O que se pode observar em todos os/as jovens da pesquisa, com maior ou menor visibilidade, é o cultivo de uma consciência ambiental que perpassa a opção de alimentação saudável com foco na mudança de hábitos sociais, atentando para os danos ambientais causados com a produção em larga escala de alimentos, a exemplo da produção de carne de origem bovina em nosso país. Portanto, este fato vem confirmar a minha tese sobre a etnocenologia virtual das aprendizagens nas redes de comunicação e como estas estão implicadas com os saberes mediados pelos atores/atrizes juvenis, ensejando a adoção de outras práticas.

Outra defesa ou crítica desses/dessas jovens consiste na proliferação de hábitos de consumo de alimentos processados e industrializados. Durante a produção dos dados da pesquisa, na pandemia, ações de solidariedade e engajamento político dos/das jovens durante a greve dos trabalhadores por aplicativos de entrega, além de emergirem questões sobre as condições de precarização do trabalho, trouxeram para o centro do debate uma crítica radical ao consumo de *fast-food* e a cadeia de problemas decorrentes desse hábito sociocultural de base econômica.

Imagens 39 a 42 – Postagens durante campanha em solidariedade à greve dos entregadores de *fast-food*



Fonte: *Stories de Con*
Julho de 20



Fonte: @midianinja, *Repost de*
Lagartense, dia 02 de Julho de 2020.



Fonte: *Stories* de Artista (30 de Junho de 2020).



Fonte: *Stories* de @levantedajuventude (30 de Junho de 2020).

Tomando as ações dos/das jovens e os diferentes temas que envolvem as ações juvenis nessas ambiências, é possível enumerar, a partir das análises de Merah (2017) quatro discursos que circulam nas redes sociais digitais dos/das jovens sobre a participação política em decorrência da mudança e discussões on-line. Essas formas discursivas revelam uma diferença de implicação dos diferentes protagonistas em rede, mas todos eles/elas são parte dessa vontade de fazer criar, de saber e posicionar-se. Os discursos apontados pela autora são: a) **discurso de contestação**: nesse discurso “[...] os leitores expressam explicitamente suas posições opostas ao discurso oficial, que denunciam e condenam, e isso com opiniões críticas e acusações frontais” (p.147); b) **discurso de indignação**: reiteração de situação denunciada onde, os leitores se indignam por questionamentos e raiva exacerbada atingindo níveis de desprezo, são movidos “[...]diante de problemas incitados pelas populações: escândalos, declarações aproximadas, repressões, injustiça, favoritismo, penúria” (Idem).

O terceiro tipo é o: c) **discurso de solidariedade**: neste, os leitores, demonstram-se indignados com uma situação e se solidarizam com possíveis vítimas de uma ação

preconceituosa, por exemplo. Ademais, o discurso de solidariedade é “[...] fortalecido por elementos das posições de apoio e dos valores de comunhão e empatia” (Idem). Por último, ela descreve o quarto: d) **discurso de caricaturação**, nos comentários os leitores fazem explicações das situações de contestação, em favor do ponto de vista, podem não hesitar em fazer zombarias ou ridicularizações, indo além “[...] acusam os responsáveis de medíocres e incompetentes. Essas são maneiras de participação política on-line, ou seja, formas de discursividade social.

Desse ponto de vista, ainda que não seja um “militante”, ao meu ver, as redes ajudam a criar uma diversidade de encontros com os distintos discursos, permitindo um estranhamento que é, ao mesmo tempo, uma riqueza do ponto de vista da polissemia de sentidos. Por sinal, entre os/as jovens percebi a adoção de discursos apontados por Merah (2017), todavia, tomo como referência duas dimensões para entender a adoção dos discursos, são elas: a) dimensão da formação política; b) dimensão da identificação de origem, as quais serão exploradas, como resultado analítico, no seguinte subtópico. Por hora, cabe mencionar que o ator/atriz social participa, envolve-se, se existem as bolhas comunicacionais, conforme salienta Santaella (2018), a rede é também o lugar visceral para estourá-las.

De outro modo, é cabido lembrar que a rede é também reflexo desses antagonismos societários latentes. Na música “O que se cala”, Elza Soares (2018) interpreta e reflete o lugar de fala do ator/atriz social, nas suas palavras: “Mil nações, moldaram minha cara, minha voz, uso para dizer o que se cala. O que um país, é meu lugar de fala”, e continua: “Pra que explorar? Pra que destruir? Por que obrigar? Por que coagir? Pra que abusar? Pra que iludir? E violentar. Pra nos oprimir? Pra que sujar o chão da própria sala? Nosso país. Nosso lugar de fala”. A orientação da fala nessa música pode ser traduzida com o desejo visto nos movimentos juvenis pelas redes e nas ruas. Nas minhas observações realizadas em eventos dos coletivos ou na observação das redes desses/dessas jovens, notei o desejo de expor, não se deixar calar, falar, opinar frente ao descabido, à censura, à recriminação dos corpos em suas potencialidades.

Não obstante, é possível afirmar, a partir da experiência de acompanhamento e escuta dos/das jovens, a inexistência de consenso sobre o tema. Existem aqueles que usam e se denominam ativistas e outros que fazem uma reflexão crítica do termo. Sobressai dessa polaridade, a ideia de ação e posicionamento com os temas e áreas de interesses desses/dessas jovens. Quer seja individual ou no coletivo, estão implicados com temas que são importantes e

urgentes para o momento atual. Na tabela abaixo, é possível notar os principais assuntos que configuram seus discursos, performances e ações comunicativas:

Tabela 6 - Principais temas que envolvem as práticas net-ativistas dos/das jovens nas redes

Ator/atriz jovem	Tema 1	Tema 2	Tema 3
Empoderada	Informática e Tecnologias	Política	Feminismo
Conciliador	Diversidade e Inclusão	Religião Africana	Cultura
Lagartense	Política	Informação	Diversidade
Combativa	Políticas de Gênero	Feminismo	Educação
Juno	Arte	Política	Meio Ambiente
Camaleoa	Urbanismo colaborativo	Meio Ambiente	Política e Participação popular
Criativo	“Design-ativismo” ⁷⁵	Diversidade LGBTQA+	Religião Africana
Artista	Arte e performance	Política	Diversidade
Politizado	Política	Educação	Meio Ambiente
Estanciano	Política	Educação	Diversidade e Negritude

Fonte: Organização do pesquisador, a partir dos temas de envolvimento dos/das jovens.

Durante o acompanhamento dos/das jovens, diferentes ações comunicativas foram percebidas. No dia 15 de Maio de 2020, registrei no app-diário a nota intitulada “Os/as jovens e o cenário político brasileiro”, dando visibilidade à discussão política, notadamente, alvo das experiências dos atores/atrizes. Uma das expressões mais evidentes nesse período abrangeu o posicionamento político em relação ao contexto nacional, mas também envolvendo a política local. Não obstante, chamou a minha atenção, entre os/as jovens, as ações criadas e potencializadas por Lagartense. No contexto da política, ele utiliza a rede social *Instagram* como forma de atualizar a comunidade do município de Lagarto sobre as informações e fatos ocorridos na política nacional, criando um *link* com a realidade local, desempenhando um serviço de jornalismo e comunicação com grande repercussão. Com uma postura e linguagem bastante informal, este jovem consegue reunir um grande número de seguidores-ouvintes nas suas performances nas redes. Ademais, é possível perceber o reconhecimento da comunidade local sobre o trabalho desenvolvido por ele. Os registros abaixo, ilustram o posicionamento dos/das jovens nas suas redes.

⁷⁵ Modo como os/as jovens descrevem a prática dos/das *designers* e suas implicações com temas de projeção e relevância social.

Imagens 43 a 46 – Ações comunicativas com a pauta política nas redes



Fonte: *Print* de Lagartense, dia 24 de abril de 2020.



Fonte: *Print* de Conciliador, dia 24 de abril de 2020.



Fonte: *Print* de Empoderada, dia 24 de abril de 2020.



Fonte: *Print* de Combativa, dia 24 de abril de 2020.

É importante demarcar como essas/esses jovens organizados em seus coletivos veem a política social como espaço de atuação de suas performances. Para eles/elas, as ações devolvidas em projetos com comunidades, sejam eles periféricas ou não, tomam a disputa política como caminho necessário para criação de um futuro justo e mais equânime. Logo, é muito comum, acompanhando os/as jovens, entender que suas práticas e experiências nascem de um compromisso social e político com o bem estar de seus agrupamentos, das comunidades que desenvolvem intervenção, sejam nos bairros onde estão situados na coletividade.

Nesses cenários, as implicações juvenis com a política não estão apenas situadas na crítica e posicionamento nas redes. O lema **nas redes e nas ruas**, utilizado por vários jovens e seus coletivos traduz a forma de intervir ou participar da vida política local. Desenvolvem uma estreita relação com essa esfera, para reivindicar direitos, potencializar debates, intervir em problemas deixados à margem pelo setor político nos municípios onde estão localizados. É o caso dos/das jovens que participam do coletivo (@os_caatingas), quando se aproximam de personagens políticos locais, ou instituições de administração pública, a exemplo da prefeitura, inclusive compartilhando ações desenvolvidas em parceria.

De maneira mais clara, entre os/as jovens, a divulgação da pré-candidatura, do jovem Estanciano, integrante do coletivo (@quilombose) a vereador da cidade de Estância, deixou claro o envolvimento com este setor da sociedade, caso também já relatado por outros jovens que assumem inclinações futuras com a política local, a exemplo do jovem Lagartense.

Chama atenção a relação de proximidade dos coletivos e jovens com a política partidária, isso se dá em grande medida pela noção de disputa, a qual toma a ocupação de cargos na esfera política, como possibilidade de ser ouvido e criar formas de resistência mais sólidas. Outro exemplo notado durante a observação foi a jovem Camaleoa, integrante do (@coletivo.camaleão) que divulgou na sua rede a participação como candidata ao Conselho Estadual de Arquitetos e Urbanistas, participando da chapa 1 intitulada: plural, buscam diversidade de ideias, pensamentos e ações coletivas. No meu ponto de vista, a participação ou aproximação dos/das jovens e os coletivos com a política institucionalizada se apresenta como campo de disputas e interesses que se mesclam, se chocam e vão sendo negociados como na vida-arte cotidiana, onde são negociados interesses, projetos que perpassa pela “ocupação dos espaços”. É preciso ocupar para resistir, isto envolve criar, participar e exercer performances políticas institucionais ou não.

Imagens 47 e 48 – Participação política dos/das jovens a cargos representativos



Fonte: Camaleoa, dia 06 de Setembro de 2020.



Fonte: Estanciano, dia 10 de Setembro de 2020.

Por tudo isso, posso afirmar que estamos diante de uma geração que tem mais acesso a conhecimentos, possuem maior engajamento com causas sociais e podem ajudar no combate às formas de poder já naturalizadas. Ao contrário do que se pensa, os/as jovens, mediadores nas redes digitais de interação e convívio, tem muito a contribuir numa sociedade mais justa e igualitária. Enquanto potência desse tempo tenso, dinâmico e polarizado, pensar no intercruzamento de linguagens e posturas com a diferença transgressora é ratificar o encontro com as diferentes expressões e performances dos/das jovens, trazendo ao debate reflexões-negociações pela alteridade, liberdade e multiplicidade. Na nuvem de palavras abaixo, é possível ter uma dimensão sobre os principais temas apontados por eles/elas que perfazem as práticas comunicacionais dos/das jovens nos seus coletivos de origem.

Chama atenção, a maneira como são tensionados e criadas narrativas, mais que isso, projetados e executadas ações intervencionistas, as quais considero serem, imagens performáticas etnocenológicas, e, como partes dessas experiências extraordinárias do virtual ritualizando linguagens com os usos dos corpos por meio dispositivos digitais, propondo, inclusive, intervenções de natureza educativa, com ênfase em aprendizagens baseadas na formação sociocultural.

Corrochano e Laczynski (2021) destacam o surgimento de novas configurações ativistas e formas de engajamento político, especialmente com uso dos espaços de interação virtual, destacando o uso de novas estratégias de atuação, onde os/as jovens demonstram acúmulo de experiências, capacidade reflexiva para mobilizar temas, pautas e assuntos. Cumpre destacar que a analogia das células é adotada pelos coletivos como forma de organizar a estrutura entre os seus participantes. Por exemplo, o Coletivo caatingas faz parte de um organismo maior, intitulado Centro Cultural Erukerê, que abriga outras células como o Coletivo Lèguà, e o Coletivo de Mulheres do Erukerê. Nos coletivos pesquisados, Camaleão e Coletivo EXP a organicidade dos membros também funcionam numa lógica de troca e compartilhamento celular das áreas.

Já nos demais coletivos: (@quilombose), (@levantesergipe), (@gdgaracaju), (@papajaca), e (@coletivodemulheresdearacaju), notei que o processo de engajamento do membro é que toma como princípio a lógica reticular, com destaque especial para a maneira como os/as jovens agem juntos/juntas (**engajamento em bloco e coletivamente**) para divulgar e compartilhar informações. Dessa maneira, o que é divulgado nas redes do coletivo, ritualiza nas redes dos/as jovens e vai sendo disseminado, dando origem a um net-ativismo contagioso, no qual, os/as jovens atuam como sendo time, criando, divulgando e compartilhando. A forma mais interessante de notar as ações em conjunto ocorre quando os membros do coletivo, em bloco, começam a promover uma informação.

Pode-se citar a criação dos diversos coletivos nos espaços de interação do ciberespaço como sendo um chamariz à reflexão desses fenômenos do atuar em rede. Em muitos casos, a intervenção se apresenta via ato de denúncia, mas também maneira de driblar condicionantes estruturais da vida social, a exemplo das implicações econômicas e políticas. Essas são experiências etnocenológicas, partilhadas sob forma de performances cotidianas e suas ritualizações híbridas vividas nos coletivos de pares on-line.

Os coletivos expressam o desejo humano de formar pares, criar vínculos e compor grupos de interação e convivência. Essa é uma condição humana que revela sua constituição histórica, com maior ou menor nível de interação, se levarmos em consideração as particularidades dos agrupamentos humanos nas diferentes culturas. Na atualidade, essa dimensão humana passa cada vez mais abarcar as experiências cultivadas em ambiências possíveis no ciberespaço. O encurtamento das distâncias, a possibilidade de conhecer diferentes pessoas nas redes, o contraste quase inevitável com diferentes pessoas, crenças e formações numa instantaneidade possível com os dispositivos tecnológicos.

Não obstante, os coletivos são formados por atores/atrizes sociais atraídos por interesses que convergem, formam células de interação e comunicação com o intuito de engajar pessoas para temas relevantes, formando assim, redes de pertencimento, convívio e engajamento. Esses coletivos por atração reúnem pessoas próximas, unidas por um vínculo amical formando pela convivência, seja ela presencial ou virtual, como descreve Maffesoli (2007, 2006, 2009, 2019). Abrigam pessoas de diferentes agrupamentos sociais, culturais, deixando em aberto a criação de ambiências pautadas na diversidade de expressões humanas. Ambiências de encontros, tessituras, conflitos, sentimentos e paixões, de todas as naturezas.

Lugar real, do qual o localismo é prova e que o sentimento tribal de pertencer expressa do melhor modo possível; lugar simbólico, de que é prova o retorno das preocupações espirituais e os fanatismos religiosos; lugar virtual, com o qual o desenvolvimento tecnológico não para de nos surpreender. O espírito do tempo, de fato, está na interação, na inter-relação (MAFFESOLI, 2009, p. 121).

A organização do coletivo, como sendo uma célula autorregulada pelos seus pares, chama atenção. Na maioria dos coletivos pesquisados, não existe uma estrutura de poder ou hierarquia definida. Em alguns casos específicos, se observa que os/as jovens buscam se organizar, levando em conta o perfil de cada jovem, tendo como diretriz as aptidões individuais. É interessante notar que em alguns coletivos, essas pessoas são chamadas de voluntários, mas não se trata de uma atividade despretensiosa, como se costuma olhar, ao contrário, corresponde a uma ação extremamente focada por uma orientação de “dever social”. Por outro lado, os participantes “fixos”, reúne os membros ativos no coletivo, sendo aqueles que criam, mobilizam e coordenam os projetos. Vejam as falas abaixo descritas:

No *Women Techmakers*, a gente possui um grupo específico, só tem meninas, não tem meninos. E a interação ocorre só com as meninas, principalmente pra gente se sentir à vontade, até porque a gente não fala só de tecnologia, a gente fala de política, a gente fala de feminismo, a gente fala de assuntos mais específicos mesmo, de mulheres, de família, a gente fala de filhos, a gente fala de todo tipo de assunto diverso. (Empoderada, 21 de março de 2020).

A gente não tem presidência, nem nada disso. Mas a gente tem alguns cargos sim. Por exemplo, tem uma pessoa só pro *site*, uma pessoa só pro *Instagram*, pessoas que têm mais aptidão mesmo de mexer com algumas coisas ou tempo para fazer isso, como tem alguns de nós. (Juno, 26 de março de 2020).

É um coletivo “alternalizado” (que alterna), não tem uma liderança, tem conversas sobre distribuição de tarefas, decisões, e essas vivências também são uma forma de alinhar o que a gente tá pensando, não de forma a uniformizar o pensamento, mas sim, de compreender qual o objetivo de cada um ali, e de que forma isso pode contribuir para o grupo. (Combativa, 25 de março de 2020).

Então... a gente já se questionou muito sobre isso, se a gente deveria dividir as pessoas por delegação, tipo, você fica responsável pela comunicação, você pela arte, etc, só que acabou que a gente percebeu que a gente transitava muito nisso, mas, ao mesmo tempo, algumas pessoas sempre ficavam responsáveis por alguma coisa e outros por outra. Não existe um presidente ou presidenta do coletivo. (Artista, 30 de março de 2020).

Existe uma espécie de senha para participar do coletivo, mesmo existindo uma presença ou interação virtual, em quase todos os grupos pesquisados é condição essencial para figurar como um dos membros, a participação em reuniões ou uma indicação de um dos membros permanentes. Trata-se de uma sociologia da atração que se amplia por meio de convites endereçados, após avaliar o perfil nas redes, de notar a atuação dos/das jovem em relação aos temas, como lembra uma das jovens “[...] Primeiro, para entrar no coletivo você tem que ir para uma reunião, a gente não adiciona no grupo logo de início”. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

A comunicação dos/das jovens, em momento que não estão se reunindo presencialmente ocorre com frequência usando aplicativos de comunicação, tais como *WhatsApp* ou *Telegram*, quase sempre por meio de conversas ou videochamada com uso dos dispositivos móveis. É interessante notar a existência de formas de comunicação distintas, a depender do foco das ações, por exemplo, nos coletivos Camaleão (@coletivo.camaleão) e *Women Techmakers* (@gdgaracaju), foram criados grupos de comunicação no *WhatsApp* para divulgação e participação nas ações, visando a participando de pessoas de fora do coletivo. Entende-se que, nessas ações é necessário agregar o maior número participantes, como no caso das ações de intervenção do (@coletivo.camaleão) em bairros periféricos. Falando sobre isso, a jovem Camaleoa explicita que existe uma lista de participantes “flutuantes”, aquelas pessoas que se identificam com o coletivo, se colocam à disposição para participar eventualmente das ações, ajudam financiando a compra de materiais, etc.

Por outro lado, tomando como referência a organização celular dos coletivos, se nota a criação e o desenvolvimento de micro células, divididas por atribuições, a exemplo de coordenações de pesquisa, comunicação, finanças, documentação e outros. Essa coordenação

ou atribuições faz parte da organização de vários coletivos, variando quanto ao nome usado para definir cada setor.

Falando sobre as atribuições da coordenação de comunicação, a jovem Camaleoa chama a atenção para o motivo de usar da rede social *Instagram*, destacando que a maior parte das entidades, especialmente as ONGs, buscam deixar organizado um espaço, a exemplo de um *site* com as informações, visando concorrer aos editais. Nesse caso, usam o *Instagram*, pois nele é possível deixar organizado, especialmente numa linha cronológica onde são visualizadas todas as ações e intervenções. É importante ressaltar que, embora existam atribuições específicas, os/as jovens deixam claro a construção e intervenção de todos/todas, em todas as coordenações. Somado a isso, a rede social *Instagram* é vista pelos/pelas jovens, como sendo um espaço central para a disseminação de informações, como relata Combativa “[...] Usamos para divulgação, especificamente, é central, para saber o que vai acontecer, quando vai acontecer, como vai acontecer, é essencial para que as pessoas participem”. (Combativa, 25 de março de 2020).

Não obstante, nos coletivos existiam, antes da deflagração da pandemia, a realização de reuniões que variavam entre duas e três vezes por semana, sendo esses espaços vistos como imprescindíveis, orientação levada muito a sério por eles/elas. A jovem Juno, relata sobre a preocupação para que todos/todas participem das reuniões. Nas reuniões do Coletivo EXP (@coletivoexp), é priorizado o horário da noite, por volta das nove horas, de modo a possibilitar que os/as jovens que trabalham estejam presentes. Existe também o uso de uma estratégia de mobilidade implementada no coletivo, da qual relata a jovem “[...]A gente faz sistema de carona, quando uma pessoa não tem de jeito nenhum de ir, ou que ficaria muito caro pagar um *Uber*, a gente pega a caixinha do coletivo e paga o transporte da pessoa”. (Juno, 26 de março de 2020). Outros jovens descrevem sobre a periodicidade dos encontros no coletivo e como estes são balizadores das experiências:

Geralmente no Lèguà, a gente se reúne uma vez por semana ou a cada quinze dias, é algo do tipo. Outra coisa é que antes do final do ano, em dezembro geralmente, todos nos reunimos e construímos o calendário da casa. (Criativo, 27 de março de 2020).

A gente tem trabalhado sob uma orientação estadual para todos os militantes do Estado e alguns estados também estão fazendo isso, leituras, filmes para reflexão, reuniões pelo *Skype*, para gente poder se ver e se comunicar. (Politzado, 31 de março de 2020).

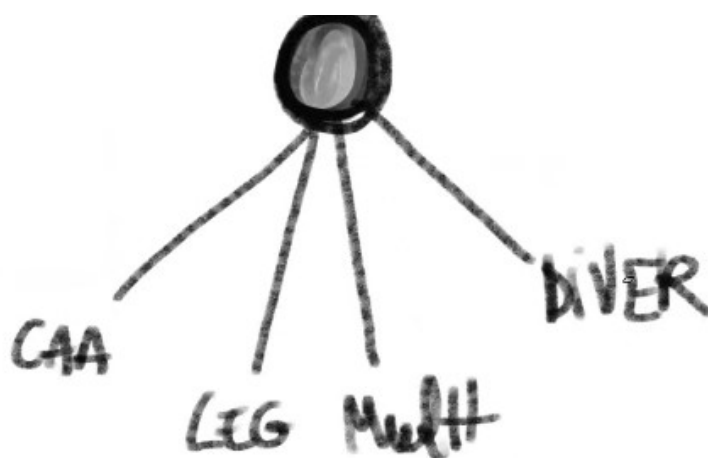
Semanalmente, pelo menos uma vez por semana, a gente tem uma reunião mais geral, com todo mundo mesmo para discutir. Na reunião anual a gente projeta todas as

nossas ações mais fixas, vai muito da dinâmica do que tá acontecendo na cidade, no Estado e no Brasil. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Essa estrutura fluída ou aberta dos coletivos lhes confere uma organicidade em constante processo de mudança e agregação de novos pares. De igual modo, permite a alternância de protagonismo entre os/as jovens, dependendo do tipo de ação, do desejo pessoal e inclinação para protagonizar uma experiência. Para isso, o diálogo e a troca são valiosos momentos de construção e negociação das demandas, “[...]A gente sempre foi muito aberto, de você chegar e dizer que não pode e deixar outra pessoa responsável. A gente conversa muito, e isso é bom”. (Artista, 30 de março de 2020). Outro traço característico dos coletivos é o cultivo de uma diversidade que, não se traduz apenas nas pautas e assuntos, mas fazem parte dos perfis de seus membros. É o caso do Coletivo Lèguà (@coletivolegua), nele, se observa uma relação de proximidade com outros coletivos, em torno do Centro Cultural Erukerê, ONG com ações e projetos em bairros periféricos do município de Aracaju.

Conforme menciona o jovem Criativo “[...] Dentro do nosso coletivo existe muita diversidade, temos bi, gays, lésbicas e a gente sentiu falta de um espaço pra poder discutir sobre isso”. (Criativo, 27 de março de 2020). O jovem se refere ao novo coletivo criado, no contexto do bairro centro, com a finalidade de discutir, pensar e intervir sobre a diversidade. No momento da entrevista, como forma de materializar, o modo como se relaciona o Coletivo Lèguà com os demais coletivos, o jovem criou um fluxograma na tela, aproveitando a sua aptidão como *designer*, me ajudando a entender sua ideia. Note-se abaixo:

Imagem 50 - Desenho de Criativo explicando a organização dos coletivos



Nessa visualização, se observa o Centro Cultural Erukerê acima, e os demais coletivos da casa que se relacionam. Coletivo Caatingas (CAA), Coletivo Lèguà (LEG), Coletivo de Mulheres (MULH), Coletivo de Diversidade (DIVER). Dessa maneira, o Coletivo Lèguà possui uma relação forte com a comunicação visual do Centro Cultural Erukerê, tendo o cuidado de manter-se em comunicação com as demais células, pois embora não exista uma hierarquia de funcionamento, se observa a prática natural de respeito e convivência à tradição e experiências de outros membros desta célula, como diz o Criativo “[...] eu preciso comunicar a meu pai, que é o sacerdote da casa. Tá no meu coletivo, mas toca na casa, então eu preciso comunicar isso. A gente precisa ter essa questão coletiva mesmo de comunicação” (Criativo, 27 de março de 2020).

Como se percebe, a convivência com os pares nos coletivos é algo que destaca a aproximação por interesse, uma espécie de sociologia da ligação, descrita por Mafessoli (2008) que reflete nas ações, mas também no modo como os/as jovens se enxergam e seus parceiros de vida. Tocando nisto, o jovem Estanciano expressa um termo muito interessante para descrever a sua relação e a organização do Coletivo Quilombo (@coletivoquilombo). Menciona que se trata de uma segunda família que se divide em núcleo por todo o Estado de Sergipe, nos municípios de Aracaju, Socorro, São Cristóvão, Estância, Lagarto, Simão Dias, Tobias Barreto, Riachão, Itabaiana, São Domingos, Ribeirópolis, Glória, Barra dos Coqueiros, etc. Falando sobre a convivência o jovem descreve existir uma relação de amizade e “[...]e companheirismo mesmo. A gente briga, a gente diverge, a gente às vezes tá brigando porque tá divergindo, então é uma relação muito fraterna e muito sincera que a gente tem uns com os outros”. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Como visto na fala do jovem, trata-se de uma conjunção de amigos, pares e parceiros que negociam dentro de uma instabilidade formativa, ao lidar com diferentes realidades, modos distintos de pensar e agir com temas do cotidiano. É comum nessas comunidades a existência do dissenso, experiências conflituosas. Os/as jovens descrevem que esses momentos ou situações fazem parte da poética de conviver juntos. “Trabalhar em coletivo é muito difícil, muito difícil...a gente briga sempre, sempre, sempre. Já teve brigas homéricas da gente ficar chorando” (Camaleoa, 27 de março de 2020), mas isso, pode variar em cada coletivo, a jovem Artista fez questão de demarcar que “Nunca teve um momento de briga, de instabilidade, que precisasse chamar a atenção de alguém” (Artista, 30 de março de 2020).

Essas redes coletivas tornam-se incontestes espaços de trânsito e convívio, principalmente por representar como força expressiva a coletividade de desejos e ações. Diferente do que se imagina, nesses espaços de formação grupal, coexiste acirramento de ideias, contradições e negações, mas torna-se mais importante a capacidade de convivência, colaboração e construção entre pares que, se desafiam a pensar o diferente como possibilidade de negociação de ideias e pensamentos. Como afirma Di Felice (2017), “[...]as redes de ação e de atores passam a se cruzar na narrativa, desenvolvendo tal nível de complexidade de relações que resulta, conseqüentemente, improvável pensar em um único ator como promotor das ações sucessivas, ou em uma origem específica da ação”. (p.14).

Nas palavras da jovem Camaleoa, se nota que, o fazer parte de um coletivo, encontra primeiramente sentido, no conviver com um agrupamento de pares, envolvidos por interesse e objetivos comuns. Ela se reporta à ideia de viver um sonho, destacando a dificuldade que é criar e cultivar relações nos coletivos, diante dos desafios que eles encaram. Palavras como missão, sonho, reivindicação, colaboração, pertencimento, usadas pelos/pelas jovens, nos dão uma noção sobre o modo como avaliam fazer parte dessas células. As narrativas deles/delas, são tão diversas que merecem ser lidas, tal o nível de complexidade e entendimento. Vejamos:

Então, o que significa para mim estar no coletivo camaleão, **um sonho coletivo que enfrenta bastante dificuldade** por estar remando contra a maré do capitalismo, porém é um sonho possível. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Eu encontrei um lugar que eu vi que tinham pessoas interessadas no que eu fazia e no conhecimento que eu tinha. Então **o coletivo foi um respiro enorme**, eu tenho aprendido muito com o pessoal, me deu esperança de que tem algum lugar pra minha arte. (Juno, 26 de março de 2020).

Eu acho que não somente eu, mas quase todo mundo que faz parte do coletivo, a gente fala que **o coletivo é uma segunda família**, porque a gente acaba, às vezes, tendo mais contato com as pessoas do coletivo do que com a própria família. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Eu acho que os coletivos, em geral, são importantes porque servem para exercer essa pressão enquanto movimentações sociais, sobre o governo, de reivindicar, de colocar quais as questões que estão sendo enfrentadas na base da sociedade. Então, eu acredito que os movimentos sociais como um todo, e os coletivos em particular, **são essenciais até mesmo em termos de democracia**. (Combativa, 25 de março de 2020).

As pessoas me ensinam coisas e eu aprendo coisas com elas. O EXP representa **eu finalmente ter encontrado o meu lugar dentro da arte**. E isso é muito bom. Eu sempre falo isso pra eles que não importa que isso não dê certo, mas eu quero muito que dê e acho que já está dando. **É um sentimento de pertencer mesmo** a algo e eu acho que isso é muito bonito (risos tímidos). Eu acho que **é isso que todo mundo deveria procurar, de pertencer a algo**. É muito bom. (Artista, 30 de março de 2020).

Cara, **é uma das coisas mais incríveis que aconteceu na vida.** (...) é como uma família, não tradicional e é muito fácil de se lidar. **E essa conexão é da nossa relação humana,** porque a gente sabe que para o além do fazer, a gente faz para outras pessoas e que aquilo vai de alguma forma afetar aquele sujeito. (Conciliador, 22 de março de 2020).

No coletivo, **fazer junto e pertencer a um time faz toda diferença.** A partir do momento que você divide com alguém, e esse alguém tem uma ideia que, junto com você, **pode construir uma coisa maior e que pode resolver um problema coletivo de várias pessoas.** (Empoderada, 21 de março de 2020).

Os trechos em destaque acima, expressam os sentidos atribuídos pelos/pelas jovens aos coletivos, mais que isso, destacam a disposição e natureza associativa que envolve pertencimento, encontro, convivência com pares de amigos, familiares, preocupação com a humanidade, etc. É interessante perceber o vínculo criado com a rede de pares nessas organizações coletivas. Chama atenção, o emprego e reconhecimento do termo familiar, usados pelos jovens Estanciano e Conciliador quando atribuem ao coletivo tamanha importância, sendo este elo um importante espaço de relação e convivência. Indo além do caráter participativo, se destaca a noção de responsabilidade, com a possibilidade de exercer uma ação que mobilize outras vidas.

Silva (2018) pesquisando com atores/atrizes jovens que participam de coletivo, atuantes no município de São Paulo, observou que alguns jovens criam identificações com o grupo de pares, o coletivo, como suporte e projeção familiar idealizada. Para a autora, as dimensões do acolhimento criam um espaço de apoio, pois a cotidianidade de vida entre si, acaba criando um vínculo. Nos/nas jovens que acompanhei não foi diferente, eles/elas, como pode ser visto nas falas, justificam o estar junto como “segunda família”, “sentimento de pertencer”, “fazer junto e pertencer”.

Assim como numa família, são negociados sentidos, regras e formas de lidar com a diversidade de opiniões, numa sociologia dos vínculos, como observo nos coletivos juvenis em Sergipe, existe uma flexibilidade das noções de hierarquia, pois o parentesco, nesses casos, assume outras noções como o desejo de estar junto, a pulsão amical, a horizontalidade dos vínculos que estão sempre atualizados por estratégias de aprender a conviver, aprender aceitar, aprender e ouvir e falar, coletivamente. Essas são ambiências que tomam o lugar de fala como oportunidade de estreitar os laços, escutar o outro, acolher a diferença, negociar democraticamente as decisões, criando uma atmosfera democrática de escuta e filiação.

Prevalece um ideal coletivo e a sensibilidade que reafirmam ser mais importante à orientação coletiva. Não tem como não associar estes enunciados às discussões de Mafessoli (2007, 2009), Di Felice (2017, 2019) quando analisam os/as jovens e suas práticas comunicacionais. Nesta direção Santos, Santos e Schneider (2019) ratificam que “[...]Esses atores sociais juvenis, mediadores de comunicações na cibercultura, podem ser vistos como parte de uma rede solidária de pertencimento social de enfrentamento aos dilemas humanos”. (p. 20). É interessante notar como os coletivos formados por interesse se organizam a partir de uma autogestão de pares que assumem diferentes papéis e ações nos seus grupamentos. Nos seus *layouts* habitam células que se relacionam em função de um ideário maior, quase sempre expresso pelo nome e temas que são defendidos, divulgados pelo conjunto de atores/ atrizes que participam dos coletivos.

Nesse ínterim, entender o que significa para os/as jovens fazer parte dessas células coletivas, permitiu-me extrair os significados que conduzem suas práticas. Implicar-se com uma realidade, criando alternativas de enfrentamento e resistência ou desenvolvendo, “[...] o reencontro com a humanidade que habita em nós”, como mencionam Santos, Santos e Schneider (2020, p. 20). Ser parte, construir conjuntamente é, sem sobra de dúvidas, um dos principais significados da participação nos coletivos.

Eu **me sinto muito feliz em fazer parte disso** e principalmente **em levar aprendizado para os jovens**. Porque existem pessoas mais jovens que vão se aproximando do nosso coletivo, e a gente tá fazendo esse papel, também, **de ensino**. (Criativo, 27 de março de 2020).

O estado não pensa em políticas públicas para a juventude e que possam intensificar e trabalhar elas. Ele acaba sendo tido como o jovem trabalhador que precisa ser moldado para a sociedade. Não existe uma preocupação real sobre a juventude. E aí nisso eu compreendo que se entender como sujeito que tem **um potencial modificador da realidade, quando coletivo, a gente assume uma importância imensa** (Político, 31 de março de 2020).

Eu acho que a importância desses coletivos é justamente isso, fazer com que elas entendam que existe todo um sistema por trás. Conectar as pessoas com este debate, **tirar as pessoas da marginalidade do debate, do desinteresse e fazer com que elas se tornem pessoas críticas, de fato**. Com posicionamentos, independente do que seja. É exatamente assim que os coletivos se colocam. (Lagartense, 23 de março de 2020).

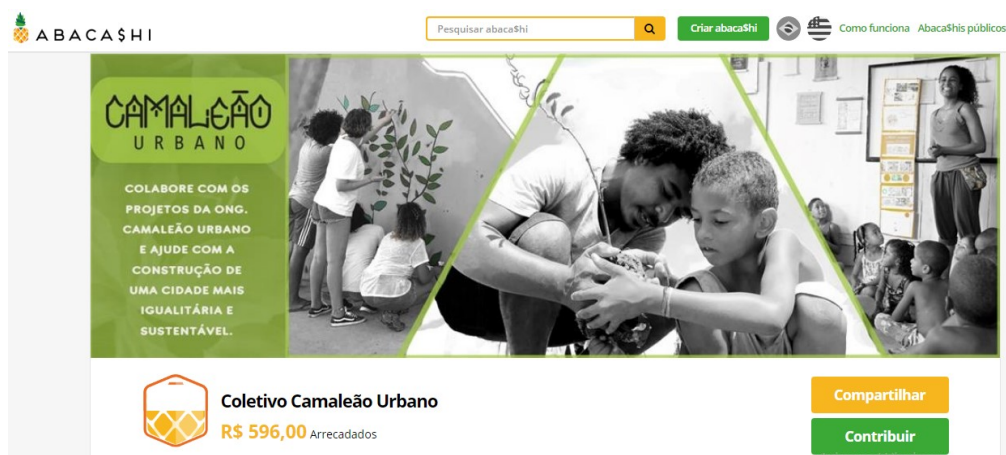
Na fala do jovem criativo, noto um caminho fecundo para a materialização de práticas etnocenológicas das aprendizagens coletivas nas culturas digitais. Experiências propositivas, coletivas, plurais, críticas que buscam formar outros/outros jovens, crianças e demais públicos, pois “[...]Observá-los em suas dinâmicas faz pensar numa educação humana que esteja pautada no cultivo do bem-estar” (SANTOS, SANTOS e SCHNEIDER, 2020, p. 7). Por outro lado,

vejo que criar e propor ações intervencionistas por meio dos coletivos envolve uma dificuldade peculiar, vivida pelos/pelas jovens no Brasil, os/as jovens relatam as dificuldades de realizar ações, a falta de incentivo, inclusive financeiro.

Como parte de um fenômeno sociocultural, as ações, experiências coletivas dos/das jovens abrigam distorções, processo de interesse, inclinações ideológicas e supressões, dependendo do olhar e como estes saberes, narrativas e performances são usados. O mesmo vale para a utilização das redes, são ambiências fronteiriças que podem se constituir em espaços de formação, dependendo do uso que se faz deles. Nos coletivos juvenis, presentes nas redes sociais digitais, observo a vontade de criar alternativas voltadas ao bem comum, o cultivo da solidariedade, a preocupação praticada com o meio ambiente, com populações periféricas. Com a dificuldades que existe, buscam driblar os desafios, criando brechas que possibilitem a continuidade das intervenções, mediadas com seus pares, “nas redes e nas ruas”.

É interesse notar com as células jovens poderiam se constituir um potente braço de instituições para o desenvolvimento e implementação de políticas públicas de educação, saúde, meio ambiente, arte, etc. Se tornou comum, no mundo, o apoio e financiamento, por empresas e instituições, aos projetos de coletivos, como descreve Rifkin (2016), ao destacar a importância do terceiro setor, dos coletivos de empreendedores e influenciadores. Na direção oposta, os/as jovens, em muitas experiências pelo Brasil, lidam com as dificuldades e desafios de querer ajudar, mas, sem o devido reconhecimento e apoio, investem do próprio bolso para colocar em prática seus sonhos e projetos. Uma estratégia adota pelos/pelas jovens dos coletivos é a criação de vaquinhas virtuais (*crowdfunding*) ou lojas virtuais para venda de produtos criados por seus membros, visando financiar ações coletivas. Abaixo segue dois exemplos de “vaquinhas” criadas:

Imagens 51 e 52 - Estratégias de Financiamento (*crowdfunding*) criadas pelos/pelas jovens





Fonte: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/construcao-da-sede-do-centro-cultural-erukere-os-caatingas>

Os/as jovens também usam o *Instagram* para realizar a exposição e venda de materiais, obras artísticas, etc. Como menciona a jovem Camaleoa: “Muitas vezes os recursos financeiros saem até do nosso próprio bolso, como aconteceu na nossa última intervenção, mas são aprendizados e como a gente tem muitos exemplos no Brasil a fora de que é algo possível trabalhar no segmento da tecnologia social” (Camaleoa, 31 de março de 2020). Somando a isto, nota-se ainda, a dificuldade em pertencer e exercer uma política e engajamento social, como destaca o jovem Estanciano, passo que “[...] é necessário resistir todos os dias contra o sistema, inclusive contra as pessoas que acham que a gente é vagabundo” (Estanciano, 05 de abril de 2020). Essas são tônicas e os olhares sociais sobre os/as jovens, o que dentre outras coisas, torna incipiente as políticas públicas para as juventudes brasileiras, demarcadas por Mello e Kanso (2009).

Não obstante, os coletivos fazem parte de um fenômeno o qual intitulo como sendo, uma mobilização de “micro-mudanças”, “micro-hábitos” que, do ponto de vista universal, pode não parecer repercutir, mas nos espaços onde é vivido, faz toda a diferença. Falando sobre este funcionamento reticular, a jovem Camaleoa descreve que o fazer dos coletivos, nas ruas e nas redes envolve em praticar “micro mudanças, micro resistências” (Camaleoa, 27 de março de 2020). Se espelhando nos movimentos de resistência popular, especialmente aqueles que envolvem pessoas sem moradia ou que vivem em periferias, a exemplo das ocupações, os/as jovens do (@coletivo.camaleão) foram contaminados pelo desejo de colaborar, se envolver e intervir por meio de ações. É interessante o modo como a jovem associa o fazer do coletivo, a ideia de experiência reticular, para isso, busca exemplificar, gesticulado a suas mãos, uma explicação sobre o conceito de rizoma, desenvolvido por Deleuze e Guattari (2014), como sendo uma espécie de contaminação do fazer que vai criando filamentos com rupturas e ligações. Essa exemplificação refirma o caráter ecológico, orgânico e reticular das ações comunicativas, realizadas pelos/pelas jovens, conforme estuda e menciona Di Felice (2017).

Percebi que os coletivos, além de realizar um trabalho com seus pares, ajudam a formar uma rede de solidariedade propositiva e engajada. Essa compreensão foi observada durante o período de observação, quando os/as jovens e os coletivos mantiveram relações com outros coletivos, se relacionando, participando, intervindo e compartilhando experiências.

Nas ações intervencionistas é comum a partilha das ações entre os coletivos, como mencionado por Souza e Schneider (2016) ao destacarem as plataformas de redes sociais como expressão de um conectivismo capaz de redefinir os processos cognitivos e de aprendizagem, pois nas suas estruturas são criados “[...] elos que vão se acumulando, promovendo novos padrões, novas formas, novas conexões, de maneira que, a partir de um conhecimento é possível construir outros novos, associando-os a informações posteriores” (p. 83).

Dessa maneira, os coletivos representam “frontes de contestação” da ordem social, são expressões de mescla dos ativismos contemporâneos (on-line e presencial) observados nas redes sociais digitais que buscam trazer à tona ou tornar ainda mais aparente as diferenças e desigualdades que se apresentam nas relações sociais, tornando aparente e “realçada”, as distorções existentes nelas. Assim, esses coletivos se apresentam como fonte de resistência, espaços onde a criação de performances, nas redes e nas ruas, criando estratégias de sobrevivência e cultivo de outras sensibilidades.

Cabe destacar que os coletivos possuem uma natureza eco formativa, não possuindo, necessariamente, uma formalização institucional, a exemplo de uma Organização Não Governamental – ONG. Existem coletivos que estão próximos às iniciativas do terceiro setor, a exemplo dos coletivos (@os_caatingas), (@coletivolegua). Durante a investigação, percebi que o (@coletivo.camaleão) estava se organizando para formalizar-se como ONG. Perguntei para a jovem Camaleoa como estava sendo implementada esta iniciativa. Em resposta, a jovem me informou que estavam cumprindo com os trâmites burocráticos, sendo pontos decisivos para essa migração, a possibilidade de concorrer em editais, locais e nacionais, ampliar a rede de ação nas periferias, conseguir o autofinanciamento com a venda de materiais artísticos, realização de consultoria, etc.

Ainda sobre isto, a jovem Camaleoa me escreveu dizendo que a identidade jurídica tinha sido aprovada, “Está todo mundo bem engajado e animado com as possibilidades de projetos com o CNPJ”. (Camaleoa, 08 de março de 2021 – Conversa pelo *WhatsApp*). A identidade jurídica do (@coletivo.camaleão) passou a ser, formalmente, Instituto Camaleão Urbano - ICU. Acrescentando, me atualizou que tinham sido classificados nos editais da Fundação de Cultura

e Arte Aperipê de Sergipe – FUNCAPE e da Fundação Cultural Cidade de Aracaju – FUNCAJU, referentes à Lei Aldir Blanc⁷⁶. Na ocasião ela me relatou que “Estamos bem! tentando executar o projeto que passamos no edital da Aldir Blanc, mas tá complicado por causa do COVID. A vigilância sanitária não está liberando e temos prazo para cumprir 😊 estamos negociando o ajuste do projeto com a FUNCAJU⁷⁷ no momento” (Idem). Outra estratégia adotada pelos/pelas jovens, quando os editais permitem, é a participação como Microempreendedor individual – MEI. Noto que os coletivos, as instituições de terceiro setor, a universidade, o trabalho desenvolvido de modo colaborativo faz parte dos cenários de atuação destes/destas jovens.

Nessas ambiências coletivas, a presença dos/das jovens contemporâneos reflete as suas constituições. Embora os coletivos não sejam apenas formados por jovens, nota-se que, estes formam a grande maioria dos atores/atrizes que criam e ajudam e impulsionar estas células de convivência. Deste ponto de vista, pode-se afirmar que os coletivos são, em sua maioria, espaços de convívio e comunicação dos/das jovens contemporâneos. Refletem os comportamentos culturais de uma geração que convive com os dispositivos digitais e fazem de suas narrativas os caminhos para pensar as relações da vida social. Diferem, portanto, de outras gerações e inauguram na contemporaneidade novos comportamentos, outros fenômenos comunicacionais. São coletivos juvenis tribais, unidos por desejos e crivados pela intersecção de interesses que se atualizam vertiginosamente.

Conforme diz Reguillo (2017) são espaços que aglomeram sistemas de envios de informações que unem trajetórias. Oportunamente, esses/essas jovens criam uma trama social em rede composta por múltiplos integrantes que abrigam variadas interações, maximizadas com os usos dos dispositivos digitais numa dimensão espaço-tempo inédita e diferencial. Cruz (2019) ressalta que as redes de interações digitais, criadas pelos/pelas jovens não são opostas às redes de convívio presenciais, ao contrário, elas se fundem e corporificam as ações dos/das jovens, permitindo um exponencial alcance no cotidiano de vida desses atores/atrizes sociais. Por isso mesmo, eu destaco a existência de uma mescla, um *mezzo*⁷⁸ entre as práticas ativistas e net-ativistas, correlacionais, potencializadas nas ações comunicativas digitais na atualidade.

⁷⁶ Lei nº 14.017, de 29 de Junho de 2020, que estabeleceu ações emergenciais destinadas (tardiamente), para o setor cultural durante o período de pandemia do Covid-19

⁷⁷ Fundação Cultural Cidade de Aracaju.

⁷⁸ Expressão italiana que significa um meio.

É importante destacar que as redes sociais são consideradas em dois sentidos: redes físicas que estão presentes ocupando espaços, lugares e digitais que estão simultaneamente, ambas fazem parte do cotidiano dos jovens, não há separação entre a vida "real" e vida digital, os cenários digitais estão presentes no cotidiano e nas ações dos sujeitos, a intenção é então (para fins de análise) observar e analisar como eles se apropriaram dos ambientes digitais e que sentido e significado os jovens ativistas lhes conferem (Ibidem, p. 3).⁷⁹ (Tradução minha).

Sendo assim, no contexto das performances net-ativistas, o surgimento e multiplicação dos coletivos de jovens nas redes sociais digitais apontam para um novo tipo de formação grupal, baseada na atração por interesse comum. O uso de imagens, narrativas e sons, aliado à exploração dos corpos, além da criação e performances nas redes sociais colocam em destaque outros comportamentos. As redes sociais digitais, especialmente nesta tese, o uso do *Instagram* tornou-se um território de criação, cocriação e partilha pelos/pelas jovens que estão constantemente negociando sentidos nos seus coletivos, sendo também vitrine e atração para outras pessoas que aderem às ações comunicativas.

Dessa forma, as redes sociais digitais passaram a ser usadas pelos/pelas jovens net-ativistas como um dos espaços necessários às ritualizações contemporâneas. Essas redes de comunicação são utilizadas com finalidade diferentes, conforme estilização do coletivo ou objetivo de uma ação específica pensada pelo agrupamento de juvenil. Dentre os usos, destaca-se o papel dessas formulações coletivas de jovens no sentido de pensar os movimentos sociais e a dinâmica da vida social, sobremaneira, tomando a participação política como sendo crucial para enfrentar as problemáticas vividas cotidianamente.

As redes usadas pelos coletivos refletem uma maneira de protagonizar a participação dos/das jovens com o mundo à sua volta. Tornar visível um assunto, tema ou problema social é uma forma de abrir o debate e propor alternativas, mas não é só isto, os coletivos juvenis recobram um espaço e olhar, criticando as prescrições sociais normativas, nas quais se observa os/as jovens como sendo inaptos, desinteressados ou problemáticos. Nota-se nesse fenômeno da atração coletiva juvenil nas redes, um intuito claro a ser notado, mais que isso, a personificação da mudança com a participação dos/das jovens criando, opinando, ajudando a transformar a sociedade e o seu contexto local.

⁷⁹ Es importante señalar que se consideran las redes sociales en los dos sentidos: las físicas que están presentes ocupando espacios, lugares y las digitales que están de manera simultánea, ambas son parte de la vida cotidiana de los jóvenes, no existe una separación entre la vida "real" y la vida digital, los escenarios digitales están presentes en la cotidianidad y las acciones de los sujetos, la intención es entonces (con fines de análisis) observar y analizar cómo han apropiado los entornos digitales y que sentido y significación les confieren los jóvenes activistas (p.3).

Entre as palavras mais citadas pelos/pelas jovens para se reportar às sensações vividas ao participarem dos coletivos, destaco: retribuição, contribuição, amizade, militância, deixando transparecer uma noção expressa por eles/elas em diversos momentos da pesquisa, ao serem provocados por outros assuntos. A noção implícita de pertença e responsabilidade com o mundo ao seu redor, como sendo uma forma de ajudar ou modo de retribuir e criar alternativas, somado à ideia de pertencimento, ou seja, um fazer em parceria que impulsiona o desejo de intervir, o que também segundo os/as jovens lhes causam medo e angústia, sobretudo, por encararem um trabalho voluntário, onde pouco existe a ajuda do ente público. Essas são sensações que perpassam o fazer coletivo e as vivências no âmbito as experiências juvenis nessas “células de resistência”, nomenclatura usada por alguns jovens ao definir os coletivos.

Imagem 53 - Palavras mais usadas pelos/pelas para falar sobre participação nos coletivos



Fonte: Organizado pelo pesquisador, utilizando o site <https://www.wordclouds.com>

Levando em consideração a implicação políticas dos/das jovens que aderem e dão vida aos coletivos, nota-se que as ações comunicativas nas redes, buscam projetar/dar visibilidade por meio de narrativas imagéticas às demandas, buscando somar forças com outros jovens e coletivos que partilham de interesses comuns. Tomando esse cenário, destaco a emergência da noção subsunçora: **1) Performances net-ativistas implicacionais**. Sua extensão se prolonga em outras experiências dos/das jovens, como será visto com maior destaque daqui por diante. São implicacionais, pois fazem parte dos repertórios enunciativos dos/das jovens e transbordam como “atos de currículo”, práticas que reúnem sentidos, fazeres e significados que possuem

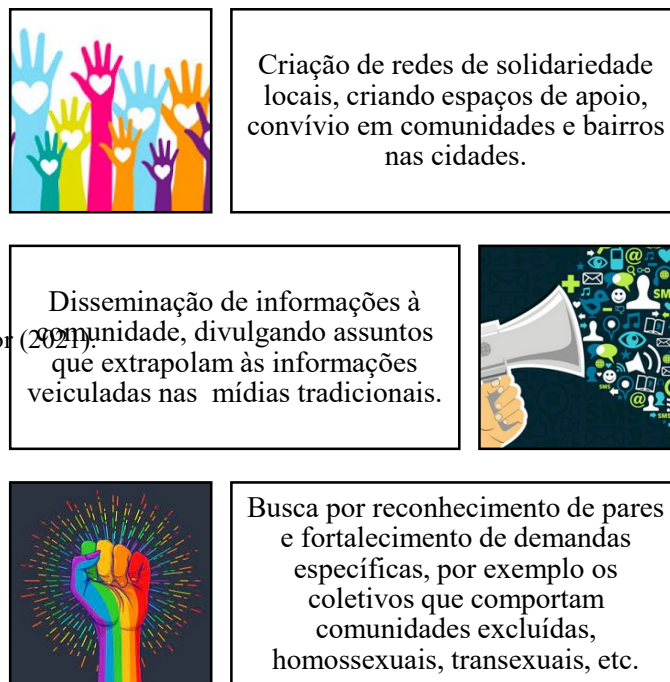
ressonâncias nos terrenos da produção e mediatização com os elementos da cultura produzidos no cotidiano, nesse caso, “nas redes e nas ruas”.

Envolve a implicação, ou seja, a ação direta, a escuta e negociação de “[...] qualquer ator social seja ouvido” (MACEDO, 2013, p. 429). Como afirma Macedo (2013) faz parte dos etnométodos que não se restringem às práticas educativas institucionalizadas, em suas palavras “[...]”, elas não se fazem presente no currículo pré-estabelecido, portanto, não são reconhecidas nas práticas pedagógicas da escola” (MACEDO, 2013, p. 63). As performances net-ativistas são formadoras e formadas por “atos de currículos” que transbordam enquanto fenômeno humano do tempo presente, como constituinte das linguagens e práticas intercambiadas nas redes de participação, aproximação e colaboração. Implicação juvenil que acena para a ampliação dos repertórios, cenários e formas de conduzir/produzir a formação humana, nas ambiências socioculturais, atuando nas brechas de atuação cotidiana, com rigor, intensidade que pulsa, implicando saberes, experiências e desejos.

Cabe salientar que não é objetivo deste trabalho aprofundar questões conceituais sobre o campo do currículo, especialmente no tocante às TDIC, pois entendo as práticas curriculantes como parte de um fazer implicado em “atos de currículo”, como descreve Macedo (2013), sendo estes vividos cotidianamente pelos atores/atrizes em suas experiências. Sugiro a leitura de Santos, Santos e Nunes (2018) que problematizam a emergência do currículo digital e o seu lugar (ou não) nas aprendizagens contemporâneas. Segundo eles, as experiências dos/das jovens, se apresentam como proposição de um “[...] currículo digital pautado na lógica da participação”, pois nestas emergências privilegiam “[...] a autonomia, a criatividade, colaboração, convergência e hipertextualidade como caminhos proposicionais capazes de potencializar os espaços de aprendizagens nas escolas” (p.10). Ademais, autores como Gallo (2008), Sacristán (2000), Lima Jr (2005), Valente e Mattar (2007) são leituras oportunas.

Essas práticas implicadas ampliam o entendimento que se tem sobre os cenários das aprendizagens, convidando à escola e as instituições educativas a cultivar, criar e se permitir outras formas de sentir, colaborar, neste caso, nas redes de pertença, comunitárias, (on-line e presenciais), coletivas. Como parte desses “atos implicados”, busquei, observando os/as jovens, registrar a emergência de alguns elementos fundantes que fazem parte dos cenários performáticos da etnocenologia virtual das aprendizagens: **a) redes de solidariedade, disseminação de informações; c) reconhecimento e fortalecimento de pautas.** Vejam na figura 4:

Figura 4 - Noções de pertencimento e implicação dos/das jovens nos coletivos



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2021).

Por sinal, essa foi uma tônica corriqueira durante o processo de acompanhamento dos/das jovens. Em variados momentos notei a participação, o apoio, a divulgação e o reconhecimento de jovens entre si, nas diferentes ações dos distintos coletivos acompanhados. Esse movimento será observado também nas passagens seguintes. A seguir, são apresentados coletivos juvenis sergipanos, uma rede que foi sendo construída a cada contato com os atores/atrizes, por meio das atuações na rede social *Instagram*, onde consegui garimpar e estreitar laços. Coletivos sergipanos, construindo e disseminando práticas!

5.3 Os coletivos juvenis no Estado de Sergipe: a emergência da ação comunicativa e mobilização implicada

No início dessa jornada de investigação/formação acadêmica, eu tinha uma breve noção de como os/as jovens, no Brasil, passaram a participar de movimentos net-ativistas nas redes ao longo da última década. Minha apreensão inicial, mostrava a ponta de um iceberg, cujo fenômeno se avolumava numa velocidade impressionante. Como exemplo, notávamos o crescimento de movimentos como @midianinja pelo Brasil e a adesão de jovens situados em localidades completamente distintas. Em menos de dez anos, em consonância com rapidez das

tecnologias digitais, notei o nascimento de diferentes expressões juvenis, organizadas em coletivos.

Em Sergipe, minha pista inicial apostava que existiam alguns coletivos em atuação, especialmente tomando como referência os que estavam mais em evidência ou com vínculo de proximidade com a universidade, a exemplo dos coletivos @levantesergipe, @coletivogore, @coletivobaoba.ufs, entre outros, cuja relação com o ambiente acadêmico me dava pistas dessa tribalização juvenil grupal, mas, este contexto, não representava o cenário de vivências dos/das jovens em coletivos no Estado. Logo, comecei a fazer um processo de garimpagem virtual dos coletivos e tive uma grande surpresa com a quantidade de coletivos ativos no Estado, criados nos últimos cinco anos, cada um com uma proposta e objetivo singular, e, ao mesmo tempo, refletindo o cenário dos protagonismos dos/das jovens net-ativistas nas redes. Fui surpreendido não apenas com a quantidade de coletivos em evidência nas redes, mas sobretudo, o conjunto de ações realizadas cotidianamente por estes agrupamentos, tanto nas redes sociais digitais, como nas interações vividas presencialmente que, dão significado aos desejos, objetivos e anseios grupais.

Sendo assim, levando em consideração o cenário de suspeição da tese, frente ao fenômeno estudado e o vínculo de aproximação, bem como o trabalho de garimpagem, posso destacar que, o Estado de Sergipe por sua dimensão territorial abriga um número expressivo de coletivos (virtuais e presenciais) juvenis, tornando-se um caso de fecundo interesse, do ponto de vista das ações dos/das jovens nessas ambiências humanas. Observando o detalhamento do processo de garimpagem virtual, alguns elementos merecem destaque, por exemplo: 1) Presença de coletivos juvenis em diversos municípios do Estado de Sergipe; 2) Maior número de coletivos juvenis situados próximos à região metropolitana de Aracaju, destacando-se a quantidade de coletivos localizados do município de São Cristóvão; 3) Constituição de coletivos relacionados às experiências educativas em escolas de ensino médio no interior do Estado; 4) Relação de abrigo e incubadora dos coletivos juvenis nos centros de pesquisa e universidades, nesse ponto específico nota-se uma relação de proximidade dos/das jovens nos cursos de licenciatura ou bacharelado da Universidade Federal de Sergipe- UFS e Universidade Tiradentes – UNIT.

Foram catalogados 35 coletivos existentes no Estado de Sergipe com registro na rede social *Instagram*, dos quais 16 se apresentam como ativos, com ações e atividades constantes; 7 com pouca atividade ou atividades esporádicas; 12 catalogados como inativos. Registrei

também que a rede de seguidores desses coletivos abrange um total de 37.422 seguidores. Abaixo é possível observar os principais coletivo ativos no Estado.

Tabela 7 – Coletivos existentes (ativos) no Estado de Sergipe

	Nome do Coletivo/Localização	Área de Interesse/Descrição	Endereço no Instagram	Número de seguidores
1	Coletivo Camaleão	Intervenção urbana, meio ambiente, educação, arte, colaboração.	@coletivo.camaleão	1.818 seguidores
2	Coletivo Eita de Teatro (Itabaiana-SE)	Grupo Êita Teatro. Educação, teatro, diversidade.	@eitateatro	1.046 seguidores
3	Coletivo EXP	Coletiva sergipana de arte. Arte-educação, diversidade, cultura, comunicação.	@coletivoexp	1.692 seguidores
4	Coletivo de <i>Design</i> Lèguà	Coletivo especializado em: Branding, editorial e mídias sociais. Diversidade, negritude, <i>design</i> .	@coletivolegua	308 seguidores
5	Coletivo Os_Caatingas	Cultura, educação e cidadania, religião afro, negritude.	@os_caatingas	4.292 seguidores
6	O Papa Jaca (Lagarto- SE)	Narrativas lagartenses, jornalismo e ação. Educação, política, comunicação, colaboração.	@opapajaca	10.200 (10k200) seguidores
7	Coletivo Quilombo Sergipe	Resistência popular, educação, política, diversidade.	@quilombose	1.859 seguidores
8	GDG Aracaju	Comunidade de mulheres, tecnologia, informática, colaboração, educação.	@gdgaracaju	968 seguidores
9	Levante Popular da juventude	Juventude sergipana, projeto popular, educação, política.	@levantesergipe	2.360 seguidores
10	Coletivo Inferninho	Diversidade, cultura, arte, política.	@coletivo.inferninho	1.510 seguidores
11	Coletivo Rádio Bueiro	Plataforma de informação terceiro mundista.	@radiobueiro	872 seguidores
12	Fluxo – Coletivo feminista	Coletivo feminista, igualdade, diversidade.	@coletivofluxo	669 seguidores
13	Coletivo Bueiro (São Cristóvão-SE)	Coletivo de Hip-Hop da Zona Oeste/O	@coletivobueiro	910 seguidores
14	Coletivo Panapanã	Cultura, arte e entretenimento, mulheres.	@coletivopanapanã	1.765 seguidores
15	Coletivo de Artes Integradas (Lagarto-SE)	Educação, arte, cultura, teatro.	@7panos_oficial	1.717 seguidores

16	Coletivo Cayêras (Japaratuba – SE)	Arte, educação, cultura, ação social.	@coletivocayras	242 seguidores
----	------------------------------------	---------------------------------------	-----------------	----------------

Fonte: Organização pessoal do pesquisador, (2021).

Além disso, notei a criação de uma rede de interações e trocas entre os coletivos que interagem nas dinâmicas e performances cotidianas entre eles, a depender das pautas e foco da ação comunicativa, pontual ou não, fazendo surgir em alguns momentos atuações em redes (em blocos) de engajamento interconectados e potentes, como já comentei anteriormente. Desde a última data de visita aos perfis dos coletivos elencados acima, dia 21 de março de 2020 até a conclusão deste trabalho de tese, houve uma manutenção do número de pessoas que seguem os coletivos. Por outro lado, coletivos como (@coletivoexp), (@coletivo.camaleão), (@opapajaca) e (@quilombose), demonstram um aumento expressivo dos seguidores.

Levando em consideração esse cenário promissor, pretendo apresentar alguns destes coletivos, dando notoriedade aos que se destacam nas redes e ações grupais, o que coincide com os coletivos net-ativistas que fazem parte os atores/atrizes que participam deste estudo. Assim, a apresentação seguinte também é uma forma de conhecer melhor e situar o leitor, ainda que pontualmente, sobre o universo de imersão que deu vida a este trabalho de tese.

a) Coletivo Camaleão Urbano

O Camaleão Urbano (@coletivo.camaleão) é um coletivo de jovens arquitetos e urbanistas, composto em sua maioria por mulheres. Este coletivo propõe a realização engajada de intervenções sociais colaborativas, denominadas como ações de “micro resistência”, buscando aproximar a comunidade científica por meio de projetos desenvolvidos em comunidades periféricas da região metropolitana de Aracaju. Este coletivo surgiu no ano de 2016 a partir de uma abordagem grupal flexível. Por isso mesmo, foi batizado como sendo camaleão, dada a adaptação desse réptil às condições ambientais e necessidade que se apresentam como desafio. Foi possível notar, neste coletivo, a presença de jovens com formação nas diferentes áreas do conhecimento, a saber: biologia, arquitetura, urbanismo, *design*, jornalismo, transparecendo assim, a formação de um coletivo em sua essência multidisciplinar, bem como são múltiplas as suas intervenções.

Imagem 54 - Perfil do Coletivo Camaleão no *Instagram*

O coletivo possui 35 pessoas atuando em suas células organizadas, tendo 1.439 seguidores na rede social *Instagram*. Segundo expõe a jovem Camaleoa, nas intervenções cultivadas pelo coletivo participam entre dez e doze pessoas no planejamento e [...] “No dia da intervenção sempre aparece mais pessoas, então, entorno de vinte cinco pessoas estão envolvidas com as intervenções”. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Ademais, fazem parte dos objetivos desse agrupamento de jovens: a) desenvolver a cultura da colaboração; b) criação de projetos interventivos em problemas da comunidade local; c) realização de pesquisas e diagnósticos sobre a realidade, especialmente nas comunidades periféricas; d) mobilização e fortalecimento das redes de coletivos e movimentos sociais; e) promoção de engajamento para a cidadania, etc.



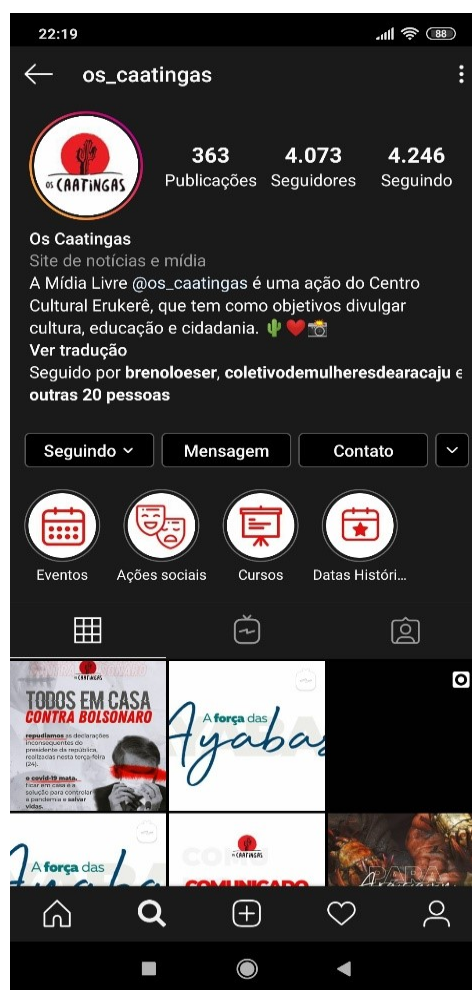
b) Coletivo Os Caatingas

O coletivo Caatingas (@os_caatingas) é outro agrupamento de jovens que se desponta pelo conjunto de ações de mídia livre, pelas proposições e engajamento social de seus membros. Essa é uma célula do Centro Cultural Erukerê, tendo como objetivo propor e divulgar experiências de cultura, educação e cidadania. Trata-se de um coletivo vinculado às tradições religiosas do Candomblé, sendo o coletivo, um espaço de convivência, de cultivo das ancestralidades e ligação entre os pares juvenis e outros interessados que, desenvolvem ações propositivas de intervenção em comunidades periféricas dos municípios de Aracajú, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro.

O coletivo (@os_caatingas) compreende o trabalho de comunicação de outras células coletivas do Centro Cultural Erukerê⁸⁰, mas destaca-se como sendo um elo de ligação e filiação de todos os seus membros. Desse modo, o coletivo @os_caatingas atua como centro de visibilidade das ações de um agrupamento maior, com a finalidade de propor experiências de engajamento, formação para jovens e outros atores/atrizes sociais, estando sempre conectado com os dilemas sociais, mais que isso, com a possibilidade de oportunizar caminhos para construção de realidades mais justas aos jovens, especialmente aqueles de comunidades periféricas, sejam eles/elas pretos, de matrizes religiosas africanas, visto como sendo parte das minorias humanas, numa sociedade desigual.

Logo, o coletivo busca por meio da comunicação promover a cidadania dos seus membros e das comunidades onde estão situados, nas palavras do jovem Conciliador é evidente a dimensão comunitária e social deste coletivo [...] “A gente entendeu que @os_caatingas ele não é nosso, os caatingas é do povo”. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Imagem 55 - Perfil do Coletivo Caatingas no *Instagram*



Fonte: @os_caatingas, 27 de março de 2020.

Os Caatingas: é uma mídia livre cujo lema é “Nas Ruas e Nas Redes”. É a maior ação do Erukerê, tendo atingido milhares de pessoas com suas postagens nas redes sociais. Nosso papel é registrar atividades políticas, sociais, artísticas, culturais, educacionais, empreendedoras, etc. (@OS_CAATINGAS, FEVEREIRO DE 2021).

O coletivo possui 10 pessoas atuando em suas células organizadas, contando com 5.362 seguidores na rede social *Instagram*. O coletivo busca promover diversas ações que contempla os seguintes temas: cidadania, religiosidade, cultura, política, diversidade, representatividade.

⁸⁰ Organização Não Governamental – ONG, situada no município de Aracaju, o Centro Cultural Erukerê é uma casa de Umbanda e uma Associação sem fins lucrativos devidamente realiza Oficinas Teatrais, Cursos de Articulação Social, elaboração de projetos e profissionalização, acompanhamento psicológico, atendendo jovens de Aracaju e da grande Aracaju. A palavra Erukerê em Yurubá significa abanador e era usado pelos reis de ketu, e faz menção também ao orixá Oxóssi, do candomblé.

É interessante notar como este ambiente tornou-se uma incubadora de inovação, net-ativismos juvenis e cultivo da criatividade, com foco na vida cotidiana dos atores/atrizes que participam, se relacionam e criam possibilidades de mudanças numa dimensão local, ampliando-as nas ambiências virtuais com outros/outras jovens que partilham e se identificam.

c) Coletivo de *Design Lèguà*

Outro coletivo jovem se destaca na organização celular do Centro Cultural Erukerê. O Coletivo de *Design Lèguà* (@coletivolegua) é composto por cinco jovens, meninos e meninas, em sua maioria com formação na área de *design* e comunicação. Ele surgiu da relação com o coletivo @os_caatingas, sendo criado no final do ano de 2019, com a autorização dos Orixás e guias da casa, como sendo uma necessidade dos/das jovens que já realizam um trabalho de *designers* e se juntaram para dar vida a este coletivo. Ainda falando sobre a criação do coletivo, o jovem Criativo revela o processo de criação dos vínculos entre os pares e sobre a sua dimensão simbólica de autorização religiosa que compreendeu a criação do coletivo:

O coletivo eu comecei praticamente sozinho e depois outras pessoas foram chegando, e a gente não tinha nome ainda e antes de decidir o nome, a gente esperou um pouquinho para pensar algumas coisas e formou o coletivo. Comunicamos ao nosso pai e ele falou “beleza”. E aí depois de um tempo, a gente disse “não, vamos ver quem rege o nosso coletivo”, porque todos os coletivos da nossa casa são regidos por algum orixá e a gente foi ver quem era o nosso é Exu. Depois foi uma outra caminhada para pensar em um nome que ele aceitasse, foram milhares de nomes que a gente pensou. E Lèguà, especificadamente, é um dos nomes dele, né? Lèguà vem de Legbar que é um dos nomes que ele recebe em outras regiões da África, que é um nome associado a rapidez, de muita comunicação. Aí ele aceitou o nome, aí eu “Epa!”. (Criativo, 27 de março de 2020).

Como explica o jovem, o Orixá que rege o coletivo Lèguà é Exu, o Orixá do movimento e da comunicação, [...] “aquele que faz as pessoas entenderem melhor as coisas” (Criativo, 27 de março de 2020). Nota-se nas palavras Do jovem Criativo, o cultivo e respeito às tradições religiosas e às simbologias que representam seus universos de imersão e modo de acessar e entender o mundo.

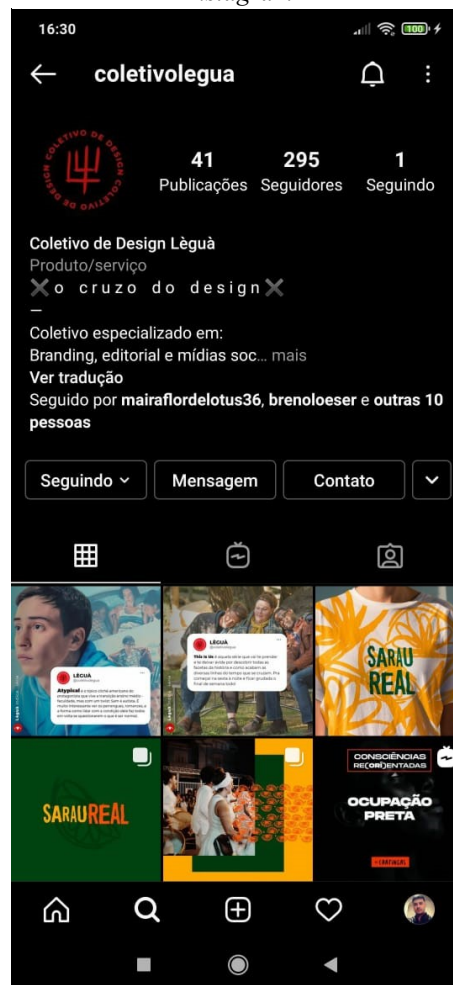
No contexto deste coletivo a necessidade e os perfis dos/das jovens atuantes deram origem ao trabalho de “arte-*design*-performance” com características próprias, trata-se de um grupo que desenvolve uma comunicação visual implicada com o universo da religião candomblé, além de *performar* questões combativas que tratam de assuntos como negritude, diversidade, religiosidade em todas as suas dimensões. Nas palavras do jovem Criativo, se nota como a comunicação e o foco na comunidade local faz parte das ações e da constituição do (@coletivolegua): “O nosso principal objetivo é levar informação do que acontece na nossa comunidade e em outras comunidades de terreiro que a gente tem proximidade. É uma forma da gente empoderar essas pessoas em nossa rede. Então, eu diria que o nosso objetivo principal, mesmo, é levar informação”. (Criativo, 27 de março de 2020).

Não obstante, na apresentação do coletivo, no *Instagram*, são descritas as principais ideias que resumem o foco da comunicação propositiva criada por esses/essas jovens:

Acreditamos que o *design* tem a capacidade de transitar por todas as esferas e atuar como um agente de transformação para comunidades periféricas e afro religiosas. Afinal, num mundo onde a mudança é uma constante, precisamos reafirmar nossas vozes e construir novas narrativas visuais no meio cultural, social e religioso. (*Instagram* do @coletivolegua, 13 de julho de 2020).

Como se observa, chama atenção não só no caso do @coletivolegua, mas outras células juvenis, agrupadas por interesse, a criação de espaços de transito, aproximação e fortalecimento dos vínculos numa dinâmica de convívio coletivo (virtual ou não), episódico ou duradouro, na tentativa de resistir, empoderar e engajar a sociedade e seus atores/atrizes para a tomada de consciência e o cultivo de ações que possam mobilizar para o melhor entendimento, respeito e mudanças. São temas que versam as narrativas do Coletivo Lèguà: negritude, ocupação cultural, movimentos periféricos, arte, arte-*design*, comunicação.

Imagem 56 - Perfil do Coletivo Lèguà no *Instagram*



Fonte: @coletivolegua, 27 de março de 2020.

d) Coletivo GDG Aracaju – *Women Techmakers*

O coletivo de tecnologia Grupo de Desenvolvedores Google (@gdgaracaju) faz parte de uma comunidade mundial de desenvolvedores de tecnologia, disseminada e incentivada pela *Google* no mundo, como forma de potencializar experiências de prototipação de tecnologias e negócios, envolvendo o universo da ciência da computação, sistema de informação e outras áreas. Tratam-se de células juvenis, espalhadas pelos diversos continentes que buscam criar alternativas tecnológicas. Faz parte do traçado organizacional dessas células, permitir que jovens se agreguem, convivam, criem e estilizem tecnologias para pensar nos desafios do presente e futuro da humanidade, mais que isso, perpassa pelo cultivo de vínculos de relacionamento por meio de interesse e atração. Nesse cenário de múltiplos coletivos de jovens, no âmbito do GDD coexiste uma célula muito promissora que, envolve especialmente o universo feminino no campo do trabalho, produção e disseminação de conhecimento e tecnologias.

Este é o escopo que abrange o Coletivo das jovens mulheres, intitulado de *Women Techmakers* (@gdgaracaju) que possui uma agregação ativa a atuante no município de Aracaju-Sergipe. Criado a partir do ano de 2016 em Sergipe, as jovens que participam dessa comunidade traçam um caminho comunal, com efeito, o desejo e implicação política de assegurar o lugar das mulheres no universo das tecnologias digitais, com ênfase no mercado de trabalho que envolve este campo de atuação, com reflexos para as discussões sobre o papel, lugar e relevância de pensar uma sociedade mais justa e equitativa no tocante às questões de gênero.

Imagem 57 - Perfil do Coletivo *Woman Techmakers* no Instagram



Fonte: @gdgaracaju, 23 de Março de 2020.

Fazem isso por meio de ações, eventos, palestras cursos ou *Hackathons*⁸¹ *on-line* e presenciais também.

Conversando com a jovem Empoderada, percebe-se o modo como ela se aproximou e ajudou a criar este coletivo no município de Aracaju [...] “eles foram me explicando: “Ó, se você tem essa coisa de comunidade, se você quiser ajudar com o que sabe, se você quiser trazer pessoas que tenham um conhecimento maior e que queira dividir com a comunidade, você é a pessoa certa para estar aqui”. Em sua fala, a jovem se refere ao incentivo dos meninos do GDG para que as meninas participarem da comunidade e criassem a célula coletiva *Women Techmakers*.

Logo, trata-se de uma formação coletiva de jovens mulheres tensionado os espaços, a legitimidade e o convívio com as questões de gênero, tão necessárias e urgentes nesse limiar. O coletivo compreende em Aracaju um total de cinco jovens, mulheres engajadas, o que ainda representa um número baixo de meninas atuando, mas abre caminhos para impulsionar mulheres dessa área, predominantemente povoada por homens com todos os seus dilemas que refletem as representações sobre os papéis de gênero.

Na página oficial do *Instagram*, são 1.001 seguidores, tendo como princípio norteador de suas ações a não separação ou dicotomia, mas a possibilidade de diálogo, convívio e cocriação de tecnologias com outras/outros jovens do Estado de Sergipe, do Brasil e do mundo, como também a intersecção com comunidades criadas por jovens homens que contemplam o GDG. Como dito anteriormente, faz parte desse coletivo, assim como em outros, a dimensão do compartilhar, vejamos que diz a jovem Empoderada:

A ideia é que você tenha um conhecimento que você queira compartilhar. Independentemente de você ser professor, ou se você programa em casa, se você tem um projeto ou uma ideia que quer tocar e às vezes não tem as ferramentas em mãos, tipo assim, não tem as ferramentas em mãos, mas tem a ideia legal, então você pode compartilhar com alguém e essa ideia pode se transformar em algo maior que pode ajudar todo mundo. (Empoderada, 21 de março de 2020).

A implicação dessas agregações juvenis com a coletividade é uma espécie de **saber enraizado** que origina um estado de revisitar a necessidade de pensar junto, criar na/com a diferença, propor caminhos de coletividade no contexto da cibercultura e da criação ou implementação das tecnologias digitais. Os saberes e experiências vividos por esses/essas

⁸¹ São eventos que reúnem desenvolvedores de software, *designers* e outros profissionais relacionados à área de programação, com a prerrogativa ou desafio de criarem soluções inovadoras para problemas específicos em um curto espaço de tempo.

jovens remete ao cultivo de uma ética *hacker*, estudada por Castells (2013) ao descrever a expansão da cultura da internet e a criação de espaços de trabalho colaborativo, distribuição de informações, criação de comunidades para aperfeiçoar a tecnologia. Neste coletivo e nos demais, percebo o desejo ‘em ato’ dos/das querendo praticar um trabalho de criatividade com ajuda dos pares.

Aragão, Brunet e Pretto (2021) ratificam as potencialidades de se cultivar uma ética hacker na educação, o que chamam de “construção de uma escola com um jeito hacker de ser” (p. 1). Para estes autores, a apatia que os/as jovens demonstram pelos espaços de educação formal ocorre, dentre outros motivos, pelo “[...] descompasso entre o que os jovens encontram dentro das escolas e aquilo de que desfrutam no âmbito das redes sociais digitais” (p.11). A este respeito, me reservo o direito de questionar a ‘suposta’ apatia das juventudes, pois acompanhando e vivendo com eles/elas, notei que estes/estas acreditam, cultivam e defendem os espaços institucionais de educação, mas também buscam viver outras experiências formativas e educativas, a exemplo das performances de intervenção “nas redes e nas ruas”.

Corroboro com a ideia expressa por esses autores quando propõem “*hackear* a educação por dentro”, afinal esse é um dos princípios da cultura hacker que tem como fundamento a abertura, a disponibilidade, a criação de comunidades criativas e colaborativas, com o uso das TDIC. São temas e emblemas que tangenciam o coletivo de mulheres do GDG: Comunidade de mulheres, tecnologia, informática, colaboração, educação.

e) Coletivo Quilombo Sergipe

É emblemático entender como o nome desse coletivo compreende a organização de uma célula jovem envolvendo uma dimensão de formação humana e política cultivada por jovens negros no Brasil. O nome e o significado desse coletivo refletem a criação de espaços e resistências de atrizes/atores negros, porta-vozes de um enunciado potentes, necessário e situado no território das distorções sociais que pedem não só posturas, como reivindicam outras sensibilidades. Suas ações tocam em temas como educação, diversidade e formação popular. O coletivo Quilombo Sergipe (@quilombose) é uma comunidade, cuja origem compreende uma agregação ativista pensada por jovens negros no país, tendo o cultivo de uma atuação singular que emerge do Estados do nordeste, em especial o Estado de fundação, a Bahia, no interior da

Universidade Federal da Bahia e destaque para o estado de Sergipe, território atual de liderança dessa coletividade.

O coletivo se origina dos movimentos estudantis no Instituto Federal de Sergipe -IFSE, no campus de Estância e envolve uma rede de jovens estudantes de ensino técnico e superior do IFSE com incursões e participação de acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe – UFS, outro espaço de ancoragem, vivências e ampliação das experiências criadas e vividas por eles/elas nessa conjunção de desejos, comunicações e posturas.

É preciso destacar que, a natureza desse coletivo, apreende ao menos duas dimensões que, a meu ver, o distingue de outros coletivos já apresentados anteriormente, as quais delimito como sendo: 1) **dimensão da formação política**, muito próxima com as expressões e performances dos movimentos estudantis de base, a exemplo dos grêmios, DCE's estudantis, etc, mas com corpo mais amplo, atuando de forma direta no campo da formação educacional. É revelador entender como a formação política se dá numa sucessão de acontecimentos e se relacionam com a história de vida de jovens que vivem e cultivam suas expressões de ver e conviver em sociedade. Isso é perceptível na narrativa do jovem Estanciano, uma liderança deste coletivo no Estado e no Brasil. Falando sobre o movimento de aproximação e criação desta célula, ele destaca os trajetos, quase numa linha histórica:

Desde a primeira até a quarta série eu me envolvia bastante com diálogo com a professora, com os estudantes mesmo. A **primeira movimentação**, minha e do meu irmão, foi de **reivindicar** por uma professora que estava prestes a sair. A gente fez isso aqui na escola municipal Ana Lima. Depois eu fui para o Arabela, fui me **envolvendo** mais com os estudos do que com os **movimentos estudantis**, logo depois, no segundo ano, foi que a gente percebeu que era importante a gente **reativar** o grêmio da escola. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

[...] Depois eu passo em licenciatura em física, lá no IFS de Lagarto, e aí eu começo a pensar como é que a gente vai se **sustentar dentro** de uma graduação sendo que a gente é filho de pais trabalhadores que fazem bastante esforço pra manter a gente lá.

Imagem 58 - Perfil do Coletivo Quilombo Sergipe no Instagram



Fonte: @quilombose, 22 de Março de 2020.

Foi quando eu **fundei** o centro acadêmico de licenciatura em física, eu faço parte da primeira turma de lá, daí a gente fundou o centro acadêmico e eu fui pra bienal da UNE, no Rio de Janeiro, em 2015. (Idem)

[...] Fui para o congresso da UNE em 2015, em Goiânia, quando eu **participei** com mais afinco nas discussões, nas rodas de conversa. Eu já voltei com a **intenção de cuidar**, de ver como o diretório central dos estudantes, que é o DCE do IFSE, ia **resolver o problema** dos estudantes de todos os campi. (Idem)

[...] Foi quando, nessas eleições, eu fui eleito presidente do DCE e comecei a **conduzir o movimento estudantil** dentro do IFSE. Foi a primeira vez também, importante lembrar disso, que existiu um presidente do DCE do IFS do interior. (Idem)

[...] Aí pronto, foi assim que eu **conheci o coletivo** e o **interesse em construir**. Foi essa visão que ele me deu, uma visão horizontal do mundo, e não uma visão do que somente está na nossa frente, do que o sistema coloca na nossa frente, de você ver as coisas de uma outra forma, as coisas de um ângulo maior, mais abrangente. (Idem).

As falas acima destacadas, foram descritas separadamente numa sucessão de eventos históricos relatos por ele, que precisam os caminhos de formação, aproximação e cultivo de um jovem atento às dicotomias humanas que o forjaram ator-*performer* na vida e no coletivo quilombo. As palavras em destaque nos extratos de suas falas revelam muito do seu itinerário formativo que, pressupõe uma constante mobilização humana, como nos cenários de vida-formação: “movimentação”, “envolvendo”, “movimentos estudantis”, “reativar”, “sustentar”, “fundei”, “participei”, “intenção de cuidar”, “resolver o problema”, “conduzir o movimento estudantil”, “interesse em construir”. Não só as falas de ator Estanciano, mas se nota nos cenários das performances etnocenológicas das aprendizagens nos coletivos, uma antologia do fazer.

A outra dimensão corresponde a **2) identificação de origem**, é notório o lugar e a implicação do coletivo e seus membros com o universo de significados que tocam nas questões de negritude, preconceito de origem racial e seus desdobramentos com temas atravessam as políticas de sentido, presentes no cotidiano dos/das jovens negros/negras, periféricos ou não, numa sociedade forjada por um discurso e prática sociocultural branca, ainda que sua origem seja múltipla.

Em função dessas dimensões que, não são exclusivas desse coletivo, mas se destacam nas suas narrativas e performances de comunicação (nas experiências virtuais e presenciais), nota-se a mobilização e participação de um grande número de jovens em eventos de formação, lutas e resistências, oriundos dos diferentes municípios do Estado. Nas palavras do jovem Estanciano: “[...] Mas hoje contabilizando a gente tem mais de 150 pessoas orgânicas, pessoas que estão construindo a nossa política dentro da escola, dentro do instituto, dentro da

universidade” (Estanciano, 05 de abril de 2020). A aproximação das instituições escolares é um convite a potencializar as ações dos/das jovens, mas também pressupõe entender que existem lógicas orgânicas própria que vão de encontro às estruturas de poder que engessam as instituições de escolarização, por isso mesmo, a **etnocologia virtual das aprendizagens** se projeta nas práticas e experiências socioculturais dos espaços e ambiências não formais, convidando demais atores e instituições a repensar atitudes e ações. Este desafio é promissor.

O jovem complementa, situando o seu envolvimento em redes de jovens e instituições que ritualizam uma política de sentido, “[...] a gente tem 12 pessoas na direção estadual. Nacionalmente a gente tá, organicamente, em Minas Gerais, Brasília, Goiás, Sergipe, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Acre, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte” (Idem). Ele termina falando uma estimativa de quantos jovens, atores/atrizes, estão engajados nas ambiências de trocas e construção coletiva do coletivo quilombo: “[...]Então, essas pessoas que se identificam mesmo, que têm referência conosco, acho que são mais de 200, 250” (Idem). Na página oficial do *Instagram*, o Coletivo Quilombo Sergipe (@quilombose), tem 1.860 seguidores.

f) Levante Popular da juventude

Numa direção de atuação muito próxima ao (@quilombose), o Levante Popular da Juventude (@levantesergipe) se destaca por sua natureza mobilizadora e formativa, agregando jovens em ações humanas que tocam em temas de grande relevância para a sociedade. Este coletivo também é resultado de um panorama nacional de cultivo de outras sensibilidades e implicações juvenis (nas redes e nas ruas) que tensionam o espaço da formação, a natureza política da expressão e performance juvenil nesse espaço-tempo. Sua formação originária no *Instagram* (@levantedajuventude), deixa transparecer a natureza implicada e intervencionista dos/das jovens, seu papel enquanto atores/atrizes sociais, juntamente com seus pares.

Não obstante, em Sergipe, a célula (@levantesergipe) desenvolve ações, eventos, cursos, dentro de uma mística que dialoga com os movimentos sociais, a exemplo, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTSE e outras organizações. É interessante notar como o Coletivo Levante Sergipe também cria caminhos e cenários de proposição, mobilização nos corredores e nos espaços da Universidade Federal de Sergipe – UFS, com os seus distintos movimentos de base,

fortalecendo não só o ideário político, mas sobretudo, criando performances que altera o lugar de fala, o olhar do estrangeiro e a cena universitária.

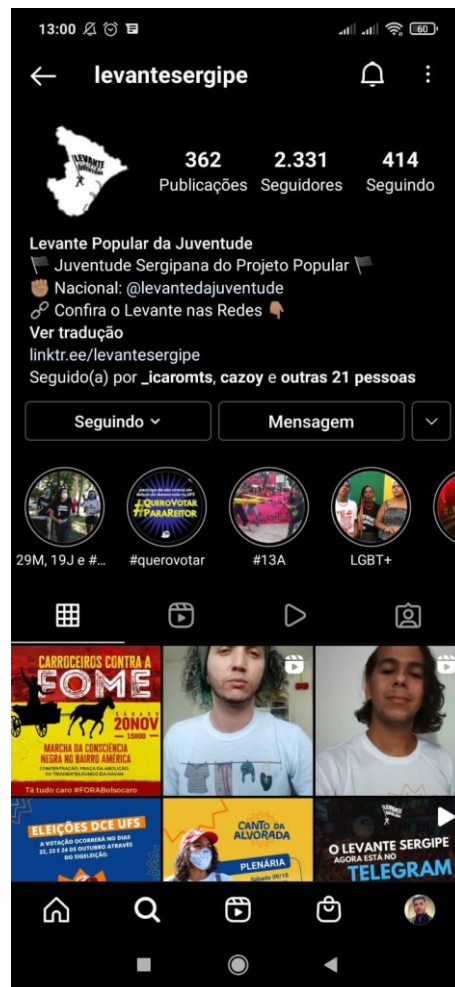
Aliás, é preciso ratificar que, o Levante Popular da Juventude foi fundado pelo MST. Não obstante, nos movimentos de luta política e reivindicação para o campo educacional, o levante Sergipe é porta-voz, por meio de uma narrativa visível que, se mescla ao corpo, nas sonoridades dos atos políticos e na diversidade de mensagens que defendem um mundo mais justo, do ponto de vista das dicotomias de classe, o cultivo da diversidade, do respeito e convivência com a diferença. Todos esses dilemas são traduzidos pelo jovem Politizado como, “os ruídos de comunicação” numa esfera social. Visando colaborar nesses dilemas, ele destaca a natureza do envolvimento: “A pessoa caba percebendo que ela é necessária, que ela começa a se movimentar e se engajar e a partir disso ela se torna um protagonista da mudança”. (Politizado, 31 de março de 2020).

Note-se na fala abaixo, um pouco do universo de formação que compreende as frentes de atuação do Levante Popular da Juventude, inclusive em Sergipe:

Nós trabalhamos com todos os pontos da juventude, a gente se organiza em três frentes de atuação, a vetorial que é da periferia, a estudantil que trabalha nas escolas secundaristas e a camponesa. Então meio que todos os debates que acontecem em qualquer um desses setores a gente tá dentro. Eu faço parte da frente estudantil, sou o organizador na universidade. Mas a gente tem contato com os movimentos do campo, tipo MST. (Politizado, 31 março de 2020).

Nesse tocante, o enunciado do coletivo na rede revela o lugar de atuação e as intenções dos/das jovens em suas ações e intervenções, destacando ainda, três polaridades interessantes

Imagem 59 - Perfil do Levante Sergipe no Instagram



Fonte: @levantesergipe, 06 de dezembro de 2021.

para o entendimento dos cenários que impulsiona suas ações: 1) protagonismo juvenil; 2) formação política e engajamento; 3) coletividade e transformação. Vejamos:

Somos um grupo de jovens que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades. Entendemos que só com o povo unido, metendo a mão junto, é possível construir o novo mundo com que sonhamos. O Levante atua junto aos movimentos da Via Campesina e movimentos urbanos, com a intenção de construir a organização popular em comunidades, vilas, escolas, universidades assentamentos e acampamentos de Sergipe. (*Instagram* do @levantesergipe, março de 2021).

Por conseguinte, quando perguntado ao jovem, sobre a quantidade de jovens que participam dos eventos organizados pelo coletivo e de suas experiências corriqueiras, ele comenta algo que já aparece em outros coletivos, ou seja, o processo de gerenciamento e a formação orgânica, partindo da noção de célula, sendo estas divididas em: coordenação nacional, coordenação estadual e grupo operativo. O *layout* descrito pelo jovem abrange a participação de até sete mil jovens, numa escala nacional, sendo que em Sergipe, “a gente tem umas 80, 90 pessoas aqui no estado, talvez um pouquinho mais”. (Politizado, 31 de março de 2020). Na rede social *Instagram*, o coletivo possui 2.328 seguidores. São temas gerados e geradores das ações, eventos formativos e performances cotidianas e episódicas: educação pública, formação humana, política, política social para LGBTQIA+, diversidade, etc.

g) O Papa Jaca

A mídia livre ou coletivo Papa Jaca, é sem sombra de dúvidas, um caso de investigação muito interessante. Inicialmente, cumpre situar o leitor sobre o motivo de atrelar a esta ambiência de comunicação, os termos mídia livre e coletivo. Diferente dos outros agrupamentos até aqui analisados, inclusive destoando de todos os outros coletivos catalogados em Sergipe, o Papa Jaca (@papajaca) consegue reunir características próprias, tanto da função comunicativa com exponencial alcance no Estado, e ao mesmo tempo, se formula dentro de uma coletividade nas redes. Por isso mesmo, o denomino como **mídia coletiva**.

Nos outros casos, a rede pressupõe uma presencialidade grupal (mesmo que episódica), no caso do Papa Jaca, sendo idealizado pelo Jovem Lagartense, ganhando um fluxo coletivo por meio dos espaços de comunicação num movimento de atração e pertencimento de pares on-line que, ajudam alimentam e retroalimentam as pautas, discussões, inclusive com a coparticipação de outros coletivos. Sem sombra de dúvida, o acompanhamento durante a pesquisa e busca pelo entendimento da ambiência cultivada no Papa Jaca, me impressionaram, ao mostrar a sagacidade de um jovem para lidar com a comunicação cotidiana, sendo reconhecido por seus pares num trabalho de criação jornalística, informativo, denunciativo e de formação coletiva.

O papa jaca (@opapajaca) forma e é formado por uma simbiose dos temas e discursos de jovens que, ganham vida das matérias jornalísticas, nas experiências de troca com outros/outras jovens, especialmente nas redes sociais digitais, mas também nas rádios, no canal do *Youtube*, no *site* especializado:

<https://opapajaca.com/>. O enunciado desse fenômeno de atuação para o coletivo, demonstra os objetivos que cercam o trabalho e a experiência numa dimensão convergente: “O Papa-Jaca - Narrativas lagartenses, jornalismo e ação”.

Idealizado pelo jovem Lagartense, essa mídia coletiva é parte do universo das culturas digitais, do trabalho de apuração da informação e cultivo de matérias jornalísticas, situada no município de Lagarto – Sergipe. Possuem destaque no horizonte da política local, reunindo uma narrativa que dialoga com temas, fatos e acontecimentos do universo político, social e cultural, criando ambiências de comunicação crítica no cenário macroestrutural e sua materialização no espaço de construção da vida local. Neste quadro, percebe-se no jovem, uma aproximação natural com o universo da política, bem como a sua aproximação com outros agrupamentos juvenis que o levaram a criar o Papa-Jaca em 2019:

Imagem 60 - Perfil do Papajaca Instagram



Fonte: @opapajaca, 06 de dezembro de 2021.

Nesse meio tempo, entre ensino médio e faculdade, eu comecei a trabalhar em portais de notícias, mas uma relação muito comercial, pra poder falar sobre empresas e coisas do tipo. E aí eu comecei a sentir falta, um pouco, por conta das eleições de 2018, de uma pegada mais realmente política, pra poder falar, pra poder opinar, pra poder contar um pouco mais os fatos. Eu já tinha sido colaborador da mídia ninja por conta da minha ligação com o levante popular da juventude. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Nesse limiar de conexões em rede, as vivências com outros coletivos, na intersecção de narrativas como as do movimento (@midianinja) e (@levantepopulardajuventude), serviram de referência para criar um espaço direcionado geograficamente à sua delimitação espacial, com foco numa performance atuante e combativa, especialmente quando se trata de questões políticas, inclusive envolvendo personagens com filiações partidárias. Buscando entender mais sobre esses impulsos originários, ele nos diz como tudo foi sendo consolidado dos dois extratos de falas a seguir:

Quando cheguei no IFSE, no campus de Lagarto, tinha um grêmio. Eu já quis **fazer toda uma mobilização** para poder entrar. Só que eu era oposição ao grêmio que estava antes, porque era uma gestão que não fazia o grêmio funcionar, na minha visão. Quem estava na oposição era justamente o levante, aí eu me juntei a eles só por essa questão de grêmio estudantil só que começou a ter uma reviravolta histórica no país, começou a ter a questão do impeachment, a questão dos cortes na educação. **Esse meu vínculo com o levante** foi se aprofundando muito mais, porque eu comecei a ser chamado para participar de atos, para participar de congresso, para participar de eventos e tudo mais, para poder também tá na construção de base.

O meu contato com o mídia ninja surge logo no finalzinho do curso no IFSE, quando eu começo a escrever, junto com o pessoal do grêmio, no editorial que tinha no IFSE chamado “Boca do Inferno”, que era mais pra poder criticar a reitoria do IFS, falar sobre a questão de como ela alterava lá dentro e tudo mais, muito comum na gestão Temer. Esse foi o meu primeiro contato com a mídia ninja e ele continuou, eu sempre fazia trabalho de fotos e mandava pra eles. As publicações que eles fazem nas redes sociais, eu já fiz bastante. O meu trabalho mais direto com eles foram dois. Um foi em um congresso da UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas que eu fiquei **responsável pela cobertura colaborativa**; e a outra foi na vinda de Lula para lagarto, que ele foi receber o *Honoris Causa* no campus da UFS, e aí eu **atuei na parte midiática da atividade**. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Não diferente de outros jovens que fazem parte de coletivos, a aproximação com os movimentos estudantis, com a dimensão da formação política e as experiências anteriores, nesse caso, também relacionada à educação que, demonstram os caminhos trilhados, as inclinações e a poesia da vida que aciona o cenário e a atuação dos seus participantes. Ademais, é interessante notar que além dessa motivação, existiu, segundo o jovem Lagartense, a necessidade de criar um espaço próprio, justificado por ter sofrido boicotes e censuras em outros meios de comunicação onde desenvolvia um trabalho congênere.

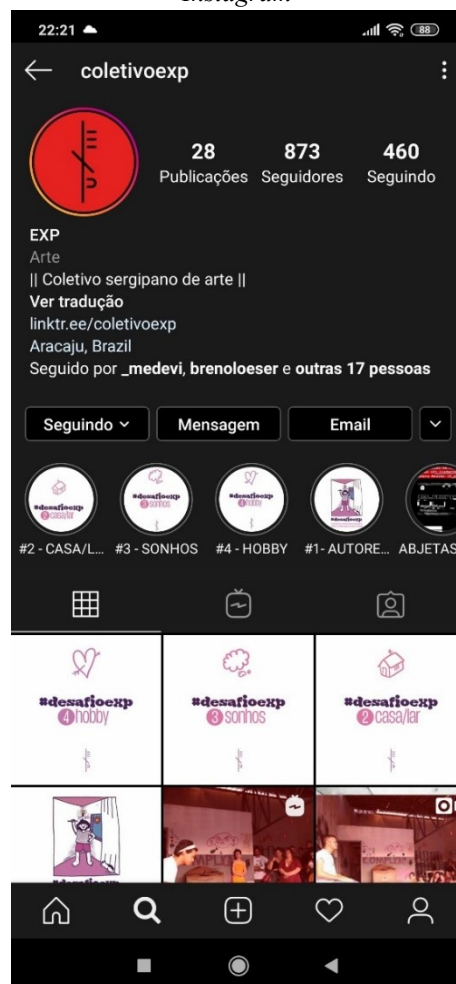
Assim, o Papa Jaca (@opapajaca) compreende uma ação de comunicação global/local, coletiva e direcionada por uma linha editorial, construída por pares on-line e veiculada em diferentes mídias, mais que nunca hoje, destacando-se a sua projeção na rede social *Instagram*. Em relação à sua atuação na rede, percebe-se um rigor e cuidado, afinal “[...] ao contrário do *Instagram* do papa-jaca que eu tenho toda uma questão de saber o que vou publicar, tal dia e tal hora, tal momento, qual o padrão a usar em determinadas situações, notícias urgentes ou não”. Por sinal, essa rede social do Papa Jaca possui 8.670 seguidores, sendo enunciados de suas narrativas: jornalismo ação, educação, política, comunicação, colaboração.

h) A⁸² Coletiva EXP

A abreviação usada para nominar este coletivo diz muito sobre a natureza desta rede de afetos, trocas e aprendizagens. Reflete também um campo de atuação que se encontra concatenado com os fenômenos do extraordinário (etnocenológicos) que ligam jovens por interesses e marcadores por identificação nas redes de convívio, virtualizadas ou não. EXP é abreviação de experiência, sendo essa a natureza propositiva do coletivo de jovens ligados às artes, dos mais variados estilos e estéticas. São imperativos desse coletivo, o fazer, o criar em grupos, o conviver e reconhecer as qualidades humanas de seus parceiros, tudo isso numa atmosfera de respeito, zelo e princípios amicais, como no diz Mafessoli (2018).

Nas palavras das jovens Artista e Juno, a coletiva EXP (@coletivoexp) traduz um modo de ser, baseado na experimentação, na criação, no respeito da experiência dos pares que co-criam não só arte, mas ambiência de encontro, festejos, desejos, performances mimetizadas por meio das redes de solidariedade com a finalidade de

Imagem 61 - Perfil do Coletivo EXP no *Instagram*



Fonte: @coletivoexp, 24 de Março de 2020.

⁸² O uso do pronome feminino envolve o ideário do grupo sobre o cultivo de arte plural e demarca o lugar de fala.

fortalecimento da arte, como também um caminho para pensar o mundo diferente, onde a arte torna-se preciosa. Nas palavras de Juno: “EXP vem de experiência, experimento, para ver o que é que dá. Nosso foco atualmente, ela começou para virar uma feira gráfica, a gente queria fazer uma feira aqui” (Juno, 26 de março de 2020).

A Coletiva EXP (@coletivoexp) foi fundado em 2019 com o intuito de reunir jovens artistas sergipanos com o intuito de fazer uma feira literária e gráfica. Foi sendo moldado a partir da necessidade de um espaço para o fortalecimento, visando conhecer artistas, dar visibilidade à arte sergipana, sobremaneira, por ser muito “difícil viver de arte” e “ter a arte como sendo valorizada” por toda sociedade, em especial no eixo norte e nordeste, segundo os relatos das jovens e nas narrativas dos demais membros do coletivo. Note-se que existe uma vinculação amical potente que deu origem ao coletivo, segundo Artista:

Porque a gente conhecia muitas pessoas, do nosso círculo de amizades, das pessoas que a gente admirava e “tals”, eram pessoas que estavam muito próximas da gente e que faziam arte. Faziam coisas, seja na fotografia, seja na música, seja nas artes plásticas, no *design*, enfim. (Artista, 30 de março de 2020).

É preciso registrar que existe uma “*vibe*⁸³” muito prazerosa, um encaixe entre os membros que, embora atuem em expressões artísticas diferentes, mesmo assim, coabitam e ajudam a criar um cenário de pertencimento e acolhimento, muito natural, inclusive com as pessoas que estão convivendo na condição de observadores ou apoiadores, aconteceu comigo. Ademais, são temas que estão presentes nas artes, nas narrativas e nas comunicações do coletivo, as questões da diversidade, do universo de gênero, onde transitam e fazem parte dessa vinculação um número maior de jovens mulheres artistas, são ainda temas relevantes: o cotidiano, as performances artísticas por meio da literatura, da pintura, da argila, etc. É interessante notar como foi sendo constituído o coletivo. A jovem Artista relata sobre a experiência de mandar um e-mail, no início de tudo, para os amigos mais próximos, pedindo que fosse divulgada uma espécie de corrente aos pares, visando aproximar o maior número de artistas sergipanos.

Então assim, no começo a gente criou a nossa rede mandando e-mails para as pessoas. A gente pedia o e-mail das pessoas que a gente achava que iam se interessar e dizia assim: “olha, a gente vai mandar um e-mail (Artista, 30 de março de 2020).

Interessante notar que o processo de participação de Juno, a outra atriz pesquisada, surge desse movimento de receber os e-mails e aderir ao grupo. Ela nos disse: “E um dia eu recebi

⁸³ Vibração.

um e-mail dessa galera dizendo “gente, estamos nos sentindo todos muito solitários, vamos se juntar, juntar o que a gente sabe e os materiais que a gente tem para ver se a gente faz gerar alguma coisa pra cidade?” (Artista, 30 de março de 2020).

Vejo aqui, o acesso da memória utilizada por esse jovem que realça o surgimento da ligação amical, própria da sociologia dos vínculos de contornos tribais, como já bem descreveu Mafessoli (2007, 2008, 2019), e repercutiram Santos (2011), Santos, Santos e Schneider (2020), também no tocante as experiências de comunicação com a redes sociais digitais. Como em alguns coletivos, existe um *layout* de funcionamento dos membros, com as devidas setorizações e responsabilidades, aqueles que se encarregam da comunicação, do galpão, mas não existe um líder, pelo contrário, nas palavras da atriz Artista: “Existem pessoas que acabaram mais responsáveis do que outras como, por exemplo, sempre sou eu que fico responsável por guiar as pautas, os relatórios das reuniões”. (Artista, 30 de março de 2020). Uma estrutura flexível, a adoção de uma não estrutura ou fluidez de poder que abriga uma vivência de cooperação e coautoria.

Outro aspecto muito revelador da coletiva de jovens EXP (@coletivoexp) consiste na vivência compartilhada no espaço chamado galpão, levando em conta, as artes manuais e o desejo de conviver também na presencialidade. Este é um espaço para criação de oficinas, encontros, proposições e performances dos/das jovens. Trata-se de um espaço de reunião e de vivências dos encontros e paixões pela vida-arte. Como afirma a jovem Artista: “A primeira vez que a gente conseguiu reunir as pessoas lá no galpão, que também é um outro rolê de espaço, que é uma das pautas que a gente também traz muito, foi muito bom”. O galpão é uma espécie de sede para a experimentação dos/das jovens desta célula coletiva, vejamos:

O galpão é um lugar que não tem nem água, nem energia elétrica, nem nada, mas a gente pode fazer o que bem entender do espaço, é um lugar bem interessante. Era uma antiga fábrica de sapatos. O galpão virou sede para essas coisas e aos pouquinhos a gente faz oficina lá, cobra 10 reais pelo material e a gente ensina o que a gente sabe e essa rede foi crescendo aos pouquinhos, mas a gente ainda é bem pequeno. (Juno, 26 de março de 2020).

A coletivo EXP (@coletivoexp) se tornou uma célula reconhecida por seus pares no cenário Aracajuano e no Estado de Sergipe e continua suas ações criando, inventando, mobilizando pautas com arte e afeto. Na rede social *Instagram* possuem 1.451 seguidores e na vitrine é possível notar uma polissemia de experiências humanas da vida-arte e proposição, educação, formação e implicação com a sociedade, com as desigualdades sociais, sendo a arte um caminho de exploração das capacidades humanas, o qual o coletivo defende e não abre mão.

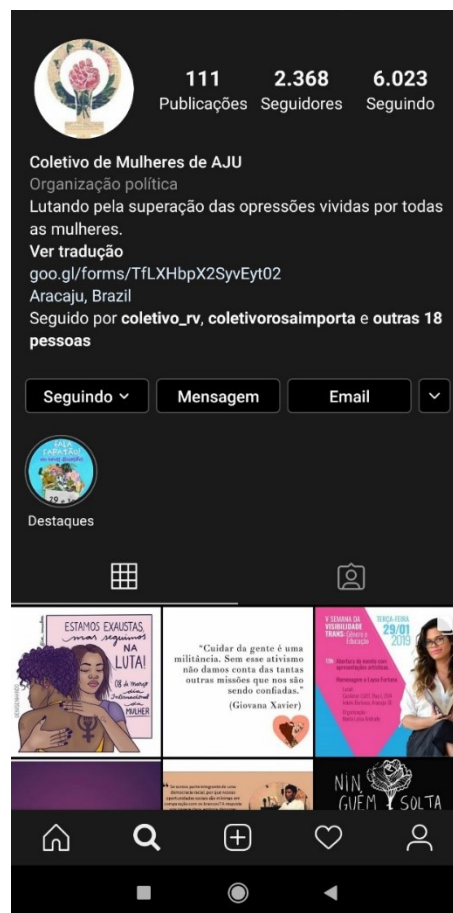
i) Coletivo de Mulheres de Aracaju

O Coletivo de Mulheres de Aracaju foi fundado no ano de 2012 e tornou-se uma ambiência de pesquisa por dois motivos, tratava-se do coletivo com mais anos de vida no Estado de Sergipe, o que por si só chamou a minha atenção, mas não só isso, no processo de investigação notei que este coletivo, suas ações cotidianas deixaram de circular nas redes e nas vivências presenciais, com o passar do tempo.

Logo, além de ter sido o coletivo mais velho e ter “finalizado no ano de 2019”, vi neste agrupamento um espaço interessante para entender o processo formativo no curso temporal de uma organização coletiva por jovens, observando os motivos que fizeram surgir e afrouxar os vínculos. Além disso, notei nas redes sociais, especialmente no *Instagram* e no *Facebook* que alguns membros continuavam com ações, mesmo que pontuais, inclusive fazendo referência ao coletivo. Tudo isso foi um chamariz, considero muito interessante ter acompanhando o nascimento de um Coletivo Lèguà (@coletivolegua) e as extensões da comunicação após a finalização de outro coletivo tão expressivo, o Coletivo de Mulheres de Aracaju (@coletivodemulheresdearacaju). Por isso mesmo, é preciso pontuar que aqueles coletivos considerados como inativos no processo de garimpagem, continuam nas redes por meio das narrativas que são atemporais.

Foi nessa esteira investigativa que me aproximei de algumas jovens, participantes do coletivo e consegui estreitar o laço com a jovem Combativa. Inicialmente cumpre destacar o que pretendia o coletivo e em paralelo, o que se nota na continuidade das jovens que participaram dessa vinculação. Surgido a partir das discussões que transcorreram e se avolumaram no contexto seguinte à Marcha das Vadias, por volta de mês de junho de 2012, mulheres de diferentes áreas de formação e atuação se juntaram para pensar o universo sociocultural das mulheres, em especial, a realidade vivida por elas, no município de Aracaju.

Imagem 62 - Perfil do Coletivo de Mulheres de Aracaju no *Instagram*



Fonte: @coletivodemulheresdearacaju, 22 de Março de 2020.

Nós lutamos pela superação das opressões vividas diariamente pelas mulheres para que possamos exercer nossa liberdade em uma vida plena. Mas essa superação só será possível combatendo diretamente a exploração e opressão de todos os sujeitos. (FONTE: <http://www.facebook.com/coletivomulheresaracaju>).

Partindo dessa ideia de nascimento, percebo que, existe uma aproximação muito forte do coletivo com o cenários e experiências vividas na universidade, tanto da Universidade Tiradentes – UNIT, como na Universidade Federal de Sergipe – UFS e outras faculdades ou instituições, tais como a seção da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Aracaju e sua atuação na premissa de assegurar direitos às mulheres. O processo vinculativo dessas mulheres, muitas jovens, se dá por necessidade de entendimento, fortalecimento das pautas e também estudos e formação. A trecho de fala da jovem Combativa é revelador, quando faz menção ao movimento interno e externo de entender o seu e o papel das mulheres situadas numa realidade injusta. Note-se:

A gente sempre fala que **o coletivo é o de dentro pra fora**, então não é só organizar uma manifestação e ir pra rua, **é também de formação**, de nos entender, de entender os nossos processos, de ouvir umas às outras, de estudar. Então tudo isso perpassa a formação do coletivo. (Combativa, 25 de março de 2020).

Como visto acima, não é apenas reunir pessoas em torno de uma ideia, mais que isso, os coletivos, em especial o caso em apresentação, pressupõe um autoconhecimento que vai sendo organizado e partilhado. A menção da atriz Combativa ao processo de escutar e ouvir é parte dessa liga de encaixes e pertencimento. Nesse ínterim, o vínculo anterior também é parte importante, afinal, “Eu já conhecia uma das integrantes, eu já andava em eventos sobre os direitos das mulheres, e aí fizeram uma reunião de apresentação, para chamar novas integrantes, e nessa reunião foi quando eu pude conhecer melhor” (Combativa, 25 de março de 2020).

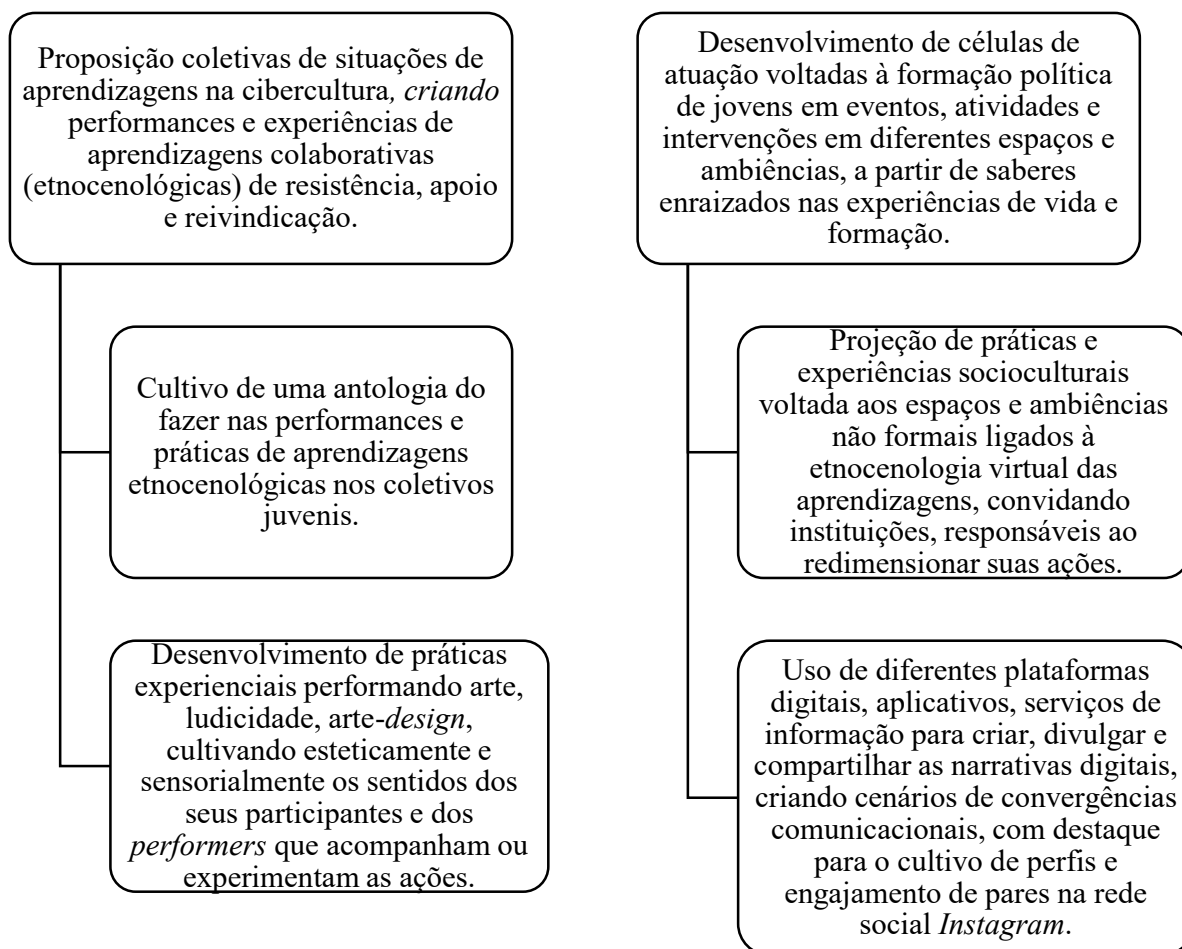
Não obstante, o sentimento grupal, a orientação do coletivo e o raio de suas ações culminam com o olhar crítico a atento às opressões e sobreposições das questões de gênero, tendo o coletivo, e também a jovem, “[...] enquanto pessoa e também como grupo, que isso é uma coisa que coincide, a gente adota uma perspectiva feminista interseccional. (Idem).

O coletivo teve um período de atuação de sete anos, mas principalmente nos anos de 2016 e 2017, notei uma forte mobilização das ações e narrativas. Como nos outros agrupamentos, não pressupõe uma estrutura hierárquica, tendo nas palavras da jovem, “[...] não tem uma liderança, têm conversas sobre distribuição de tarefas, decisões, e essas vivências também são uma forma de alinhar o que a gente tá pensando”, por conseguinte, ocorriam as reuniões semanais onde “[...] iam 8, 10, 12 mulheres” (Idem). Ademais, o número de seguidores

deste coletivo se mantem desde o início da pesquisa, são 2.368 pessoas que acompanham e revisitam suas narrativas.

Ao final do período de acompanhamento dos atores/atrizes da pesquisa e sua relação com o coletivo, no que toca a matriz de suas ações, chego à conclusão que criar e findar uma vinculação coletiva, deixa ecos que repercutem nas vidas e nas redes, não somente na memória (interior ou exterior), mas o encaixe dos pares que se reconhecem e seguem, como na vida, criando, produzindo novos encaixes, afastamentos que formam e ajudam a formar, nesse caso, uma ou muitas mulheres *performers* da condição humana, inquietas e dispostas a continuar criando. Logo abaixo, busco resumo algumas características dos coletivos, apontando **nuances das aprendizagens etnocenológicas virtuais** e como estas prospectam uma educação múltipla, em rede, conectada e implicada, alargando a compreensão sobre a educação em tempo de culturas digitais. Notemos:

Figura 5 - Nuances das práticas de aprendizagens etnocenológicas virtuais



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Posso destacar ainda mais três nuances importantes: a) Formulação de ambiências comunicativas, informativas com uso dos dispositivos digitais, a exemplo dos coletivos, mídias coletivas, onde a participação nas redes compõe a colaboração de pares autores/autoras; b) Criação de ambiências de comunicação comuns às aprendizagens etnocenológicas, com uso dos dispositivos digitais, para criar narrativas propositivas, matérias jornalísticas, ajudando a informar, formar e cultivar espaços de construção de saberes⁸⁴ e conhecimentos; c) Perpetuação das extensões comunicativas das aprendizagens etnocenológicas vividas pelos jovens nos coletivos, durante o seu funcionamento orgânico ou após a sua desativação, tomando como escopo as vivências dos atores/atrizes juvenis que continuam nas redes criando ações comunicativas e disponibilizando informações que se atualizam e perpetuam nas redes e plataformas digitais. Estas nuances são o chamariz para pensar a ressignificação dos cenários e práticas educacionais, apontando caminhos e formas de organização das experiências das aprendizagens.

⁸⁴ Como já explicitado, refere-se aos “saberes experienciais” mobilizados pelos/pelas jovens nas suas experiências cotidianas.

CENÁRIO VI

ETNOCENOLOGIA VIRTUAL DAS APRENDIZAGENS JUVENIS NA CONTEMPORANEIDADE



Me interessa na discussão de etnocenologia de Bião (2013) entender os comportamentos juvenis ligados às aprendizagens em ambiências virtuais que nada se assemelham à ideia convencional de aprender linearmente ou somente nos espaços formais de ensino. Essa é uma discussão cara para a etnocenologia e só ele, de forma ousada, deixou pistas e possibilidades em aberto (na época). (Nota do app-diário, 14 de maio de 2019).

No trecho acima, exponho algumas inquietações que fizeram parte do meu percurso formativo de entender os fenômenos do digital, tomando como arcabouço a ciência da etnocenologia. Vivemos nesse limiar, a emergência de fenômenos extraordinários que modelam a vida humana, a partir de experiências que se dão, com maior frequência e intensidade, com os dispositivos digitais de interação e comunicação. As mediações criadas com a utilização dessas ambiências colocam em evidência diferentes maneiras de produzir o cotidiano, com destaque para as performances de engajamento vividas pelos/pelas atores/atrizes nos diferentes espaços de convívio. Desse ponto de vista, a categoria juventude passa a ser compreendida como resultado de um processo cultural em constante processo de alteração, sendo na contemporaneidade imbricada com os fenômenos da conectividade, interatividade, ubiquidade, instantaneidade, interconexão, mobilidade e colaboração, características essas que são pano de fundo e terreno de emergência de uma **etnocenologia do virtual**, própria do tempo presente.

O conceito de etnocenologia toma como origem o olhar polissêmico, diferentes polilógicas e uma diversidade de metodologias, objetos e experiências que cercam e dão sentido ao cotidiano das relações humanas, especialmente aqui, ao fazer investigativo, que toma o campo das “[...] práticas e dos comportamentos humanos espetaculares organizados” (PRADIER, 1996, p. 21). As práticas culturais humanas, nesse caso, estão diretamente ligadas aos fenômenos da digitalização que alteram os modos de estabelecer comunicações e reorientam o fazer nas diferentes áreas do conhecimento. A utilização do paradigma de ciência, no qual se ancora a etnocenologia, busca expressar as experiências que emergem do cotidiano humano, permeado de elementos da teatralidade e espetacularidade. Para a etnocenologia, os

cenários cotidianos são formados por performances corporais vividos por meio dos desejos e de suas externalizações empíricas no mundo.

Espetacularmente, vemos na atualidade, diferentes formas de interação e usos dos corpos com os diferentes dispositivos tecnológicos apontando para outras práticas culturais e performáticas humanas, mediadas pelas tecnologias telemáticas⁸⁵. Os estudos de Bião⁸⁶ (2013) já assinalavam sobre a necessidade de investigação sobre as performances humanas com as tecnologias. Neles, é possível observar uma preocupação com a multissensorialidade, valorização do ecocentrismo, e a multiplicação das linguagens, envolvendo a comunicação, os “corpos digitais” e suas mediações. Não obstante, Bião (2007) classificou os objetos espetaculares da etnocologia em três conjuntos explicativos: 1) objetos substantivos (artes do espetáculo); 2) adjetivos (ritos espetaculares); e 3) Advérbias (formas cotidianas). Para ele, o último conjunto de performances espetaculares abriga “os fenômenos da rotina social que podem se constituir em eventos, consideráveis, a depender do ponto de vista de um espectador, como espetaculares, a partir de uma espécie de atitude de estranhamento, que os tornaria extraordinários” (BIÃO, 2007, p. 28).

A respeito da inserção das performances humanas com a utilização das tecnologias entre os objetos da etnocologia, Bião (2009) acena para a possibilidade de existir privilégios e exclusões sociais, mas, para além disso, afirma que “(...) as tecnologias podem ratificá-los, suavizá-los, eliminá-los ou invertê-los, mas de qualquer modo, parecem poder, sempre contribuir para a valorização de suas práticas espetaculares e performances” (p. 19).

É nesse caminhar de olhares múltiplos e com distintas análises inspiradoras que toma folego as práticas etnocológicas virtuais das aprendizagens. Nessa viagem, a inclinação epistemológica e os caminhos metodológicos que inspiram a construção de “outras formas” de pensar/fazer uma educação que seja capaz de descrever/compreender e criar espaços de partilha, interação e análise nos quais os/as jovens sejam porta-vozes de suas narrativas e formas de mediação com os objetos.

Sendo assim, interessa-nos entender a produção cultural juvenil, tomando como ponto de partida a espetacularidade dos corpos, as performances cotidianas e os processos de

⁸⁵ O termo telemática envolve a junção da telecomunicação com a informática.

⁸⁶ Armindo Bião, nascido na Bahia em 1950, falecido no ano de 2003, em suas obras, falas e discussões toma o campo da sensorialidades, as artes do espetáculo, o cotidiano e as performances dos corpos humanos como fenômeno da etnocologia. Dos autores que dialogam com essa ciência, Bião é um dos percursos do pensamento sobre os fenômenos ligados às experiências com o digital.

identificação, criação, partilha e negação com dispositivos ligados às redes sociais digitais de filiação, engajamento e participação coletiva, à dimensão espetacular dos agenciamentos individuais e coletivos formulados por atores e atrizes juvenis nas ambiências de interações virtuais que fazem emergir cenários espetaculares, dando origem a outras práticas de interação, inclusive no tocante às aprendizagens. Nos cenários anteriores, busquei apresentar os indícios de sua materialidade, enquanto fenômeno que faz parte das culturas digitais, especialmente nas performances dos/das jovens nos coletivos.

Variados exemplos foram apresentados, dando à discussão uma externalidade fenomênica, mais que nunca, trazendo o campo da etnocologia, a partir das performances e narrativas dos atores/atrizes sociais para mergulhar na intersecção das TDIC. Não se trata apenas de uma atualização conceitual, afinal a discussão proposta por Bião (2017) não é obsoleta, longe disso, todavia hoje, temos um cenário de aperfeiçoamento que há dez anos foi aletrado com o refinamento das tecnologias, trazendo novos elementos complexos e conflitivos no tocante à sua incorporação no campo das relações socioculturais.

Buscando descrever o conceito de **etnocologia virtual das aprendizagens juvenis**, tomando como referência a intersecção dos autores já citados e o fenômeno humano, em destaque neste trabalho de tese, defino-o como ‘ato cognitivo’ implicado com o cotidiano sociocultural e seus dispositivos (humanos e não humanos), expressão do fazer autoral que busca ritualizar por meio de performances, mediações e experiências intervencionistas (coletivas), entre pares de aprendizes curiosos que intercambiam e virtualizam sensações, saberes e conhecimentos visando alterar o *status quo*, convidando os/as atores/atrizes sociais a pensar, criar, viver juntos a construção da possibilidade de um mundo mais justo, baseando-se numa antologia do aprender, conviver e partilhar em redes.

A inscrição deste ‘conceito’, como já mencionei em outras passagens desta tese, tem fundamento na **abordagem da sociologia e epistemologia do cotidiano** esboçada por Maffesoli (1998, 2005), que compreende o tempo presente como resultante das ações humanas transgressoras, comunicacionais, afetivas, amicais, coletivas.; baseadas numa socialidade pós-moderna que relativiza a ciência, propondo uma ruptura com os paradigmas universalistas, tomando como fonte de inspiração o imaginário coletivo pulsional, “[...] É preciso tempo para saber abonar os pensamentos convencionais, as evidências dogmáticas, a fim de se acomodar melhor ao que é vivido, no que tem de melhor e de pios, pelas novas tribos pós-modernas” (p.100)

Faz parte do modo como enxergo o mundo e a pesquisa, com **implicação heurística na ciência da etnocenologia**, especialmente nos escritos de Bião (1999, 2007, 2013), tomando como os estudos do teatro, da teatralidade, espetacularidade cotidianas, ancorados nos estudos das performances, tomando a vida social, como criação dos atores/atrizes sociais, *performers* de instituintes outros, porta-vozes de sensibilidades expressivas e modos de ritualizar, protagonizar, encenar a poética da existência humana.

Ademais, é resultado da minha aproximação e inspiração com a **multirreferencialidade**, como caminho, olhar, vontade de apreender, experimentando outras maneiras de produzir pesquisas qualitativas, priorizando a negociação de sentidos por meio de uma etnopesquisa crítica, inacabada que busca potencializar a voz dos atores/atrizes sociais, suas emergências humanas vividas e acessadas pela memória, no cotidiano de suas inteligibilidades, dentro de uma leitura complexa, plural, provisória, cuja inspiração “fundante é a etnometodologia”. (MACEDO, 2010, p. 9).

Figura 6 - Inspirações conceituais que ancoram a etnocenologia virtual das aprendizagens juvenis na contemporaneidade



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2021).

Como constructo correlato, que faz parte de um desmembramento conceitual, entendo como **aprendizagens etnocenológicas** as ações emergidas dos atores/atrizes juvenis, mas não só estes, implicadas com a experimentação sociocognitiva, buscando intervir em diferentes áreas da formação humana. Sua (des) organização ocorre por meio das mediações comunicacionais coletivas (nas relações subjetivas e objetivas), envolvendo a identificação por pares que convivem "nas redes e nas ruas", portadores e criadores de práticas solidárias, estéticas, políticas, amicais, sensoriais, corpóreas e etc.; que ampliam o entendimento sobre a educação, tomando-a como uma complexa experimentação socioeducativa, espetacularmente conflituosa e motivadora do aprender sentindo, intervindo, festejando, lutando, resistindo e performando (atuando) nas ambiências educativas. Em outras palavras, vivendo!

6.1 Aprendizagens etnocenológicas nas redes: experiências para repensar tempos, espaços e ações educativas nas redes (virtuais e presenciais)

É extraordinário (etnocenológico⁸⁷) entender que, as experiências vividas por jovens no intercruzamento com as tecnologias digitais, colocam em destaque a necessidade de repensar o fazer pedagógico, o papel das instituições educativas e dos mediadores das aprendizagens. De igual modo, é revelador, acompanhar a naturalização das experiências criadas no interstício das “culturas digitais”, como sendo fundamento para a criação de novas práxis pedagógicas. Hoje, mais que nunca, quando vivenciamos o isolamento social em decorrência da pandemia da COVID-19, tornou-se oportuno perceber que os diferentes usos do digital são possibilidades potenciais de situar a aprendizagem humana, quer seja na escola, mas, sobretudo, fora dela. Nesse tenso espaço que se abre, os/as jovens são anunciadores de outras lógicas de produção de saberes: compartilhados, colaborativos, em rede, com o uso dos dispositivos digitais, coletivos.

É extraordinário e inspirador acompanhar, viver e participar, de alguma forma, destes movimentos contagiosos e comunitários, da arte de pincelar o cotidiano com cores, vozes e traços outros. Considero as aprendizagens etnocenológicas, parte de uma criação extraordinária, pois, como fenômeno comunicacional do aprender humano nas redes coletivas, consegue exprimir aquilo que o olhar denuncia, a meu ver, a insurgência da coletividade pulsante, retorno do nomadismo, efervescência do presenteísmo anunciado por Maffesoli (2009, p. 123) como

⁸⁷ O trocadilho extraordinário pode ser usado, mas não exprime toda a dimensão da ciência sobre a etnocenologia.

“o reencantamento do mundo”. O adjetivo extraordinário conforme dicionário Aurélio (2021), on-line, compreende o que é excepcional, fabuloso, fenomenal, imprevisto, inacreditável, sensacional, sublime, espetacular. Desafio o leitor (a), a acompanhar os/as jovens destes coletivos net-ativistas, ativistas, não importa a nomenclatura, existem hoje vários exemplos que repercutem nos veículos de comunicação, a registrar o que pensam e sentem ao se aproximar do que eles/elas estão fazendo “nas redes, nas ruas”, nos palcos onde a vida se faz!

Com base nisto, entendo as aprendizagens etnocenológicas, protagonizadas pelos/pelas atores/atrizes juvenis, usando os dispositivos digitais para performar comunicações, suas narrativas, experiências e mediações como parte das contaminações surgidas no tecido social que engendram uma relativização dos espaços de poder-saber, pulverizados e ampliados com “[...] ajuda do desenvolvimento tecnológico –blogs, fóruns de discussão, telefones celulares, a viralidade se desenvolve. A histeria se espalha. O mundo que era distante, se torna próximo. Não passa de uma rede dinâmica de relações” (MEFFESOLI, 2009, p.125).

Desse modo, quando observo e registro as performances dos atores/atrizes juvenis, busco dar visibilidade e espaço ao inédito, fronteiro e transgressor. Ao que está numa extra-ordem, ou seja, em busca de criar inteligibilidades outras, mais que nunca, solidárias, coletivas, acolhendo a desordem, outra ordem, um momento inaugural de ser ouvido, sentido, vivido e ritualizadas maneiras de aprender juntos.

Paralelo a isto, torna-se cada vez mais evidente, o processo de não significação das instituições escolares, ancoradas em práticas instrumentalistas ou conteudistas que não colaboram para criar outras maneiras de se relacionar com os saberes e conhecimentos. Moran (2018) destaca que é importante estimular a criatividade de cada indivíduo, de modo a aguçar a capacidade crítica, descobridora, envolvendo o questionamento e a experimentação compartilhada. Uma escola que não consiga promover a criatividade, a colaboração e a partilha com seus pares, certamente se afasta corriqueiramente de produzir significado a uma geração de crianças e jovens, seduzidos por linguagens líquidas, multifacetadas e convergentes. Essa ambiências e dispositivos atraem os sentidos, os desejos e cognição, produzindo em paralelo à cultura da escola, um território extraordinário, onde são experimentadas, negociadas e compartilhadas habilidades.

Sobre este aspecto, Lucena e Oliveira (2014) relatam que trabalhar com os dispositivos das culturas digitais móveis, não consiste apenas na sua incorporação como apenas uma nova metodologia, sendo necessário desapegar-se das noções de transmissão de conteúdos, mais que

isso, envolve reconhecer os indivíduos como praticantes culturais, que produzem saberes compartilham opiniões, informações e conteúdos nas redes digitais.

Logo, a reinvenção das instituições escolares no tocante ao ato de educar, envolve primeiramente, escutar as vozes e linguagens que estão sendo produzidas por jovens, mas não somente por eles/elas, que ressaltam as performances comunicacionais na cibercultura. A aproximação da escola, professores e interessados com essas formas de produzir culturas com os dispositivos torna-se uma “chave de acesso” para compreender os meandros, sendo uma condição essencial para aprofundar o entendimento e largar os domínios das aprendizagens. Todavia, na atualidade, apenas aproximar-se dos/das jovens não garante a incorporação e cultivo de experiências com as tecnologias digitais, pois como segunda diretriz, passados quase quinze anos de popularização desses dispositivos, a escola e seus pares torna-se desafiada a criar junto, propor estratégias com as linguagens digitais e reinventar-se participando com os fenômenos, vozes, dispositivos, aplicativos e narrativas que modelam o digital.

Nesse limiar, em decorrência do uso exponencial e multimodal das TDIC por jovens, o resultado da hibridização dos corpos e linguagens em larga escala, por intermédio de dispositivos tecnológicos, nos leva a refletir sobre a vivência de um comportamento fora da curva até então não observado na história humana, podendo ser definido como um comportamento espetacular, independente do juízo que se faça dele. (SANTOS & SCHNEIDER, 2019, p. 616).

Certamente, entender que a experiência educacional alargar-se para além da ideia de instrução ou escolarização, mais que isso, uma vez que o processo de escolarização possui uma finalidade objetiva de atribuir sentido à vida cotidiana. É primordial qualificar esse espaço, envolvendo-o com a cultura para além dos muros da escola. Uma educação para além da escola favorece a vivência de múltiplas possibilidades de experimentar o fazer coletivo. Somado a isso, é possível despir-se das estruturas de biopoder, já mencionadas por Foucault (2002), especialmente no que tange à figura do professor que deixa de ser a figura central no desenvolvimento das aprendizagens dos aprendizes e passa a ser um parceiro, um interlocutor, um par. Tomemos como exemplo, a organicidade celular dos coletivos formados por jovens, destaca no decorrer desta tese.

As mediações culturais, para além dos espaços escolares, e com estes, podem criar mudanças no campo pedagógico, sobremaneira a passagem de uma sociedade pautada no ensino para uma sociedade pensada a partir do ato educativo, deixa transparecer uma adjetivação sobre o campo pedagógico. Em outro momento, destacado **a existência de uma antologia do fazer, como parte da etnocologia**, tomando como exemplificação os jovens e

suas performances coletivas. Essa antologia do fazer mobiliza a tomada de atitudes, criando desejos, formas de atração e maneiras de sentir prazer aprendendo com pares colaborativamente.

Segundo Andrade (2016) essas pedagogias ajudam a alargar o entendimento do campo pedagógico, atrelando a pedagogia aos fenômenos culturais como sendo processos imbricados. Para tal, destacam o uso das tecnologias móveis e a criação de diversos espaços que resultam em múltiplas proposições educativas, sendo essa a potência de pensar o conceito de pedagogias culturais. Logo, quando realço a presentificação da etnocenologia, a situo no campo das pedagogias culturais, envolvendo objetos que circundam a teoria etnocenológica.

Sobre a utilização das TDIC, Martins e Santos (2019) endossam a necessidade de criar na escola uma pedagogia da hipermobilidade, cuja natureza colaborativa envolve desenvolver estratégias de aprendizagem com foco no ensino a partir de aplicativos conectados. Para isso, assinalam que as possibilidades autorais foram intensificadas com as arquiteturas ubíquas e móveis. Segundo as autoras, “a pedagogia da hipermobilidade marca uma mudança nas práticas educacionais que privilegiam a formação para as experiências, em contexto de ubiquidade, com uso dos aplicativos” (p. 51).

Estendendo a experiência educativa fora do escopo de engessamento e controle social reiterado sobre os corpos, o cultivo das culturas digitais pelos/pelas jovens nos convida e praticar um afrouxamento dessas estruturas limitantes de poder, emergindo como mais importante o convívio, interação e pertença com os pares. Logo, as mediações extraordinárias com as tecnologias digitais provocam reflexões e rupturas significativas nas lógicas de tempo, espaços e nas ações educativas. Nessas proposições, é válido refletir sobre o ato de educar como sendo uma construção coletiva, tomando Freire (1979, 1987, 2000) ao destacar a ação educativa como construção plural, de muitos, mediatizando com o mundo, criando inteligibilidades. Nas discussões de Paulo Freire (1921-1997)⁸⁸, sempre atuais, o ensino não se limita às experiências escolares, vai muito além, evolve o engajamento com a “[...] experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação” (FREIRE, 2001, p.261). Seus ensinamentos vão ao encontro de uma educação que se faz possível na extensão das comunicações humanas com os diferentes objetos de leitura disponíveis no mundo, numa conflituosa e prazerosa maneira de aprender e dar significado.

⁸⁸ Patrono da educação brasileira.

No tocante à dimensão temporal, as mudanças baseadas a partir do cultivo da ideia de rede, com destaque para os conceitos de interatividade, interconexão, convergência, ubiquidade, desloca as experiências educativas, podendo estas, ocorrerem por meio de interações criadas em ambiências multimodais de interação. Sobre essa questão Santos e Schneider (2019) destacam a criação de espaços-fluxos de relações vividas por jovens nas redes, mais que nunca, comportado um número significativo de atores/atrizes sociais que “[...] intercambiam preferências, gostos, desejos, semelhanças e diferenças” (p. 611).

Amar (2019) brinca com o trocadilho “ubiquidade e as ubiquidades”, destacando a sua dimensão múltipla, na qual, pensar as aprendizagens passa por proporcionar e desenvolver as relações de ensino por meio de diferentes dispositivos conectados em redes espalhadas em todos os espaços, inclusive na *web* social. Sendo assim, os elementos constitutivos das aprendizagens virtuais (extraordinárias), tomando como exemplo os/as jovens, intensificam a formulação de ambiências usadas para estabelecer mediações que deslocam o fenômeno da aprendizagem para as experiências sociais, destacando-se por exemplo, o cultivo de aprendizagens móveis, não restritas ao tempo-espaço escolar. Ainda sobre este aspecto, destacam-se o modo como são produzidos e geridos esses espaços de interação, sobressaindo outras modalidades de aprender, cada qual com suas peculiaridades em relação à dimensão tempo.

Relembro que os/as jovens são aqueles que mais utilizam as redes para se comunicar, produzir conteúdos e estabelecer comunicação utilizando aplicativos de videotransmissão (ao vivo). Schneider, Santos e Santos (2020) descrevem que o uso das tecnologias síncronas tornou o momento “propício para as experiências baseadas em conexões, resultado dos avanços tecnológicos em rede que, permite aos sujeitos sociais manterem-se conectados” (p. 42). O resultado desses imbricamentos das culturas juvenis com os dispositivos das culturas digitais fez surgirem fenômenos variados, tanto na esfera privada, quanto pública, alterando decisivamente o cotidiano das relações humanas. (SIBÍLIA, 2018).

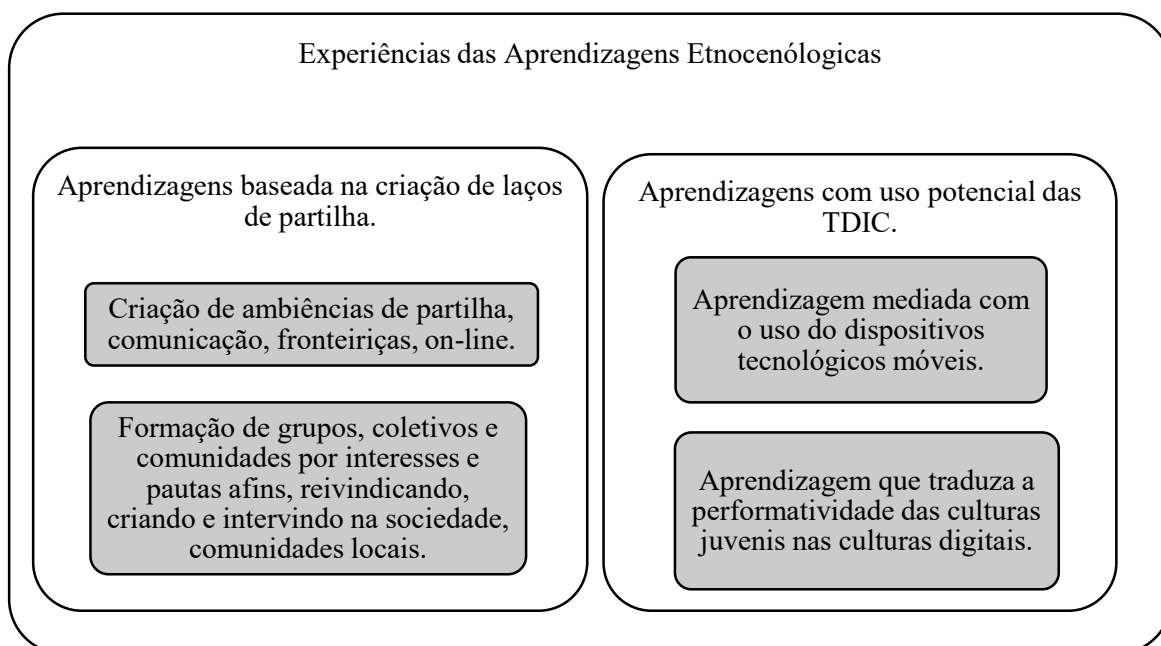
Outro aspecto que tem ganhado destaque compreende o modo como os saberes e conhecimento são acessados pelos/pelas atores/atrizes. Nos portais, nas redes, nos diferentes espaços de acesso à informação se nota cultivo de uma busca granulada de conteúdos. Segundo Crespo (2020) a ideia de granularidade corresponde ao consumo de informações em pequenas partes. Um primeiro olhar destacaria a precariedade dessa forma de acessar um conteúdo, mas em paralelo, temos hoje, a possibilidade de acessar diferentes partes de uma informação, disponíveis em diferentes formatos e linguagens, um fenômeno possível com a modelagem

convergente das tecnologias, como salientou Jenkins (2008), alterando o nosso modo de consumo, inclusive as estruturas cognitivas, mais flexíveis e adaptáveis, descritas por Prensky (2001, 2006, 2019), Schneider (2019), Tapscott (2010), Mazarella e Alexander (2009), Schibe (2009), Schneider, Conceição e Soeira (2020), etc.

Em relação à dimensão espaço, se nota que o desenvolvimento e aperfeiçoamento da *Web 2.0*, da *Web 3.0*, como *Web Semântica*, que torna possível a criação e acesso a conteúdos personalizados, conforme comportamento do usuário, demarcada pela navegabilidade, velocidade da informação e acesso por meio dos diferentes espaços ou dispositivos de acesso. Destacando-se nesse ínterim, o desenvolvimento de aplicações para suprir as necessidades “*on demand*” de cada usuário, assistidas pelos agentes inteligentes de Inteligência Artificial da primeira onda, conforme apresenta Schneider (2020a). Somado a isso, as mudanças no mercado de serviços de informações apostam, com advento da *Web Semântica*, no crescimento de plataformas de *streaming*.

Essas implementações, *on demand*, aplicações (Apps) e plataformas de *streaming* condicionam a incorporação de novas informações às redes semânticas. Falando sobre essa questão, Schneider (2013) aponta como desafio ao paradigma educacional, a superação do ensino centrado numa lógica tradicional, perpassando pelo cultivo da autonomia e desenvolvimento de projetos capazes de tornar os sujeitos protagonistas de suas descobertas. É nesse caminho que, o cultivo de interações entre os/as jovens, nos coletivos ou não, por meio das redes sociais digitais, criam diferentes experiências comunicacionais etnocenológicas, com as seguintes características:

Figura 7 - Características das aprendizagens etnocenológicas virtuais



Nesse sentido, a utilização de metodologias ativas para se referir à incorporação dos dispositivos das culturas digitais ganha destaque e colocam e evidência o protagonismo dos atores/atrizes envolvidos com as aprendizagens. Sobre este aspecto, Moran (2018) menciona entre os processos que envolvem o ensino híbrido: a flexibilidade, a mistura e o compartilhamento de espaços, mediação tecnológica, com uso de combinações, arranjos, itinerários e atividades.

Para este autor, estamos diante de uma aprendizagem personalizada, na qual, o compartilhamento, a colaboração e os engajamentos são itens presentes e direcionam o fazer. Os três aspectos citados pelo autor, quais sejam: aprendizagem personalizada, aprendizagem compartilhada e aprendizagem por tutoria, envolvem os cenários das experiências de intervenção das aprendizagens etnocenológicas com uso dos dispositivos digitais. Endossam a necessidade de tornar o ensino ativo⁸⁹, ressignificando os espaços de interação dos desejos juvenis, igualmente importantes para valorizar a autoria dos estudantes.

Desse modo, as performances criadas pelos/pelas jovens na cultura digitais traduzem uma maneira de explorar suas dimensões importantes do “fazer junto” em coletivo. Nolasco-Silva, Bianco e Soares (2019) falam da prática docente na contemporaneidade como uma produção complexa e múltipla de dramaturgias, fazendo todo o sentido falar sobre as performances cotidianas, crivadas de improvisos, bricolagens e invenção. Nessas práticas, são criadas janelas de fruição estética-ética-política. As experiências criadas sinalizam para a necessidade de aproximação e cultivo de uma **aprendizagem engajada com os dilemas vividos por seus agrupamentos**, com foco na intervenção social, situada nas ações em comunidades ou com foco no desenvolvimento humano. Logo, o que se pode apreender com esses modos de cultivar a vida em coletivo e quais são os ensinamentos deixadas por esses/essas jovens, no âmbito das **performances etnocenológicas** observadas em suas redes?

- a) Tornar a experiência de convívio com outros pares, uma forma de cocriação, resguardando espaços de autonomia e partilha de saberes. Nos coletivos juvenis, conforme observado, o critério de pertencimento envolve a colaboração, sendo a somas das partes envolvidas, mais importante na construção, planejamento e vivência das ações, “**nas redes e nas ruas**”.

⁸⁹ Entendo ativo como aquele que consegue despertar e mobilizar os sentidos dos atores/atrizes aprendentes, como já considerou Assmann (2003). Essa explicação é necessária, pois faz parte da natureza humana a ação, o que pode variar é a intensidade.

- b) Tornar as experiências de aprendizagens convergentes, com uso de linguagens visuais, estéticas, lúdicas, todas elas pensando na participação dos atores/atrizes sociais envolvidos. Uma educação engajada ou aprendizado engajado, com um propósito, envolve os usos das dimensões corporais e como estas podem levar a uma implicação com temas, pautas e discussões. As artes de todas as naturezas, a ciência, a experimentação, a simulação multissensorial com a tecnologia, o desenvolvimento dos pensamentos computacional e complexo.
- c) Permitir que os alunos criem e ritualizem experiências autônomas com uso das redes, a partir de questões levantadas. Como observado nos coletivos, a criação dessas redes de amigos com interesses afins, envolve o posicionamento e clareza de sua posição social. Além disso, envolve a criação de um agrupamento autônomo, onde são cultivadas a solidariedade, o respeito, a empatia e a diversidade.
- d) Desenvolver nos pares de aprendizes, a postura de busca, curadoria, incentivando a criação/produção de conteúdos nas redes com foco numa postura crítica e ética. O desenvolvimento de corresponsabilidade com o planeta, com o outro, com as formas de vida, ecoam como implicações nas redes dos/das jovens, sendo necessário potencializá-las, sobretudo nas redes, onde coabita o oposto.

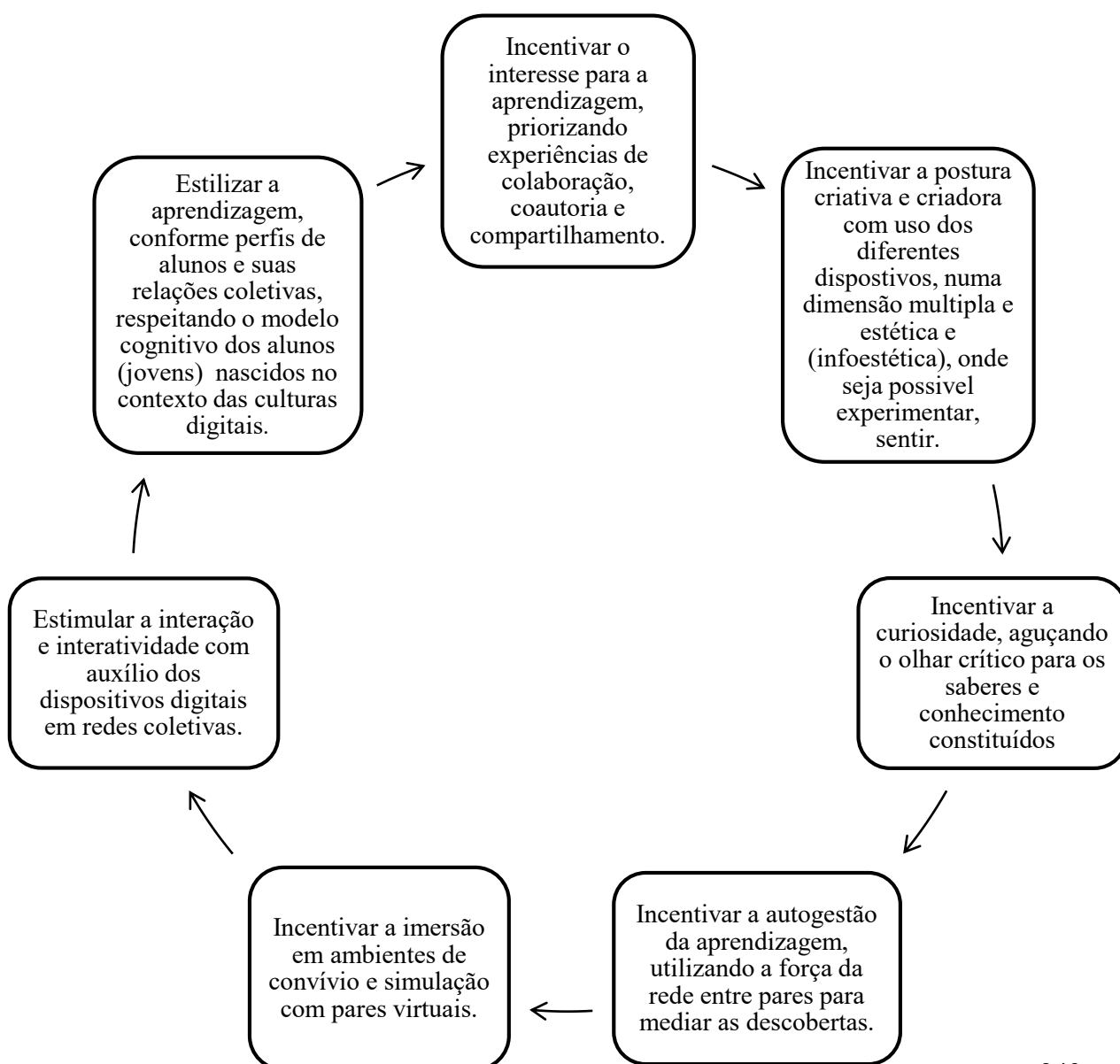
Essas características direcionam novas práticas e possibilidade de pensar os cenários educacionais, incorporando às experiências das aprendizagens os dispositivos digitais, não só para acessar informações, mas como maneira de mobilizar a criação de coletivos nas redes, priorizando a relação de partilha e a construção comunitária. A este respeito Kenski (2020) afirma que os processos formativos nas redes se apresentam com uma possibilidade de gestão e desenvolvimento das aprendizagens, o que envolve a definição de objetos sociais, a determinação de fluxos de atividades, o gerenciamento de tarefas, etc. Para a autora, temos como desafio, no campo educacional, a transformação das redes de comunicação em comunidades, o que pode ser notado no fazer dos/das jovens nos seus coletivos. Vejamos o ela diz:

O processo formativo que orienta a transformação das redes em comunidades de aprendizagem exige mais do que o acesso a funcionalidades tecnológicas de última geração. Nas comunidades, os estudantes se conectam em um mesmo ambiente que lhes oferece condições para o desenvolvimento de ações compartilhadas. Por meio de processos colaborativos, trabalham juntos, dialogam, refletem, tomam decisões para resolver problemas e aprender. (KENSKY, 2020, p. 23).

Se levarmos em consideração o fenômeno dos coletivos juvenis em rede e o que diz a autora, sobre a articulação dos pares, é possível destacar desse movimento a necessidade de repensarmos as dinâmicas de articulação dos processos e experiências de aprendizagens,

priorizando o compartilhamento de saberes entre os pares, a autonomia dos atores/atrizes aprendizes e o desenvolvimento de habilidade humanas que estejam ligadas à realidade cotidiana, sendo o educador parte dessa comunidade que reflete a inteligência pessoal de cada um, numa teia coletiva. Logo, as ações criadas pelos/pelas jovens nos seus coletivos, as performances, mediações e experiências vividas pelos mesmos em suas redes de pares (on-line ou presencial), permitem exprimir orientações que compreendem as aprendizagens etnocenológicas com o uso dos dispositivos digitais, fazendo ressaltar a necessidade de priorizar outras atitudes no campo das relações de aprendizagens:

Figura 8 – Fluxograma de atitudes para pensar as aprendizagens



As atitudes descritas acima, não podem ser encaradas como prescrições ou ‘remédio’ capaz de solucionar todos os problemas, se eles existem, nos cenários envolvendo a cultura escolar. Fugindo de ser um receituário pedagógico, todas as provocações acima elencadas, são formas de ‘alargar a visão’ para as aprendizagens, tecidas, criadas, performadas em redes conflituosas e instáveis. São uma espécie de convite à cena, uma maneira de intervir na cenologia educativa, buscando a criação, o improviso, o riso, o cultivo de uma epifania coletiva que transborda, escapa, e que não se reduz. Uma ‘pedagogia dionisíaca’, para usar a metáfora de Maffesoli (2005) buscando reencantar o mundo já saturado, os fazeres educacionais cristalizados, numa peça em construção, não restrita aos conhecimentos já postos, mas feito, criado e vivido como “[...] ruptura que convoca um pensamento radical. Em sentido estrito, um pensamento enraizado no vivido coletivo. Pensamento que saiba se adequar a este mundo aqui, a este presente vivido em comum (MAFFESOLI, 2009, p.120).

Essas provocações vão ao encontro das discussões realizadas por Morin (2003) e Rifkin (2016) quando observa que os comportamentos dos/das jovens contemporâneos apontam um conjunto de mudanças nas práticas sociais, especialmente no âmbito educacional. Os diferentes fenômenos vividos por esses atores/atrizes, colocam em evidência **a constituição de uma educação comunitária**, a exemplo dos coletivos ou espaços da fabricação digital, onde se nota a proposição de ideias, ações e experimentos. Ainda segundo Rifkin (2006), os eventos liderados pelos/pelas jovens deixam claro a **vivência de uma educação criativa**, sem a qual, é impossível pensar na educação de hoje e do futuro. Logo, é imperativo pensar na educação por meio da ideia de invenção e criatividade compartilhada nas redes com o uso dos diferentes dispositivos tecnológicos.

Não busco defender aqui uma dualidade entre o que é praticado na escola ou fora dela, mas sim, estabelecer parâmetros para que sejam experimentadas, vividas ao nível corporal (complexo) as diferentes potencialidades humanas, o que talvez a escola, com sua cultura e bases políticas, não tem conseguido propor às juventudes. Quando reafirmo a tese da etnocenologia virtual das aprendizagens quero chamar a atenção para a importância das performances, ações e práticas educativas, vividas nas variadas ambiências que compõem a formação humana, não reduzida, não binária, ao contrário, como sendo complexa, expressiva, solidária, apaixonada, prazerosa e qualquer ambiência de interação que não favoreça essas expressões, virtuais ou presencias, estará no curso histórico sendo deficitária à humanidade.

Me apetece o que diz Mafessoli (2005; 2009b) quando evoca os comportamentos espetaculares na contemporaneidade, segundo ele, o retorno do barroco, dos prazeres, das paixões é a tônica do viver sentir, implicar-se e vibrar. Não vejo a educação longe desse desejo dionisíaco, pois nele, performar, criar e sentir estão inter-relacionados.

Nesses cenários de atuação dos/das jovens, o uso dos *smartphones* conectados em rede, são vistos como possibilidade de ampliar os saberes, conforme destacam Lucena, Santos e Pereira (2020), ao mencionar que o uso destas tecnologias envolve processos comunicativos, novas percepções e aprendizagens que priorizam a autonomia e “configuram um ecossistema mais aberto e criativo, com infinitas possibilidades de produção de conteúdo, saberes, conhecimentos e aprendizagens” (p.107). Para as autoras, se faz necessário a mudança de pensamento e atitudes, pela cultura escolar, sendo esse um primeiro passo para a criação de práticas pedagógicas autorais pelos alunos com o uso das tecnologias móveis.

Couto (2020) destaca que as práticas vividas pelos atores/atrizes sociais fazem emergir “pedagogias das conexões” que, comportam paradoxos e dilemas comuns à vida humana online. Para ele, as pedagogias que se formulam a partir dos comportamentos nas redes, podem ser sintetizados em três verbos essenciais à cibercultura: participar, colaborar e compartilhar. Nessas cenologias de vida-aprendizagens os valores participativos ganham espaço, “Em outras palavras, as pedagogias das conexões são modos de organizar a vida em rede e promover novas e outras educações” (p. 69). Mais que isso, o cultivo das relações nas culturas digitais aliadas à educação possui papel fundamental na criação de posturas mais humanas, éticas solidárias, que cultive a diversidade, a crítica e o convívio entre pares. Uma pedagogia pautada nas performances, mediações e experiências etnocenológicas faz parte destes cenários.

Nesse mesmo caminho, Nonato e Sales (2020) mencionam como demanda do tempo presente, a utilização dos multiletramentos, sendo essa uma forma de incorporar novas dinâmicas ao processo educativo. O reconhecimento dos multiletramentos colocam em destaque as ações e experiências vividas por jovens nas redes (virtuais e presenciais), nas quais se nota a difusão de conhecimentos, saberes e o desenvolvimento de aprendizagens contextualizadas, significativas e ampliadas.

A este respeito, os autores apontam como caminho à escola e aos professores, o desenvolvimento de metodologias alternativas capazes de mobilizar o protagonismo e a colaboração dos alunos, usando os diferentes meios, a exemplo da aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, instrução por pares, *design thinking*, etc.

Aponta ainda que, nesse limiar contemporâneo o ensino precisa considerar uma ação e perspectiva híbrida que mescle tecnologias, metodologias e perspectivas didáticas, buscando ampliar os contextos e temáticas, explorando a mobilidade e a ubiquidade, como sendo fatores capazes de ajudar no desenvolvimento da autonomia social, intelectual e política.

6.2 Mediações nas redes de aprendizagens juvenis: educação em coletivos virtuais?

O conceito de mediação ganha cada vez mais espaço nas discussões sobre o uso dos dispositivos digitais ou para relatar o modo como são utilizadas essas tecnologias para desenvolver uma experiência. O aperfeiçoamento das tecnologias da informação e da comunicação colocou em outro patamar a noção de mediação, sobretudo, quando se observa os diferentes experimentos sociais vividos com o digital, a exemplo das redes sociais digitais, onde se percebe cada vez mais intuitivamente, a naturalização de uma “mediação social” convidando os usuários a criarem, consumindo e produzindo conteúdos, dentro de uma estrutura de interação e comunicação.

As mediações socioculturais humanas foram sendo qualitativamente alteradas, nos últimos quinze anos, com a incorporação dos dispositivos tecnológicos que desenvolvem novas marcações aos repertórios da vida cotidiana. Com efeito, se observa uma mudança nos estudos sobre as redes de interação e vinculação digitais. Quando destaco a ideia de mediação dos/das jovens em rede, quero chamar atenção para a figura do usuário participante e interlocutor de uma determinada atividade.

O ato de mediar, como salienta Thadei (2018) requer envolvimento das partes, o exercício de um “estar entre” envolvendo demandas extremas, distintas vozes e uma colaboração que ajuda a formar um todo significativo. Em decorrência do isolamento/distanciamento social, durante à pandemia da COVID-19, foram utilizados com maior frequência os espaços de interação virtualizados, como caminho possível, diante da crise de saúde. Quase todos os serviços migraram para as ambiências virtuais. Com efeito, a educação ainda que tardiamente teve que dialogar, adaptar e aprender, mesmo compulsoriamente, a lidar com essas linguagens tão comuns aos jovens nas culturas digitais. No âmbito das performances juvenis, foram organizadas mediações entre pares com a finalidade de compartilhar saberes e conhecimentos.

Para Martín-Barbero (2009) as mediações exprimem as dimensões simbólicas construídas no coletivo, sendo estas, resultado das ações comunicativas que se transformam em narrativas usadas no cotidiano pelos atores/atrizes sociais. Nas palavras do autor, usando a

expressão de Walter Benjamin, presenciamos o surgimento de um “sensorium novo”, organizado por uma multiplicidade de elementos, tais como relatos, imagens, sonoridades, etc.

A este respeito, os “[...] jovens com a cultura tecnológica, que vai da informação absorvida pelo adolescente em sua relação com a televisão à facilidade de entrar e manejar-se na complexidade das redes informáticas” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 187-188), fazem surgir experiências estilizadas com o uso dos dispositivos digitais. Por sua vez, Silverstone (2005) descreve que a mediação implica na construção de significados intertextuais e discursivos “[...] à medida que nós, individual ou coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção” (p. 33).

Nessas experiências socioculturais, os/as jovens protagonizaram, até aqui, diferentes performances, as quais delimitei, antes mesmo da pandemia, como sendo comportamentos etnocenológicos (extraordinários e espetaculares), criados e vividos com maior frequência e intensidade por eles/elas ao utilizar os dispositivos digitais, com destaque para as redes sociais digitais de interação, comunicação e convivência. Interessante notar como se tornou extraordinário, logo espetacular, o uso destes artefatos informacionais e comunicacionais, ao ponto de revelar, inclusive, os principais limites e potencialidades relacionadas ao uso destes mecanismos pelos/pelas jovens.

Tomando o cenário de isolamento, também extraordinário, vividos durante a pandemia pelos/pelas jovens, foram acompanhadas de experiências que estão ligadas à ideia de mediação com os pares nas redes sociais digitais. Chamou a minha atenção, a criação de performances com os dispositivos digitais para efetuar videotransmissões envolvendo diferentes temas e assuntos relacionados aos coletivos que convivem os/as jovens. Essas estilizações e performances são parte do tempo presente e ritualizam uma maneira inédita de criar eventos, acontecimentos e ações comunicativas.

Notei o uso de recursos disponíveis no *Instagram*, como, por exemplo a criação e edição de vídeos na extensão IGTV⁹⁰, a criação de chamadas e séries específicas para divulgar trabalhos relacionados aos coletivos ativistas, acompanhei e participei da criação de conteúdos em rádios virtuais para debater assuntos relacionados a arte, cultura e os desafios de pensar o futuro depois da pandemia. Nesse sentido, percebi a emergência de ações comunicativas

⁹⁰ Aplicativo de criação, edição e disponibilização de vídeos pertencente ao *Facebook*, lançado em 2018. Pode ser usado como parte dos serviços embarcados no aplicativo *Instagram*.

propositivas, consideradas neste trabalho uma das unidades de significação, a qual intitulei como sendo “**Mediações-lives e aprendizagens etnocenológicas nas redes**”.

As *lives* fizeram/fazem dessas estilizações performáticas envolvendo as aprendizagens juvenis durante a pandemia. Pela facilidade de execução e engajamento, essas transmissões ganharam lugar de destaque entre os/as jovens nas redes sociais digitais, por serem eventos de cocriação de vídeos-imagens de si em conversas formativas que buscam quebrar uma formalidade notada em outras propostas de interação on-line.

Além disso, criam conteúdos para debater temas comuns às dinâmicas dos agrupamentos que fazem parte, tais como diversidade, religião, violência contra mulher, preconceito, crise política no Brasil que foram alguns dos destaques que compuseram as “imagens-performances” desses/dessas jovens. Nessa direção, chamou minha atenção, as mediações propositivas criadas pelos/pelas jovens em episódios espetaculares síncronos. Utilizo o termo **mediações-lives**, pois estas resultam de ações comunicativas com os pares juvenis, numa cartografia de diálogo, compartilhamento, negociação de sentidos, aprofundamento de temas complexos com exploração das divergências/convergências, numa dinâmica anunciativa e espetacular.

Suas performances variam de acordo com o momento, levando em consideração os assuntos em destaque, tendo um caráter episódico. Como definem Santos e Schneider (2020, p. 904), são “[...] Episódicos, fluidos e constantes, a depender do objetivo e interesse comunicativo, se multiplicam no cotidiano das virtualidades pelo ciberespaço”. Modificam também de acordo com as diferentes formas de expressão, prezando por uma comunicação propositiva, esteticamente pensada para engajar temas que já fazem parte da natureza dos coletivos ou de questões que abarcam assuntos que implicam a coletividade. As imagens abaixo, demonstram algumas experiências protagonizadas pelos/pelas jovens durante a pandemia:

Imagens 63 a 67 – Lives protagonizadas pelos/pelas jovens no *Instagram*



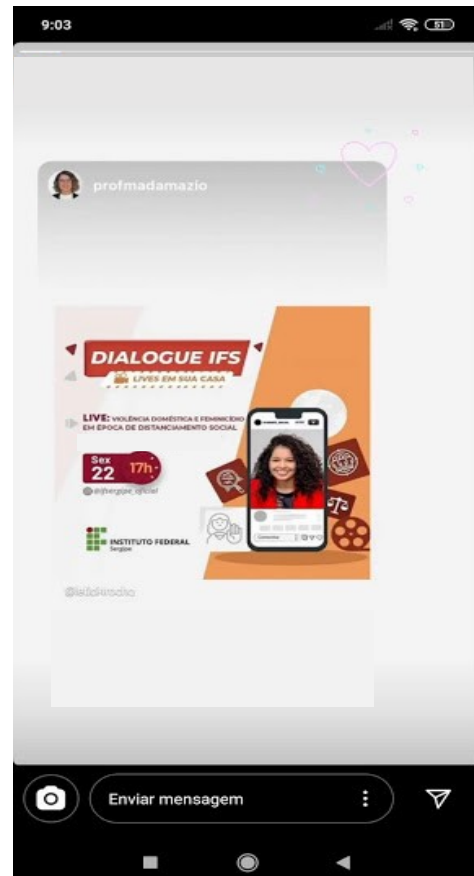
Fonte: Post da live no stories de Camaleão (Abril de 2020).



Fonte: Post da live no stories de Estanciano (Maio de 2020).



Fonte: Post da live no stories de Combativa (Maio de 2020).



Fonte: Post da live no stories de Combativa (Maio de 2020).



Fonte: *Post da live no Stories de Criativo*
(Julho de 2020).

Nestas experiências, o caráter público e a disseminação da comunicação para uma rede de atores/atrizes do coletivo ou de seguidores que podem ter acesso ao vídeo torna-se um elemento extraordinário. Esse é um efeito viral (disseminação) possível por meio de convites que são endereçados para a rede de seguidores, sendo este um recurso que permite uma prática reticular, visando à multiplicação, visibilidade e acompanhamento das lives. Para Di Felice (2017) o efeito reticular da comunicação envolve uma complexidade de práticas “[...] nas redes digitais, conectados a dispositivos, circuitos elétricos, banco de dados e às demais pessoas, por sua vez, conectadas a dispositivos circuitos elétricos, banco de dados e outras pessoas”, (p. 14). Foram criados pelos/pelas jovens, treze eventos “mediações-lives”, durante o período de acompanhamento, como pode ser notado na tabela 8.

Tabela 8 - *Lives* protagonizadas pelos/pelas jovens da pesquisa, durante a pandemia, (Até julho de 2020).

Ator/atriz jovem protagonista/Mediador	Tema da <i>Live</i>	Dia e horário do evento	Total de engajamentos gerados com a ação:
Camaleoa	Desenvolvimento Sustentável com o Coletivo Camaleão Urbano. Duração: Não consta.	21 de abril de 2020 às 19h no <i>Instagram</i> .	119 curtidas, 3 comentários.

Lagartense	Roda de Conversa Duração: Não consta.	21 de Abril de 2020 às 19h no <i>Instagram</i> .	105 curtidas.
Estanciano	O Ensino Superior em Tempo de Coronavírus Duração: 59m23s + 31m34s.	21 de Abril de 2020 às 18:30h no <i>Instagram</i> .	6 visualizações.
Estanciano	Importância da Educação, Ciência e Tecnologia para combater a Covid- 19. Duração: Não consta.	22 de abril de 2020 às 14h no <i>Instagram</i> .	51 curtidas, 2 comentários.
Estanciano	O papel do movimento Estudantil na Pandemia Duração: Não consta.	06 de Maio de 2020 às 14h no <i>Instagram</i> .	54 curtidas.
Estanciano	Campanha #Adiaenem e PL368 Duração: Não consta.	15 de Maio de 2020 às 19h no <i>Instagram</i> .	32 curtidas.
Lagartense	ENEM e Desigualdade Social: construindo pautas para além do conhecimento Duração: 59m26s + 30m52s	22 de Maio de 2020 às 14h no <i>Instagram</i> .	670 visualizações, 4 comentários.
Combativa	Violência Doméstica e Femicídio em época de distanciamento social Duração: 55m48s.	22 de Maio de 2020 às 17h no <i>Instagram</i> .	7 54 visualizações, 6 comentários.
Lagartense	O papel da Juventude na Superação da política tradicional. Duração: 55m34s	30 de Maio de 2020 às 12h no <i>Instagram</i> .	1.652 visualizações.
Lagartense	Assédio na Escola: por quê quebrar o silêncio é necessário? Duração: 59m37s	08 de Junho de 2020 às 16:20h no <i>Instagram</i>	991 visualizações, 7 comentários.
Lagartense	O avanço do Coronavírus em Lagarto Duração: 48m43s	15 de Junho de 2020 às 17:30h no <i>Instagram</i>	1.741 visualizações, 18 comentários.
Lagartense	O desafio de ser LGBTQ+ em espaços hegemonicamente heterossexuais Duração: 59m57s.	23 de Junho de 2020 às 16:20h no <i>Instagram</i>	662 visualizações, 3 comentários.

Criativo	Profissão e Próposito. Duração: 41m28s	13 de Julho de 2020 às 19h no <i>Instagram</i> .	257 visualizações.
----------	--	---	--------------------

Fonte: Organização pessoal do pesquisador, Agosto de 2020.

Como estes eventos possuem uma duração de uma hora, determinada pela plataforma *Instagram*, alguns jovens fazem uma nova conexão (*live*) para continuar com a experiência com seus pares. Por isso, nota-se na tabela o somatório do tempo de algumas *lives*. Nas experiências ao vivo, os/as jovens estiveram à frente do processo ou fizeram parte de uma interlocução com outros atores/atrizes mediadores. Em todas elas, notei o protagonismo dos/das jovens.

Conforme observado acima, cinco jovens que fazem parte deste estudo, performaram eventos “mediações-*lives*” durante o período de isolamento social. Procurando saber mais sobre esse processo, os/as jovens me responderam que estes eventos foram uma alternativa viável, permitindo manter a rede do coletivo atualizada e oportunizando ambiências formativas, de discussão e compartilhamento de saberes com os pares seguidores. Os/as jovens que não ritualizam essas performances se envolveram com outras dinâmicas nas redes, a exemplo de campanhas, desafios, festivais, criação de conteúdos em rádio on-line, edição de revistas digitais, sem contar com as diversas imagens-enunciados e muito mais.

As mediações-*lives*, fazem parte dos achados deste estudo sobre a natureza das aprendizagens etnocenológicas, coletivas em rede, organizadas por emergência de temas, pautas e proposições, são um chamariz para o espetáculo performático que tem dia, hora e aplicativo definido, nesse caso o *Instagram*. Chamou minha atenção, o processo de descoberta, a escuta entre os/as jovens envolvidos, a intersecção com as pautas identificadas previamente, que consolidam experiências de colaboração nas redes sociais digitais. Tal como a vida, no cotidiano, as experiências espetaculares nas *lives* atraem os olhares, as intenções e podem desencadear interações capazes de criar mediações agregadoras de saberes e conhecimentos.

As mediações-*lives* resultam dos usos dos corpos e suas extensões, tanto do (a) *performer* que conduz a ação como também os/as outros/outras que acompanham, comentam, refletem numa dinâmica síncrona (ao vivo). Essas experiências, conforme destaca Martín-Barbero (2008, 2018), são parte de “saberes mosaicos” e revelam os cenários potenciais que podem ser criados com variadas intenções. Suas extensões rompem com as lógicas clássicas das mídias, dando lugar à fragmentação, convergência, comunhão, dispersão e convívio juvenil.

Segundo Johnson (2003) o autogerenciamento das condutas humanas nesses espaços de interação multidimensionais onde sobressaltam aos olhos pequenos movimentos periféricos que traduzem vida pulsante, é baseado em comportamentos descentralizados, coletivos de natureza inteligente numa dinâmica *bottom-up*. A premissa de ser uma criação personalizada coaduna-se com as definições de autores como Tapscoot (2010), Jenkins (2008) e Prensky (2006, 2012, 2019) quando descrevem as experiências de criação dos usuários com as TDIC.

É oportuno aproximar e conhecer as diferentes formas de lidar com os saberes e os conhecimentos, presentes nas performances, eventos e narrativas dos/das jovens, sobremaneira, por criarem uma atmosfera de disrupção, criação de vivências colaborativas e comunitárias que são necessárias às instituições de ensino, a exemplo da escola, cultivando outras lógicas de mediação situadas numa complexidade de sentidos, o que envolve propor alternativas estilizadas. Essas ideias são corroboradas por Santos, Santos e Nunes (2018) como sendo “[...] experiências coletivas, ecológicas e organizadas por meio de encontros (virtuais e presenciais) que suscitam outras práticas socioeducativas” (p.15).

É oportuno dizer que essas ações comunicativas são parte de uma educação sociocultural situada no contexto de hiper mobilidade, multiplicada pelos efeitos da situação emergencial de saúde. Como expressão fenomênica, dos usos e criações dos/das jovens, *performers*, apresentam outras maneiras de organização, compartilhamento e envolvimento de saberes e aprendizagens, flexíveis, não formais, partilhadas, criando espetáculos de interação, curtidas, perguntas e sensações, que revelam trilha para pensar a educação contemporânea, com o uso de dispositivos e aplicativos diversificados que consigam impulsionar não o acompanhamento e certificação dos conteúdos, mas sim, primando pela autonomia autoral dos/das atores/atrizes envolvidos, jovens ou não, para pensar juntos e coletivamente suas descobertas.

Assim, tomando como exemplo as redes de atração coletiva dos/das jovens, chamo atenção para um traço, a meu ver, imprescindível, quando projetamos cenários de interação educacional na pandemia. Essa ritualização da imagem, dos corpos e da comunicação envolve o compartilhamento de experiências com pares nas redes. São experiências que resultam numa ação potencial e se prologam como alternativa de criar estratégias, metodologias de comunicação, como foi possível observar com os/as jovens. Foram organizados eventos e performances com o intuito de manter os laços afetivos, promover o trabalho de formação acadêmica, política, profissional, etc.

Oportunamente, lembro que as “mediações-lives” já constituíam os seus repertórios de comunicação nas redes, o que mudou foi a intensidade vivida nesse período. Essas proposições (ações-intervenções) são potencializadas com o uso dos dispositivos móveis, culminando na criação de espetáculos cenológicos comunais, onde são partilhados saberes e conhecimentos. As mediações-lives são exemplos das ações propositivas e performáticas vividas com intensidade que mobilizaram o cotidiano dos/das jovens e seus coletivos.

6.3 Aprendizagens etnocenológicas com os dispositivos digitais: tecendo saberes criativos que mobilizam o cotidiano nos coletivos juvenis

A etnocenologia virtual das aprendizagens contemporâneas se pauta numa lógica polissêmica e parte da ideia central que, não é possível mais situar a aprendizagem somente nas instâncias de natureza cognitiva-sensitiva, gestada nas relações presenciais de convívio, afinal, os processos de afecção virtualizados, por meio das vivências em espaços multimodais e híbridos atribuem novos sentidos às práticas organização das aprendizagens, tomando como fundamento outras formas de engajamento, conexão e mobilização com os saberes implicados no cotidiano, rompendo com a norma instituída nos espaços de aprendizagens formais.

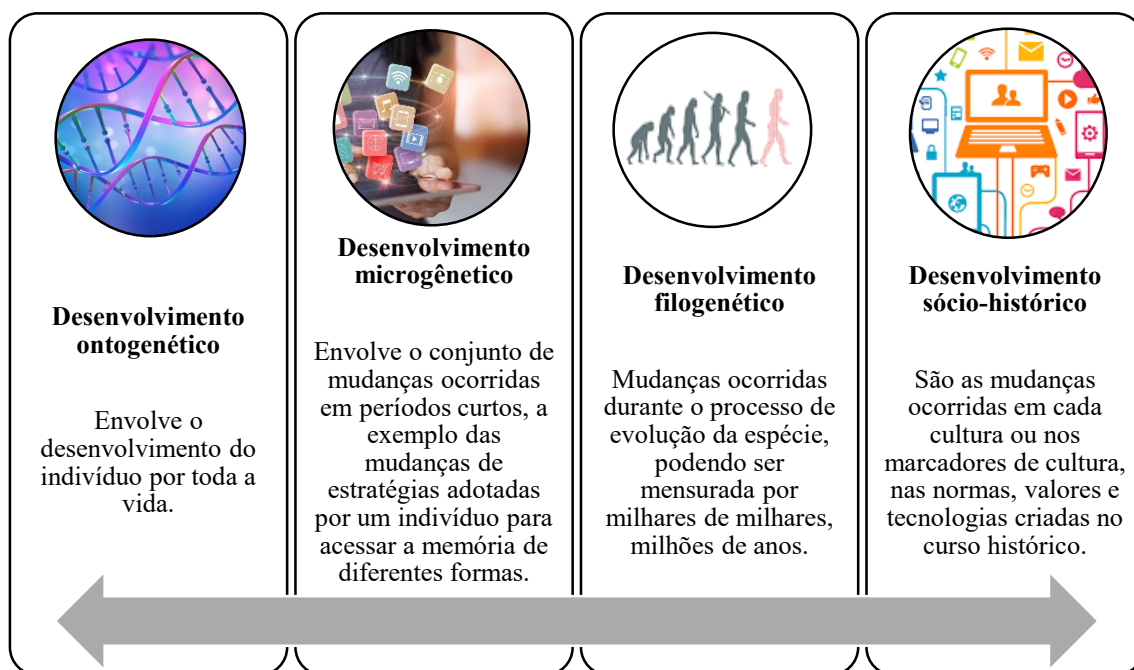
Se relaciona ainda com “os estudos dos comportamentos humanos espetacularmente organizados”, Bião (2007). Pode ser considerado espetacular, aquilo do ponto de vista de um espectador, provoca uma atitude de estranhamento. A meu ver, os fenômenos das comunicações juvenis nas redes (on-line e presenciais), olhando para os variados coletivos e suas ações cotidianas, faz parte das performances etnocenológicas das interações humanas nas redes, tornando evidente novos estilos de pensar a vida e as aprendizagens. Corroborando com essa ideia, Teixeira (2014) afirma que “[...] A performance e as tecnologias comunicacionais confrontam-se com os pares na formação e na expansão de uma abordagem afetivamente transdisciplinar, absolutamente necessária para a adaptação dos atores sociais ao contexto histórico atual” (p. 103).

Encontra significado e orientação numa dimensão sociocognitivista, especialmente na natureza sociocultural desenvolvida por Vygotsky (1987) que, toma como fecundo, o terreno das interações socioculturais estabelecidas pelos indivíduos com os distintos objetos. Nesse escopo, as mediações dos atores/atrizes nas redes, suas intervenções com outras pessoas em projetos e ações endossam a noção de aquisição da aprendizagem por meio da zona de desenvolvimento proximal – ZDP.

Cabe mencionar que para o autor, o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos resulta das diferentes atividades sociais que priorizam a internalização de conceitos prévios nas interações compartilhadas. Basta recordar que o desenvolvimento proximal envolve a aquisição de um conhecimento real e potencial. O estudo sobre o desenvolvimento humana feito por Vygotsky (1991) utiliza quatro fenômenos inter-relacionais: microgênética, ontogenética, filogenética e sócio histórica.

O campo do desenvolvimento de habilidades, de natureza cognitiva, tem como forte destaque, segundo o pensamento de Vygotsky (1998), o operador sociocultural, como precursor de novos comportamentos, maneiras de aprender a mediar com os objetos tecnológicos que, por sua natureza no tempo histórico, alteram as demais perspectivas do desenvolvimento humano, com maior ou tempo, diferentes graus e intensidades. Para melhor entendimento, a figura abaixo permite uma breve visualização sobre o que envolve cada uma dessas perspectivas, tomadas pelo autor para estudar o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Figura 9 –Tipos de desenvolvimento segundo Vygotsky



Fonte: Organizado pelo autor (2021), com base na leitura de Shaffer (2005).

Coma afirma Shaffer (2005), situando esta explicação, “[...] a crença de que a cognição humana, mesmo quando isolada, é herdada *socioculturalmente* é afetada por crenças, valores e ferramentas de adaptação intelectual passados aos indivíduos por meio da cultura”. (p.247). Essa compreensão de desenvolvimento toma como fundamento as diferentes formas de

aprender, suas estilizações e adaptações, variando do contexto, lugar e modo de organização. Não se trata de uma fórmula universal de desenvolvimento do intelecto, como previsto nas proposições teóricas de Piaget (1886-1990). Por sinal, quando descrevo o fenômeno da etnociência das aprendizagens no plural, busco demarcar a sua natureza polissêmica, múltipla e diversa. Mesmo quando são feitas generalizações, estas são propostas, visando **apresentar os elementos que sustentam as experiências dos/das jovens** que usam os dispositivos digitais, tendo clareza da sua variabilidade contextual.

Ademais, quando Vygotsky (1991) descreve as funções mentais elementares, sejam elas, atenção, sensação, memória e percepção, estas são vistas como sendo “ferramentas de adaptação” usadas pelos indivíduos para criar estratégias de aquisição intelectual. Em todo o caso, o autor toma como importante o cenário das interações e descobertas entre pares intelectuais, o que resulta em situações de cooperação e colaboração. Oportunamente, são propostas duas formas de aprendizagem, a meu ver, importantes para esta discussão: a) aprendizagem colaborativa (ou orientada); b) aprendizagem cooperativa, deixando transparecer a complexidade de sua abordagem, atualidade e repercussões no tempo.

É oportuno destacar que o desenvolvimento cognitivo faz parte das discussões sobre as aprendizagens, suas explicações ocorrem por meio de outras abordagens, a exemplo de Piaget (1978, 1983, 1990), Rushkoff (1999), Assmann (2003), Scheibe (2009), Ster e Willis (2009) e Prensky (2001, 2006; 2019), algumas utilizadas nesta tese. Busquei priorizar uma discussão de cunho sociocognitivista ou sociointeracionista, como queiramos chamar, aproximativa aos estilos das aprendizagens e experiências que pude acompanhar nas redes de interações coletivas dos/das jovens com os dispositivos das culturas digitais, como sendo situado ao longo da escrita.

Desse modo, no contexto das organizações aprendentes, descritas por Assmann (2003) as aprendizagens ocorrem por meio de interações coletivas, culturais, lúdicas e sociais. Merece destaque sua definição sobre organizações híbridas, sendo aquelas que envolvem os seres humanos e máquinas aprendentes. Na atualidade, o envolvimento dos atores sociais com os elementos das culturas digitais, sobretudo, a interação entre eles/elas nessas ambiências, aos poucos, demonstra que as experiências socioeducativas formam novos arranjos baseados em organizações ecológicas e flexíveis. Dito isto, cabe destacar que o estudo da etnociência das aprendizagens virtuais pressupõe o universo de sentidos, descobertas e experiência de natureza cognitiva, social e culturalmente situados.

Nessa trilha de sentidos, perguntei aos jovens sobre as principais formas de aprendizagens relacionadas às experiências participando dos coletivos net-ativistas, Busquei ouvi-los de maneira mais pessoal, eles/elas relatam questões bem diversas, sendo muito relevante o modo como destacam a dimensão humana e o sentido social da aprendizagem. Nas falas de Criativo, Camaleoa, Estanciano, Combativa e Conciliador, é possível destacar a existência de três questões importantes. Eles mencionam o caráter político, a convivência com os pares juvenis, o desenvolvimento de habilidades para trabalhar com ferramentas de edição e criação de imagens. Em nível pessoal, eles descrevem, o aprendizado humano, o respeito e a escuta. Vejamos:

No coletivo, aprendemos muito a escutar as pessoas, a entender e a interpretar muito bem, até porque, novamente eu cito Exu, Exu lida com a fala, aquilo que deve ser dito deve ser muito bem dito e aquilo que é escutado deve ser muito bem escutado para não causar má interpretação, se você não cuidar muito bem da fala e da audição, você pode causar confusão, porque só basta você interpretar errado que você já causa uma confusão. A gente tem muito essa atenção de escutar bem as pessoas, respeitar as pessoas. (Criativo, 27 de março de 2020).

Em grupo a gente aprende muito sobre tolerância, além do sentido da coletividade que trabalhar e grupo é fantástico, apesar dessas questões que eu tô falando. (risos espontâneos). A gente tem que falar das dificuldades, nem tudo são flores, mas os aprendizados são esses! Eu aprendo a ouvir, aprendo a ser compreensiva eu aprendo a ser tolerante em grupo. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Então, a principal coisa que o coletivo me deu é de pensar no coletivo, de eu achar que a minha opinião não é a principal e que eu preciso escutar as outras pessoas, mas entender também que o sistema faz com quem a gente não acredite nisso, que a gente faz parte e que pode mudar isso. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Aprender a lidar com pensamentos diferentes, as tentativas de fazer um consenso, então muito dificilmente a gente decidia as coisas por votação, era sempre uma tentativa de chegar a um lugar comum. Conhecer outras realidades eu acho que é o principal. (Combativa, 25 de março de 2020).

Eu acho que o que eu mais aprendi nos caatingas é a relação com o outro. A relação é muito isso, tá em contato com outros e obviamente saber entrar com as discussões políticas, sociais e não podar a voz de quem fala. (Conciliador, 22 de março de 2020).

O aprender a trabalhar em coletivo, coloca em destaque uma forma singular de pensar colaborativamente as ações que são projetadas e desenvolvidas. Observo que, antes mesmo dos temas, assuntos, saberes ou conhecimentos, os/as jovens apontam a dimensão da convivência e colaboração como sendo traços de suas aprendizagens. Nas falas acima, noto a presença de marcadores da aprendizagem por cooperação e colaboração. Nas ações de intervenção que implementam nas comunidades, o critério do engajamento e da reponsabilidade com o outro, se destacam como sendo um caminho para oportunizar aprendizados. Somado a isto, a

sensibilidade que envolve as demandas encontradas e o desejo de contribuir são visíveis, como pode ser notado na fala da jovem Camaleoa, quando relata a experiência com uma criança no assentamento:

Muitas vezes eu me sinto responsável por ser mais uma influência (*influencer*) não das redes, mas da vida real mesmo dessas mulheres e meninas. Já tiveram situações que eu me identifiquei com crianças, como é o caso da Yasmin, lá na ocupação. Ela é negra, dos cabelos cacheados. Eu percebia que ela tinha uma proximidade comigo, sabe. Eu me sentia responsável também por guiar Yasmin, se ela quiser ser professora, ela vai ser, ela chegou para mim e disse que queria ser professora, ela mandou recado pelo coordenador do MTST, “tia, mande um caderno para mim”, Porque ia começar as aulas e ela não tinha materiais, ela disse, “você tem um caderno que não usa?” Aquilo, Ahhhh! Cortou meu coração! Eu disse tenho, vou mandar, eu não tinha um caderno, mas comprei um caderno todo bonitinho e mandei, ela ficou muito feliz. Então, eu me sinto responsável nesse sentido, sabe? (Camaleoa, 27 de março de 2020).

A corresponsabilidade é um traço entre os membros dos coletivos e com os atores/atrizes que participam das experiências de intervenção exteriores. Percebo o cultivo de uma prática mediada que busca incentivar, ensinar, produzir materiais, formar criança, jovens, pensando nas questões de trabalho, no perfil ético, estético com uso de diferentes expressões artísticas, como já foi explorado e demonstrando em passagens anteriores e também em experiências que ainda serão descritas.

Outros jovens destacam ainda, o desenvolvimento de habilidades relacionadas à comunicação, para eles/elas, os coletivos e as ações vividas nestas ambiências ajudam a desenvolver o perfil pessoal, a exemplo do jovem Politizado que destaca a quebra da vergonha e a desenvoltura em falar em público, adquirida nas intervenções, quando era solicitado a participar à frente, nas suas palavras são um constante processo, onde “[...] A gente tá sempre desafiando as pessoas a falarem em público, a se colocarem, a fazerem espaços de intervenções. O processo de falar com, de falar ao redor, de parar para ouvir, entender e compreender a ideia do outro”. (Politizado, 31 de março de 2020). Outros jovens mencionam aprendizados associados às habilidades técnicas, é o caso dos jovens Criativo e Lagartense, que situam o trabalho com conteúdo para as redes, respectivamente, imagens, textos, sons, formando narrativas, como um caminho para experimentação e desenvolvimento de aptidões pessoais.

Outro aprendizado é na questão da técnica mesmo, de você tá produzindo coisas e tá tendo esse *feedback*, de você tá colocando algo que vai pra rua, mesmo que seja uma rua virtual, nas redes sociais. A gente treina as habilidades. (Criativo, 27 de março de 2020).

Então o meu aprendizado foi muito prático e muito difícil também. De maneira mais técnica eu desenvolvi muito a minha escrita. Por todo dia tá escrevendo, tá lendo, eu melhorei em 1000%. Em questão de conhecimento, você aprende muito. Como eu

sempre tento fazer com que lagarto esteja conectado com o debate nacional então eu sempre quero saber o que tá acontecendo. Então eu sempre tô atualizado para saber o que tá acontecendo e saber investigar. A própria investigação lá, dos laranjais, que eu fiz aqui na cidade partiu de uma notícia nacional. Então nasce lá e inspira aqui. Eu sei mais, eu aprendo mais, eu conheço mais. (Lagartense, 23 de março de 2020).

Os jovens acima, falam de uma dimensão técnica relacionados ao domínio de habilidades. Somado a isto, o acesso e mediação com os diferentes dispositivos digitais é tomando como caminho de investigação, pesquisa e inquietude envolvida com querer aprender mais. A jovem Empoderada, por fazer parte da comunidade de tecnologia, relata a participação em eventos virtuais e presenciais, alguns deles participando na condição de palestrante, onde são compartilhados saberes e conhecimentos sobre a área de informática.

Chama atenção aqui também, o caráter social da aprendizagem coletiva, a jovem faz menção aos *Hackathon*⁹¹, uma espécie de encontro on-line das jovens para pensar, partilhar e prototipar tecnologias com fins sociais, “[...] nesses *Hackathons* aprendemos muito ao partilhar com outras jovens e ajudamos a desenvolver uma espécie de ativismo que envolve a implementação de tecnologias para resolver problemas, por exemplo, das minorias”. (Empoderada, 21 de março de 2020).

As palavras da jovem estão alinhadas com as discussões de Rocha (2018) ao mencionar o uso da abordagem de *design thinking*, como sendo uma opção possível para a criação e desenvolvimento de experiências com uso da prototipagem e colaboração, não só isso, reafirmam a materialidade de experiências cooperativas e colaborativas, socioculturais, destacadas por Shaffer (2005) e Vygostky (1991), atualizadas quanto à forma, espaço-tempo e ambiências. Santos, Santos e Nunes (2019) descrevem que “[...] prototipar é testar, pensar, fabricar, criar, fazer, desenvolver maneiras de intervir no mundo com ênfase na responsabilidade coletiva de um sistema autogerido, tal como uma rede”. (p. 12)

Em outra direção, a jovem Juno, descreve seu processo pessoal de aprendizado, ressaltando a importância do coletivo no desenvolvimento de um empoderamento, ela destaca que “[...] Minha voz nunca tinha sido tão ativa, de ser realmente considerada. Então eu aprendi que eu consigo falar, me comunicar, trocar essa ideia com as pessoas. Eu não sabia isso sobre mim”. (Juno, 26 de março de 2020). Noto aqui, um processo de autoconhecimento das habilidades construído em contato com seus pares, numa mediação intersubjetiva. De modo

⁹¹ Uma dinâmica competitiva entre usuários, com local e horário definidos, pode ser presencialmente ou virtual, com a finalidade de programar, criar e colaborar numa rede de atores/atrizes, ideias e soluções.

mais específico, no contexto das jovens que fazem parte do coletivo (@coletivoexp), se observa que, por se tratar de uma célula que possui, dentre outros objetivos, a criação de espaços de oficinas para desenvolver expressões de arte, as jovens descrevem a aquisição de novas habilidades relacionadas às diferentes técnicas artísticas.

Eu aprendi a fazer zine, eu aprendi a fazer histórias em quadrinhos, eu aprendi sobre marcenaria com um dos integrantes que manja um pouquinho. Eu ainda não aprendi, mas estou afim de começar a aprender *silk* (Serigrafia ou impressão à tela). **E eu aprendi, acho que foi a única real experiência que eu aprendi a me manifestar dentro de um grupo.** Realmente fazer rolar dentro de um grupo. (Juno, 26 de março de 2020).

Eu antes de entrar no EXP nunca tinha testado algumas coisas como, por exemplo, produzir coisas com argila, com serigrafia. E quando entrei no EXP eu vi que eu ia fazer aquilo. Não era porque eu não sabia que eu não ia fazer. **Eu agora ia aprender e me ensinaram.** É um ambiente que me faz progredir. Estar em coletivo é procurar sempre progredir com pessoas próximas. A gente vai andando junto, e isso é muito inspirador. (Artista, 30 de março de 2020).

As jovens demarcam nas falas o processo de aprender com outro/outra, dentro de uma rede de troca de saberes e conhecimentos, onde são experimentados, negociados e amalgamados os sentidos e desejos de construir colaborativamente. Ainda sobre os relatos da jovem Juno, me chamou atenção o modo como essa jovem se referiu à universidade, sobremaneira, ao sistema de ensino, referindo-se ao modo como é conduzida as experiências de aprendizagens nestes espaços. Ela destaca termos, como maçante, cansativo e desestimulante, ao descrever suas lembranças quando cursava cinema.

Eu sinto uma agonia imensa de ficar sentada 4 horas ouvindo. A minha experiência é com o curso de cinema, não sei se o curso de artes, que é o que eu realmente quero fazer, seria diferente. Eu achava que eu realmente queria fazer cinema. Eu não sei se foi a universidade que mudou ou se foi eu que mudei, não posso atestar isso com certeza. Mas, diante da experiência que eu tive, pra mim ficar 4 horas ouvindo é muito, desculpe o termo, mas uma masturbação mental gigantesca que dá voltas e voltas ao ponto de eu parar e pensar o que é que eu tô fazendo aqui? O assunto é muito interessante mas a maioria dos professores tornavam qualquer coisa interessante em completamente desestimulante. Perdia o brilho das coisas, e a rotina pra mim também é difícil, tipo “teremos tantas aulas e depois teremos uma prova e depois teremos 40 trabalhos e nenhum desses trabalhos conversam entre si”. (Juno, 26 de março de 2020).

O extrato de fala da jovem coloca luz na necessidade de revistar práticas e formas de mediação nas instituições de escolarização e aprendizagens. Os termos “perde o brilho”, “desestimulante”, “rotina”, vão de encontro ao perfil dos/das jovens, nascidos e mediadores das culturas digitais, não comportam os anseios das juventudes na atualidade. Preciso mencionar que esta não é uma prática consensual, vividas nestes espaços de formação, mas um relato de uma jovem que nos faz refletir, em primeiro grau, na sua experiência pessoal ou perfil, e, em

segundo lugar, nas discussões sobre os elementos das aprendizagens etnocenológicas, tais como criatividade, inovação, colaboração, interatividade, coletividade, etc. Processos estes, que podem servir de orientação ao fazer pedagógico, conforme já contextualizado por autores como Nolasco-Silva, Bianco e Soares (2019), Andrade (2016), Moran (2018), Kenski (2020).

Foi interessante perceber que em outro momento de fala, a jovem mencionou os encontros com seus amigos da academia, como as interações eram significativas no processo de suas aprendizagens, onde havia troca e diálogo e desejo, coisas que não eram percebidas no cotidiano das aulas. A jovem chega a mencionar critérios como “falar” e “ensinar”, referindo ao fazer dos professores, justificando a diferença entre ambos. Penso que a crítica desta jovem tem forte relação com a possibilidade de fazer parte de experiências que façam sentido, interessantes quanto à abordagem, ricas em conhecimentos, mas sobretudo, intermediadoras dos saberes e suas implicações, aplicações e contextualizações. Note-se:

Quando a gente estava fora do ambiente da sala de aula, a gente trocava informações, a gente conversava sobre os filmes que a gente assistia e as impressões que a gente teve, e durante a aula a gente não tinha esse espaço de expressão. Talvez eu não tivesse tido bons professores, eu tive alguns ótimos professores, mas em sua maioria eram coisas que quando “a parada” era interessante eles destruíam, só falando e não realmente ensinando. (Juno, 26 de março de 2020).

Em outra direção, as aprendizagens vividas nos coletivos se relacionam com a construção de laços de partilha, pautadas no desejo e na paixão por descobrir o novo, sendo traços característicos: a) utilização das TDIC como potência, se desapegando dos julgamentos morais que convencionam um certo *status* para o uso dos aparelhos e dispositivos digitais; b) prevalência da experiência pela experiência, como sendo um momento de descoberta, conflituoso, prazeroso e inovador; c) utilização dos dispositivos tecnológicos digitais ubíquos, disponíveis ao alcance da mão para aprender-ensinar-aprender coletivamente; d) a ritualização da performatividade das culturas juvenis como caminhos para potencializar às aprendizagens, com implicações *endo* e *exo* às instituições educadoras.

Para isso, é preciso investir na complexificação dos sentidos, no hibridismo das experiências das aprendizagens (com e sem a tecnologia, nas redes, mas também nas ações humanadas em ambiências potenciais (virtuais e potenciais), com os usos dos corpos, como sendo uma criação e natureza rizomática, como já foi explorado por autores como Deleuze e Guattari (2004), Assmann (2003) e Gallo (2008). É preciso pensar em experiências etnocenológicas de aprendizagens, que sejam extraordinárias, convergentes e em redes de colaboração. Nessas performances coletivas onde são ritualizados saberes, vejo ressonâncias

com o que Teixeira (2014) chama de “perspectiva dramaturgica” onde se nota uma “estética cognitiva” (p.185).

A seguir, são apresentadas e analisadas experiências criadas pelos/pelas jovens, por intermédio dos seus coletivos de atuação e como estas, sinalizam caminhos de aprendizagens, tecidos e potencializados “**nas redes e nas ruas**”, conforme mencionam os/as jovens, nos diferentes espaços de engajamento do fazer juvenil que se mesclam, dependendo do objetivo e da proposição. Emergindo dos significados observados das práticas implicadas dos/das jovens nas ações dos coletivos, surgem, como achados da pesquisa, duas outras noções subcunçoras: a) Performances etnocenológicas das aprendizagens experienciais nas ruas; b) Performances etnocenológicas das aprendizagens experienciais nas redes. Ademais, intermediando essas unidades de significação estão presentes as **Performances Net-ativistas Implicacionais**, destacadas como parte dos instituintes dos fenômenos das aprendizagens virtuais etnocenológicas.

6.3.1 Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas ruas

Pensando sobre a criação de arte e a ocupação da rua, me recorro da fala expressa pela jovem Juno, quando afirma que: “A rua é o local mais democrático do mundo, se você tem olhos, você pode ter acesso aquilo que a gente tá produzindo. Então, a ideia é essa. Quem sabe dar um lugarzinho para os artistas de Aracaju que não têm onde estar”. (Juno, 26 de março de 2020). Na rua, são criados, recriados sentidos sobre as práticas dos/das jovens nos coletivos, independente da sua linha de atuação.

As ações se voltam ao outro, aos olhos estrangeiros, as pessoas do cotidiano que podem vislumbrar, se contagiar e formar-se. Tentando entender um pouco mais as aprendizagens, solicitei que eles/elas relatassem algumas experiências ou intervenções vividas, ao participarem do coletivo, encarando-as como parte relevante das aprendizagens praticadas. Foram escolhidas algumas ações destacadas por eles/elas, do conjunto de performances de intervenção criadas, estando abaixo, um quadro mais geral que permite uma visualização ao leitor. Cabe salientar que estas experiências foram aquelas mencionadas pelos participantes do estudo, nas quais se envolveram, existindo outras que não estão elencadas na tabela 9.

Tabela 9 – Principais ações descritas pelos/pelas jovens, realizadas nos coletivos.

Nome da ação ou evento	Público	Objetivo	Coletivo envolvido e (Ano)
Participação no Observatório de Comunicação Social – UNIT	Estudantes e professores universitários.	Apresentação das ações do coletivo.	Coletivo Camaleão (2016)
Leitura de conto no GAAC	Crianças atendidas pelo Grupo de Apoio a Crianças com Câncer.	Realizar uma tarde de leitura com crianças e fazer pinturas faciais	Coletivo Camaleão (2016)
Intervenção com oficina de grafite e mapeamento participativo na Ocupação Vitória da Resistência (Bairro Lamarão)	Moradores da Ocupação Vitória da Resistência (Bairro Lamarão)	Realizar oficina de grafite e mapeamento participativo junto à comunidade.	Coletivo Camaleão (2017)
Plantio e educação ambiental na Ocupação Vitória da Resistência (Bairro Lamarão)	Moradores da Ocupação Vitória da Resistência (Bairro Lamarão)	Realizar uma intervenção com a participação da comunidade e criação de painel de grafite com nome do local.	Coletivo Camaleão (2018)
Mapeamento dos pontos de conflito para ciclistas no município de Aracaju – Sergipe.	Membro dos coletivo e ciclistas.	Realização do mapeamento participativo com ciclistas e membros de coletivo.	Coletivo Camaleão (2018)
Intervenção no dia das crianças na ocupação Beatriz Nascimento	Crianças que residem na ocupação.	Realização de evento para dia das crianças com ações de educação urbanística, intervenções lúdicas.	Coletivo Camaleão (2018)
Semana do Lixo Zero	Comunidade do bairro São José	Realização de evento para conscientizar sobre o uso, tratamento e cuidado com os resíduos.	Coletivo Camaleão (2018)
Circuito Doca de Carnaval	Estudantes, pesquisadores e interessados	Circuito de bloquinho no bairro Santo Antônio e realização de oficina de estandarte	Coletivo Camaleão (2019)
Tabuleiro de Memórias	Alunos da área de arquitetura e história e outros interessados	Criação de circuito conhecendo centro da cidade de Aracaju.	Coletivo Camaleão (2019)
Cinegro	Comunidade da ocupação Beatriz Nascimento, especialmente crianças.	Intervenção para pensar junto à comunidade sobre a identidade, representatividade e empoderamento negro.	Coletivo Camaleão (2019)

Fonte: Organização pessoal do Pesquisador, Maio de 2021.

Saúde e Afeto	Comunidade da ocupação Beatriz Nascimento.	Realização de festival com intervenções de terapia do riso, de reike, massoterapia, oficina de educação urbanística, estêncil	Coletivo Camaleão (2019)
Apresentação do coletivo de Mulheres	Mulheres interessadas, residentes em Aracaju.	Discussão de textos e essa reunião pra apresentação do que é o coletivo.	Coletivo de Mulheres de Aracaju (2017)
Debates sobre violência contra a mulher	Mulheres interessadas, residentes em Aracaju	Evento para discutir a violência contra a mulher e o sistema penal, em parceria com a universidade.	Coletivo de Mulheres de Aracaju (2017)
Semana de Visibilidade trans	Mulheres interessadas, residentes em Aracaju	Realização de palestras para dialogar sobre a perspectiva interseccional do feminismo	Coletivo de Mulheres de Aracaju (2018)
“Mulheres Negras – Projetos de Mundo”	Mulheres interessadas, e comunidade em geral do município em Aracaju	Lançamento de um documentário chamado “Mulheres Negras – Projetos de Mundo” que a gente fez lá no Cine Vitória.	Coletivo de Mulheres de Aracaju (2018)
Audiências públicas	Assembleia Legislativa de Sergipe	Audiências públicas para dialoga sobre a violência contra mulher e da misoginia na Assembleia Legislativa de Sergipe.	Coletivo de Mulheres de Aracaju (2019)
EXP Convida	Artistas de Aracaju	Evento-convite para dialogar e aproximar artistas de Aracaju, apresentando a proposta do coletivo. Criação de zine com ajuda de amigos do grupo.	Coletivo Exp (2019)
Oficina de produção de HQ	Artistas e interessados residentes em Aracaju	Realização de oficina de criação de HQ, buscando atrair membros para o coletivo.	Coletivo Exp (2019)
Oficina de argila	Artistas e interessados residentes em Aracaju	Realização de oficina de criação de arte com argila, buscando atrair membros para o coletivo.	Coletivo Exp (2019)
Oficina de Estêncil	Artistas e interessados	Realização de oficina de criação de estêncil,	Coletivo Exp (2019)

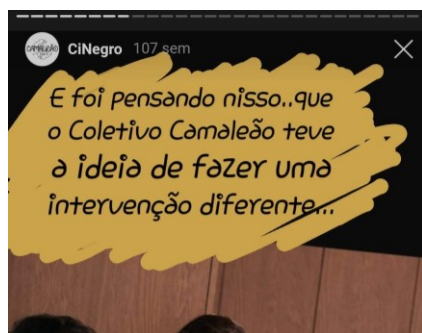
	residentes em Aracaju	buscando atrair membros para o coletivo	
Lançamento do livro no Galpão	Artistas e interessados residentes em Aracaju	Realização de evento para conhecer e ocupar o galpão, criado em colaboração com os membros.	Coletivo Exp (2019)
MAP – Movimento de Artistas Periféricos	Jovens, residentes em bairros periféricos do município de Aracaju, especialmente no território do bairro Santos Dumont.	Evento musical como intuito de incentivar músicos e artistas de bairro periféricos	Coletivo Caatingas e Coletivo Lèguà (2019)
Espectáculo “Itans das grandes mães”	Criado pelos membros do coletivo a destinado à comunidade em geral.	Espectáculo feito pelas mulheres que narram as histórias das deusas, dos orixás femininos.	Coletivo Caatingas e Coletivo Lèguà (2019)
Espectáculo “Águas de Março”	Criado pelos membros do coletivo a destinado à comunidade em geral.	Espectáculo com objetivo de homenagear os marujos, pescadores e marinheiros.	Coletivo Caatingas e Coletivo Lèguà (2019)
“ANIPUM: Uma história contada por mulheres”	Comunidade do bairro Santa Maria	Divulgação de documentário por meio do projeto Cine Erukerê	Coletivo Caatingas e Coletivo Lèguà (2019)
Escracho dos apoiadores da escravatura	Comunidade em geral	Evento de denúncia e protesto nacional, com ato em Aracaju.	Levante Popular da Juventude (2018)
Acampamento Estadual	Jovens estudantes do estado de Sergipe.	Evento criado para debater a educação no Brasil, o projeto de saúde	Levante Popular da Juventude (2018)
Ato no 8 de março (Jornada de Educação Alimentar)	Jovens estudantes no movimento do estado de Sergipe.	Evento criado para debater a educação alimentar no país e no estado de Sergipe.	Levante Popular da Juventude (2019)
Ato no 7 de setembro	Jovens estudantes no movimento do Estado de Sergipe.	Evento criado para debater o panorama político do Brasil e do Estado de Sergipe.	Levante Popular da Juventude (2019)
Estágios Interdisciplinar de Vivência - EIV	Jovens estudantes no movimento do Estado de Sergipe.	Evento para estudo, vivência no assentamento do movimento camponês popular, com o objeto de formar técnica e	Levante Popular da Juventude (2017)

		socialmente os/as jovens do movimento.	
Encontro Estadual do Quilombo Sergipe	Jovens (pretos e pretas, mulheres, LGBTQIA+)	Criar espaços de debates, mesas, grupos de discussão sobre a conjuntura política.	Coletivo Quilombo SE (2020)
Seminário Estadual do Quilombo Sergipe	Jovens (pretos e pretas, mulheres, LGBTQIA+)	Criar espaços de debates, mesas, grupos de discussão sobre a conjuntura política	Coletivo Quilombo SE (2019)
“Fórum Popular Aberto” com o tema: A identidade do indivíduo Papa-Jaca diante da necessidade de aprofundamento da democracia lagartense’.	Jovens e estudantes do município de Lagarto – Sergipe.	Evento para discutir a política nacional, estadual e municipal com foco na formação crítica.	Coletivo Papa-Jaca (2019)
A pauta da anticorrupção na cidade	Jovens e estudantes do município de Lagarto – Sergipe.	Evento criado para debater a pauta anticorrupção no município de Lagarto – Sergipe, com participação e ajuda da OAB.	Coletivo Papa-Jaca (2019)

Desse conjunto de intervenções, foram separadas algumas que, se destacaram nos relatos dos/das jovens pelo o modo como se reportaram a elas, a exemplo da ação de intervenção, Cinegro, realizada pelo (@coletivo.camaleão) na ocupação Beatriz Nascimento, no ano de 2019, com o objetivo de propor à comunidade uma experiência de imersão com uso do cinema para refletir posteriormente sobre a identidade, representatividade e empoderamento negro, em especial na formação de crianças.

Assim, afirma a jovem Camaleoa: “[...] A gente trouxe filmes onde tinha um negro em outra posição, tipo a gente iniciou um debate com as crianças. Discutimos sobre o pantera negra. Pronto! A partir daquele dia o pantera negra virou o símbolo” (Camaleoa, 27 de março de 2020). Segundo Camaleoa, essa intervenção foi sendo constituída, no contato com a comunidade, quando foi possível notar que crianças e jovens não se sentiam representados por artistas, profissionais ou pessoas negras, quando em sua maioria, as pessoas da comunidade eram de origem negra. Abaixo, seguem algumas imagens da ação:

Imagens 68 a 71 – Postagens sobre a experiência no Cine Negro



Fonte: Stories de @coletivo.camaleao (18 de Maio de 2021).

Fonte: Stories de @coletivo.camaleao (18 de Maio de 2021).



Fonte: Stories de @coletivo.camaleao (18 de Maio de 2021).



Fonte: Stories de @coletivo.camaleao (18 de Maio de 2021).

Outra experiência foi destacada, nas falas dos jovens Criativo e Conciliador, respectivamente, dos coletivos (@coletivolegua) e (@os_caatingas), por sua natureza e representatividade para membros dos coletivos, especialmente por envolver a dimensão religiosa e a ancestralidade. Tratou-se do espetáculo “Águas de março”, com o objetivo homenagear os marujos, pescadores e marinheiros. Essa ação faz parte da célula de teatro que une os coletivos, em torno do Centro Cultural Erukerê, possuindo um alcance social, à medida que faz parte das oficinas de teatro que são destinadas aos jovens das comunidades periféricas do município de Aracaju. Sobre este evento, o jovem Criativo, responsável pela criação e divulgação artística, nos diz:

Então quando eu fui fazer eu desenhei este barco pra dá essa sensação dentro da água, no fundo. Em cima, isso é um detalhe que só provavelmente quem é da religião, que conhece, que vai entender, que é a saudação deles, tá escrito em cima e em baixo que é “la bamba”, quando eles chegam geralmente eles falam “ê la bamba” e aí eu coloquei em cima e em baixo. Existe uma multi-linguagem, a depender do olhar de quem for ver, é interessante. (Criativo, 27 de março de 2020).

Estão presentes nas explicações deste jovem, a natureza intervencionista das ações coletivas, mais que isso, a maneira implicada de ritualizar e estilizar as experiências, por isso mesmo, destaco a unidade de significação atribuída pelos/pelas jovens: **performances implicacionais e as aprendizagens etnocenológicas intervencionistas**, nesse caso, a partir das experiências nas ruas, visando alcançar os/as atores/atrizes que convivem nos espaços comunitários. Uma educação multicultural, comunitária que se projeta por meio de um fazer sensível. Ainda sobre esta intervenção, o jovem faz menção ao seu trabalho de criação, como *designer* responsável pela arte do espetáculo, descreve o uso de imagens, cores específicas e ainda uma linguagem que conversa com a comunidade religiosa do candomblé.

Novamente, estão sendo experimentados os objetos de fruição estética, ética-política nas práticas de engajamento juvenil. Abaixo, é possível observar algumas características visuais, cênicas e performáticas desta experiência. Corroborando com esse entendimento, o jovem Conciliador destaca que, a criação dessa experiência, por meio do teatro, teve como ponto central, trazer à tona a discussão do mangubeat⁹², nas paisagens aracajuanas. Nas suas palavras:

A gente fala de Aracaju, eu peguei inclusive o manifesto Cérebro de Caranguejo e a gente quis colocar em cena, e a gente acaba colocando junto com as histórias das pessoas e a história de uma entidade que traz um equilíbrio na relação com os mares

⁹² Resumidamente, movimento de contracultura, surgido na década de 1990 na cidade de Recife - PE, trazendo para o campo musical a mescla de ritmos regionais, a exemplo do maracatu, rock, hip hop, funk e música eletrônica. Seu precursor mais conhecido foi Chico Science (1966-1977).

que é o marujo. O marujo que é, digamos assim, a linha condutora desse espetáculo. Tem os marujos e cada um conta a sua história e todas as histórias elas são contadas para as águas. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Imagens 72 e 73 – Ação Intervencionista Águas de Março, promovida pelos/pelas do Coletivo Caatingas



Fonte: @os_caatingas (19 de Maio de 2021).



Fonte: @os_caatingas (19 de Maio de 2021).

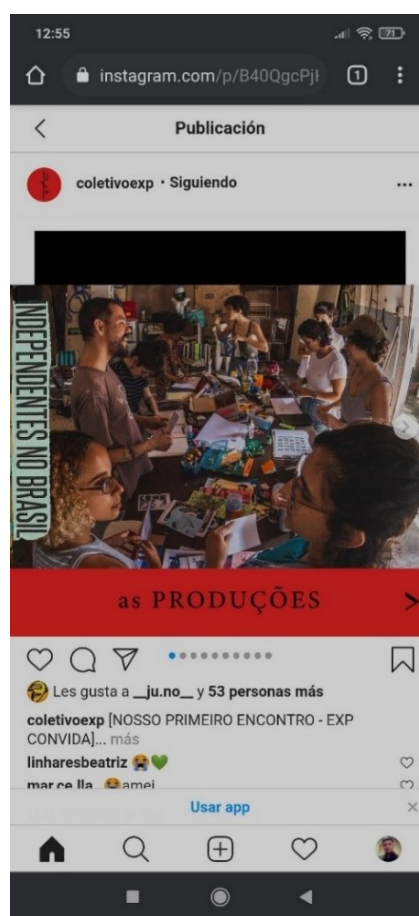
Entre as experiências criadas pelas jovens do Coletivo EXP, o evento de lançamento do Galpão se apresenta com um significado especial. Para elas, o galpão é uma espécie de “fábrica de sonhos”, onde é possível colocar em ação, as oficinas diferentes técnicas, materiais e formas de arte. Mais que isso, o galpão é um elo entre os membros do coletivo. O espaço chamado pelos/pelas jovens de galpão é uma espécie de sede, pertencente à família de um dos jovens que participa do coletivo. É localizado no bairro Ponto Novo e não possui uma infraestrutura adequada. Os/as jovens ocuparam esse espaço e fizeram algumas intervenções, visando abrigar a sede do coletivo.

Este espaço também é destinado a experimentar, lema que define o coletivo. Além disso, é usado para expor as artes criadas. Segundo a jovem Artista: “[...]é um espaço que funciona como laboratório” (Artista, 30 de março de 2020). Um dos traços que fez aflorar a ocupação do galpão foi a necessidade de estar junto, produzindo. Foi nesse espaço que se desenvolveu a intervenção “EXP convida”, com o objetivo de divulgar o coletivo, aglutinar jovens interessados e impulsionar a arte aracajuana. Além disso, foi organizado o lançamento do livro de um jovem parceiro, na ocasião, o ambiente foi produzido com materiais de decoração, peças de *design* para divulgar e recepcionar os/as convidados/as. Na oportunidade, foram realizadas intervenções artísticas, performances literárias, rodas de diálogos e apreciação de peças de artes das oficinas realizadas anteriormente. Essas obras e as performances foram gravadas e podem ser conferidas no site do coletivo: <https://coletivoexp.tumblr.com/> e no canal do *Youtube*: <https://www.youtube.com/channel/UCIrmPAawXIntZpsk96jQXeg>. Abaixo, estão disponibilizadas mais imagens da experiência citada:

Imagens 74 a 77 – Experiências vividas pelos/pelas no Galpão da EXP



Fonte: @coletivoexp (19 de Maio de 2021).



Fonte: @coletivoexp (19 de Maio de 2021).



Fonte: @coletivoexp (19 de Maio de 2021).



Fonte: @coletivoexp (19 de Maio de 2021).

Oportunamente, as experiências de comunicação com foco na política, criadas pelo jovem Lagartense do coletivo (@papajaca), deixam transparecer o viés social, possuindo um traço implicacional e interventivo relevante, buscando criar espaços de diálogo sobre a juventude do município onde vive e atua. Foi nesse contexto que, em parceria com outras instituições, a exemplo da Universidade Federal de Sergipe – UFS/Campus Lagarto, promoveram o “Fórum Popular Aberto”. Conforme sua descrição, os eventos que organiza buscam ao mesmo tempo “[...] fazer que as pessoas da cidade participassem mais do debate sobre sociedade e tirar um diagnóstico dos motivos que elas participam, eu vejo que esse não entendimento tem a ver com a não compreensão como cidadão, é o motivo de fugiram do debate”. (Lagartense, 23 de março de 2020). Faz parte da proposta do coletivo (@papajaca), a qualificação do debate público, visando o cultivo de práticas democráticas, tomando como exemplo, o contexto local, procura despertar a população jovem para participar da vida pública e refletir sobre os problemas que os cercam. O evento descrito por ele, ocorreu em abril de 2017, no Cine Metrópole, na UFS, contando com a presença de personalidades lagartenses e convidados.

Imagem 78 – Evento político idealizado pelo Papajaca em Lagarto - Sergipe



Fonte: @opapajaca (19 de Maio de 2021)

Continuando, a experiência descrita pela jovem Empoderada, ao participar do encontro latino-americano destinado à comunidade de meninas da *Google* foi certamente um marco na vida da jovem que relata esta experiência como sendo muito importante, não somente por oportunizar a imersão na cultura de outro país, mas principalmente, por conhecer e participar de uma rede de mulheres do *Women Teckmakers*, especialmente por representar o nordeste do Brasil. Vejamos o que diz a jovem:

Tanto que eu tive a oportunidade de ir a Buenos Aires, na Argentina, dentro das brasileiras que colocaram em pauta, para representar o Brasil. A *Google* selecionou a minha palestra e de mais duas meninas, uma de Manaus e outra de São Paulo, e eu achei isso superinteressante porque ele pegou alguém do sul, alguém do norte e alguém do nordeste. E é uma coisa que eu nem esperava, porque as vezes eu coloco as coisas meio desacreditada. (Empoderada, 21 de março de 2020).

Esses espaços de colaboração, envolvimento e representatividade fortalecem a implicação dos/das jovens com suas pautas, eles/elas criam folego e desejo de continuar agindo,

intervindo, promovendo uma educação comunitária, caracterizada por performances etnocenológicas, onde todos aprender colaborativamente com experiências que implicam os desejos, as ações e os sonhos. Como afirmam Santos, Santos e Schneider (2020):

A escuta sensível dos atores sociais juvenis, se mostra como uma possibilidade fecunda de aprendizagem para a (re) construção de uma sensibilidade humana implicada. Não como sendo uma promessa do futuro, pois, suas experiências já provocam, no agora, no hoje, nas redes, imagens-fluxos, narrativas e reflexões que certamente ajudam na construção de um futuro de paz. (p.21)

As considerações dos autores vão ao encontro das performances juvenis nas culturas digitais, pois suas performances implicacionais e intervencionistas, buscam criar esses espaços alternativos como forma de resistir, enfrentar ou driblar os dilemas vividos na pele. Mediando comunicações em suas redes humanas, digitais, comunitárias vão formando laços de pertencimento com a humanidade, tão necessário e debatidos hoje.

Falando nisso, a jovem Combativa, do (@coletivodemulheresdearacaju), rememora um dos eventos, a seu ver, muito importante. Tratou-se da divulgação do filme “Mulheres Negras: Projetos de Mundo”, uma ação coordenada pelo coletivo, junto com a comissão de defesa dos direitos da Mulher/OAB e o Cine Vitória. O documentário reúne depoimentos de diferentes mulheres, suas histórias e os dilemas de viver numa sociedade machista e patriarcal.

Imagem 79 – Evento com as jovens do Coletivo de Mulheres de Sergipe



Fonte: Print da página do coletivo no Facebook (19 de Maio de 2021)

O ponto positivo desse evento, segundo a fala da jovem, foi a criação de uma rede de participação de mulheres que acaba virando uma ponte de apoio, convívio e diálogo. Somado a isto, a escuta, a criação de roda de debate e partilha de experiências femininas ajudam a empoderar as jovens mulheres. Os eventos destacados por todos os/as jovens, possuem uma dinâmica política, encontrando nas experiências presencias uma forma de implicação, corresponsabilidade e alteração de uma estrutura social antagônica. O fazer, o grito, as campanhas, episódicas ou não, performam uma pedagogia da ação que coabita nas redes sociais digitais.

6.3.2 Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas redes

Um olhar cuidadoso sobre as performances dos/das jovens nos coletivos pesquisados permite-nos exprimir sentidos e apontar caminhos de entendimento e compreensão das aprendizagens etnocenológicas (extraordinárias) nas redes. Nessa imersão investigativa, destaco algumas dimensões das aprendizagens etnocenológicas nas redes, sendo elas: **a) dimensão colaborativa, b) dimensão criativa, c) dimensão da solidariedade, d) dimensão política, f) dimensão de engajamento.**

Como já dito anteriormente, as aprendizagens etnocenológicas virtuais estão imbricadas com os fenômenos da interação, conectividade, ubiquidade, instantaneidade, mobilidade e colaboração. Não obstante, existe uma consensualidade em delimitar o universo da performance como sendo uma motivação (pessoal ou coletiva) de alcançar o outro, usando ações comunicativas corpóreas. Entende-se aqui, por ações comunicativas corpóreas, a dimensão indivisível do corpo em sua totalidade. Nesse escopo, o corpo ganha lugar de destaque, como sendo o meio de criá-las. Para Santos e Schneider (2019) o corpo é "palco" usado para cultivar imagens performáticas:

Nesse limiar, em decorrência do uso exponencial e multimodal das TDIC por jovens, o resultado da hibridização dos corpos e linguagens em larga escala, por intermédio de dispositivos tecnológicos, nos leva a refletir sobre a vivência de um comportamento fora da curva até então não observado na história humana, podendo ser definido como um comportamento espetacular, independente do juízo que se faça dele (p. 8).

Esses “espaços-fluxos” de relações são utilizados de diferentes formas, quer seja para manter comunicação com outras pessoas, para exposição, divulgação de conteúdos e ideias, para ter acesso a grupos e assuntos afins, como maneira de afirmar uma política de sentido subjetiva, numa rede composta por tantos outros sujeitos que intercambiam preferências,

gostos, desejos, semelhanças e diferenças. Falar em educação na atual conjuntura requer entender os espaços das vivências sociais, ampliando sua dimensão para os diferentes lugares de interconexão, convívio, a exemplo de espaços virtuais que dão outros sentidos às experiências das aprendizagens. Sendo assim, interessa a este trabalho a aproximação com as experiências juvenis no contexto da cultura digital, sua relação de hibridização e os resultados desses agenciamentos. Este fenômeno nos faz refletir criticamente sobre o alcance das ações comunicativas de intervenção dos/das jovens, conforme destaquei no app-diário:



Nestes cenários, o modelo de colaboração das ações humanas tem sinalizado possibilidades para enfrentar os desafios do uso de recursos finitos, das fragilidades humanas, tais como intolerância, *apartheid* social, disseminação do ódio, etc. Os coletivos juvenis formados por atração, solidariedade, convivência e reciprocidade: um olhar endo-externo. (Nota do app-diário, 06 de agosto de 2020).

As ações demonstram modos de atuação na vida social e cotidiana, por meio dos coletivos que engajam pessoas, temas e cenários humanos. Do resumo das experiências, foi possível identificar eventos com naturezas diversas, envolvendo:

- a) Jovens que se mobilizaram em rede, criando estratégias virais para denunciar, expor e reivindicar decisões políticas arbitrárias.
- b) Jovens que divulgaram um serviço público de interesse coletivo, a exemplo da checagem de *fake news* e postagem nas redes.
- c) Jovens que produziram formas de arte e disseminando nas redes (rádios on-line), *lives* e filmes durante a pandemia.
- d) Jovens que se prontificaram a participar de campanhas de arrecadação/doações de alimentos em comunidades periféricas durante a pandemia, no município de Aracaju.
- e) Jovens que produziram conteúdos informativos, com o uso do *smartphone* para informa/orientar sobre a pandemia numa escala regional.
- f) Jovens que criam vínculos e estratégias de minimização dos problemas vividos por suas comunidades durante o período de isolamento social.

No âmbito da **dimensão colaborativa**, as experiências criadas pelos/pelas jovens, indicam algumas análises sobre o uso, apropriação e desenvolvimento de aprendizagens coletivas. As tecnologias digitais interativas possibilitaram aos atores/atrizes sociais juvenis, a criação e vivência de espaços de colaboração on-line. Não obstante, no dia 27 de julho de 2020, o Coletivo EXP (@coletivoexp) fez o lançamento da revista virtual com obras de vários artistas que participaram do desafio de arte EXP⁹³ no mês de março, já na pandemia. Os interessados

⁹³ Foram desafios criados no *Instagram*, visando mobilizar a rede de pares durante a pandemia.

pueram adquirir os ingressos no site de eventos *Sympla*⁹⁴. A experiência começou às 20:20h do dia 27.07.2020, e contou, em média com a participação de 25 pessoas, artistas, autores/autoras e interessados na temática que puderam acompanhar as narrativas em três espaços, dentro do aplicativo *Spetial Chat*⁹⁵.

O primeiro ponto de destaque consiste na ambiência de conversa e atração da plataforma, onde as pessoas vão se atraindo por interesse. No ecrã é possível aproximar-se ou afastar-se de outros membros. Usando a imagem da *webcam* e microfone, os/as participantes podem iniciar conversas e diálogos paralelos no mesmo momento e com mais uma pessoa, podendo ser formados outros agrupamentos. Essa solução tecnológica é muito interessante, do ponto de vista das possibilidades de trabalho colaborativo. A voz, o vídeo e sua imagem ampliam-se por aproximação. Essa ação proposta pelos/pelas jovens do Coletivo EXP, revela a formulação de uma rede *peer-to-peer*, seguindo a lógica de atração e engajamento. No *hall* de entrada, tivemos as boas-vindas de Artista e acesso a *playlist* de música criadas e disponibilizadas no *Youtube* por outros jovens do coletivo. As músicas resgatam o estilo pop, underground e trance⁹⁶. É interessante que os primórdios das culturas digitais nasceram dos comportamentos culturais destes estilos de sonoridades. Seguindo o percurso, tinha um segundo espaço destinado aos vídeos-entrevistas dos/das jovens que participaram do desafio EXP de arte, durante a pandemia, no mês de março. Conversas descontraídas narraram um pouco da história dos artistas e suas características de criação. Um *mix* de arte, poesia, imagens, sons, vídeos, tão singulares e interessantes que já estão disponíveis no canal do Coletivo EXP no *Youtube*: <https://www.youtube.com/channel/UCIrmPAawXIntZpsk96jQXeg>.

No terceiro momento, a jovem Juno conduziu o evento apresentando a revista, as obras autorias com diferentes linguagens artísticas. Foi um momento de diálogo, contemplação, inclusive vários jovens que estavam on-line se sentiram desafiados a criar e fazer parte do desafio, mesmo fora do período estipulado, afinal, nas palavras da Juno: "o que vale é criar, experimentar, independentemente do prazo". (Juno, 27 de setembro de 2020). O final do evento foi marcado por grupos de conversa e atração, curtição das músicas e diálogo sobre assuntos congêneres.

⁹⁴ Plataforma para criação de eventos, emissão de ingressos, etc.

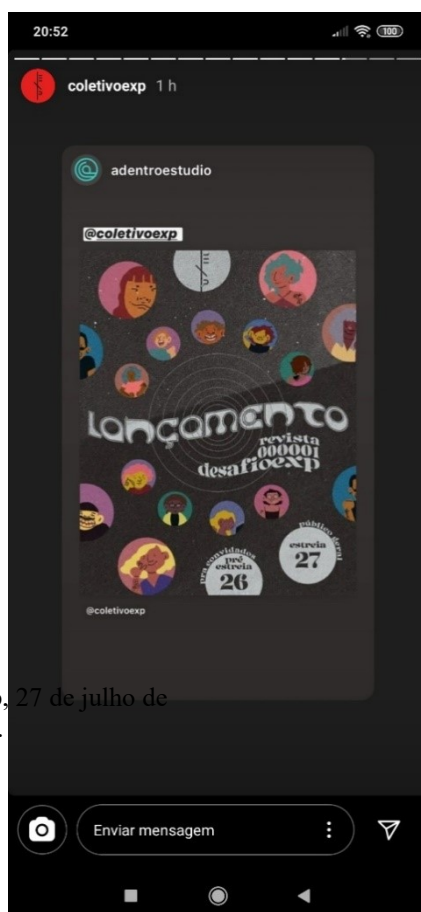
⁹⁵ Plataforma de comunicação interativa on-line.

⁹⁶ Estilo de música eletrônica.

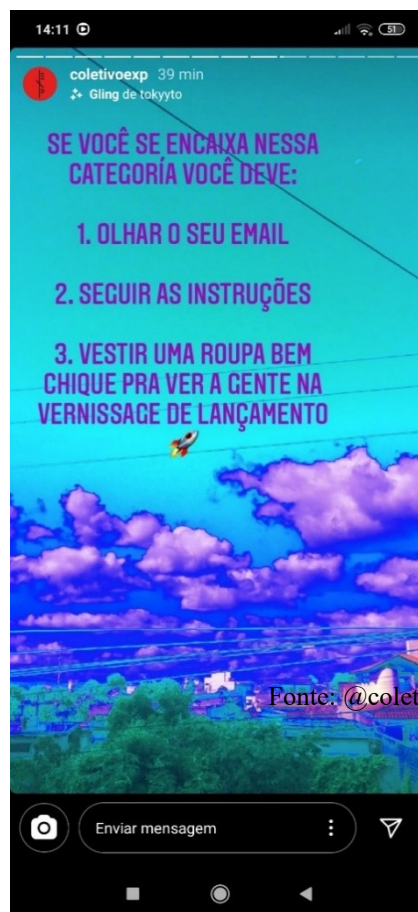
Um dos pontos de análise me remete ao predomínio de uma relação de grupo (mais fechada), característica de um agrupamento construído por afinidade. Coloquei-me a questionar a extensão das experiências, uma vez já existir por eles/elas uma série de códigos muito próprios, as gestualidades, as linguagens e gírias, todavia, com calma penso que tudo isso faz parte dos cenários de escolha humana que poderiam ser colocados em questionamento, mas é completamente o contrário, os/as jovens estão abertos, divulgando e criando redes maiores com outros/outras jovens e coletivos. A revista 000001 do coletivo EXP, contém criações de outros jovens que fazem parte deste trabalho de tese e a audiência de jovens que não fazem parte dos coletivos.

Notei ainda, a interação de células, como uma equipe de criação de vernissage, divididas por função: criação de material, edição de vídeos e montagem, onde os/as jovens se prepararam, tanto na construção, na condição de autores das produções artísticas, como também consumidores, como direito a preparar uma roupa especial e um *drink*. Essa foi a intenção da experiência, segundo a jovem Artista; “[...] a gente conseguiu criar o cenário que a gente queria, né? Onde as pessoas participassem como se estivessem no museu”. (Artista, 28 de julho de 2020 – Conversa pelo *WhatsApp*).

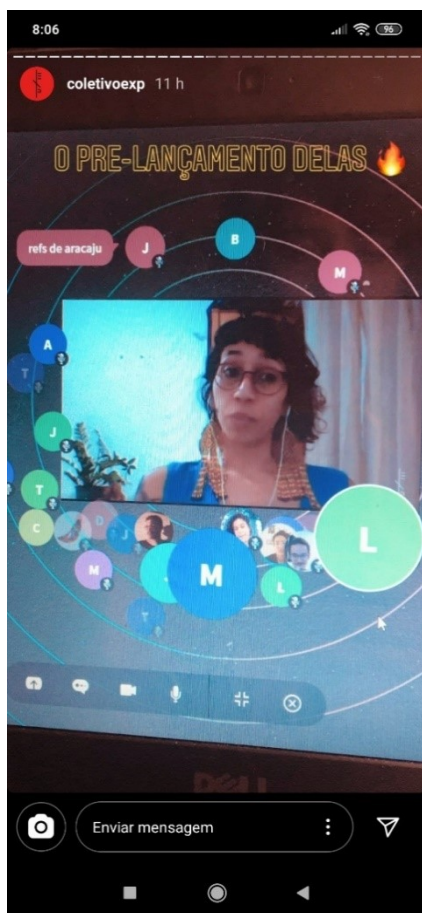
Imagens 80 a 83 – Evento de Lançamento da Revista no App *Spetial Chat*



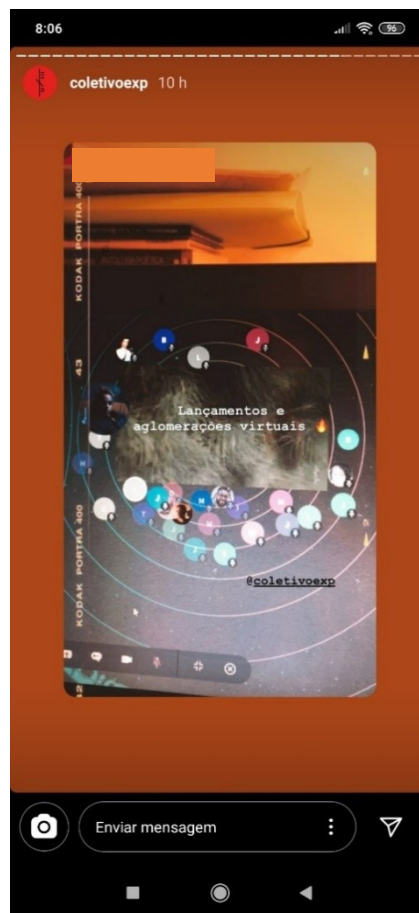
Fonte: @coletivoexp, 27 de julho de 2020.



Fonte: @coletivoexp, 27 de julho de 2020.



Fonte: @coletivoexp, 27 de julho de 2020.



Fonte: @coletivoexp, 27 de julho de 2020.

É importante ressaltar que a proposta da ação foi resultado de outras ações desenvolvidas no curso da semana que antecedeu o evento. Havia mais de uma semana que os membros do coletivo (@coletivoexp), nas suas redes e na conta oficial no *Instagram* vinham promovendo e engajando pessoas com a divulgação desta ambiência de performance virtual. Outros detalhes são igualmente importantes, a exemplo da ideia de ritual conectivo juvenil e as proposições nas redes de pertencimento. É possível observar nas imagens acima, uma mobilização de pares, como descrito em uma delas, “aglomerações virtuais”, espaços propositivos de comunicação. Ademais, a noção de compartilhamento de ideias e da criação, traços característicos do coletivo (@coletivoexp) e dos/das jovens contemporâneos que convivem nessas ambiências cotidianas de criações e aprendizagens. Buscando entender como avaliou a experiência, provoqueei a jovem Juno para falar sobre o lançamento e sua participação na ação:

Foi incrível! Não sei se você tem tempo disponibilidade de participar hoje, mas seria muito legal, porque é muito interessante. O Spatial Chat é uma plataforma muito interessante. Dentro da plataforma, com a foto dá para arrastar seu ícone se movimentar no ambiente, onde você se aproxima mais você escuta mais alto, então é um simulacro como se tivesse na rua, sabia? Pô, vou ver isso aqui agora, mas eu vou

sair um pouco para conversar com essa pessoa eu vou ver outra coisa e fui muito bem pô, eu espero que este dia (se referindo ao dia de lançamento) seja ainda melhor, as pessoas interajam mais do que interagiram, eu até fui *hostess*⁹⁷ da revista. Tentei ser comunicativa, mas foi muito legal e abriu minha mente assim para as possibilidades da internet, vendo o que a gente pode fazer. Muito doido. Acho que adquirir uma *Skill*⁹⁸ de *hostess*, mesmo que tenha sido pouca coisa, mas foi massa. (Juno, 27 de julho de 2020 – Conversa pelo *WhatsApp*).

Ao fazer menção que adquiriu uma habilidade por meio da aproximação com outros jovens na ambiência, notamos mais uma vez, a condição favorável do desenvolvimento das aprendizagens nestas experiências. Não obstante, a Juno destaca elementos já evidenciados pela jovem Artista, tais como a ideia de composição coletiva e partilhada, a noção de vivência na plataforma quando recorre a nação de simulacro, tal como aponta Baudrillard (2008), quando estuda os sistemas de simulacros que compõe os repertórios de linguagens com os distintos objetos da vida cotidiana. Este elemento tem uma aproximação com a noção de ambiência, onde transitam desejos, comunicação e narrativas transmidiáticas. Ao falar sobre os ambientes criados e seus conteúdos, a Juno descreve a diversidade de repertórios autorais, desde as obras-imagens dos artistas que participaram dos desafios, como os vídeos destes, enviados para compor as trilhas de imersão na plataforma ou as *lines* (caminhos) criados por convidados. Antes dessa experiência, observando as redes dos/das jovens já tinha escrito sobre essa questão:



É traço importante dessas cenologias, a criação de conteúdos a partir da mixagem de sons, imagens e vídeos. São criações do imaginário imbricadas, mescladas com os dígitos cibernéticos resultando em arte, arte-performances juvenis nas redes, arte-intervenção educativa a propositivas de sensações e conhecimentos compartilhados por todos/todas. (Nota do app-diário, 27 de julho de 2020).

Nesses rituais de engajamento por sensibilidade, as tecnologias informáticas, especialmente os dispositivos digitais móveis, seus inúmeros formatos, plataformas e écrans conectados em redes, unem pessoas desterritorializadas no tempo-espço, mas unidas por princípios, ideais comuns e sentimentos, sugere uma postura compreensiva capaz de aproximar-se das linguagens e caminhos criados por estes dispositivos, no sentido de viver suas experiências, nos diversos cenários de suas vidas cotidianas, incluído aí, os coletivos virtuais onde convivem e pertencem.

No contexto destes cenários cotidianos de imersão e criação, a educação se faz como resultado das experiências e aprendizagens em fluxos, imagens, sons, vídeos, relações e interações engajadas. As informações e os espaços de virtualidade são os cenários onde as

⁹⁷ Uma atendente, mensageira, recepcionista.

⁹⁸ Habilidade.

expressões e significados são compartilhados por diferentes coletivos nas redes, aqui especificamente as redes de autoria dos/das jovens, visto como sendo protagonistas de variadas performances de aprendizagens que remodelam e criam ambiências cenológicas de partilha. Schneider, Conceição e Soeira (2020) destacam que a aprendizagem colaborativa com o uso dos diferentes aplicativos ou ambiências virtuais são importantes recursos didático-pedagógicos pautados na interação, inovação e colaboração em redes.

Outra experiência de colaboração e aprendizagem realizada pelos/pelas jovens do Coletivo (@coletivoexp), durante a investigação, foram os programas de rádio. As transmissões ocorreram por meio do aplicativo Mixlr que permite a transmissão de áudios ao vivo por meio do serviço de *streaming*. A ação foi sendo organizada pelos membros do Coletivo (@coletivoexp), em parceria com pares da Rádio Bueiro, uma rádio alternativa de Aracaju que já funciona com uso desse aplicativo. O primeiro programa foi ao ar no dia 01 de junho de 2020, com o tema: Arte e Tecnologia. O segundo programa ocorreu no dia 15 de junho de 2020, com o tema: Cultura *Remix* e direitos do autor e o terceiro foi disponibilizado no dia 30 de junho de 2020, com o tema foi: Como Viver e Sobreviver de Arte.

Imagens 84 a 87 – Experiências com programas de rádio on-line, cultivadas pelo Coletivo EXP



Fonte: *Stories* de Artista, 20 maio de 2020.



Fonte: @coletivoexp, 30 junho de 2020.



Fonte: @_ju.no_, 20 maio de 2020.



Fonte: Tela de diálogo no Mixlr, do Smartphone do pesquisador, 30 de junho de 2020.

Pude acompanhar dois episódios, um deles foi ao ar no dia 15 de junho de 2020, com o tema: *Cultura Remix*⁹⁹! Foi muito proveitoso acompanhar os/as jovens do coletivo neste formato e poder registrar, em tempo real, as sensações enquanto ouvinte-pesquisador. Primeiro ponto que merece destaque é a qualidade do debate. Foram abordadas diferentes referências como discussões teóricas de autores como Walter Benjamin (1994), Henry Jenkins (2008) e o campo das culturas digitais como caminho fecundo de surgimento da criação *remix*. Segundo ponto que merece atenção, consiste na discussão sobre o papel dessa cultura com o advento das TDIC e o processo de patente ou criação aberta.

Diga-se de passagem, os/as jovens do Coletivo (@coletivoexp) buscam trazer temas e debates que influenciam diretamente o campo das artes, a exemplo arte digital. Com uma linguagem direta e propositiva, além de muito descontraída mantiveram uma rede de ouvintes

⁹⁹ Grosso modo, a cultura do compartilhamento, edição transformação,

atentos. Este primeiro programa teve duração de 47 minutos e terminou com a *playlist* com músicas pop e participação de um DJ da cena cultural aracajuana.

No terceiro programa, pude participar na condição de convidado para falar sobre o processo de criação com os/as jovens dos coletivos. Foi representativo participar dessa experiência, sobretudo, por entender o processo de produção do programa que, antes de ir ao ar, passa por um processo de pesquisa, curadoria, estudo de textos até o dia da gravação, onde existe espaço para o imprevisto. No processo de organização do episódio, todos envolvidos, inclusive eu, pude aprender, pesquisar e interagir com conhecimentos diversos. Aqui, pude registrar o processo que antecede o fazer nas redes sociais digitais, as ações colaborativas em espaços de proposição das aprendizagens etnocenológicas. Naquela ocasião, lembro-me do espaço de interlocução entre os/as jovens que estavam dividindo a edição. Todos falavam de um lugar muito específico dos seus saberes e conhecimentos, sobre o que significava produzir e viver de arte no estado de Sergipe, especialmente na capital Aracaju e como eles/elas, buscavam driblar os desafios de pensar arte com a periferia, arte sem inventivo, arte preta, arte e diversidade, etc. O episódio durou 1 hora de 42 minutos.

No conjunto de experiências do Coletivo EXP, se observa algumas características: a) proposições criativas com uso de diferentes aplicações; b) criação de parcerias com outros coletivos e jovens para agregar novas aprendizagens; c) desenvolvimento de um cenário de trânsito para artistas jovens do município de Aracaju. Ademais, a ideia da rádio como experimento, busca criar formas de linguagens por meio de diálogos diretos, logo se observa uma flexibilidade dos componentes de coletivo que se mostram aptos a experimentar. Os programas estão disponíveis no perfil da rádio bueiro no Mixlr¹⁰⁰ e na plataforma SoundCloud¹⁰¹ que permitem a disponibilização de áudios, músicas e *podcasts*, por meio do perfil “Fugacida”.

Dessa maneira, percebi que as experiências do Coletivo EXP envolvem além da dimensão colaborativa, o uso da **dimensão criativa**, mas para falar desta, busco apresentar as performances do jovem Criativo, do (@coletivolegua), se destacando por seu trabalho de criação como *designer*, cheio de cores, tons e traços, característicos do universo da religião de

¹⁰⁰ <https://mixlr.com/>

¹⁰¹ Plataforma de publicação de áudio aberta, impulsionada por sua rede de colaboradores, ouvintes e curadores pelo mundo. (<https://soundcloud.com/discover>).

matriz africana, o candomblé. Este filho de terreiro, cientista religioso é expressivo em suas performances de “net-artevismo”¹⁰².

As criações do jovem Criativo que, a partir da criação digital, vai compondo cada traço de sua arte. Chama atenção pela diversidade de cores e a representação da diversidade religiosa, especialmente ao retratar o universo do candomblé, sua filiação religiosa, deixando transparecer o seu processo criativo que envolve um ritual singular. Ele vai pincelando digitalmente, mesclando cores, intensidades, movimentos e suas imagens impressionantes vão surgindo. Sobre a arte digital, Santaella (2008) ressalta os novos modos de sentir e viver, mais que nunca experimentados por meio de plataformas líquidas, o que tem feito surgir infoestéticas, termo que toma das discussões de Manovich (2007), que por sua vez, estuda a estetização das ferramentas informacionais. É sobre essa prática que me refiro ao desenvolvimento de uma criatividade juvenil com os dispositivos.

Imagens 88 e 89 – Criações artísticas de Criativo



Fonte: *Stories* de Criativo, dia 11 de junho de 2020.



attingas, dia 02 de junho de 2020.

¹⁰² Junção das palavras arte e net-ativismo, buscando demarcar a natureza da arte digital com implicação política.

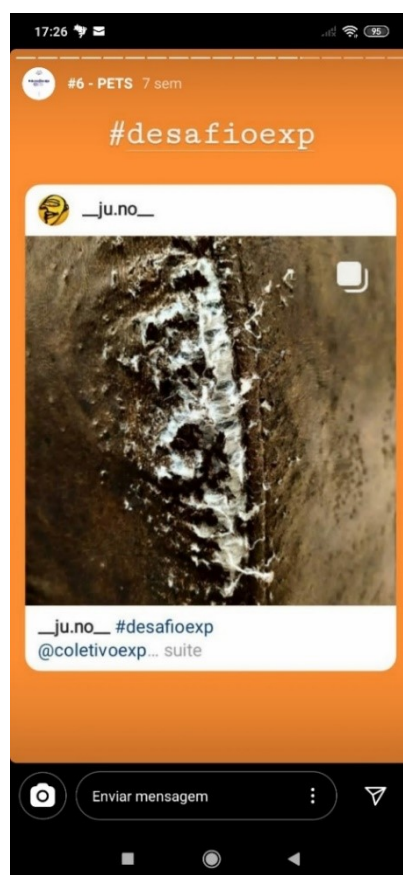
Outra jovem, a Artista, utiliza as redes, deixando transparecer características da **dimensão criativa** para disseminar sua arte, a fotografia. Por meio da lente busca compartilhar com seus seguidores cenas do cotidiano, sua relação com os animais e com diferentes paisagens. Muito descontraída, a fotografa também brinca com cenas, expressões da sua realidade. Durante a entrevista, a jovem Artista destacou que a fotografia é a principal arte de lhe atrai, muito embora também se permita pintar e criar outras formas de expressão visual.

A criação dessa expressão, usando o *smartphone*, como pode ser visto nas imagens, demarca o cenário das linguagens líquidas, apontadas por Santaella (2008). Deixa transparecer o universo de sentidos de uma cultura *remix*, por exemplo, na primeira foto abaixo, uma imagem captada, forma outra imagem no espelho que, por sua vez, é editada e cria outra imagem postada na rede. Nas palavras de Santaella “[...] na remixibilidade os *softwares*, as interfaces de usuários, o fluxo do *design* que permitem combinar múltiplos níveis de imagens com vários graus de transparência” (p.44). Nos perfis dos/das jovens-*performers*, dos coletivos pesquisados em Sergipe, notei a criação de eventos, ações e intervenções, tendo como mecanismo de mobilização a arte.

Imagens 90 a 92 – Performances artísticas das jovens na EXP



Fonte: *Stories* de Artista, dia 02 de agosto de 2020.



Fonte: *Stories* de @_ju.no_, dia 02 de agosto de 2020.



no_, dia 26 de maio de 2020.

Nesse sentido, com a deflagração da pandemia, o Coletivo (@coletivoexp), criou o desafio EXP de arte, tendo como objetivo expor o resultado do processo de criação de qualquer pessoa que topasse participar da ação. O desafio consistia em criar um produto artístico baseando-se num tema prévio, utilizando de diferentes expressões de arte, tendo que postar na rede social *Instagram*, marcando o perfil do coletivo. Muitos jovens participaram da ação, a exemplo de Criativo, se permitiram fazer parte do desafio proposto pelo coletivo EXP, deixando transparecer essa relação em rede. As considerações de Manovich (2017) sobre a criação de imagens na plataforma *Instagram* expressam esse caráter extraordinários, sobremaneira, pela ação, interação e descobertas dos atores/atrizes que, experimentando, criam imagens e ampliam a comunicação.

Esta é uma plataforma única com desenvolvimento notável na história da mídia moderna. Ela permite que você capture, edite e publique fotos, veja fotos de seus amigos, descubra outras fotos por meio de pesquisa, interagindo com elas (como, comentar, replicar, postar em outras redes), estabelecer conversas com autores de fotos por meio de comentários, criar coleções de fotos, alterar sua ordem, etc., tudo a partir de um único dispositivo. (MANOVICH, 2017, p.11)¹⁰³ **(Tradução minha)**

¹⁰³ This single platform medium is remarkable development in the history of modern media. It allows you to capture, edit, and publish photos, view photos of your friends, discover other photos through search, interact with them (like, comment, repost, post to other networks), enter into conversations with photo authors and others who left comments, create photo collections, change their order, etc. all from a single device. (MANOVICH, 2017, p.11)

Nesse escopo, os traços do processo de criação de Criativo se destacam como fruição artística, geralmente quando está em processo imersivo de criação, é possível notar nas suas postagens o uso de uma ambiência com músicas que remetem ao universo da pintura desejada ou mesmo, músicas que evoquem os elementos pessoais do artista e das obras. Um exemplo recorrente de sua inspiração vem das interpretações de Maria Bethânia (1946-****). No silêncio da voz, conduzido pelos sons, o traço vai sendo criado no pincel virtual. Movimentos, posições, sobreposições vão surgindo num rápido instante criativo e formam uma obra colorida, viva, intensa! O uso de algumas destas estratégias foi apontado por Manovich (2017) quando estuda a criação de fotos-imagens no *Instagram*. É simplesmente fascinante aos olhos do observador e muito tem a ver com a ideia de performance.

Estou falando aqui da arte como vetor de formação humana, oportunidade de criar em coletivo e experimentar esteticamente, sentir juntos, modelar a várias mãos. O uso das artes e da arte-performance como possibilidade de autoconhecimento e forma de desbravar o mundo ao redor, sobremaneira, permitindo em nível local, a formação humana sensível, ética e solidária, múltipla e implicada com a comunidade. As aprendizagens etnocenológicas criadas pelos/pelas jovens nos coletivos nas redes e nas ruas, possuem este traço característico.

Imagens 93 e 94 – Design “net-arteismo” de Criativo



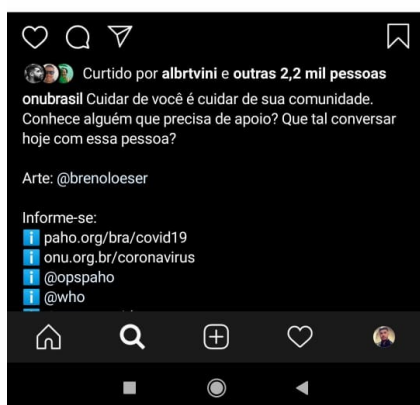
Fonte: Stories de Criativo. 20 de Junho de 2020



Fonte: Stories de Criativo. 19 de Julho de 2020

Outra característica muito peculiar é o uso dos dispositivos digitais para criar suas artes. Em alguns momentos, durante o período de pesquisa, o jovem divulgou no *Instagram*, algumas imagens e processos de criação manual (pode ser observado nas imagens acima), mas sem sombra de dúvidas, a habilidade criativa manual com o pincel virtual (*webdesigner*) parece ser algo surgindo de uma relação muito íntima, pincel, olhos, mãos, tela virtual, sincronizados. A arte colorida, imponente e vibrante, com cores e tons quentes e informações claras chama atenção de nossos sentidos visuais e imagéticos. Seguindo as publicações na sua rede social, no dia 28.07.2020, o jovem Criativo postou outra arte-criação que fará parte do festival de Infâncias e Adolescências Negras, evento organizado e desenvolvido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, no *Instagram*.

Imagens 95 e 96 – Artes de Criativo na ONU



Fonte: *Print* @onubrasil. 29 de Julho



Fonte: *Stories* de Criativo. 28 de Julho de 2020

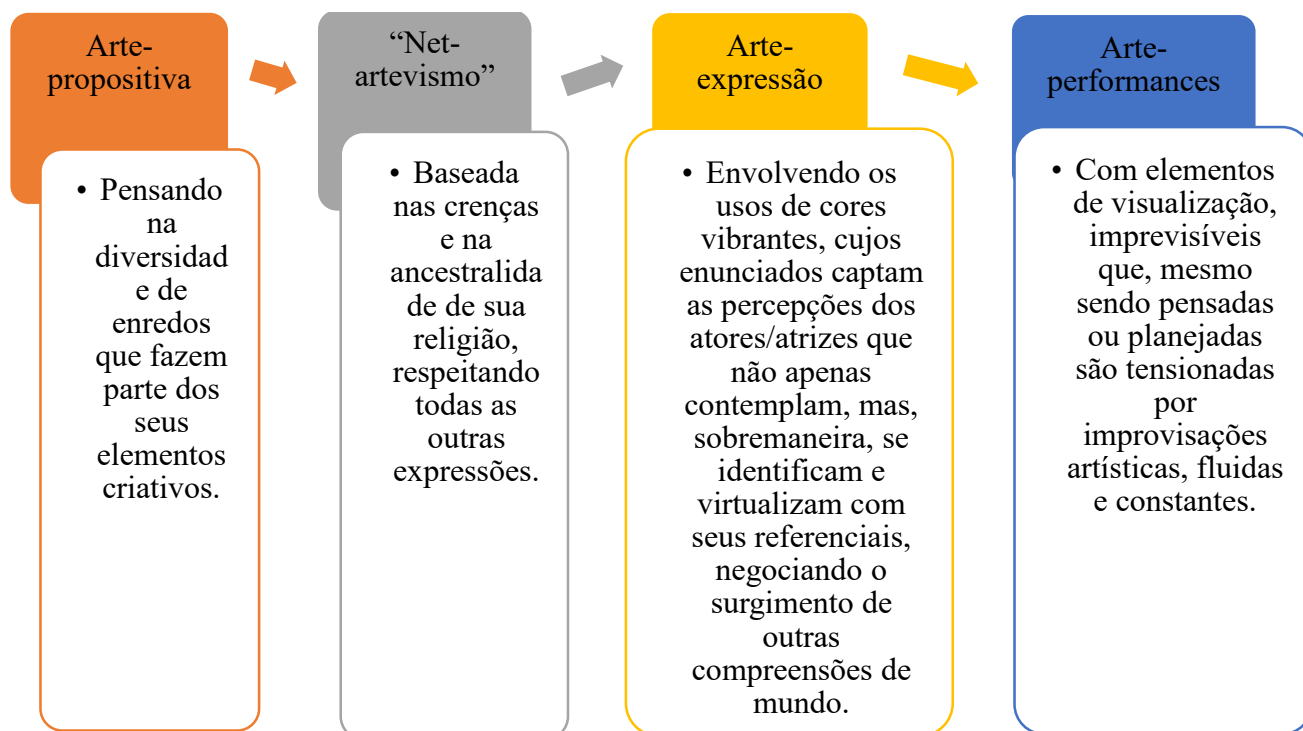
O evento ocorreu no dia 29. 07.2020, às 15:30h, utilizando a ocupação da rede social do ator brasileiro Bruno Gagliasso (@brunogagliasso), ator social implicado com as questões

negras, ativista nesse e outras temáticas relacionados. Na esteira dos acontecimentos, o jovem Criativo foi contratado pela UNICEF que, teve acesso seu trabalho por meio do *Instagram*, inclusive indicação de outros atores/atrizes. A ambientação artística do evento tem assinatura a sua assinatura. Consultei o jovem sobre a experiência de criação e a repercussão nas redes, ele descreveu:

Fiz duas ilustrações, a ONU compartilhou as duas, eles viram especificamente uma postagem, o pessoal da Unicef, que eu fiz que é brinque em casa, né? Era uma ilustração que eu tinha feito de Logun Edé (orixá caçador) fiz algumas modificações e coloquei o fique em casa e eles adoraram! O pessoal da UNICEF viu este desenho lá na ONU e gostou muito e aí como eles iam fazer este festival, eles falaram “é a cara do evento que a gente quer”. Eles me encomendaram, me contrataram para fazer umas ilustrações voltadas para este universo e eles me deram frases para poder ilustrar, fazendo um desenho que tivesse este diálogo infanto-juvenil, que fosse bem colorido. E é isso. Foi uma coisa super rápida, eles conversaram comigo, eu super concordei, o prazo era meio apertado, né? Eu tive que mandar tudo sexta (5 dias antes), então assim eu tive um pouco menos de 4 dias para poder fazer tudo, mas foi muito bacana. (Criativo, 29 de Agosto de 2020, pelo *WhatsApp*).

Os elementos misturados (renderizados/mesclados) com a ideia, sob a qual, a arte-criação do jovem Criativo emerge de suas experiências mais íntimas, traduz as redes de referências no mundo, ligações afetivas com a vida, os amigos, a religião, seus guias e o desejo de criar narrativas visuais que ajudem a “pintar” um mundo solidário, diverso, justo e alegre”. Das minhas observações sobre o fazer arte digital pelo jovem Criativo e das performances dos/das outras jovens, emergem as seguintes análises:

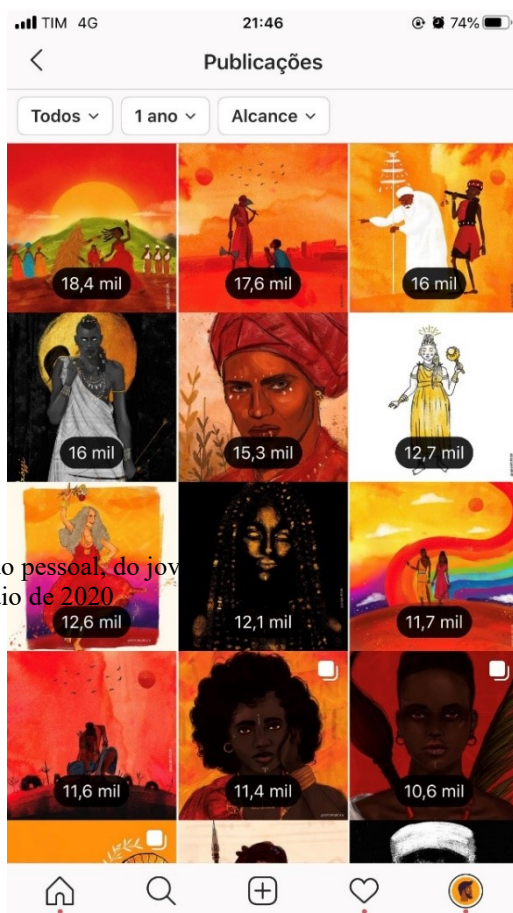
Figura 10 – Performances arte-expressão dos/das jovens



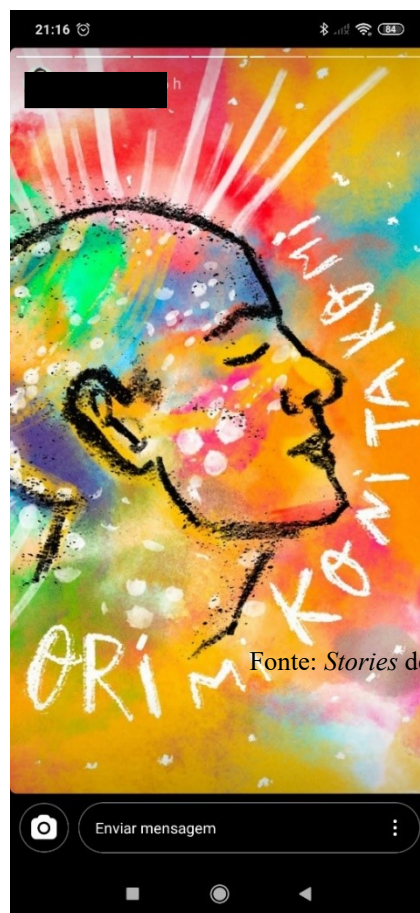
Fonte: organização do pesquisador (2021).

Abaixo, estão dispostas outras obras de Criativo para apreciação. É possível notar a dimensão de visualização de suas criações na rede social *Instagram*, este material é exclusivo foi compartilhado por ele no mês de maio, na ocasião da entrevista.

Imagens 97 e 98 – Cores e projeção das artes de Criativo nas redes



Fonte: *Print* de tela, no modo pessoal, do jovem Criativo. 02 de Maio de 2020



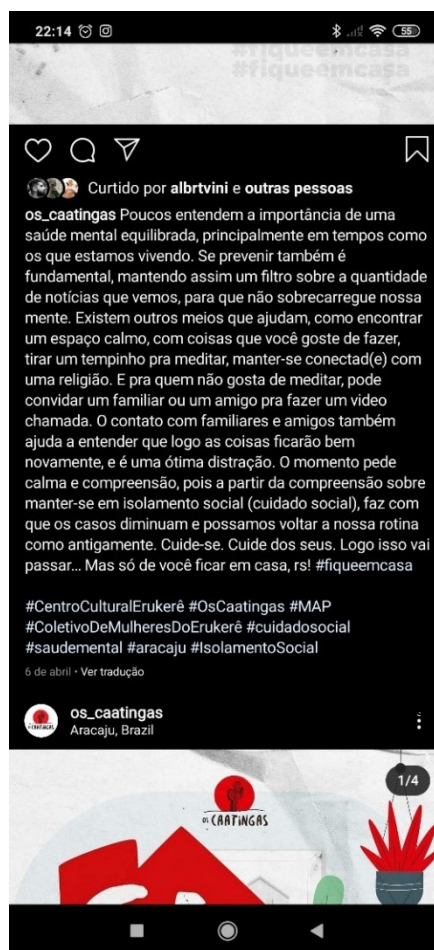
Fonte: *Stories* de Criativo. 02 de Maio de 2020

Desse modo, cabe destacar que os desenhos e cartografias dos/das jovens nessas incursões de vida-formação deixam transparecer que a ideia de convívio, criação de laços e performances das aprendizagens se relacionam com os usos das linguagens codificadas com os dispositivos digitais da cibercultura, e como tais, deslocam o entendimento que se tem da educação, criando em paralelo, possibilidades de construção, (des) construção), autoria e criação coletiva. Diante da pandemia e a incerteza dos dias vindouros, eles/elas canalizaram esforços para fazer da rede um espaço de acesso à informação útil. Inúmeras ações foram sendo protagonizadas, conforme o tempo foi passando. O coletivo (@os_caatingas) utilizou sua rede para divulgar informações sobre a pandemia no Brasil e no Estado de Sergipe. Fizeram *lives* para ajudar os seguidores e interessados. Por sinal, este é um traço de todos os coletivos durante

este período, frente ao desafio, se colocaram à disposição, dentro do que sabem fazer, principalmente utilizando o espaço das redes de comunicação para informar com boletins diários.

Além disso, o coletivo (@os_caatingas) lançou uma série de postagens atentando para os cuidados durante o isolamento, deixando registrado mais uma vez, entre os jovens e seus coletivos, a **dimensão da solidariedade**. Desse conjunto, destaca-se a campanha “Cuide-se: saúde mental em tempos de cuidado social”, criada pelo coletivo e divulgada por seus/suas participantes, a exemplo do jovem Conciliador, com o intuito de orientar as pessoas a adotarem hábitos que favorecem o bem estar e o equilíbrio. Corrochano e Laczynski (2021) buscam evidenciar o horizonte do trabalho de jovens que participam de coletivos no município de São Paulo, descrevem as práticas juvenis nos coletivos como sendo uma busca por redes de apoio, que já existiam antes da pandemia. Com os/as jovens dos coletivos em Sergipe não foi diferente. Ao meu ver, além de serem ações de solidariedade, estas práticas fazem parte do aprender a conviver comunitariamente, intervindo, performando com os pares, não só nas urgências cotidianas. Esta faz parte das performances juvenis net-ativistas implicacionais que circundam as aprendizagens etnocenológicas, como modo de pensar, viver e agir eticamente.

Imagens 99 a 102 – Ações solidárias nas redes durante o isolamento



Fonte: Print de tela do
16 de Julho de 2020

tela do @os_caatingas.
Julho de 2020



Fonte: Print de tela do @os_caatingas. 16 de Julho de 2020



Fonte: Print de tela do @os_caatingas. 16 de Julho de 2020

Ainda durante a pandemia, outro coletivo desenvolveu uma ação social muito interessante, o (@levantesergipe) encabeçou uma campanha de arrecadação de materiais de alimentação e limpeza para ajudar as comunidades.

Imagens 103 e 104 – Campanha de arrecadação de alimentos em São Cristóvão-Sergipe.



Fonte: Stories de Politizado de 2020



Fonte: Stories de Politizado, 02 de Maio de 2020

A ação consistiu na arrecadação de itens e dinheiro (vaquinha virtual, doação direta) destinando cestas às famílias de bairros periféricos. Ação se chamou “Quarentena com direitos” e ocorreu na ocupação Cabrita, no município de São Cristóvão-Sergipe. Envolvido com a ação, o jovem Politizado faz parte dos atores/atrizes que estavam mobilizados na campanha, inclusive atuando presencialmente. Novamente, vemos aqui o uso de **dimensão de solidariedade**, que perfaz as aprendizagens etnocenológicas, como sum mecanismo usado para intervir não só nas redes digitais.

Nessa direção, o (@coletivo.camaleão) apresentou no início da pandemia uma série de postagens com o tema: compartilhando ideias, cujo o objetivo consistiu em informar e engajar a população sobre os riscos e cuidados necessários para o enfrentamento do novo coronavírus. Foram debatidos os seguintes temas nas redes do coletivo: a) Olá, vamos conversar sobre o coronavírus? (28.03.2020), b) Coronavírus: como se espalha no mercado (01.05.2020), c) Eficiência de máscaras caseiras na proteção do vírus (04.05.2020), d) Tabelas de sintomas (04.05.2020), e) Crianças e adolescentes: da violência em tempos de coronavírus (09.05.2020). Abaixo, estão dispostas imagens destas ações comunicativas que visam (in) formar.

Imagens 105 e 106 – Informativos do Coletivo Cameleão sobre o coronavírus



Fonte: *Stories* de Camaleoa. 02 de Maio de 2020



Fonte: *Stories* de Camaleoa. 02 de Maio de 2020

Não obstante, o coletivo (@papajaca) manteve diariamente um boletim com as principais informações da pandemia da COVID-19 no Estado de Sergipe, especialmente atualizando os dados no município de Lagarto, como também continuou cobrando das autoridades locais respostas sobre a instalação de barreiras sanitárias, leitos de UTI, etc. Com chamadas urgentes, o coletivo (@papajaca) e o jovem Lagartense mantiveram um serviço de informação à população lagartense. Noto aqui, a presença da **dimensão política** já explorada pela maioria dos/das jovens nas suas redes e nas ações dos coletivos. Como visto em outras passagens desta tese, consiste numa forma de construção, debate, disseminação de informação e engajamento com assuntos e pautas relevantes aos jovens e a sociedade. Linhares e Linhares (2018) problematizam as dicotomias nas relações de uso das tecnologias digitais, apontam que os meios tecnológicos contribuem para a conscientização política dos sujeitos, permitindo o aprofundamento de temas e situações envolvendo a realidade social, sendo prioritário pensar no papel da escola das instituições comprometidas com o esclarecimento. Essa relação de proximidade pode culminar em ações de mobilização e transformação. Emergem dessas relações coletivas o fazer juvenil em suas comunidades, sendo este um dos caminhos alternativos de emancipação.

Imagens 107 e 108 – Informativos diários do Papajaca sobre a pandemia em Lagarto-Sergipe



Fonte: *Stories* de Lagartense, 28 de Maio de 2020

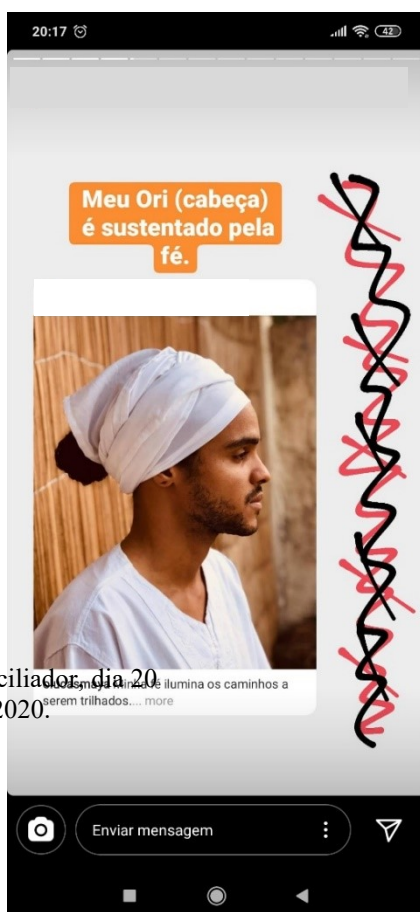


Fonte: *Stories* de Lagartense, 06 de Maio de 2020

Associado a este tema, numa postura interseccional, as/os jovens dos coletivos, trouxeram para o centro do debate e de suas ações, a questão da negritude e o culto das religiões africanas. Vejo aqui, a interrelação de performances com características da **dimensão de engajamento**, associadas à **dimensão política**. As/os jovens Camaleoa, Estanciano, Conciliador, Criativo e Combativa deixam expresso a sua identificação como sendo negros, fazendo questão de mencionar nas suas falas e posturas. De maneira mais específica, os coletivos (@os_caatingas), (@quilombose) e (@coletivolegua), desenvolvem práticas de empoderamento negro. Aqui novamente, vejo as práticas dos/das jovens como fazer implicado que “[...] pode significar um alerta sobre o descompasso entre o que os jovens estão dizendo e a capacidade de escuta das instituições mais tradicionais” (CORROCHANO; LACZYNSKI, 2021, p. 14).

Diariamente, tocam em assuntos como preconceito de raça, desigualdades e violência em função da cor da pele, as dificuldades de acesso à educação. Outros temas como emprego e cultura também estão presentes nas postagens. Percebi o cultivo de uma ambiência de interação, com destaque para a representatividade negra nos diversos setores da sociedade. Para isso, a própria rede é usada como forma de disseminar a negritude!

Imagens 109 e 110 – Ativismo negro e implicação política nas redes



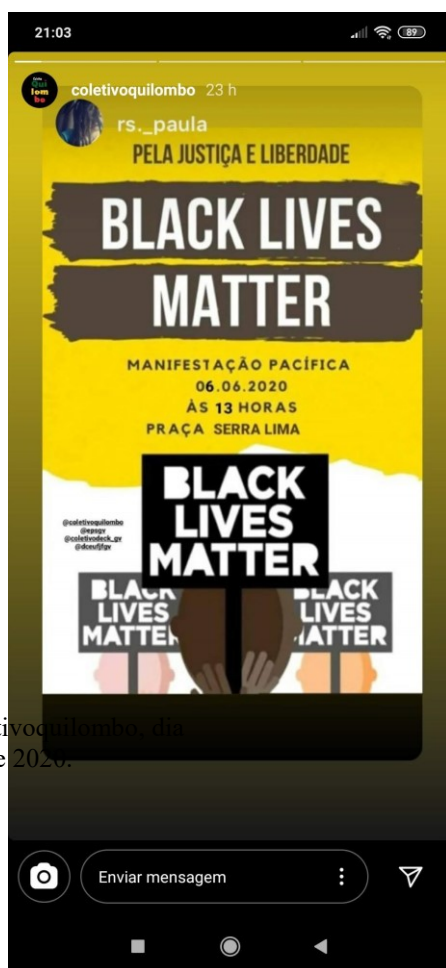
Fonte: *Stories* de Conciliador, dia 20 de abril de 2020.



Fonte: *Stories* de Criativo, dia 16 de julho de 2020.

Nas postagens do jovem Conciliador, se observa a exposição dos cabelos que, também ajuda a desconstruir os padrões de gênero. Ainda nesse sentido, o coletivo (@os_caatingas) destaca e cultiva o empoderamento periférico, especialmente no trabalho com os/as jovens. Nesse caminho, nas postagens do jovem Estanciano, notei com frequência a divulgação de personalidades negras como forma de afirmar e apresentá-las nas redes. No dia 13 de maio de 2020, nas redes sociais digitais do coletivo (@quilombose) foi demarcada, a ideia sob a qual, a abolição se deu em função das lutas dos povos negros, desconstruindo a narrativa histórica de abolição vivenciada no Brasil, com a demarcação da lei áurea. Engajados com a pauta negra, no mundo, os/as jovens também demarcaram nas redes, no dia 26 de maio de 2020, protestos conjuntos com o movimento ativista *Black Lives Matter*¹⁰⁴, Os/as jovens e os coletivos usaram as redes para endossar as pautas que já fazem parte do cotidiano e fizeram coro aos protestos.

Imagens 111 e 112 – Publicações na campanha *Black Lives Matter*



Fonte: *Stories* do @coletivoquilombo, dia 02 de junho de 2020.



Fonte: *Stories* de Camaleoa, dia 02 de junho de 2020.

¹⁰⁴ Movimento ativista (net-ativista) com repercussões internacionais, originado da comunidade afro-americana, surgido após a morte de George Floyd (1973-2020) por um policial branco, na cidade de Mineápolis, nos Estados Unidos. No Brasil a #vidasnegrasimportam foi usada para ritualizar os protestos!

Dando prosseguimento, o coletivo (@quilombose) criou a campanha “Julho das Pretas”, divulgando conteúdos com personalidades negras, mulheres. Com o lema: 30 dias para enaltecer mulheres negras, o desafio consistiu, todos os dias, lançar uma postagem com uma mulher engajada com uma área de conhecimento distinto, mulheres com projeção nacional e personalidades locais, igualmente importantes na construção coletiva.

Imagens 113 e 114 – Campanha “Julho das Pretas”



Fonte: @quilombose, dia 10 de julho de 2020.



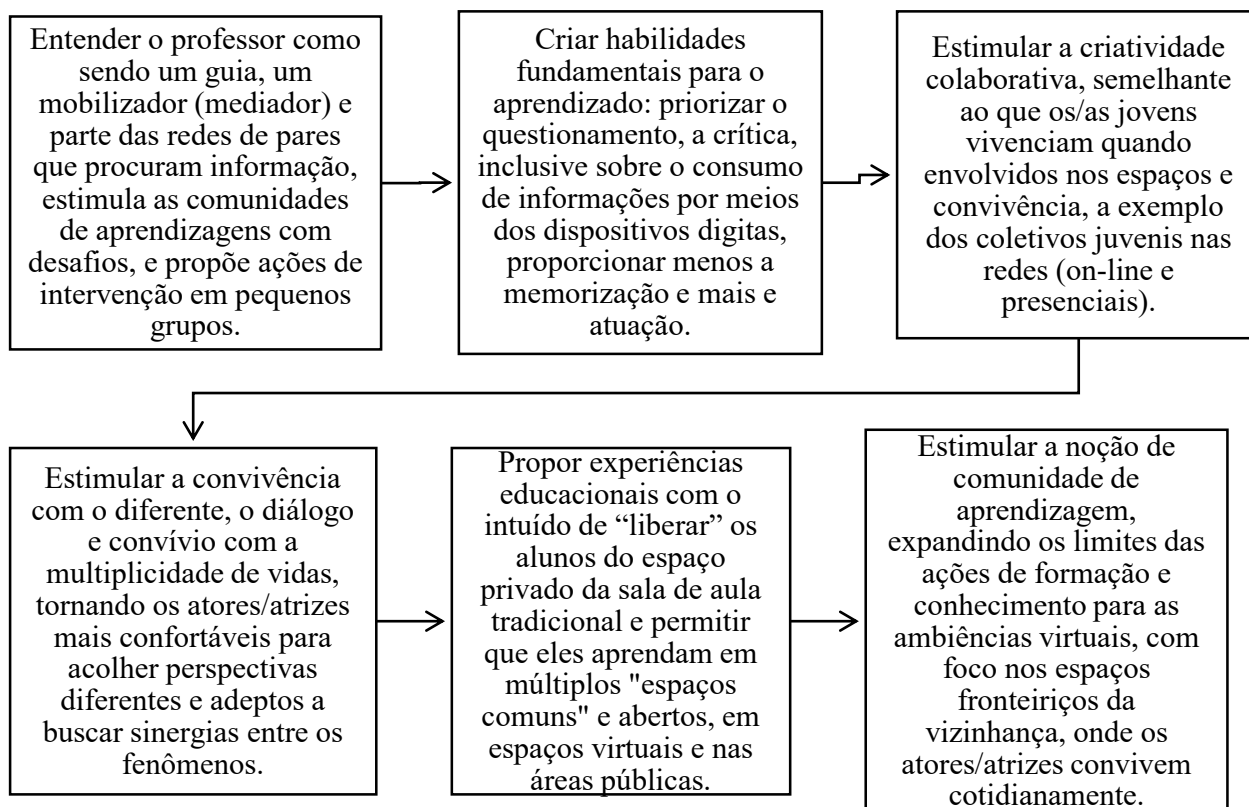
Fonte: @quilombose, dia 16 de julho de 2020.

Essas performances e as narrativas disseminadas nas redes, deixam transparecer uma postura de posicionamento crítico sobre distintos assuntos, indo além, colocam em evidência o cultivo de um fazer interdisciplinar e a necessidade de aproximá-los dos cotidianos, que seja numa dimensão de convívio e das experiências das aprendizagens. Solicitam mediações e posturas mediadoras que interliguem pontos, fatos históricos e acontecimentos e corroboram para a formação humana. Assim, tomando os fenômenos da etnocenologia virtual das aprendizagens, a emergência de práxis implicadas, cuja natureza se ancora numa pedagogia

situada no engajamento das experiências socioculturais, retroalimentada por fluxos de informação. Veiga-Neto (2008) destaca que o terreno dos saberes pedagógicos, os quais classifica como sendo pedagogias culturais, mostram-se expressivos e importantes terrenos da produção subjetiva, cabendo as instituições de educação o seu cultivo e aproximação desses artefatos culturais.

Nesses percursos, as vivências dos/das jovens são intuitivas culturais, capazes de mediar a produção de novos saberes e conhecimentos. Nas concepções de Giroux (2013) a ressignificação da prática cultural pressupõe a superação de uma visão instrumental, sendo necessário desenvolver habilidades que envolvam a história, a política, o poder e a cultura. Mais que nunca, tal como afirma o autor, a escola transcende os muros, com o trocadilho e a atualização que nos permite o tempo atual, se expande nas redes e fluxos digitais, onde o fazer coletivo implicado, faz surgir performances etnocenológicas das aprendizagens intervencionistas, mediadas e implicadas. Desse ponto de vista, a educação no contexto das aprendizagens etnocenológicas compreende o cultivo de algumas características capazes de redimensionar o cotidiano e as experiências entre os pares aprendizes. Vejamos abaixo;

Figura 11 – Características para pensar as experiências das aprendizagens



Fonte: organização do pesquisador (2021).

Com base nessas experiências, posso afirmar que as redes juvenis net-ativistas mantiveram um trabalho de diálogo, dedicação on-line, tentando prestar um serviço público à comunidade onde estão envolvidos. Criaram uma rede de divulgação e compartilhamento de cuidados, ideias e informações, mantiveram um alerta para debater sobre os cuidados no isolamento, pois antes mesmo de serem redes de pares, se constituem como redes de cuidados e de afetos com os seus pares, com outros e a sociedade. Serviram como redes de solidariedade, buscando potencializar as ações para além dos seus coletivos de origem.

Logo, falar em educação nesse contexto requer entender os espaços das vivências sociais, ampliando sua dimensão para os diferentes lugares de convívio, a exemplo de ambiências virtuais que dão outros sentidos às experiências das aprendizagens. Ouvir esses/essas jovens e entender o que pensam, os significados expressos e partilhados nas suas redes de colaboração, engajamento e sensibilidade, permitindo assim, um redesenho e criação de alternativas capazes de potencializar o fenômeno educativo.

Ressignificar a sala de aula, tomando como exemplo as formas de organização dos/das jovens utilizados os dispositivos digitais para criar, intervir e alterar a realidade é certamente um desafio promissor aos educadores e instituições de ensino, conforme descreve Moran (2018) ao mencionar que a sala de aula pode torna-se um espaço privilegiado de cocriação, *maker*, de busca de soluções empreendedoras, partindo de situações concretas, inclusive com uso das tecnologias digitais.

Nessa premissa, aprender pressupõe o convívio e envolvimento com diferentes linguagens e pares sociais que podem e estão engajados em experiências on-line. Mais que isso, reflete a capacidade de expandir as experiências de comunicação nas redes, criando uma atmosfera de atração, partilha e interatividades entre pares que formam células de compartilhamento de informações, saberes e conhecimentos. Além disso, pressupõe que a partilha em rede tem como fundamento princípios como solidariedade, respeito, confiança e colaboração, não só estes é claro, por isso o desafio “[...] salutar de criar uma atitude reflexiva que permita aos jovens um olhar crítico sobre o uso das TDIC, como caminho formador de uma ética para o futuro, preocupada com o bem estar da condição humana responsável” (SANTOS e SANTOS, 2020, p. 46).

Desse modo, o desafio posto no atual momento da experiência humana, tomando o exemplo das culturas juvenis, consiste na possibilidade de reinventar os modos de se entender e propor formas de aprendizagens capazes de abrigar o cruzamento de pessoas, objetos e

espaços-tempos virtuais que despertem o desejo, o envolvimento e a paixão de aprender junto com o outro. Penso que essas redes de colaboração, protagonizadas pelos/pelas jovens nos seus coletivos, surgem a partir de suas experiências de formação, sendo a universidade um importante espaço para desenvolver habilidades e projetos com cunho social. É necessário lembrar que, no conjunto dos/das jovens, quase a sua totalidade possui diretamente uma relação com espaços acadêmicos. Neste tocante, as universidades e seus núcleos de pesquisa e formação social funcionam como sendo uma “incubadora” de ideias e projetos de grande importância, sendo necessário impulsionar esse vínculo e natureza nas instituições de educação, como sendo uma possibilidade de cultivar e potencializar a intervenção, o engajamento e atuação social, verdadeiras redes que repercutem nas ações comunitárias, com impacto direto na vida social dos/das jovens e seus pares locais.

Como proposição, a partir das experiências e ações dos/das jovens, é possível destacar a possibilidade de experimentar outras formas de educação, com o uso dos dispositivos das culturas digitais. Nesse sentido, é possível pensar na coletividade como sendo uma premissa muito importante para os/as jovens. Pensar além da relação individual e pontual é condição *sine qua non* para pensar em estratégias. As redes de convivência coletiva, envolvem escuta, partilha, negociação, criatividade.

Outra questão essencial envolve a participação, não basta saber dos desafios que envolve a vida cotidiana, é necessário implicar-se com temas e pautas das diferentes áreas de atuação, política, cultura e educação, meio ambiente. A consciência dessa questão e sua utilização como orientação do fazer pedagógico, envolve a formação crítica de estudantes, tornando-os capazes de intervir, analisar o cotidiano e suas contradições, abrindo possibilidades de vivenciar uma cidadania. Alcântara, Linhares e Freire (2019) em pesquisa envolvendo o uso de dispositivos tecnológicos por jovens, concluem que é preciso garantir uma formação e conhecimento dos/das jovens para o uso das tecnologias, desenvolvendo nestes, um olhar crítico sobre o seu papel na vida social. Em consonância com o autor, se observa que, mesmo nas ambiências digitais, existe na percepção dos/das jovens, a necessidade de pensar o uso, os comportamentos, baseando-se numa diretriz precípua de uso responsável e crítico das redes.

Nesse mesmo caminho, o reconhecimento da diversidade se apresenta como sendo um traço principal que envolve as experiências com outros pares nas redes, cada qual com sua linguagem, forma de identificação, formação religiosa, étnica. O seu uso possibilita criar práticas educativas que dialoguem com singularidades dos atores/atrizes envolvidos com as

experiências de aprendizagens, de modo a cultivar as diferentes linguagens, os traços, formas de ver e posicionar-se na vida. O entendimento histórico das distorções sociais que, são reproduzidas cotidianamente precisam ser usadas como forma de situar uma prática que inclua a natureza humana, tão polissêmica. Desse modo, a experimentação de uma performatividade juvenil pressupõe pensar a educação como sendo uma prática plural, capaz de usar as diferentes tecnologias do corpo para oportunizar experiências lúdicas, estética (infoestéticas) e éticas, inclusive com o uso das tecnologias digitais. No fazer cotidiano, presencial ou virtual, o uso do teatro, das artes em toda a suas múltiplas facetas é caminho fecundo para atribuir significado à educação, cultivando o desejo, o desenvolvimento de habilidades polissêmicas.

Com base nisso, a emergência da aprendizagem ou das aprendizagens (etnocenológicas) envolve entender o cotidiano como sendo oportuno para formar atores/atrizes com os diferentes objetos, dispositivos e plataformas tecnológicas, percebendo e cultivando a importância das linguagens e culturas que são formadas nos cenários não formais, porém formativos de saberes que potencializam os conhecimentos acumulados ao longo da vida-formação. Moran (2018) ressalta que os processos de aprendizagens compreendem uma multiplicidade de cenários. Note-se:

Os processos de aprendizagem são múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais, organizados e abertos, intencionais e não intencionais. O ensino regular é um espaço importante, pelo peso institucional, anos de certificação e investimentos envolvidos, mas convive com inúmeros outros espaços e formas de aprender mais abertos, sedutores e adaptados às necessidades de cada um. (p.3)

Desse modo, fazer uso, como orientação à prática, dos princípios que decorrem das aprendizagens etnocenológicas envolve abrir-se para a criatividade, não normatividade e mediações fluidas, que se encaixam dentro de uma instabilidade formativa. Tal como a vida, em seus sistemas autopoieticos, a dimensão das aprendizagens “**nas redes e nas ruas**”, visualizada a partir do acompanhamento dos coletivos juvenis, destacam a urgência de ressignificar as instituições educacionais, tornando-as abertas às instabilidades e imprevisibilidades de um mundo com tantos dilemas.

Entre as dimensões da etnocenologia virtual das aprendizagens, a solidariedade se destaca como princípio implicado com o contexto local, visando a intervenção, ajuda e colaboração para intervir em problemas sociais, na formação de crianças e jovens, deixando claro, o papel social das ações pensadas e implementadas pelos coletivos. Desse ponto de vista, foi perguntado aos jovens do estudo, de que modo as experiências ajudavam a comunidade ao redor, especialmente as pessoas que participam delas. Essa questão, além de necessária,

exprime a radicalidade das intervenções juvenis nas comunidades e situam a preocupação com o outro, com o coletivo, com possibilidade de criar alternativas de suportar, driblar e superar os desafios postos no cotidiano, especialmente nas comunidades periféricas.

Nesse percurso, a jovem Camaleoa destaca o papel social das ações desenvolvidas nas comunidades e descreve como sendo primordial o objetivo de dar autonomia às pessoas que vivem na comunidade. Já a jovem Combativa, menciona a questão da participação das mulheres numa rede de pertencimento, sendo essas a grande contribuição do coletivo, pois, muito além das ações implementadas na comunidade, se forma uma identificação e criação de pontos de reconhecimento que extrapolam as ações pontuais. As falas das jovens são esclarecedoras:

Eu vejo que eles se sentem sim donos daquele espaço e a gente dialoga sobre essa questão da autonomia, eles viram que tá acontecendo alguma coisa que eles podem tá resolvendo, eles nos procuram para saber informações, mas sei que buscam outros meios para resolver aquele problema, já que eles sabem que podem resolver. A autonomia é uma das grandes ideias que a gente investe na comunidade. (Camaleoa, 27 de março de 2020).

Então é naquele sentido de conhecer os meus direitos enquanto mulher, conhecer os espaços deliberativos, formas de participação. Então eu acredito que também era uma transformação importante para todas as mulheres que participaram, esse maior conhecimento sobre a rede de proteção a mulher em situação de violência, sobre formas de participação e de fiscalização de políticas públicas. Então podem ter impactos que a gente nem têm ideia, fora o que a gente sabe diretamente de pessoas que depois ou durante o evento, na roda de conversa, falam que estavam precisando ouvir aquilo, que não sabiam a quem recorrer. (Combativa, 25 de março de 2020).

Dimensionando o trabalho do coletivo (@papajaca), o jovem Lagartense destaca a sua natureza comunicativa. Baseando-se numa linguagem jornalística investigativa, faz menção à discussão de pautas envolvendo a política local, outros temas polêmicos, como liberação da maconha, corrupção, na compreensão do jovem, “[...] o coletivo cumpre o papel de fazer com que as pessoas entendam que este meio de comunicação digital não é meramente entretenimento, ajudando na formação política e cidadã, especialmente da população de Lagarto” (Lagartense, 23 de março de 2020).

As preocupações das jovens são mencionadas por outros/outras participantes da pesquisa que, agregam outros elementos para descrever a implicação com a comunidade, sendo essa dimensão solidária das experiências e aprendizagens, traduzida na tentativa de produzir trabalhos com viés social, buscando atender pessoa de todos os níveis econômicos, como explica a jovem Artista, ao mencionar que as oficinas, criadas pelo coletivo (@coletivoexp), tem como finalidade proporcionar às pessoas experiências com a arte, desconstruindo a ideia de fruição artística como sendo algo elitista. Por sua vez, o jovem Criativo, relata justamente o

ideário de propor ações em comunidades que são carentes, destacando-se os atores/atrizes sociais, órfãos de arte, cultura e educação.

Nossas preocupações do que a gente pode fazer ao nosso redor, dentro de trabalhos sociais, é muito voltado a abranger pessoas que talvez não tivessem o acesso a considerar a arte como uma opção, e estar localizado em um bairro que seja considerado periférico. Então é muito isso, essa preocupação da gente se mostrar como um coletivo inclusivo e trabalhar nossa relação com a comunidade a partir disso, de que fazer arte não é coisa de gente rica, mas sim, de ser humano. (Artista, 30 de março de 2020).

Quando a gente se propõe, um grupo ou coletivo se propõe, a fomentar a cultura, a fomentar atividades que possam ajudar aquela comunidade a fazer algo diferente, porque as vezes as comunidades ficam sem tantas opções, a depender do espaço. Então, a gente quer proporcionar isso, né? que o nosso trabalho, no *design*, é fazer essas informações chegarem a essas pessoas e, de alguma forma, fazerem essas pessoas se sentirem acolhidas. (Criativo, 27 de março de 2020).

Estamos sempre pensando como usar o nosso conhecimento da universidade, utilizarmos fora dela. É um processo de acúmulo para também criar referências, fazendo atividades e mostrando como podemos ajudar nas comunidades periféricas, nos assentamentos, nas atividades de engajamento e atuação política. (Politizado, 31 de março de 2020).

Quando a gente leva esses debates, qualquer tipo de debate, pra dentro das instituições a gente diz que é preciso que a comunidade participe para que a comunidade também consiga ter algo positivo e saber o porquê aquela instituição tá ali. (Estanciano, 05 de abril de 2020).

Os dois últimos extratos das falas destacadas acima, respectivamente dos jovens Politizado e Estanciano, endossam a aspecto político da educação, dimensionando a necessidade de tornar as instituições de ensino vetores de transformação social, especialmente nas comunidades onde estão inseridas, com o uso social dos conhecimentos produzidos e adquiridos nesses espaços de ensino e pesquisa, corroborando a premissa extensionista, vista aqui, como parte da dimensão solidária, propostas por jovens e de grande impacto social. Corroborando com a importância dessa prática implicada, o jovem Conciliador, acrescenta que todas as ações desenvolvidas no âmbito do coletivo (@os_caatingas), tem como orientação o envolvimento da comunidade. Recordando alguns cursos oferecidos, tais como “[...] Nesse momento a gente tá colocando todas as atividades para o Santa Maria, curso de teatro, de língua brasileira de sinais, curso de mídias, formação para pré-candidatos a vereadores de como lidar com as redes sociais. Tudo isso é pra comunidade. (Conciliador, 22 de março de 2020).

Dessa maneira, a dimensão solidária compreende o reconhecimento dos pares, dos desafios vividos nas comunidades, onde estão situados os coletivos ou onde são destinadas às intervenções, revelando duas questões importantes: a) o reconhecimento da origem dos

membros do coletivo; b) o desenvolvimento de experiências que agreguem na formação comunitária. Por tudo isso, a vivência coletiva em rede, nas comunidades, torna-se um exemplo, uma inspiração e irradiação de práticas de acolhimento, escuta, sensibilidade e solidariedade, em nível local. Mafessoli (2017) menciona as redes juvenis com uso das tecnologias digitais, como uma potencialidade humana para redimensionar e criar um futuro mais equânime, equilibrado e saudável.

Como sendo resultado dessas orientações, destaca-se ainda o cultivo do princípio de defesa da vida, num mundo cada vez mais assolado por extremismos, onde se observa a exacerbação do egoísmo, preconceito, intolerâncias das diferentes naturezas, revistar a ideia de coletividade, participação, performatividade e diversidade, requer potencializar o discurso e as práticas em defesa de um olhar plural. Nas falas e nas ações comunicativas, percebo as características que compõem a etnocologia das aprendizagens juvenis com os dispositivos de convivência e colaboração, quer nas redes ou nas ruas, como incontestes ambiências de formação humana, onde são trocadas, partilhadas e aprendidos novos conhecimentos e posturas.

Nestes fenômenos de atração e colaboração são experimentadas formas de intervenção, por meio da criatividade, outra dimensão usada pelos/pelas para demonstrar sua implicação com o mundo, com temas de grande repercussão ou meio pelo qual, vivem e exploram formas discursivas de linguagens, artísticas, estéticas (infoestéticas), corporais, lúdicas.

Por tudo isso, é preciso compreender a formação dos cenários dos protagonismos juvenis, situados nas redes de comunicação e interação net-ativistas e como estes se constituem como ambiências potenciais para o desenvolvimento da cognição e aprendizagens, ocorridas por meio das experiências socioeducativas, demarcadas pela inserção, utilização, disseminação, compartilhamento, colaboração, cocriação com uso dos dispositivos comunicacionais que favorecem e redesenham os cenários educacionais na contemporaneidade, como condição existencial humana, coletiva.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Acompanhar, registrar e perceber a produção dos/das jovens com a utilização dos dispositivos digitais foi uma tarefa e um fazer muito especial. Durante todo o processo de pesquisa, especialmente durante o período destinado à produção dos dados, me surpreendia à cada ação, experiência ou mediação divulgada nas redes sociais digitais. O fenômeno do conectivismo juvenil por meio da participação em coletivos de atração, convivência e interesses comuns foi se materializando com a aproximação e constituição de laços com os/as jovens.

São potentes as criações dos/das jovens nos coletivos no Estado de Sergipe, sobremaneira por sua dimensão territorial e populacional, o que pode ser considerado um fato distinto, e, ao mesmo, tempo, uma condição propícia para o surgimento das organizações coletivas, se levarmos em consideração a proximidade dos municípios e a rede de interações que se materializam em terras sergipanas. Mesmo suspeitando da emergência desse fenômeno no Estado, foi surpreendente notar a quantidade de coletivos formados por jovens, bem como se tornou instigante observar as distintas pautas, temas e propostas de intervenção.

Nesse sentido, as culturas juvenis na cena contemporânea, imbricadas com as culturas digitais, deixam transparecer uma série de agenciamentos que destoam das noções homogeneizantes, simplistas e redutoras sobre os/as jovens. Ao contrário, observo que no mundo e no Brasil, “as juventudes” tomaram para si uma responsabilidade com a vida e a superação dos dilemas que envolvem o cotidiano humano, formando assim, uma rede de interação e engajamento com repercussões internacionais e locais, preocupada com o outro em sua dimensão plural. Obviamente, essas práticas não podem ser tomadas dentro de uma ideia universal, pois existem outros comportamentos juvenis destoantes. Todavia, é inegável perceber a coexistência de “novas sensibilidades”, de “novos reencantamentos”, onde os/as jovens apresentam caminhos possíveis.

Sobre essas mudanças de comportamentos, é possível destacar a apropriação dos/das jovens com as TDIC, convergentes, interativas, móveis, afastando a ideia de uso banal, reduzida ao mecanismo de exposição de imagens privadas e despreziosas. O aperfeiçoamento dos dispositivos tecnológicos, especialmente com a projeção das tecnologias da *Web 2.0*, permitiu aos atores/atrizes sociais, de maneira particular, os/as jovens, criar ambiências e narrativas nas redes, pautadas numa implicação social e humana. Portanto, no âmago desse fenômeno, observo a construção de uma postura crítica quanto ao uso das tecnologias, especialmente nas redes

sociais digitais, ambiências de trânsito, conflitos, negociações e cultivo das subjetividades juvenis na contemporaneidade. Nessas redes de interação, são ritualizados desejos, vontades e maneiras de enxergar a vida, mais que isso, são expostos desejos antagônicos que movem os atores/atrizes sociais, *performers* experimentando comportamentos como: atração, repulsa, convívio, interesse, negação e bloqueio, como também observo o convite para dialogar, conviver, festejar, trocar experiências e aprender colaborando. Nesses cenários fui me permitindo registrar, acompanhar, descrever, conviver e entender os/as jovens e suas performances “nas redes e nas ruas”.

Nessas tramas virtualizadas, são cultivados vínculos coletivos que se formam a partir de experiências locais e vão sendo experimentados e ampliados com outras pessoas. Os coletivos partem de uma agregação entre pares, sendo resultado de um tribalismo e da atração-desejo que, na atualidade, direciona as práticas para o sentir, vibrar, intervir e aprender, juntos! Entre os/as jovens deste estudo, notei que os coletivos representam uma força mobilizadora, o encontro com a diferença, a singularidade e a possibilidade de intervir nos cenários de atuação da vida-arte cotidiana. Os coletivos estão imersos numa espécie de “atração amical”, sendo esta uma “senha” primordial para o cultivo das vivências observadas.

Desse modo, os coletivos juvenis representam o desejo de mudança, a possibilidade de alteração do *status quo*, buscando cultivar performances comunicacionais plurais, transgressoras aos padrões instituídos. Eles/elas estão aí para dizer e mostrar que existem vozes e narrativas negligenciadas/marginalizadas, criam narrativas de denúncia social, mas também praticam a construção de realidades sem esperar pelo Estado, os governantes ou responsáveis, “arregaçam as mangas” e tomam a expressão “nós por nós mesmos” como sendo um lema importante, pois o fazer e a mudança social envolve a tomada de decisão e a alteração de comportamentos.

Não obstante, os coletivos pesquisados, @coletivo.camaleão, @coletivoexp, @coletivolegua, @os_caatingas, @opapajaca, @quilombose, @gdgaracaju, @levantesergipe e @coletivodemulheresdearacaju, tomam essa diretriz como condição existencial, cultivando experiências, ações comunicacionais e intervenções em bairros periféricos nos diferentes municípios onde estão situados. Essas células de esperança, os coletivos, se formam por vinculações pessoais e buscam criar alternativas comunitárias, utilizando as redes sociais digitais para divulgar, atrair e engajar novos pares que queiram compor uma rede de cooperação, cocriação e colaboração.

Nos coletivos pesquisados notei a existência de uma estrutura flexível dos membros ou o desapego da noção de hierarquia dos seus participantes, afinal, como expresso por eles/elas, “estamos todos juntos e misturados”. Um fato muito interessante observado nos coletivos em Sergipe, com destaque para aqueles que fazem parte do cotidiano dos/das jovens, é o conhecimento, a troca e relação entre estas células juvenis, não só nas redes sociais, mas também nas ações que são projetadas e executadas conjuntamente. Outro traço característico dos coletivos corresponde à materialização de suas ações, o que eu chamo de implicação intervencionista na realidade objetiva. O lema “nas ruas e nas redes”, usado pelos/pelas jovens, representa mais que um enunciado, é um emblema, um estandarte desse modo de fazer coletivamente que se imbricam, tanto nas redes presenciais, como nas redes virtuais de interação e convívio. Não à toa, os coletivos se expressam como praticantes de net-ativismos, “*net-artivismos*”, não importa os termos, mas as intenções dessas comunicações.

O processo de aproximação dos/das jovens dos coletivos se deu por meio de diálogos e ricas trocas de saberes. Foi muito interessante e profícuo o modo como os/as jovens se reportaram a mim, acenando positivamente com a participação na pesquisa, buscando entender o objeto de estudo e como poderiam ajudar. Muitos jovens mencionaram a felicidade em participar do estudo, destacando a importância em registrar as narrativas juvenis na atualidade. Destaco ainda que, o desenvolvimento das entrevistas, remotamente, com uso de aplicativos de videochamada, tornou-se a opção mais viável, levando em consideração a emergência de saúde. Oportunamente, os diálogos se constituíram como ambiências de aprendizagens relevantes.

Os/as jovens que participaram dessa pesquisa, Camaleoa, Lagartense, Combativa, Artista, Criativo, Juno, Politizado, Empoderada, Conciliador e Estanciano, cada qual a sua maneira, carrega consigo um desejo especial de mudança e equidade social. Como os/as jovens da série *sense8*, comungam sonhos e buscam cotidianamente expor suas ideias, mobilizar outros jovens. Extrapolam a ficção científica, pois vivem, criam mobilizam o cotidiano, são formadores de opinião, expressam os sentidos que os conduziram aos coletivos e o modo como foram forjados a disputar os espaços de visibilidade social, com destaque para as redes e o uso dos dispositivos. Me chamou atenção nelas/nelas, a natureza inquieta, o desapego de uma premissa individualista e a inclinação para a solidariedade. Conviver com elas/elas, ainda que por um curto espaço de tempo, me fez revistar conceitos e ver o mundo de outra forma. Fazem parte de um elo sensitivo que tem por princípio o bem coletivo, o olhar solidário, o fazer como

ação implicada, na mescla de práticas presenciais e virtuais (nas redes e nas ruas), criando cenários interventivos e propositivos.

Os/as jovens performam militâncias que não se esgota nas redes, mas encontra nos dispositivos digitais, meio fecundo para mobilização e engajamento de outros pares sociais. A clareza dessa noção possui forte relação com o reconhecimento de sua condição cidadã, com a qual é um “prazer-dever” retribuir com a coletividade. Aliás, esse corpo cifrado com as tecnologias digitais busca com o uso delas, trazer para o campo de discussão temas como preconceito, as questões de gênero, meio ambiente, educação, arte e cultura, religião, etc. Nessas tramas fluidas, compostas por enunciados, o envolvimento net-ativista vai sendo cultivado nas vivências (on-line e presenciais).

A deflagração da pandemia de COVID-19, fez reconduzir os caminhos e percursos metodológicos, endossando a necessidade de uso dos dispositivos digitais para conduzir a mediação com os/as participantes do estudo. Este redimensionamento em nada alterou o escopo da pesquisa, ao contrário, permitiu centrar os olhares e esforços para melhor aprofundar as questões que nortearam o estudo. Assim, a escritura no diário de itinerância (app-diário), a realização das entrevistas e o acompanhamento e registro das narrativas digitais dos/das jovens, culminou com a produção de muitos dados de investigação. O esforço para realizar a transcrição, fazer o registro (*print*), seleção e clipagem das narrativas digitais exigiram muita disciplina e fôlego, sendo também esta etapa um momento de muitas descobertas, afinal, por meio do cruzamento e complexificação dos dados produzidos, foi possível cruzar informações e realizar contrastes entre falas e práticas. Como o período de acompanhamento dos/das jovens durou seis meses, foi necessário recorrer aos mesmos, em diferentes momentos, para tirar dúvidas, checar informações ou solicitar mais esclarecimentos sobre as performances e experiências (inéditas) que forma sendo postadas nas redes sociais.

Pude notar que os/as jovens por meio dos seus coletivos possuem uma relação muito próxima com instituições de ensino, com destaque para as universidades e faculdades. Esses espaços, onde quase todos os/as jovens possuem/possuíram um vínculo formativo, são vistos na pesquisa, como uma espécie de “incubadora dos desejos juvenis”, onde foram sendo mobilizados os sonhos, a consciência política e o desejo de intervir na vida-arte cotidiana. Por outro lado, observei que coexiste uma disparidade entre os anseios dos/das jovens com o que é tomando como conhecimento nesses espaços de formação. Alguns jovens relatam não ver sentido nas experiências de ensino que são vividas na universidade, sobremaneira, por estas não

conseguirem refletir e intervir na realidade ao redor. Isto me faz refletir sobre o papel social do conhecimento e a criação de experiências implicadas com o cotidiano social, tomando as universidades e faculdades como espaços que podem impulsionar ou limitar os desejos das juventudes.

O fenômeno da **Etnocologia Virtual das Aprendizagens Juvenis** se apresenta como prática sociocultural implicada com os usos dos dispositivos digitais, comuns aos jovens nos últimos dez anos, especialmente com o advento das tecnologias digitais que permitiram aos atores/atrizes sociais passarem de meros consumidores a produtores de conteúdos, baseados em princípios como: interatividade, mobilidade, interconexão, convergência, ubiquidade. A mudança da ação do usuário tornou possível não só a experimentação de novas formas de aprendizagens, mas tornou latente o desafio de estilizar, ritualizar e performar os cenários educacionais.

Por isso mesmo, é extraordinária, etnocológica e contagiante, a apropriação humana desses dispositivos, em especial, a potencialidade de seus usos para aprender coletivamente. Se levarmos em consideração as práticas dos/das jovens (presenciais e virtuais) temos aí um conjunto de elementos que se destacam como sendo radicais para projetar a educação e as aprendizagens. Por isso mesmo, os cenários, performances, experiências e mediações com os dispositivos das culturas digitais se apresentam como elementos de (des) construção.

Quanto ao primeiro objetivo deste estudo: **Analisar como as narrativas juvenis em redes (on-line e presenciais) mediadas com os dispositivos digitais fazem surgir performances etnocológicas, de comunicação, partilha, convívio, engajamento e solidariedade, situadas numa etnocológica virtual da aprendizagem juvenil contemporânea.** Foi possível notar que as performances dos/das jovens expressaram o desejo implicado com temas variados, por meio de suas ações “nas ruas e nas redes”. Nesses espaços-tempo são estabelecidas mediações comunicativas, de natureza híbrida, buscando intervir em temas de interesse coletivo. Criam redes com seus pares nos coletivos e se relacionam com outras instituições, buscando colocar em execução, projetos sociais, culturais e educacionais.

Desse modo, as narrativas cultivadas pelos/pelas nas redes revelam a importância do pensamento coletivo, da colaboração, da coautoria e cocriação, todos esses traços que compõem a etnocologia virtual das aprendizagens juvenis. Além das relações de interação, troca e convivência com pares, usam de maneira mais específica, os diferentes dispositivos, com destaque para os *smartphone* e o manuseio dos variados aplicativos de comunicação para expor,

divulgar e disseminar informações. Merece atenção, por diferentes olhares, o modo como os/as jovens, usam a rede social *Instagram*, como sendo uma das ambiências utilizada para cultivar relações. Ademais, é importante ratificar que as mediações dos/das jovens, em seus coletivos, dão origem a diferentes narrativas, considerada nesta tese como sendo performances comunicacionais de natureza intervencionistas, experimentais, culturais, ritualísticas.

Quanto ao segundo objetivo da pesquisa: **Compreender como ocorrem os processos de aprendizagens etnocenológicas dos/das jovens com os dispositivos digitais nos coletivos comunitários (em redes virtuais e presenciais) de engajamento, ação comunicativa e solidariedade net-ativistas, e, como estes redesenham o entendimento sobre o fenômeno das aprendizagens e a educação na contemporaneidade.** Cabe mencionar que as aprendizagens etnocenológicas ocorrem por meio das práticas engajadas dos/das jovens no âmbito dos coletivos que fazem parte, com destaque para as experiências que são cultivadas e partilhadas a partir de uma “aprendizagem engajada”, como foco nos dilemas vividos por seus agrupamentos, buscando exercer uma intervenção.

Dessa maneira, as dimensões constitutivas da Etnocenologia Virtual da Aprendizagens Juvenis envolve o uso, estilização e exploração de performances (virtuais e presenciais) com foco na colaboração entre seus pares, priorizando o uso da criatividade e das diferentes expressões artísticas: teatro, cinema, música, pintura, fotografia, etc. Outra dimensão das aprendizagens etnocenológicas consiste na solidariedade, pensar no outro, conviver com a diferença, criar alternativas de compartilhar e retribuir, visando o bem comum.

De igual modo, a dimensão política ganha lugar de destaque nas narrativas e performances juvenis, apresentando-se muitas vezes como um involucro para as outras questões, o olhar crítico, o uso crítico das tecnologias, o posicionamento frente ao descabido, mais que isso, a postura política envolve o fazer desses/dessas jovens, atentos e vigilantes. A dimensão de engajamento reflete o modo como buscam intervir na vida cotidiana, utilizando as redes para atrair, formar outros pares, criar parcerias, chamar atenção para temas que merecem ser tocados e debatidos. É preciso empregar energia mobilizadora diante de um “presenteismo”. Engajar-se em ‘ato e ação’, performando com pautas importantes, a educação e suas polissemias é uma delas!

Sobre a dimensão de engajamento, é cada vez mais comum associar as experiências escolares formais às dinâmicas não formais. No mundo, os currículos escolares estão dedicando tempo e experiência dos alunos com iniciativas colaborativas, a exemplo das ONGs, onde se

observa uma mudança no olhar para as aprendizagens, sendo esta o resultado da atuação coletivos propositivos. É necessário e urgente vivenciar experiências formativas implicadas e compartilhadas entre pares comunitários. O que importa é participar criando redes de mudança, independente das causas, se essas fazem parte de um bem maior, solidário, ético, ecológico e humano.

Não obstante, todas essas experiências vividas pelos/pelas jovens nas suas redes coletivas permitem redesenhar o entendimento das aprendizagens, abrindo caminhos para refletir sobre a educação na cena contemporânea. De antemão, torna salutar perceber a educação para além dos espaços formais de escolarização, estendendo a experiência educativa para as diferentes possibilidades que emergem das culturas digitais. É salutar tomar essas provocações como sendo um convite para pensar as aprendizagens, de modo a privilegiar experiências com pares coletivos, pautados na ideia de cocriação, colaboração, uso de diferentes linguagens visuais, estéticas, lúdicas, priorizando uma prática educacional engajada, permitindo aos atores/atrizes a ritualização de experiências autônomas com uso das redes.

Deste modo, os elementos constitutivos das aprendizagens etnocenológicas (extraordinárias), tomando como exemplo os jovens, apontam para a formulação de ambiências de mediações que deslocam o fenômeno da aprendizagem para as experienciais sociais, destacando-se, por exemplo, o cultivo de aprendizagens móveis, ubíquas, por meio de diferentes dispositivos conectados. Para além disso, perpassa pelo desenvolvimento de uma noção de responsabilidade planetária com os demais atores/atrizes humanos e as diferentes formas de vida.

Com base nesses objetivos e no acompanhamento do fenômeno, foram sistematizadas as seguintes noções subcunçoras: a) Performances net-ativistas implicacionais; b) Mediações-*lives* e aprendizagens etnocenológicas nas redes; c) Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas ruas; d) Aprendizagens etnocenológicas intervencionistas nas redes. Essas formulações surgiram do acompanhamento dos/das jovens, de suas falas, das suas ações nos coletivos e fazem parte de uma apreensão analítica minha. Dito de outra forma, exprimem os achados da pesquisa e sintetizam os principais significados possíveis nessa jornada de descobertas.

Diante do exposto, levando em consideração os achados da pesquisa, posso afirmar que as performances virtuais de aprendizagens etnocenológicas vividas pelos/pelas com os dispositivos das culturas digitais em redes de partilha, convívio, engajamento e solidariedade

(net-ativistas), potencializam as experiências de aprendizagens socioculturais de natureza híbrida (presenciais e virtuais), fazendo emergir o fenômeno da Etnocologia Virtual da Aprendizagens Juvenis na Contemporaneidade, ressignificando os cenários, as experiências, a forma de mediar e performar a educação na atualidade, corroborando com a tese que me provocou e continuará me provocando.

Em contrapartida, olhando para o universo que evolve as juventudes no Brasil, é necessário destacar a incongruência e ineficiência das políticas públicas que tornam os/as jovens, órfãos de direitos. É importante frisar que, mesmo depois de oito anos da lei que instituiu o do estatuto da juventude, se observa uma lacuna e a vilipendiação dos direitos desses atores/atrizes à educação, saúde, emprego, cultura, meio ambiente. etc. Este é um dos fatores que faz emergir os coletivos juvenis contemporâneos.

Os principais desafios que cercaram a organização desse trabalho de pesquisa, consistiu na complexidade de informações, na necessidade de uma postura implicada durante o acompanhamento dos/das jovens, buscando revelar uma imagem aproximativa (imperfeita) das experiências vividas por eles/elas em suas redes, ações e coletivos. A natureza complexa do objeto investigado envolvendo o uso das culturas digitais, associados às escolhas metodológicas, certamente revelou-se um desafio diário e permanente, pois não bastava apenas colher as falas, a observação, o registro das/nas redes, sua organização e análise todos os dias. Levou-me muitas vezes ao esgotamento mental, mas paralelo a isso, faziam crescer o desejo de continuar pesquisando, acompanhando, registrando o que produziam os/as *performers* colaboradores.

Concluída essa etapa de investigação, ficou latente para mim, a vontade de desenvolver outros trabalhos com os/as jovens, conhecer de perto os demais componentes de cada coletivo, partilhar as ações de intervenção, perceber *in loco* como se materializa a relação dos coletivos com suas comunidades. A pesquisa com os coletivos juvenis envolve diversos campos de análise, sobremaneira, pelos diferentes projetos que se apresentam como campo futuro de suas ações. Lembro-me que durante a pesquisa, muitos jovens sinalizaram o desejo de partilhar e conhecer mais os outros coletivos, até mesmo cobraram de mim essa interlocução, o que infelizmente não foi possível por uma questão de tempo e condução metodológica. Ademais, coexiste o desejo de aprofundar as questões relacionadas às políticas destinadas às juventudes, observando como estas possuem interseção ou não com o fazer juvenil e como os/as jovens

enxergam tais relações. Escrever essas narrativas potenciais e fazeres engajados traduz um sopro de esperança!

Desse modo, os saberes e conhecimentos mobilizados pelos/pelas, nos coletivos ou não, parece-me caminho fecundo para entender e projetar a vida. Aproximar-se de suas narrativas e experiências (nas redes e nas ruas) me permitiu manter vivo o desejo e a motivação para continuar acreditando que é possível criar um mundo mais justo e equânime. Nas dobras desse fenômeno, encontramos pulsantes desejos e verdadeiras propostas de intervenção capazes de mobilizar mudanças numa esfera local ou mundial. O convite que os/as jovens fazem, também nos atravessa em cheio, tocando em questões que estão arreigadas em cada um de nós.

Isso exige perceber que só por meio do reconhecimento de um “corpo coletivo” conseguimos avançar na construção de um projeto humano inclinado para a solidariedade. Escutar os/as jovens e entender como pensam e projetam o fazer cotidiano envolve viver nas suas redes de colaboração (virtuais e presenciais), se permitir, engajar-se, sentir! Portanto, os coletivos juvenis estão mobilizando, intervindo e alterando realidades, sendo este, um caminho promissor às instituições de ensino, educadores, pesquisadores e interessados em projetar suas práticas pedagógicas. Por tudo isso, os/as jovens em seus coletivos, verdadeiras “células de atração-convívio”, fazem redesenhar as nossas certezas, entre elas os caminhos, espaços e os princípios que conduzem a educação contemporânea, mais que nunca, na direção de ser estilizada, hibridizada, mesclada e vividas nas ambiências e nos dispositivos das culturas digitais, dando lugar às outras formas de aprendizagens, interativas, multimodais, colaborativas, interconectadas e coletivas, onde é imperativo, o sentimento de pertença e a vontade de aprender com o outro.

Os cenários que envolvem o fenômeno das interações juvenis com os dispositivos digitais são promissores e pede um olhar atento e aproximativo do campo educacional, pois suas performances, narrativas e ações atravessam o fazer cotidiano, abrindo múltiplos espaços, ambiências e modos de viver e *performar* as aprendizagens. Essas transgressões juvenis continuarão a desafiar as nossas certezas, medos e dúvidas, pois elas subvertem os cenários de convencionais de atuação, com alegria, risos, choros, dança, arte, gritos, resistência, resiliência, paixão e fé, elementos de uma socialidade encarnada, optando por tentar (des) construir e aprender juntos. Os/as jovens continuam em movimento, propondo, criando, performando, o quadro analítico de narrativas, ações e estilizações aqui registradas, se apresenta como um cenário possível de capturar, como sendo uma imagem (criação), situada no tempo-espaço

(provisório) desta investigação, pois a vida-arte, os/as jovens-*performers* solapam os nossos sentidos, criando cenários de aprendizagens inéditos, fronteiriços e necessários à educação na atualidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADERALDO, G. Linguagem audiovisual e insurgências populares: Reconstituindo uma experiência associativa entre jovens vídeo-ativistas nas “periferias” paulistanas. **Iuminuras**, 18(44), 74-101, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36720/29688>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

ALCÂNTARA, C.; ANDRADE, L.; LINHARES, R. N.; Freire, V. O jovem e as mídias: conhecimento e cibercidadania. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, América do Norte, 2018. Disponível: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/1933/47965963>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

ALMEIDA, M. I.; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AMAR, V. Ubiquidade ou ubiquidades: uma brincadeira com palavras na educação contemporânea. In: SANTOS, É.; PORTO, C. **App-Education: fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura**, EDUFBA, 2019.

ANDERSON, C. **A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ANDRADE, P. D. de. Pedagogias Culturais: uma cartografia das (re)invenções do conceito. **Tese**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143723#:~:text=Tal%20cartografia%20evidencia%20com%20o,produzidos%20na%20art%C3%A7%C3%A3o%20entre%20Estudos>. Acesso em: 17 de abril de 2021.

ANTOUN, H. Ciberactivismo e Subjetivación: de la guerra de información a los vazamientos y ocupaciones. In: ACKERLEY, M. I. (Org.). **Ciberactivismo y Multitud: Nuevos paradigmas democráticos entre las calles y las redes**. 1ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria Rioplatense, 2015, v. 1, p. 88-103.

ARAGÃO, C; BRUNET, K. S; PRETTO, N. D. L. “Hackear a educação por dentro”. **Perspectiva** 39 (3): 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/73348/47059>. Acesso em 20 de Agosto de 2021.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação**. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1998.

- ARDOINO, J. Multiréferentielle (analyse). In: ARDOINO, J. **Le directeur et l'intelligence de l'organisation: repères et notes de lecture**. Ivry: ANDESI, 1995.
- ARTAUD, A. **O Teatro de seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003.
- AUTUMN PELTIER, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@autumn.peltier](https://www.instagram.com/autumn.peltier). Acesso em 29 de julho de 2021.
- AZEVEDO, S. M. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BARBA, E. **A canoa de papel: tratado de antropologia teatral**. / Eugenio Barba; tradução de Patrícia Alves Braga. -3ª edição – Brasília: Teatro Caleidoscópios & Editora Dulcina, 2012.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.
- BARCELOS, M.; PEREIRA, M. M.; SILVA, M. K. Redes, campos, coalizões e comunidades: conectando movimentos sociais e políticas públicas. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB**, v. 82, p. 13-40, 2017. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-82/10589-redes-campos-coalizes-e-comunidades-conectando-movimentos-sociais-e-politicas-publicas/file>. Acesso em 02 de fevereiro de 2020.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Portugal: Relógio D'água, 2006.
- BIÃO, A. Breve notícia de uma adolescente transdisciplinar. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 2, p. 8-15, 2013.
- BIÃO, A. **Etnocenologia e a cena baiana: Textos reunidos**. Salvador/BA: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- BIÃO, A. Etnocenologia, uma Introdução. In: BIÃO, A.; GREINER, C. (Org.). **Etnocenologia, Textos Selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.
- BIÃO, A. Um trajeto, muitos projetos. In: BIÃO, A. (Org). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P& A, 2007.
- BOA SORTE, P; SANTOS, J. A. C. Memes em aulas de língua inglesa: explorando práticas de multiletramentos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 55, p. 1-19, e-18439, jan/mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18439>. Acesso em 16 de maio de 2021.
- BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. de L. P. Orgs. **Inclusão digital: polêmica contemporânea** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/qfgmr>. Acesso em 05 de novembro de 2020.
- BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. de L. (Organizadores). **Inclusão Digital: polêmica contemporânea**. Volume II. Salvador: Edufba, 2014.
- BONILLA, M. H. S.; PRETTO, N. de L. **Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação**. Revista Em Aberto - INEP, v. 28, p. 23-40, 2015.
- BORGES, J. L. **O Aleph**. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- BORTOLAZZO, S. F. O imperativo da cultura digital: entre novas tecnologias e estudos culturais. **Rev. Cad.Comun**, Santa Maria, v.20, n.º.1, art 1, p.1 de 24, jan/abr.2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/22133>. Acesso em 20 de setembro de 2019.
- BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.
- BRUNO GAGLIASSO, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@brunogagliasso](https://www.instagram.com/brunogagliasso). Acesso em 29 de agosto de 2020.
- BRUNO RAMOS, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@brunoramosfunk](https://www.instagram.com/brunoramosfunk). Acesso em 29 de julho de 2021.
- CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L.; KANSO, S. Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros. In: CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. de. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9094/1/Juventude%20e%20pol%C3%ADticas%20sociais%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 15 de julho de 2020.
- CAMPANHA ABACASHI, Coletivo Camaleão Urbano, 2021. Disponível em: Fonte: <https://abacashi.com/p/camaleao-urbano>. Acesso em 15 de agosto de 2021.
- CAMPANHA ABACASHI, Coletivo Camaleão Urbano, 2021. Disponível em: <https://abacashi.com/p/camaleao-urbano>. Acesso em 15 de agosto de 2021.
- CARDOSO, G. **A mídia na sociedade em rede**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CARLSON, M. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CARRANO, P. C. R. **Juventude e cidades educadoras**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 11º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros: Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CATANI, A. M.; GILIOLI, R. de S. P. **Culturas Juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: UNESP, 2008.
- CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Informe 2018**. Latinobarómetro Corporación: Santiago de Chile, 2018. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/44412-panorama-social-america-latina-2018-documento-informativo>. Acesso em 20 de julho de 2020.
- CGI. **TIC Domicílios 2019**. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. São Paulo. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2019/>. Acesso em 20 de maio de 2020.

CHEIBE, C. Piaget e os Power Rangers: o que as teorias da psicologia do desenvolvimento pode dizer sobre a crianças e a mídia? In Mazarella, R. S; Alexander, A. (Orgs.). **Os jovens e a mídia** (pp. 86-98). Porto Alegre: Artmed 2009.

COHEN, R. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

COLETIVA EXP, 2021. Site. Disponível em: <https://coletivaexp.tumblr.com/>. Acesso em 19 de maio de 2021.

COLETIVO BAOBÁ DE TEATRO – UFS, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivobaoba.ufs](https://www.instagram.com/coletivobaoba.ufs). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO BUEIRO (São Cristóvão), 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivobueiro](https://www.instagram.com/coletivobueiro). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO CAMALEÃO, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@coletivo.camaleão](https://www.instagram.com/coletivo.camaleão). Acesso em 26 de Março, 2020.

COLETIVO CAYÊRAS (Japaratuba), 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivocayeras](https://www.instagram.com/coletivocayeras). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO DE ARTES INTEGRADAS (Lagarto), 2021. *Instagram*. Disponível em: [@7panos_oficial](https://www.instagram.com/7panos_oficial). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO DE DESIGN LÊGUÀ, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@coletivolegua](https://www.instagram.com/coletivolegua). Acesso em 27 de março de 2020.

COLETIVO DE MULHERES DE ARACAJU, 2020. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/ColetivoMulheresAracaju/http://www.facebook.com/coletivomulheresaracaju>. Acesso em 22 de Março de 2020.

COLETIVO DE MULHERES DE ARACAJU, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@coletivodemulheresdearacaju](https://www.instagram.com/coletivodemulheresdearacaju). Acesso em 22 de Março de 2020.

COLETIVO EITA DE TEATRO (Itabaiana), 2020. *Instagram*. Disponível em: [@eitateatro](https://www.instagram.com/eitateatro). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO EXP, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@coletivoexp](https://www.instagram.com/coletivoexp). Acesso em 24 de Março de 2020.

COLETIVO EXP. Canal do Coletivo Exp. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCIrmPAawXIntZpsk96jQXeg>. Acesso em 21 de março de 2021.

COLETIVO GORÉ, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivogore](https://www.instagram.com/coletivogore). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO INFERNINHO, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivo.inferninho](https://www.instagram.com/coletivo.inferninho). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO PANAPANÃ, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivopanapana](https://www.instagram.com/coletivopanapana). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO RÁDIO BUEIRO, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@radiobueiro](https://www.instagram.com/radiobueiro). Acesso em 15 de agosto de 2021.

COLETIVO WOMAN TECHMAKERS (Aracaju), 2020. *Instagram*. Disponível em: [@gdgaracaju](https://www.instagram.com/gdgaracaju). Acesso em 23 de Março de 2020.

CONCEIÇÃO, S. S. da; SCHNEIDER, H. N. WhatsApp na educação superior: uma experiência de aprendizagem colaborativa. **Anais dos Workshops do V Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2016)**, Brasília – DF, 2016. Disponível em: <https://br-ie.org/pub/index.php/wcbie/index>. Acesso em 20 de abril de 2021.

CORROCHANO, M. C.; LACZYNSKI, P. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Revista Linhas Críticas**, 27 (maio):1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.36720>. Acesso em 20 de junho de 2021.

COSTA, R. da. Cidades Conectadas: a polinização humana. In: Luiz Alberto Oliveira. (Org.). **Museu do Amanhã**. 01ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015, v. 01, p. 84-88.

COSTA, R. da. **Cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2008.

COUTO, E. S. Pedagogias das conexões: produções de conteúdos e redes de compartilhamento. In: SALES, M. V. S (Org). **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32178/1/Tecnologias%20digitais%2C%20redes%20e%20educacao-RI.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2021.

CRESPO, S. **Ensino remoto/híbrido e os seus obstáculos**: reflexões como iniciar ou como arquitetar o seu início, levando em conta o ecossistema ao qual a escola/universidade está inserida. Web Conferência. On-line, 2020.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, G. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ª reimpressão – 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5; Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa – São Paulo: Editora 34, 2012.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas –SP: Papirus, 2017.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social ao ato conectivo**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

DI FELICE, M. O Net-ativismo e as dimensões ecológicas da ação nas redes digitais. PAULUS: **Revista de Comunicação da FAPCOM**, [S. l.], v. 4, n. 7, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31657/rcp.v4i7.372>. Acesso em 15 de novembro de 2020.

DI FELICE, M. Redes Sociais Digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. **Revista USP**, v. 22, p. 06-19, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i92p6-19>. Acesso em 20 de julho de 2019.

- DI FELICE, M; LEMOS, R. **A Vida em Rede**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.
- DONALD, M. **A mind so rare: the evolution of human consciousness**. W.W. Norton & Company, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio**. Edição: 5ª. Curitiba: Positivo, 2014.
- FLUXO – COLETIVO FEMINISTA, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@coletivofluxo](https://www.instagram.com/colektivofluxo). Acesso em 15 de agosto de 2021.
- FONSECA, V. da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**/Vitor da Fonseca. 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- FOUCUALT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: 6º Ed, 2002.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Revista de Estudos Avançados**, vol. 15, n. 42, São Paulo, mai/ago., 2001. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401). Acesso em 05 de agosto de 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADAMER, H. **Verdade e método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3º Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GALEFFI, D. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. IN: MACEDO, R. S., GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- GALLO, S. **Deleuze e a Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GARAY CRUZ, L. M. Colectivos, redes sociales y jóvenes activistas, dinámicas comunicativas. El caso de Nezahualcóyotl Combativo. **Virtualis**, [S.l.], v. 10, n. 19, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Jacques/Downloads/document%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Jacques/Downloads/document%20(2).pdf). Acesso em 15 de abril de 2020.
- GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. Cambridge England: Polity Press, 1984.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- GERMANO, D. **O que se cala**. Álbum Deus é mulher, Interpretação de Elza Soares. Gravadora Deckdisc e Polysom, 2018.
- GIL, G. **Ok**. Álbum OK, OK, OK, Interpretação de Gilberto Gil. Gravadora Gege/ Biscoito Fino, 2018.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem** [Trad. Politizado Bueno]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GIROUX, H. A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11ª Ed. Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

- GLUSBERG, J. **A arte da performance**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 14ª ed., Editora Vozes, Petrópolis, 2007.
- GOMES, A. R. **Linguagem Imagética e Educação**. Guarapari - ES: Editora Ex Libris, 2008.
- GRETA THUNBERG, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@gretathunberg](https://www.instagram.com/gretathunberg/). Acesso em 29 de julho de 2021.
- GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GUÉNOUN, D. **O teatro é necessário?** Trad. Fátima Saadi. São Paulo, Perspectiva, 2012.
- HARARI, Y. N. **21 Lições para o século 21**. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: companhia das letras, 2018.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD contínua 2017 / IBGE**, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- IBGE –INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Notas técnicas**: versão 1.7. Ipea: Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3nOR80m>. Acesso em: 05 Jul. 2021.
- JACCOUD, L.; HADJAB, P. D. EI-M; ROCHET, J. A política de assistência social e a juventude: um diálogo sobre a vulnerabilidade social? In: CASTRO, J. A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. de. (Orgs). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_juventudepolitica.pdf. Acesso em 20 de abril de 2019.
- JACKS, N. A.; SCHMITZ, D. M. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. **Revista Famecos (On-line)**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.2.25435>. Acesso em 20 de dezembro de 2019.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- JOHNSON, S. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro; Zahar, 2001.
- JOHNSON, S. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- KENSKY, V. M. Redes, Comunidades e Educação. In: SALES, M. V. S (Org). **Tecnologias digitais, redes e educação**: perspectivas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2020.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr, 2002.
- LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LATOURE, B. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

LEE, K. F. **Inteligência Artificial**: Como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamentos, trabalhamos e vivemos. Tradução Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LEMOS, A. Cidades Inteligentes. **GV Executivo**, v. 12, p. 46-49, 2013.

LEMOS, R. **Nova Inteligência Artificial é espantosa**. Coluna de Ronaldo Lemos na Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://itsrio.org/pt/artigos/nova-inteligencia-artificial-e-espantosa/>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LEMOS, A. De que forma as novas tecnologias como a computação em nuvem, o Big Data e a Internet das Coisas podem melhorar a condição de vida nos espaços urbanos? **GV executivo** • V 12 • N 2 • JUL /DEZ 2013. Disponível em: https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/gv_v12n2_46-49.pdf. Acesso em 15 de junho de 2019.

LEONHARD, G. **Tecnologia versus Humanidade**: o confronto futuro entre a máquina e o homem. Gradiva Publicações: Lisboa, Portugal, 2016.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@levantedajuventude](https://www.instagram.com/levantedajuventude/). Acesso em 25 de Março de 2021.

LÉVY, P. A esfera pública no século XXI. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Orgs). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas –SP: Papirus, 2017.

LÉVY, P. **A máquina Universo**: criação, cognição e cultura informática. São Paulo: Artmed, 1998.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **O Que é o Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LIMA JUNIOR, A. S. **Tecnologias Inteligentes e Educação**: currículo hipertextual. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

LINHARES, R. N. **Os desafios da educação midiática**. Programa de Pós Graduação em Educação – UNIT, Aracaju. Programas de Mestrados e Doutorados, 2021. Disponível em: <https://ppg.unit.br/pped/noticias/professor-ronaldo-linhares-fala-sobre-os-desafios-da-educacao-midiatica>. Acesso em 05 Julho 2021.

LINHARES, R. N.; FERREIRA, S. de L.; BORGES, F. T. (Org.). **Infoinclusão e as possibilidades de ensinar e aprender**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

LINHARES, R. N.; LINHARES, M. C S. da. **Educação e Comunicação na sociedade digital: luz e sombras que espelham as vias dicotômicas entre regulação e a emancipação**. **Educação**

- em Foco** (JUIZ DE FORA), v. 23, p. 245-268, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2018.v23.20013>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
- LUCENA, S. **Cultura digitais, jogos eletrônicos e educação**, Salvador: EDUFBA, 2014.
- LUCENA, S. Cultura digital e educação do século XXI. IN: LUCENA, Simone. **Cultura digital, jogos eletrônicos e educação** /Simone Lucena organizadora. Salvador: EDUFBA, 2014.
- LUCENA, S; OLIVEIRA, J. M. A. Culturas digitais na educação do Século XXI. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, p. 35-44, 30 dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3449>. Acesso em: 15 de setembro de 2019.
- LUCENA, S.; SANTOS, E. App-diário na formação de pesquisadores em Programa de Pós-Graduação em Educação. **Educação Unisinos (ON-LINE)**, v. 23, p. 658-671, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2019.234.18162>. Acesso em 05 de janeiro de 2020.
- LUCENA, S; SANTOS, S. V, C de A; PEREIRA, J. T. L. Educação em rede com dispositivos móveis: o smartphone na sala de aula. In: SALES, M. V. S (Org). **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2020.
- LYOTARD, J. F. **O inumano: considerações sobre o tempo**. Editora Estampa: Lisboa, 1997.
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa implicada**. Brasília: Liber Livro, 2012.
- MACEDO, R. S. As luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. IN: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica/Etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2010.
- MACEDO, R. S. **Pesquisar a Experiência: compreender/mediar saberes experienciais**. Curitiba- PR: CRV, 2015.
- MACHADO DA SILVA, J. **O olhar narrativo de Michel Maffesoli: da ecosofia aos coletes amarelos**. Lumina (Juiz De Fora), v. 13, p. 164-172, 2019.
- MAFFESOLI, M. A sociologia como conhecimento da socialidade. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação**. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1998.
- MAFFESOLI, M. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004b.
- MAFFESOLI, M. **A república dos bons sentimentos**. Documento. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009b.
- MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução: Rogério de Almeida. 2º Ed. São Paulo: Zouk, 2005a.
- MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulinas, 2005b.
- MAFFESOLI, M. **Apocalipse: opinião pública e opinião publicada**. Tradução: Andrei Neto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina, 2010.

- MAFFESOLI, M. **Mistério da Conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2009a.
- MAFFESOLI, M. Net-ativismo: do mito tradicional à cibercultura pós-moderna. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Orgs). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas –SP: Papirus, 2017.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Tradução, Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis - RJ: Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Traduzido por Aloizio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAFFESOLI, M. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4º Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- MAFFESOLI, M. **Saturação**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.
- MANOVICH, L. **A interação como evento estético**. Tradução de Raquel Cardoso de Castro, 2007. Disponível em: <C:\Users\Jacques\Downloads\20988-Texto do artigo-83295-1-10-20140328.pdf>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.
- MANOVICH, L. **Instagram and contemporary image**. [New York], 2017. Disponível em: <http://manovich.net/index.php/projects/instagram-and-contemporary-image>. Acesso em: 02 de janeiro de 2021.
- MANOVICH, L. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In LEÃO, L. (org.). **O chip e o caleidoscópio**: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora SENAC, 2005.
- MANU GASPASPAR, 2021. *Twitter*. Disponível em: [@mnugaspar](https://twitter.com/mnugaspar). Acesso em 29 de julho de 2021.
- MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. El miedo a los medios. Política, comunicación y nuevos modos de representación. In: MARTÍN-BARBERO, J *et al.* **La nueva representación política en Colombia**. Bogotá: IEPRI/ FESCOL, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. Jóvenes: comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica Revista da Cultura**. Número 0. Febrero, 2002. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/biblioteca/081011.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2019.

- MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. *MATRIZES*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>. Acesso em 20 de setembro de 2019.
- MARTÍN-BARBERO, J. Yo no fui a buscar los efectos, sino los reconocimientos. Prólogo/ Entrevista. In: BONILLA, J *et al.* **De las audiencias contemplativas a los productores conectados**. Mapas de los estudios y de las tendencias de ciudadanos mediáticos en Colombia. Bogotá. Sello Editorial Javeriano, 2012.
- MARTINS, V.; SANTOS, E. A educação na palma das mãos: a construção da pedagogia da hipermobilidade em uma pesquisa-formação na Cibercultura. In: SANTOS, E.; PORTO, C. **App-Education: fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura**, EDUFBA, 2019.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003
- MAZARELLA, R. S; ALEXANDER, A. (Orgs.). **Os jovens e a mídia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- MAZLISH, B. **La cuarta discontinuidad: la coevolución de hombres y máquinas**. Madrid: Alianza, 1995.
- MERAH, A. Discursos de Mudança nas discussões *on-line*: net-ativismo de efervescência. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Orgs.). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas –SP: Papirus, 2017.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945), 1996.
- MIDIANINJA, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@midianinja](https://www.instagram.com/midianinja). Acesso em 25 de Março de 2021.
- MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda. In: MORAN, J.; BACICH, L. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. (Tradução de Maura Ribeiro Sardinha). 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, UNESCO, 2011.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- MURDEN, A.; CADENASSO, J. **Ser Jovem na Era Digital**. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2018.
- NONATO, E, do. R. S.; SALES, M. V. S. Hipertextualidades, multiletramentos e cultura digital: perspectivas na educação contemporânea. In: SALES, M. V. S (Org). **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2020.

- NUNES, A. K. F.; SANTOS, V. S.; SANTOS, J. F. Tecnologias Digitais de Acesso à Literatura na Educação Infantil. **Revista Eixo**, v. 8, p. 40-48, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.19123/eixo.v8i3.634>. Acesso em 15 de março de 2019.
- NUNES, A. K. F.; SANTOS, V. S.; SANTOS, J. F.; DA SILVA, C. G. S. Narrativas digitais e ciberliteratura infantil: Uma experiência-formativa com crianças na segunda infância. **Educação**, v. 44, n. 1, p. e34107, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2021.1.34107>. Acesso em 15 julho de 2021.
- NUNES, R. de S. **Brasil das Gerais - Performance**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yv5w8OxW298>. Acessado 21 de Agosto de 2019.
- O PAPA-JACA, 2020. Disponível em: <https://opapajaca.com/>. Acesso em: em 16 de agosto de 2021.
- ONU BRASIL, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@onubrasil](https://www.instagram.com/onubrasil). Acesso em 29 de julho de 2020.
- ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.
- OS_CAATINGAS, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@os_caatingas](https://www.instagram.com/os_caatingas). Acesso em 27 de março de 2020.
- PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. de.; EUGENIO, F. **Culturas Juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PEDRON, D. A. Performance e Escrita Performática. **Cadernos de Subjetividade (PUCSP)**, v. 15, p. 158, 2013.
- PEREIRA, E. da S. A ecologia digital da participação indígena brasileira. **Lumina**, v. 12, n. 3, p. 93-112, 30 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2018.v12.21572>. Acesso e 16 de junho de 2019.
- PEREIRA, E. da S. Net-ativismo indígena brasileiro: notas sobre a atuação comunicativa indígena nas redes digitais. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Org.). **Net-ativismo: Redes digitais e novas práticas de participação**. 1ed.Campinas: Papirus, 2017, v. 1, p. 169-182.
- PERNIOLA, M. **Enigmas: egípcio, barroco e neobarroco na sociedade e na arte**. Trad. Carolina Pizzolo. Chapecó: Argos, 2009.
- PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1978.
- PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.
- PODCAST. México: Maffesoli: tecnologías del imaginario. [Locução de]: Michel Maffesoli. [S.I.]. Docu.iber0 90.9 FM. Universidade Ibero Americana, 12 de jun. 2019. Disponível em:<https://ibero909.fm/documentales-909-1/maffesoli-tecnologas-del-imaginario-narcicismo-y-las-kardashians>. Acesso em 23 setembro de 2019.
- PODCAST. Brasil: Santos. Episódio 3: Luz no fim do túnel: poesias. Rádio Bueiro (@radiobueiro). [Locução de]: Lourdes Maria, Stella Carvalho, Teresa, Juno, Vinicius Santos. [S.I.], 30 de jun. 2020. Disponível> <https://soundcloud.com/radiobueiro/sets>. Acesso em: 27 setembro. 2020

- PRADIER, J-M Marie. Etnocenologia. In: BIÃO, Armindo e GREINER, Christine. In: **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.
- PRADIER, J-M. Ethnoscénologie, manifeste. In: **Théâtre-Public 123**, maio-junho, 1995.
- PRADIER, J-M. Manifesto da Etnocenologia. In: TEIXEIRA, J. G (Org.). **Performáticos, Performance e Sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- PRENSKY, M. **Brain gain: Technology and the quest for digital wisdom**. New York, NY: Palgrave Macmillan. 2012.
- PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. On the horizon, MCB University Press, v. 9, n. 5, 2001.
- PRENSKY, M. **Don't Bother me, Mom, I'm Learning!:** how computers and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul: Paragon House Publishers, 2006.
- PRENSKY, M. **Educación para mejorar el mundo:** Cómo liberar el potencial de los niños del siglo XXI. Biblioteca Inovação Educativa. Ediciones SM, 2019.
- PRETTO, N de L. **Reflexões:** ativismo, redes sociais e educação. Salvador: EDUFBA, 2013.
- PRETTO, N de L.; ASSIS, A. Ensaio: cultura digital e educação: redes já! In PRETTO, N de L.; SILVEIRA, S. A. da. Orgs. **Além das redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.
- PRETTO, N. de L. **Educações, culturas e hackers:** escritos e reflexões. Salvador: EDUFBA, 2017.
- QUILOMBOSE, 2020. *Instagram*. Disponível em: [@quilombose](#). Acesso em 22 de Março de 2020.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- REGUILLO, R. **Paisajes insurrectos. Jóvenes, redes y revueltas en el otoñocivilizatorio**. Barcelona: NED, 2017.
- REIS, J. B. dos.; JESUS, R. E. de. Culturas juvenis e tecnologias. In: CORREA, L.; ALVES, M. Z.; MAIA, C. L. **Cadernos temáticos:** juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- REZENDE, C. B. Identidade. O que é ser jovem? **Revista Tempo de Presença**, n. 240. CEDI: 1989.
- RIFKIN, J. **A Terceira Revolução Industrial:** Como o poder lateral está transformando a energia, a economia e o mundo. São Paulo: M. Books, 2012.
- RIFKIN, J. **Sociedade com custo marginal zero**. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda, 2016.
- ROCHA, E.; Pereira, C. **Juventude e Consumo:** um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea, Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- ROCHA, J. Design thinking na formação de professores: novos olhares para os desafios da educação. In: MORAN, J.; BACICH, L. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

- ROLLA, M. P. R. **Brasil das Gerais - Performance**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yv5w8OxW298>. Acessado 21 de Agosto de 2019.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- ROZA, E.; MELO, R. A experiência net-ativista das vadias no Brasil. In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick. (Orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas –SP: Papirus, 2017.
- SANDRA MWARANIA, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@smwarania](#). Acesso em 29 de julho de 2021.
- SANTAELLA, L. A estética das linguagens líquidas. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila. (Org.) **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: Educ, 2008.
- SANTAELLA, L. A estética das linguagens líquidas. In: SANTAELLA, L; ARANTES, P. (Orgs). **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: Educ, 2008.
- SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade É Verdadeira ou Falsa?** Barueri – SP: Estação das Letras e Cores, 2018.
- SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 2003.
- SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTAELLA, L. **Desafios humanos no contemporâneo**. 1º ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.
- SANTAELLA, L. Do climax ao anticlimax das redes sociais. In: FERRARI, P. (Org.). Como sair das bolhas. 1ed. São Paulo: **Revista EDUC.**, 2018, v. 1, p. 15-27.
- SANTAELLA, L. Do pós-humano ao neo-humano: a sétima revolução comunicacional cognitiva do sapiens. In: **XII Simpósio Nacional da ABCiber: devires da Cibercultura: políticas e prática**. Porto Alegre, 2019.
- SANTAELLA, L. Política nas redes e nas ruas. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (Orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas –SP: Papirus, 2017.
- SANTAELLA, L. **Temas e dilemas do pós-digital**. A voz da política. São Paulo: Paulus, 2016.
- SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, J. F. O Instituto Federal e Educação enquanto difusor da política pública de infoinclusão no sertão de Alagoas. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes - UNIT: Aracaju, 2021. Disponível em: https://mestrados.unit.br/pped/wp-content/uploads/sites/2/2021/06/TESE_JACQUES_FINALIZADA.pdf. Acesso em 15 de maio de 2021.
- SANTOS, V. S. **Jogos eletrônicos, cultura juvenil e socialidade: a aprendizagem social virtual mediada e suas influências para a educação**. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

- SANTOS, V. S. Jogos eletrônicos, cultura juvenil e socialidade: a aprendizagem social virtual mediada e suas influências para a educação. **Dissertação**. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2010. Disponível: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4720/1/VINICIUS_SILVA_SANTOS.pdf. Acesso em 22 de abril de 2019.
- SANTOS, V. S.; SCHNEIDER, H. N. Culturas Juvenis e a Etnocologia Virtual da Aprendizagem em Ambiências Híbridas e Multimodais de Interação. **Revista Educação Unisinos** – v.23, n. 4, outubro-dezembro, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2019.234.18107>. Acesso e 03 de fevereiro de 2020.
- SANTOS, V. S.; SCHNEIDER, H. N. Mediações-lives e Aprendizagens Etnocológicas por Jovens com os Dispositivos Digitais, durante a Pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Informática na Educação** - RBIE, V. 28, 892-908. DOI: 10.5753/RBIE.2020.28.0.892, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Jacques/Downloads/9270-12629-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jacques/Downloads/9270-12629-1-PB%20(3).pdf). Acesso em 26 de março de 2021.
- SANTOS, V. S.; SANTOS, J. F.; SCHNEIDER, H. N. Culturas juvenis, socialidade e educação: elementos para (re) pensar a formação humana na cibercultura. *Educação*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 11–24, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n2p11-24. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8646>. Acesso em 21 de janeiro. 2021.
- SANTOS, V. S; SANTOS. J. F. Culturas juvenis, contingência e dependência digital: apontamentos para fazer bom uso das TDIC. In: SCHNEIDER, H.N; SANTOS, V.S; CARVALHO, G. N, de. (Orgs.). **Como fazer o bom uso das tecnologias digitais**. São Cristóvão: Sergipe, 2020.
- SANTOS, V. S; SOUZA, A. V. M, de. Mídia, Cultura Digital e Tecnosocialidade. **Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão -SE: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2010.
- SANTOS, J. F; SANTOS, V. S; NUNES, A. K. F. Tecnologias Digitas de Informação e Comunicação - TDIC e Currículo Escolar: reflexões sobre a aprendizagem na cultura juvenil contemporânea. **Anais do Educon**, Aracaju, Volume 12, n. 01, p.1-13, set/2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9467/12/11.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2021.
- SANTOS, J. F.; SANTOS, V. S.; NUNES, A. K. F. Espaços de infoinclusão: o museu do amanhã enquanto agente educacional na cibercultura. In: **Anais do II Encontro Regional Norte e Nordeste da ABCiber: redes educativas e os desafios atuais da cibercultura**, 2019. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/abciber/article/view/12260/5027>. Acesso em de março de 2020.
- SCHECHNER, R. **O que é performance?**, em *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, 2006.
- SCHECHNER, R. **Performance Studies, an introduction**. London: Routledge, 2003.
- SCHNEIDER, H. N. **A educação na contemporaneidade: Flexibilidade, comunicação e colaboração**. *International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)*, v. 2, p. 86-104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ijkem/article/view/81472/46163>. Acesso em 07 de abril de 2019.

SCHNEIDER, H. N. **Escritos e reflexões sobre as TDIC, educação e sociedade**. Paulo Afonso: Editora Oxente, 2019.

SCHNEIDER, H. N. **O fenômeno "China" na Inteligência Artificial - Parte 2**. Portal da Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2020b. Disponível em:

<https://www.ufs.br/conteudo/65333-o-fenomeno-china-na-inteligencia-artificial-parte-2>.

Acesso em: 08 de setembro de 2021.

SCHNEIDER, H. N. **O fenômeno “China” na inteligência artificial**. Portal da Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2020a. Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/64934-o-fenomeno-china-na-inteligencia-artificial>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

SCHNEIDER, H. N. Um Ambiente Ergonômico de Ensino-Aprendizagem Informatizado. **Tese**. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina/SC: 2002. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/83000/181846.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 de abril de 2019.

SCHNEIDER, H. N.; SANTOS, V. S.; SANTOS, J. F. Cultura Juvenil, Dependência Digital e Contingência. **Rios Eletrônica (FASETE)**, 2020. Disponível em:

https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/23/cultura_juvenil_dependencia_digital_e_contingencia.pdf. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

SCHNEIDER, H. N; CONCEIÇÃO, S. S. da; SOEIRA, E. R. Sala de Aula Estendida: construção colaborativa do conhecimento no ciberespaço. In: Simone Lucena, Marilene Nascimento, Paulo Boa Sorte. (Org.). **Espaço de aprendizagem em redes colaborativas e na era da modalidade**: EDUNIT, Aracaju, 2020.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

SIBILIA, P. **Autenticidade e performance**: a construção de si como personagem visível. Revista Fronteiras (On-line), v. 17, p. 353-364, 2015.

SIBILIA, P. Los cuerpos visibles en la contemporaneidad: de la purificación mediática a la explicitud artística.. Kaypunku: **Revista de Estudios Interdisciplinarios de Arte y Cultura**, v. 4, p. 175-198, 2018. Disponível em: <http://pesquisadores.uff.br/academic-production/los-cuerpos-visibles-en-la-contemporaneidad-de-la-purificaci%C3%B3n-medi%C3%A1tica-la>. Acesso em 15 de março de 2020.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, E. R. A. da, VAZ, F. M. Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil. **Dossiê**: jovens e mercado de trabalho na pandemia. Brasília: IPEA, 2020.

SILVA, F. A. e. Coletivos juvenis e transição para vida adulta: desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo. **Tese**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo – UPS, São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14122018-101805/pt-br.php>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

SILVA, C. G. S. da; SANTOS, V. S. Literatura digital e convergências na escola: o que expressam as crianças ao interagir com narrativas nos dispositivos móveis?. *EDUCAÇÃO*, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 25–36, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n2p25-36. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8698>. Acesso em 15 de abril de 2021.

SILVA, M. K. Ativismos e Movimentos Sociais. In: **XII Simpósio Nacional da ABCIBER – Devires da Cibercultura: políticas e práticas**. Porto Alegre: ABCIBER, 2019.

SILVA-NOLASCO, L.; BIANCO, L. V.; SOARES, C. Artesanias docentes/discentes com/nos aplicativos. In: SANTOS, E.; PORTO, C. **App-Education: fundamentos, contextos e práticas educativas luso-brasileiras na cibercultura**, EDUFBA, 2019.

SILVEIRA, S. A. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, v. v.1, p. 28-39, 2010.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SOUZA A. A. N; SCHNEIDER, H. N. da. Aprendizagem colaborativa e conectivismo pedagógico no Facebook. **Anais dos Workshops do V Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2016)**, Brasília – DF, 2016. Disponível em: <https://br-ie.org/pub/index.php/wcbie/index>. Acesso em 20 de abril de 2021.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre juventudes, movimentos sociais e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 73-94, 2000.

STERN, S. R.; WILLIS, T. J. O que os adolescentes estão querendo on-line? In: MAZZARELLA, S. **Os jovens e a mídia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. (Tradução de Marcelo Lino). Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TEIXEIRA, J. G. L .C. Teatro, performance, e pedagogia dionisiaca. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

THADEI, J. Mediação e educação na atualidade: um diálogo com formadores de professores. In: BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

TAPSCOTT, D. **Geração Digital: A crescente e irreversível ascensão da Geração Net**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999.

TRIVINHO, E. **A Dromocracia Cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

TURNER, V. W. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications, 1988.

VALENTE, C.; MATTAR, J. **Second life e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias**. São Paulo: Novatec. Editora, 2007.

VAQUINHA, Construção da Sede do Centro Cultural Erukerê/Os Caatingas. Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/construcao-da-sede-do-centro-cultural-erukere-os-caatingas>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

- VEIGA-NETO, A. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. Sísifo - **Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 7, p. 141-150, set./dez. 2008. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/04/veiga-neto-modernidade-e-curriculos.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2020.
- VELHO, G.; DIAS, F. **Juventude Contemporânea**. Culturas, Gostos e Carreiras. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2010.
- VELHO, G.; DIAS, F. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade **contemporânea**. In: ALMEIDA, M. I.; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WHITE, David; LE CORNU, Alison. **Visitors and Residents: a new typology for online engagement**. First Monday, v. 16, n. 9, 2011. Disponível em: <<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/3171/3049>>. Acesso em: 05 dezembro de 2017
- WILSON, D. H. **Robopocalypse**. Tradução de Flávia Souto Maior. Grupo Editoria Record: São Paulo, 2017.
- XIYE BASTIDA, 2021. *Instagram*. Disponível em: [@xiyebeara](#). Acesso em 29 de julho de 2021.

APÊNDICES

APÊNDICES I
(Dispositivos de Produção de Dados)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
DOUTORANDO: VINICIUS SILVA SANTOS
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE NOU SCHNEIDER

(APÊNDICE I-A)

ROTEIRO PARA ORIENTAR A CRIAÇÃO DO MEMORIAL NARRATIVO PELOS JOVENS DA PESQUISA

Tem como objetivo suscitar um conjunto de informações vivenciais dos atores/atrizes sociais juvenis, participantes desse estudo, em relação a alguns aspectos da vida, e, sobretudo, sua relação com os dispositivos digitais de comunicação e interação em rede. Este dispositivo de produção de dados faz parte da pesquisa intitulada: Etnocologia Virtual da Aprendizagem Juvenil Contemporânea: cenários, performances, experiências e mediações com dispositivos das culturas digitais, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. O objetivo dessa investigação é compreender como as narrativas juvenis em redes (on-line e presenciais) mediadas com os dispositivos digitais fazem surgir performances etnocológicas, de comunicação, partilha, convívio, engajamento e solidariedade, situadas numa etnocologia virtual da aprendizagem juvenil contemporânea. Com base nisso, será proposto aos dez jovens da pesquisa, a construção de um memorial narrativo sobre suas vidas, visando reconstruir a relação destes com as tecnologias digitais, especialmente os dispositivos digitais, bem como para descrever a sua relação de pertencimento com os grupos e coletivos de jovens presenciais/virtuais que faz parte. A ideia é que os jovens utilizem o smartphone para criar um vídeo-memorial, sem tempo estipulado, no intuito de ajudar o pesquisador entender melhor os seus perfis, suas trajetórias de vida. Este será um dispositivo de auxílio do pesquisador e não substituirá os momentos de imersão e conversas. Para desenvolver o vídeo-memorial, o jovem será provocado a pensar nos seguintes enunciados:

1. Fale um pouco sobre você, o que gosta de fazer, a sua trajetória de vida, hobbies e preferências.
2. Fale sobre a sua relação com as tecnologias digitais, quando surgiu e como se encontra hoje.
3. Fale sobre a sua relação as redes sociais e o modo como você as usa no seu cotidiano.
4. Fale sobre a sua vida acadêmica, social e profissional (caso sinta-se à vontade).
5. Fale sobre os seus gostos musicais, artísticos, os filmes que gosta, as suas crenças, etc.
6. Fique à vontade para falar mais informações que avalie como pertinente.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
DOUTORANDO: VINICIUS SILVA SANTOS
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE NOU SCHNEIDER**

**(APÊNDICE I-B)
ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Este é o roteiro das Entrevistas Livres ou Não-Estruturadas da pesquisa intitulada: Etnocologia Virtual da Aprendizagem Juvenil Contemporânea: cenários, performances, experiências e mediações com dispositivos das culturas digitais, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. O objetivo dessa investigação é compreender como as narrativas juvenis em redes (on-line e presenciais) mediadas com os dispositivos digitais fazem surgir performances etnocológicas, de comunicação, partilha, convívio, engajamento e solidariedade, situadas numa etnocologia virtual da aprendizagem juvenil contemporânea. Pretendo, com o uso desse dispositivo, criar espaços de diálogos livres com os jovens, cujo intuito maior é aprofundar questões do cotidiano com o uso dos dispositivos digitais, no qual o pesquisador seja um ouvinte que participa, solicitando outras informações, indicando caminhos, propondo a ampliação do pensamento em torno de uma questão relevante, etc.

PERGUNTAS NORTEADORAS:

Eixo 1 – Culturas Juvenis e Mediações com Dispositivos Digitais de Comunicação.

1. Fale sobre o modo como você enxerga os/as jovens na contemporaneidade.
 - 1.1 Poderá ser perguntando para explorar a fala: Como você se vê enquanto jovem na realidade social que está envolvido?
2. Fale sobre a sua relação com os dispositivos digitais (aparelhos móveis de comunicação).
3. Fale sobre o modo como você utiliza esses dispositivos digitais nas suas mediações cotidianas?
4. De que modo esses dispositivos digitais fazem parte do seu cotidiano, para realizar quais atividades ou desenvolver ações?

Eixo 2 – Performances Juvenis nas Redes Sociais Digitais.

1. Fale sobre os temas, debates e discussões que você analisa como relevantes a sociedade, especialmente aos jovens na atualidade nas redes sociais digitais.
2. Fale sobre o seu comportamento ao produzir, divulgar ou disseminar conteúdos relacionados aos temas tratados no coletivo do qual é membro.
3. Fale sobre as estratégias que você utilizada para construir vínculos (virtuais e presenciais) com outras pessoas nas redes sociais digitais.

4. Discorra sobre as principais dificuldades ou dilemas que você nota ao vivenciar experiências com uso dos dispositivos digitais nas redes sociais digitais.

4.1 Poderá ser perguntando para explorar a fala: Que pontos negativos poderia citar sobre o uso dos dispositivos digitais pelos/pelas que participam desses grupos de ativismo nas redes?

Eixo 3 – Expressões das Juventudes na Cibercultura: net-ativismo em redes (on-line e presencial).

1. Fale sobre sua atuação enquanto ativista nas redes sociais digitais.
2. Descreva quais são os seus principais interesses que te levou a participar dos coletivos de net-ativismo, o qual (os quais) você faz parte?
3. Como você vê a constituição de redes de solidariedade juvenil por meio do net-ativismo?
4. Fale sobre as sensações e vivências vividas por você participando de redes de ativismo on-line.
5. Fale sobre as ações comunitárias do coletivo em que você participa.
 - 5.1 Poderá ser perguntando para explorar a fala: Como você é visto por participar de um coletivo ativista por sua comunidade, familiares ou pessoas próximas?

Eixo 4 – Expressões das Juventudes na Cibercultura: coletivos de convivência (on-line e presencial).

1. Fale um pouco sobre as motivações que o levou a participar do coletivo que faz parte.
2. Na sua opinião, que motivos ou características tornam esses movimentos coletivos de jovens relevantes na atualidade?
3. Fale sobre as ações que são realizadas pelo grupo e quais são as motivações que as justificam.
 - 3.1 Poderá ser perguntando para explorar a fala: Como funciona internamente o coletivo ou grupo que você está inserido?
4. Na sua opinião, de que modo os dispositivos digitais ajudam na criação projeção e divulgação das experiências do coletivo?
5. Como se dá o funcionamento do grupo no cotidiano das relações virtuais e presenciais?
 - 5.1 Poderá ser perguntando para explorar a fala: Como se dá a interação entre os membros do coletivo que você participa?

Eixo 5 – Experiências Etnocenológicas Juvenis nas Culturas Digitais (aprendizagens socioculturais, intervenções artísticas, partilha de saberes e conhecimentos nas redes virtuais e presenciais).

1. Fale sobre as aprendizagens ou experiências que teve acesso ao participar do coletivo que faz parte (em rede e presencial).
2. Relate sobre suas experiências corporais e estéticas ligadas à arte, vividas com outros jovens, nas ações criadas pelo coletivo (nas redes e nas ruas).
3. Fale sobre as oficinas, cursos e atividades desenvolvidas/promovidas pelo coletivo.

3.1 Poderá ser perguntando para explorar a fala: Fale sobre as atividades, cursos ou experiências que você já teve acesso por intermédio do coletivo, ou que você desenvolveu no grupo.

4. De que modo essas experiências (construídas e desenvolvidas no coletivo) ajudam os membros internos e a comunidade ao redor?

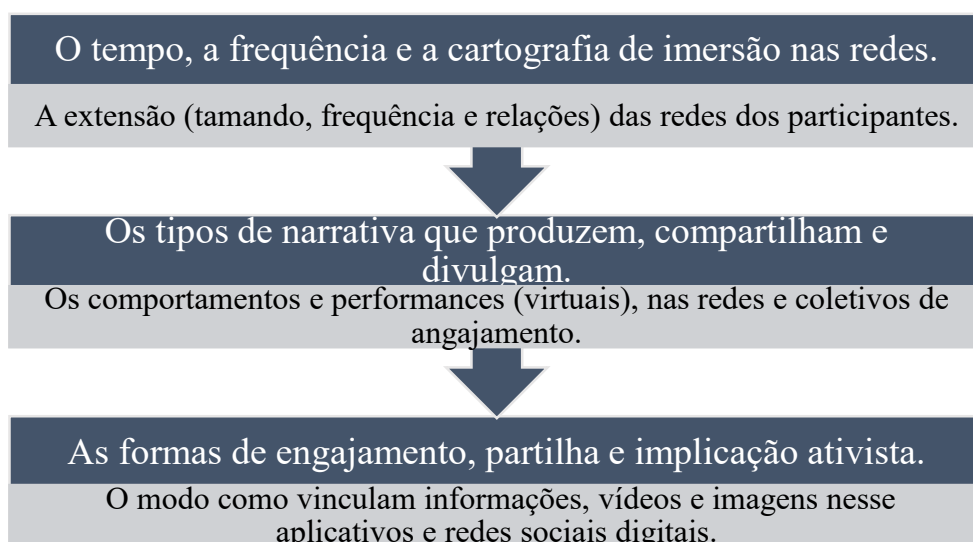
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
DOUTORANDO: VINICIUS SILVA SANTOS
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE NOU SCHNEIDER

(APÊNDICE I-D)

ROTEIRO PARA ANALISAR AS NARRATIVAS DIGITAIS DOS
ATORES/ATRIZES SOCIAIS JUVENIS DA PESQUISA

Este é o roteiro que permitirá analisar as narrativas imagéticas digitais, criadas pelos/pelas pesquisados em suas experiências de interação nas redes sociais digitais. Este dispositivo de produção de dados faz parte da pesquisa intitulada: Etnocologia Virtual da Aprendizagem Juvenil Contemporânea: cenários, performances, experiências e mediações com dispositivos das culturas digitais, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. O objetivo dessa investigação é compreender como as narrativas juvenis em redes (on-line e presenciais) mediadas com os dispositivos digitais fazem surgir performances etnocenológicas, de comunicação, partilha, convívio, engajamento e solidariedade, situadas numa etnocologia virtual da aprendizagem juvenil contemporânea. Pretendo, com o uso desse dispositivo, analisar e contrastar as narrativas criadas ou gerenciadas pelos/pelas através das redes sociais digitais, especialmente o *Instagram*. Pretendo com isso fazer uma descrição densa dos perfis e comportamentos dos atores/atrizes sociais juvenis, participantes desse estudo, baseando-se nos seguintes eixos norteadores:

NARRATIVAS DIGITAIS: PERFORMANCES, AÇÕES
COMUNICATIVAS E MEDIAÇÕES



Fonte: Elaboração do autor, 2019.

Cumprе salientar que os perfis (suas narrativas e performances imagéticas) serão analisados no intervalo de tempo que compreenderá o período de execução do campo de investigação desse estudo: de janeiro e setembro de 2020.

APÊNDICES II
(Informações produzidas pelo pesquisador)

QUADRO 1 - LEVANTAMENTO DE TESES NO BRASIL ENVOLVENDO A ETNOCENOLOGIA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS -

TRABALHOS NO CAMPO DAS ARTES CÊNICAS	
1.	A Etnocologia e seu Método: um olhar sobre a pesquisa contemporânea em Artes Cênicas no Brasil e na França (2009) – Universidade Federal da Bahia – UFBA.
2.	Levanta mulher e corre a roda: dança, estética e diversidade no samba de roda de São Félix e Cachoeira. (2009) – Universidade Federal da Bahia – UFBA.
3.	O boi e a máscara: imaginário, contemporaneidade e espetacularidade nas brincadeiras de boi de São Caetano de Odivelas – Pará. (2011) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.
4.	Da dança expressionista alemã ao teatro coreografado na Bahia: Aspectos interculturais e pós-dramáticos em Dendê e Dengo e Merlin. (2011) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.
5.	Performance, corpo e ação na composição musical (2012) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
6.	A transfiguração do cotidiano da feira no processo de criação do espetáculo Outros Olhares (2012) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.
7.	Sou negona, sim senhora! Um olhar sobre as práticas espetaculares dos blocos afros Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma no carnaval soteropolitano. (2013) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.
8.	O Teatro Radical na Cena Contemporânea de Fortaleza: pesquisa de linguagem e o diálogo com as práticas espetaculares tradicionais. (2014) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
9.	Congos de Milagres: Música, Movimento e Corporeidade em Devoção à Nossa Senhora do Rosário. (2014) - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
10.	Pentesileia, a rainha das amazonas. Travessias de uma personagem. (2015) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.
11.	Entre Raízes, Corpos e Fé: trajetórias de um processo de criação em busca de uma poética da alteridade. (2016) - Universidade de Brasília – UNB.
12.	Em demanda da santa seresta: trajeto criativo a partir de uma seresta primeva às margens do Tapajós (2017) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.
13.	As primeiras águas – travessia pelo ser-tão: trajeto de encenadora-brincante por uma pedagogia mitopoética. (2018) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Fonte: Banco de Teses de Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, 06 de Novembro de 2019.

QUADRO 2 - LEVANTAMENTO DE DISSERTAÇÕES ENVOLVENDO A CIÊNCIA DA ETNOCENOLOGIA

PRODUÇÃO SOBRE A ETNOCENOLOGIA NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS - MESTRADO

	Trabalhos no campo das Artes Cênicas		Trabalhos em campos Interdisciplinares		Trabalhos no Campo da Educação.
1.	Lágrimas e Cachaça: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA (2014) - Universidade Federal do Pará- UFPA	1.	Projeto Teatral Demônios De Qorpo-Santo Em Manaus (2017) Universidade Federal do Amazonas - UFAM	1.	Produção de Saber no Contexto da EDISCA – Escola de Dança E Desenvolvimento Humano: tecendo uma pedagogia da expressividade (2018) - Universidade Federal do Ceará - UFCE
2.	Performance, corpo e ação na composição musical (2012) - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	2.	Performances e Ritualidades no Movimento da Renovação Carismática Católica (2012) Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás		
3.	Lágrimas e Cachaça: a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA (2014) -Universidade Federal do Pará- UFPA	3.	Império do divino: uma análise etnocenológica dos personagens da festa do divino espírito santo em São Luís-Ma (2012) universidade federal do maranhão - UFMA.		
4.	Os Catopês de São Benedito em Montes Claros: rastros de uma ancestralidade mineira negra e festiva (2011) - Universidade Federal da Bahia - UFBA				
5.	Reis Coroados: um olhar sobre a Brincadeira do Reisado dos Irmãos (2011) – Universidade Federal da Bahia – UFBA				
6.	Hotxuá à luz da etnocenologia: jogos, brincadeiras e os potenciais educacionais do palhaço sagrado na prática pedagógica. (2015) - Universidade Federal da Bahia - UFBA				
7.	Moda Sustentável Na Amazônia: Princípios. Processos Criativos e Produtos Eco Amigáveis (2018) - Universidade Federal do Pará- UFPA				
8.	Teia De Pykatôti: um estudo da corpografia Mëbêngôkré do rio fresco na Amazônia brasileira (2017) Universidade Federal do Pará- UFPA				
9.	Divina performance o menino imperador na festa do divino espírito santo (2016)				

	Universidade Federal da Bahia - UFBA			
10.	O Guerreiro Alagoano: Uma Pedagogia Multirreferencial. (2015) - Universidade Federal da Bahia - UFBA			
11.	Quando o de Fora Faz a Gente Mergulhar Para dentro: Utilização de uma manifestação cultural brasileira como estímulo para a criação orgânica do ator em cena (2013) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS			
12.	Narrativas em Tela: Experiência Estética e da Teatralidade no Grupo de Mulheres do Alto das Pombas Salvador, Bahia (2009) - Universidade Federal da Bahia - UFBA			
13.	A Escolarização do Corpus Negro: processos de docilização e resistência nas teorias e práticas pedagógicas no contexto de ensino-aprendizagem de artes cênicas em uma escola pública do distrito federal (2015) - Universidade de Brasília – UNB.			
14.	Lapidação Criadora na Joalheria Contemporânea da Amazônia: processo criativo de um designer de joias. (2017) - Universidade Federal do Pará- UFPA			
15.	Preparar, Rezar e Sambar: a Reza de Brejões/BA sob a perspectiva da etnocologia. (2015) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.			
16.	Ausências: criação de dança a partir de um olhar para as mulheres em dois grupos de cavalo marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco. (2014) - Universidade de Brasília – UNB.			
17.	Odô Iyá Da Espetacularidade do Yle Ase Oba Okuta Ayra Yntyle ao Corpo-Cena!. (2014) - Universidade Federal do Pará- UFPA			
18.	Da beira do seu quintal: dos reis de congo à espetacularidade contemporâneo-brasileira (2013) – Universidade de São Paulo – USP.			
19.	Guarda-Roupa Encantado: Espetacularidade das Roupas de Caboca do Terreiro Estandarte de Rei Sebastião, Outeiro – Pará (2016) - Universidade Federal do Pará- UFPA			
20.	A Mais Forte: a dança na encenação da Peça de Strindberg (2001) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.			
21.	A Espetacularidade e a Teatralidade na Cena Cinematográfica (2014) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS			
22.	O Andamento-Ritmo no Trabalho Pré-Expressivo do Grupo Cerco no Espetáculo “O Sobrado” (2016) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS			

23.	Bem Dito e Bem Feito: A dimensão espetacular das performances narrativas de feirantes rurais do Alto Jequitinhonha. (2015) - Universidade Federal de Uberlândia - UFU			
24.	Fame Companhia de Dança: Caminhos e Transformações da Dança Jazz na Contemporaneidade em Belém do Pará. (2015) - Universidade Federal do Pará- UFPA			
25.	Cúria tá, curiatá!: caboclinhos no congado em Montes Claros – da festa a cena espetacular (2011) - Universidade Federal da Bahia – UFBA.			
26.	Roda de Capoeira: Rito espetacular (2010) – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG			
27.	Corpo Transpassado: dramaturgias de uma atriz com a ginga da rua. (2017) - Universidade de Brasília – UNB.			
28.	Os Portais, o Baú, o Cavalo e o Farol: a espetacularidade na festa de São Cosme e São Damião no Terreiro de Mina Dois Irmãos (2012). Universidade Federal do Pará- UFPA.			
29.	Vivências Poéticas do Corpo: intervenção artística com pessoas em situação de rua que frequentam o centro pop em Belém/PA (2017) - Universidade Federal do Pará- UFPA.			

Fonte: Banco de Teses de Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, 06 de Novembro de 2019.

APÊNDICES III
(Termos de Livre Consentimento e Esclarecido - TCLE)